OBRAS
DE SÃO JOÃO DA CRUZ

VOLUME II

OBRAS
DE SÃO JOÃO DA CRUZ

TRADUZIDAS PELAS CARMELITAS DESCALÇAS DO CONVENTO DE SANTA TERESA DO RIO DE JANEIRO.

PREFÁCIO E INTRODUÇÕES DO PADRE MAURÍLIO T. L. PENIDO

VOLUME I

A SUBIDA DO MONTE CARMELO, NOITE ESCURA, CAUTELAS.

VOLUME II

CÂNTICO ESPIRITUAL, CHAMA VIVA DE AMOR.

EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, RJ

VOLUME II

CÂNTICO ESPIRITUAL, CHAMA VIVA DE AMOR.

1960
EDITÔRA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS RJ

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Esperando que a tradução das Obras de São João da Cruz vá fazer grande bem às almas, no Carmelo e no mundo, que desejam nutrir-se com tão santa doutrina e aprender com tão profundo conhecedor «o caminho estreito que conduz à Vida», muito louvamos e de coração abençoamos o empreendimento de nossas Carmelitas Descalças do Convento de Santa Teresa.

Rio de Janeiro, 10 de junho de 1959

† JAIME CARDEAL CÂMARA
Arcebispo do Rio de Janeiro

J. M. † J. T.

Casa Generalícia dos
Carmelitas Descalços.

Roma, 17 de julho de 1957.

Revma. Madre Priora das Carmelitas Descalças
do Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro.

Não posso deixar de celebrar e abençoar vossa iniciativa de publicar as Obras de N. P. S. João da Cruz na formosa língua portuguêsa. O Santo verá com bons olhos êste empreendimento, — êle que estêve em Portugal, onde tantas vêzes foram traduzidos seus escritos.

Soou a hora de N. S. Padre: poetas, literatos, psicólogos, teólogos, etc., dêles fazem objeto preferido de seus estudos.

O Espírito de Deus passou pelas Obras do Santo, adornando-as de beleza e de formosura.

Seus livros são manual e escola de perfeição. Singular Mestre de espírito foi em vida; após a morte continua o mesmo magistério através de seus tratados espirituais.

Com esta publicação contribuem VV. RR. para difundir e dar a conhecer as imensas riquezas que Deus encerrou na alma e na pena do Santo.

Desejo e espero a mais ampla difusão destas Obras que se tornarão precioso instrumento de apostolado.

FREI ANASTÁSIO DO SS. ROSÁRIO
Prepósito Geral.

CÂNTICO ESPIRITUAL

Nihil obstat

Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1957.
Pe. José da Frota Gentil S. J.

Imprimatur.

Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1957.
Cônego Vital Cavalcanti, por delegação
especial do Sr. Cardeal-Arcebispo.

INTRODUÇÃO

Encerrado no duro cárcere de Toledo, acabrunhado de afrontas e maus tratos, reduzido a fim de vida pela doença, torturado pela perspectiva da ruína iminente da reforma carmelitana, João da Cruz, neste abismo de dores, acabou de viver a noite mística. Por se ter embrenhado na espessura do sofrimento mereceu chegar à espessura da sabedoria divina. Recompensando tamanho e tão fiel amor, chamou-o Cristo às bodas espirituais. E a poesia que palpita no coração do Santo jorrou. Na prisão mesma compôs um poema de 30 quintilhas cantando a ditosa ventura.

Evadido por milagre, em meados de 1580, foi restabelecer-se na Andaluzia. Presenteou as carmelitas de Beas, suas filhas diletas, com um caderno contendo o poema. Deliciaram-se as monjas. Recitavam, cantavam, meditavam as canções. Pediam também ao Pai espiritual que lhas interpretassem. Assim nasceu, aos poucos, o comentário do poema. Mas o próprio poema crescia. Em circunstâncias ignoradas por nós acrescentou-lhe João da Cruz mais cinco estrofes. Enfim, sabendo da noviça Francisca da Madre de Deus que esta gastava todo o tempo da oração contemplando a beleza de Deus, sentiu-se inspirado a cantar esta beleza em cinco estrofes, as derradeiras. Era priora de Beas Ana de Jesus, que Sta. Teresa chamava de «filha e coroa» e que mais tarde levaria a reforma carmelitana à França e à Bélgica. Em 1582 foi-se Ana a fundar o mosteiro de Granada. Encontrou nesta cidade, como prior do convento dos padres, João da Cruz. Insistiu Ana para que êle continuasse e levasse a têrmo o comentário: descobrisse, enfim, a sublime experiência que se ocultava sob os símbolos poéticos. À insigne carmelita devemos pois a «Declaración de las canciones que tratan del ejercicio de amor entre el alma y el Esposo Cristo, en la cual se tocan y declaran algunos puntos y efectos de oración» (*o título de* Cântico Espiritual, *que ficou, é de autoria de Jerônimo de S. José que editou a obra em* 1630).

Os manuscritos apresentam duas redações do Cântico. Três são as principais diferenças: 1ª A ordem das canções é diversa, a partir da undécima. 2ª A segunda redação apresenta numerosos comentários próprios. 3ª A primeira versão toma a alma já «aproveitada», ao sair da noite passiva do espírito e leva-a à consumação do amor; a segunda versão, ao contrário, delineia a vida mística nas suas diversas etapas: principiantes, aproveitados, perfeitos. [1]

Se há identidade de doutrina entre a Subida *e a* Noite *de um lado, e o* Cântico *do outro, todavia a diferença quanto à forma é enorme e patente. As duas primeiras obras são partes de um tratado sistemático de teologia mística. O* Cântico *é uma história: descreve concretamente o «exercício de amor entre a alma e o Espôso Cristo». Por isso mesmo mal se presta a análises e comentários; deve ser lido e vivido no silêncio da oração. Até aos começantes traz esperança, coragem, amor.*

Desejaríamos apenas assinalar três particularidades.

1ª O caráter cristocêntrico do Cântico. *Não é que Cristo esteja ausente das outras obras: basta reler o capítulo 13 do Primeiro Livro da* Subida. *Mas no* Cântico *Cristo é tudo. Cada estrofe descreve um aspecto do contacto entre duas pessoas concretas: o Senhor Jesus e a alma enamorada. Difere radicalmente o misticismo de S. João da Cruz de qualquer misticismo não-cristão: neoplatônico, hindu ou outro.*

2ª Tudo se resume no amor. Êste «exercício de amor» que acaba transformando a alma em Cristo, desde as ânsias do amor impaciente, nas primeiras canções, através do amor jubiloso dos esponsais, até o amor consumado das bodas, quando a alma atinge o extremo de amar a Cristo quanto por Êle é amada porque o dom que um faz ao outro é de tal modo total que um só amor está em ambos: duas vontades num só amor. Nem mais se levanta na alma qualquer movimento indeliberado contra êste amor divino que a submerge: a vontade de Cristo não é mais algo de exterior a

[1] Baruzi, D. Chevallier e alguns outros contestam a autenticidade da segunda redação, sustentada com vigor pela quase totalidade dos comentadores carmelitas. Traduzimos aqui a 2ª versão; todavia indicamos, com um asterisco no princípio e dois no fim, as passagens que lhe são próprias e damos em nota os *principais* parágrafos próprios à 1ª versão.

ela mas interior; tão idêntica a ela que a alma, só vivendo por Cristo e para Êle, sente-se perfeitamente livre.

3ª O Cântico *abre a tôdas as almas generosas a perspectiva da vida mística. As últimas palavras da 1ª redação são uma prece ao Espôso dulcíssimo: seja Êle servido levar a tal perfeição* todos *os que invocam o seu santo Nome! Se, de fato, muito poucos atingem a meta, normalmente todos deveriam chegar — cada qual a seu modo — ao perfeito amor. Compreendemos, nesta perspectiva, a veemência da objurgação: «O' almas criadas para essas grandezas e a elas chamadas, que fazeis? Baixezas são vossas pretensões, e miséria tudo quanto possuís! O' miserável cegueira dos olhos de vossa alma! Para tanta luz estais cegos; para tão altas vozes sois surdas...»*

Pe. M. T. L. P.

CÂNTICO ESPIRITUAL

Explicação das Canções que tratam do exercício de amor entre a alma e Cristo, seu Espôso, em que se tocam e declaram alguns pontos e efeitos de oração, a pedido da Madre Ana de Jesus, Priora das Descalças em S. José em Granada.

PRÓLOGO

1. Como estas Canções, Reverenda Madre, parecem ter sido escritas com algum fervor de amor de Deus, cuja sabedoria amorosa é tão imensa que atinge de um fim até outro, e a alma se exprime, de certo modo, com a mesma abundância e impetuosidade do amor que a move e inspira, não penso agora em descrever tôda a plenitude e profusão nelas infundida pelo fecundo espírito de amor. Seria, ao contrário, ignorância supor que as expressões amorosas de inteligência mística, como são as das presentes Canções, possam ser explicadas com clareza por meio de palavras: é o Espírito do Senhor, que ajuda a nossa fraqueza, no dizer de S. Paulo, e, habitando em nossa alma, pede para nós com gemidos inenarráveis, aquilo que nós mesmos mal podemos entender ou compreender para manifestá-lo. Na verdade, quem poderá escrever o que êsse Espírito dá a conhecer às almas inflamadas no Seu Amor? Quem poderá exprimir por palavras o que Êle lhes dá a experimentar? E quem, finalmente, dirá os desejos que nelas desperta? De certo, ninguém o pode. De fato, nem as próprias almas nas quais isto se passa podem exprimi-lo. Êste é o motivo de empregarem figuras, comparações e semelhanças, para com elas esboçar apenas algo do que sentem; e da abundância do espírito transbordam segredos e mistérios, mais do que procuram, por meio de razões, explicá-los. Tais semelhanças, se não forem lidas com a simplicidade do espírito de amor e inteligência nelas encerrado, antes parecerão disparates do que expressões razoáveis. Assim podemos verificar nos divinos Cantares de Salomão, e outros livros da

Sagrada Escritura: não podendo o Espírito Santo dar a entender a abundância de seu sentido por têrmos vulgares e usados, fala misteriosamente por estranhas figuras e semelhanças. Daí vem que os santos doutôres da Igreja, por muito que digam, e por mais que queiram dizer, jamais poderão acabar de explicar com palavras o que com palavras não se pôde exprimir; portanto, o que dêsses livros se declara, ordinàriamente fica muito abaixo do que êles em si contêm.

2. Estas Canções, tendo sido compostas em amor de abundante inteligência mística, não poderão ser explicadas completamente, nem, aliás, é esta minha intenção; quero sòmente dar alguma luz geral, porque V. Revma. assim o quis. Isto tenho por melhor. Julgando mais vantajoso declarar os ditos de amor em tôda a sua amplidão, a fim de deixar cada alma aproveitar-se dêles segundo seu próprio modo e capacidade espiritual; em vez de limitá-los a um só sentido. Assim, embora sejam de algum modo explicadas, não é necessário ater-se à explicação; porque a sabedoria mística, isto é, a sabedoria de amor de que tratam as presentes Canções, não há mister ser entendida distintamentete para produzir efeito de amor na alma; pois age de modo semelhante à fé, na qual amamos a Deus sem o compreender.

3. Serei, portanto, muito breve, sem, contudo, deixar de estender-me em algumas partes onde o pedir a matéria, e quando se oferecer oportunidade de tratar e declarar certos pontos e efeitos de oração, muitos dos quais são tocados nestas Canções; por êste motivo não poderei deixar de explicar alguns dêles. Deixarei de lado os mais comuns, para explicar ràpidamente os mais extraordinários, sucedidos às almas que, com o favor de Deus, passaram do estado de principiantes. Assim faço por duas razões. Primeira: para principiantes há muita coisa escrita. Segunda: dirijo-me, por seu mandado, a V. Revma., a quem Nosso Senhor já fêz a graça de tirar dêsses princípios e levar mais adentro no seio de seu divino amor. Espero, portanto, que, embora se escrevam aqui alguns princípios de teologia escolástica acêrca do trato interior da alma com seu Deus, não será inútil haver falado algum tanto puramente ao espírito da maneira que o fizemos; na verdade, se a V. Revma. falta o exercício da teologia escolástica com que se entendem as verdades divinas, não lhe falta, porém, o da teologia mística que se

sabe por amor, e na qual não sòmente se sabem, mas ao mesmo tempo se saboreiam tais verdades.

4. E para que mereça mais fé tudo quanto disser (e que desejo submeter a melhor juízo, e totalmente ao da Santa Madre Igreja) não penso afirmar coisa minha; tampouco me hei de fiar de experiência própria do que se haja passado em mim, ou que de outras pessoas espirituais haja conhecido, ou delas ouvido, embora tencione aproveitar-me de uma e de outra coisa. Tudo, porém, irei confirmando e declarando com citações da Escritura Divina, ao menos no que parecer de mais difícil compreensão. Nestas citações procederei dêste modo: primeiro porei as sentenças em latim [1], e logo as declararei a propósito do que forem citadas. Porei em primeiro lugar tôdas as Canções juntas, e depois por sua ordem irei colocando cada uma de per si a fim de explicá-la. De cada Canção explicarei cada verso, pondo-o no princípio de sua explicação.

---

[1] Nesta edição, poremos tôdas as citações da Sagrada Escritura em vernáculo, omitindo o latim. Serão traduzidas conforme se acham no próprio texto de S. João da Cruz. (N. do T.).

CANÇÕES ENTRE A ALMA E O ESPÔSO

1. Onde é que te escondeste,
Amado, e me deixaste com gemido?
Como o cervo fugiste,
Havendo-me ferido;
Saí, por ti clamando, e eras já ido.

2. Pastôres que subirdes
Além, pelas malhadas, ao Outeiro,
Se porventura virdes
Aquêle a quem mais quero,
Dizei-lhe que adoeço, peno, e morro.

3. Buscando meus amôres,
Irei por êstes montes e ribeiras;
Não colherei as flôres,
Nem temerei as feras,
E passarei os fortes e fronteiras.

4. O' bosques e espessuras,
Plantados pela mão de meu Amado!
O' prado de verduras,
De flôres esmaltado,
Dizei-me se por vós Êle há passado!

5. Mil graças derramando,
Passou por êstes soutos com presteza,
E, enquanto os ia olhando,
Só com sua figura
A todos revestiu de formosura.

6. Quem poderá curar-me?!
Acaba de entregar-te já deveras;
Não queiras enviar-me
Mais mensageiro algum,
Pois não sabem dizer-me o que desejo.

7. E todos quantos vagam,
De ti me vão mil graças relatando,
E todos mais me chagam;
E deixa-me morrendo
Um "não sei quê", que ficam balbuciando.

8. Mas como perseveras,
O' vida, não vivendo onde já vives?
Se fazem com que morras
As flechas que recebes
Daquilo que do Amado em ti concebes?

9. Por que, pois, hás chagado
Êste meu coração, o não saraste?
E, já que mo hás roubado,
Por que assim o deixaste
E não tomas o roubo que roubaste?

10. Extingue os meus anseios,
Porque ninguém os pode desfazer;
E vejam-te meus olhos,
Pois dêles és a luz,
E para ti sòmente os quero ter.

* 11. Mostra tua presença!
Mate-me a tua vista e formosura;
Olha que esta doença
De amor jamais se cura,
A não ser com a presença e com a figura.

12. O' cristalina fonte,
Se nesses teus semblantes prateados
Formasses de repente
Os olhos desejados
Que tenho nas entranhas debuxados!

13. Aparta-os, meu Amado,
Que eu alço o vôo.

(Espôso)

Oh! volve-te, columba,
Que o cervo vulnerado
No alto do outeiro assoma,
Ao sôpro de teu vôo, e fresco toma.

(Espôsa)

14. No Amado acho as montanhas,
Os vales solitários, nemorosos,
As ilhas mais estranhas,
Os rios rumorosos,
E o sussurro dos ares amorosos;

15. A noite sossegada,
Quase aos levantes do raiar da aurora;
A música calada,
A solidão sonora,
A ceia que recreia e que enamora.

16. Caçai-nos as rapôsas,
Que está já tôda em flor a nossa vinha;
Enquanto destas rosas
Faremos uma pinha;
E ninguém apareça na colina!

17. Detém-te, Aquilão morto!
Vem, Austro, que despertas os amôres:
Aspira por meu hôrto,
E corram seu olores,
E o Amado pascerá por entre as flôres.

18. O' ninfas da Judéia,
Enquanto pelas flôres e rosais
Vai recendendo o âmbar,
Ficai nos arrabaldes
E não ouseis tocar nossos umbrais.

19. Esconde-te, Querido!
Voltando tua face, olha as montanhas;
E não queiras dizê-lo,
Mas olha as companheiras
Da que vai pelas ilhas mais estranhas.

(Espôso)

20. A vós, aves ligeiras,
Leões, cervos e gamos saltadores,
Montes, vales, ribeiras,
Águas, ventos, ardores,
E, das noites, os mêdos veladores:

21. Pelas amenas liras
E cantos de sereias, vos conjuro
Que cessem vossas iras,
E não toqueis no muro,
Para a Espôsa dormir sono seguro.

22. Entrou, enfim, a Espôsa
No hôrto ameno por ela desejado;
E a seu sabor repousa,
O colo reclinado
Sôbre os braços dulcíssimos do Amado.

23. Sob o pé da macieira,
Ali, comigo fôste desposada;
Ali te dei a mão,
E fôste renovada
Onde a primeira mãe foi violada.

(Espôsa)

24. Nosso leito é florido,
De covas de leões entrelaçado,
Em púrpura estendido,
De paz edificado,
De mil escudos de ouro coroado.

25. Após tuas pisadas
Vão discorrendo as jovens no caminho,
Ao toque de centelha,
Ao temperado vinho,
Dando emissões de bálsamo divino.

26. Na interior adega
Do Amado meu, bebi; quando saía,
Por tôda aquela várzea
Já nada mais sabia,
E o rebanho perdi que antes seguia.

27. Ali me abriu seu peito
E ciência me ensinou mui deleitosa;
E a êle, em dom perfeito,
Me dei, sem deixar coisa,
E então lhe prometi ser sua espôsa.

28. Minha alma se há votado,
Com meu cabedal todo, a seu serviço;
Já não guardo mais gado,
Nem mais tenho outro ofício,
Que só amar é já meu exercício.

29. Se agora, em meio à praça,
Já não fôr mais eu vista, nem achada,
Direis que me hei perdido,
E, andando enamorada,
Perdidiça me fiz e fui ganhada.

30. De flôres e esmeraldas,
Pelas frescas manhãs bem escolhidas,
Faremos as grinaldas
Em teu amor floridas,
E num cabelo meu entretecidas.

31. Só naquele cabelo
Que em meu colo a voar consideraste,
— Ao vê-lo no meu colo, —
Nêle prêso ficaste,
E num só de meus olhos te chagaste.

32. Quando tu me fitavas,
Teus olhos sua graça me infundiam;
E assim me sobreamavas,
E nisso mereciam
Meus olhos adorar o que em ti viam.

33. Não queiras desprezar-me,
Porque, se côr trigueira em mim achaste,
Já podes ver-me agora,
Pois, desde que me olhaste,
A graça e a formosura em mim deixaste.

34. Eis que a branca pombinha
Para a arca, com seu ramo, regressou;
E, feliz, a rolinha
O par tão desejado
Já nas ribeiras verdes encontrou.

35. Em solidão vivia,
Em solidão seu ninho há já construído;
E em solidão a guia,
A sós, o seu Querido,
Também na solidão, de amor ferido.

36. Gozemo-nos, Amado!
Vamo-nos ver em tua formosura,
No monte e na colina,
Onde brota a água pura;
Entremos mais adentro na espessura.

37. E, logo, as mais subidas
Cavernas que há na pedra, buscaremos;
Estão bem escondidas;
E juntos entraremos,
E das romãs o mosto sorveremos.

38. Ali me mostrarias
Aquilo que minha alma pretendia,
E logo me darias,
Ali, tu, vida minha,
Aquilo que me deste no outro dia.

39. E o aspirar da brisa,
Do doce rouxinol a voz amena,
O souto e seu encanto,
Pela noite serena,
Com chama que consuma sem dar pena.

40. Ali ninguém olhava;
Aminadab tampouco aparecia;
O cêrco sossegava;
Mesmo a cavalaria,
Só à vista das águas, já descia.

* ARGUMENTO

1. A ordem seguida nestas canções vai desde que uma alma começa a servir a Deus até chegar ao último estado de perfeição, que é o matrimônio espiritual; por isso, nas mesmas canções, tocam-se os três estados ou vias de exercício espiritual, pelos quais passa a alma até atingir o dito estado. Estas vias são: purgativa, iluminativa e unitiva. E são explicadas algumas propriedades e efeitos em relação a cada uma delas.

2. As primeiras canções tratam dos principiantes, isto é, da via purgativa. As seguintes tratam dos adiantados, quando se faz o desposório espiritual, e esta é a via iluminativa. Depois, seguem-se outras canções, referentes à via unitiva, que é a dos perfeitos, onde se realiza o matrimônio espiritual. Esta via unitiva, já dos perfeitos, vem depois da iluminativa que é própria dos adiantados. As últimas canções, enfim, tratam do estado beatífico, único intento da alma chegada ao estado de perfeição. **

COMEÇA A EXPLICAÇÃO DAS CANÇÕES DE AMOR ENTRE A ESPÔSA E O ESPÔSO, CRISTO.

* ANOTAÇÃO

1. Caindo a alma na conta do que está obrigada a fazer, vê como a vida é breve (Job 14, 5), e quão estreita é a senda da vida eterna (Mt 7, 14); considera que mesmo o justo dificilmente se salva (1 Pd 4, 18), e que as coisas do mundo são vãs e ilusórias, pois tudo se acaba como a água corrente (2 Rs 14, 14). Sabe que o tempo é incerto, a conta rigorosa, a perdição muito fácil, e a salvação bem difícil. Conhece, por outra parte, a sua enorme dívida para com Deus que lhe deu o ser a fim de que a alma pertencesse totalmente a Êle; deve, portanto, só a Deus, o serviço de tôda a sua vida. Em ter sido remida por Êle, ficou-lhe devedora de tudo, e na necessidade de corresponder ao Seu Amor, livre e voluntàriamente. E em outros mil benefícios se acha obrigada para com Deus, antes mesmo que houvesse nascido. E, no entanto, compreende agora como grande parte de sua vida há passado em vão, não obstante a razão e conta que terá de dar a respeito de tudo, tanto do princípio como do fim, até o último ceitil (Mt 5, 26) quando Deus vier esquadrinhar Jerusalém com tochas acesas (Sab 1, 12), e que já é tarde, e talvez chegado o último dia (Mt 20, 5)! E assim a alma, sobretudo por sentir a Deus muito afastado e escondido, em razão de ter ela querido esquecer-se tanto d'Êle no meio das criaturas, tocada agora de pavor e de íntima dor no coração à vista de tanta perdição e perigo, renuncia a tôdas as coisas; dá de mão a todo negócio; e sem dilatar mais dia nem hora, com ânsia e gemido a brotar-lhe do coração já ferido pelo Amor de Deus, começa a invocar seu Amado, e diz: **

Canção I

Onde é que te escondeste,
Amado, e me deixaste com gemido?
Como o cervo fugiste,
Havendo-me ferido;
Saí, por ti clamando, e eras já ido.

EXPLICAÇÃO

2. Nesta primeira canção, a alma enamorada de seu Espôso, o Verbo de Deus, desejando unir-se a Êle por visão clara de sua essência, expõe suas ânsias de amor. Queixa-se a Êle de sua ausência, mais ainda porque, depois de havê-la ferido e chagado com seu Amor, — pelo qual saiu a alma de tôdas as coisas criadas e de si mesma, — ainda a faça sofrer essa ausência de seu Amado, e não queira ainda desatá-la da carne mortal para poder gozar d'Êle na glória da eternidade. E assim diz:

Onde é que te escondeste?

3. Como se dissera: O' Verbo, meu Espôso, mostra-me o lugar onde estás escondido. Nisto lhe pede a manifestação de sua divina essência, porque o lugar onde está escondido o Filho de Deus é, conforme a palavra de São João, o seio do Pai (Jo 1, 18), que é a essência divina, a qual está alheia a todo olhar mortal, e escondida a todo humano entendimento. Por êste motivo, Isaías, falando a Deus, exclamou: «Verdadeiramente tu és Deus escondido (Is 45, 15). Daqui podemos concluir que as maiores comunicações, e as mais elevadas e sublimes notícias de Deus, que a alma possa ter nesta vida, nada disso é Deus em sua essência, nem tem a ver com Êle, pois, na verdade, Deus permanece sempre escondido para a alma. E' conveniente, então, que ela O tenha sempre como escondido, e acima de tôdas essas grandezas, e o busque sempre escondido, dizendo: Onde é que te escondeste? Porque nem a elevada comunicação de Deus, nem a Sua presença sensível, é testemunho certo de Sua presença, pela graça; nem tampouco a secura e carência de tudo isso

é sinal de Sua ausência na alma. Testemunha-o o profeta Job quando diz: «Se vier a mim não o verei, e se fôr embora, não o entenderei (Job 9, 11).

4. Por aqui havemos de entender o seguinte: se a alma sentir grande comunicação, ou sentimento, ou notícia espiritual, não é isso razão para persuadir-se de que aquela experiência consiste em possuir ou contemplar a Deus, clara e essencialmente; ou para crer que recebe mais de Deus, ou está mais unida a Êle, por mais fortes que sejam tais experiências. Do mesmo modo, não há de pensar que, em faltando tôdas essas comunicações espirituais sensíveis, permanecendo ela na secura, treva e desamparo, Deus lhe falta, mais do que na consolação. Na realidade, não poderá assegurar-se de estar em graça no primeiro caso, nem saberá se está fora dela no segundo, dizendo o Sábio: «Ninguém sabe se é digno de amor ou de ódio na presença de Deus» (Ecle 9, 1). Dêste modo, o principal intento da alma neste verso, não é pedir apenas a devoção afetiva e sensível, na qual não há certeza nem claridade da posse do Espôso nesta vida mortal; é, principalmente, pedir a clara presença e visão de sua divina essência, na qual deseja estar segura e satisfeita na vida eterna.

5. Isso mesmo quis significar a Espôsa nos Cantares divinos, quando, em seu desejo de unir-se à Divindade do Verbo seu Espôso, pediu essa graça ao Pai dizendo: «Mostra-me onde te apascentas, e onde te recostas ao meio-dia» (Cânt 1, 6). Ora, pedir que lhe mostrasse onde se apascenta era pedir lhe manifestasse a essência do Verbo Divino, Filho de Deus, porque o Pai não se apascenta em outra coisa a não ser em seu Único Filho, que é a Sua glória. Ao pedir que lhe mostrasse o lugar onde se recostava, fazia a mesma súplica: pois só o Filho é o deleite do Pai que não se recosta em outro lugar, nem se acha senão neste Filho Amado no qual se repousa, comunicando-lhe tôda a sua essência, ao meio-dia, isto é, na eternidade onde sempre O está gerando e O tem gerado. Esta refeição, pois, do Verbo Espôso, em que o Pai se apascenta com infinita glória, e êste leito florido, onde com infinito deleite de amor se recosta, profundamente escondido a todo olhar mortal de criatura, é o que pede aqui a alma Espôsa quando diz: Onde é que te escondeste?

6. * E, para que esta alma sequiosa venha a encontrar o Espôso e unir-se a Êle, por união de amor, conforme é possível nesta vida, e consiga entreter sua sêde com esta gôta

que do Amado se pode gozar aqui na terra, será bom que lhe respondamos em nome do Espôso a quem (ela) se dirige. Vamos, portanto, mostrar-lhe o lugar mais certo onde Êle está escondido, e aí possa a alma achá-l'O seguramente, com a perfeição e o deleite compatíveis com esta vida; dêste modo, não irá a alma errante, e em vão, atrás das pisadas das companheiras. Para alcançar êste fim, é necessário observar aqui o seguinte: o Verbo Filho de Deus, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, está essencial e presencialmente escondido no íntimo ser da alma. Para achá-l'O, deve, portanto, sair de tôdas as coisas segundo a inclinação e a vontade, e entrar em sumo recolhimento dentro de si mesma, considerando tôdas as coisas como se não existissem. Santo Agostinho assim dizia, falando com Deus nos Solilóquios: «Não te achava fora, Senhor, porque mal te buscava fora, estando tu dentro» (Sol. 31). Está Deus, pois, escondido na alma, e aí O há de buscar com amor o bom contemplativo, dizendo: onde é que te escondeste?

7. Eia, pois, ó alma formosíssima entre tôdas as criaturas, que tanto desejas saber o lugar onde está teu Amado, a fim de O buscares e a Êle te unires! Já te foi dito que és tu mesma o aposento onde Êle mora, e o recôndito e esconderijo em que se oculta. Nisto tens motivo de grande contentamento e alegria, vendo como todo o teu bem e esperança se acha tão perto de ti, a ponto de estar dentro de ti; ou, por melhor dizer, não podes estar sem êle. Vêde, diz o Espôso, que o reino de Deus está dentro de vós (Lc 17, 21). E o seu servo, o Apóstolo S. Paulo, o confirma: «Vós sois o templo de Deus» (2 Cor 5, 16).

8. Grande consolação traz à alma o entender que jamais lhe falta Deus, mesmo quando se achasse (ela) em pecado mortal; quanto mais estará presente naquela que se acha em estado de graça! Que mais queres, ó alma, e que mais buscas fora de ti, se tens dentro de ti tuas riquezas, teus deleites, tua satisfação, tua fartura e teu reino, que é teu Amado a quem procuras e desejas? Goza-te e alegra-te em teu interior recolhimento com Êle, pois O tens tão próximo. Aí O deseja, aí O adora, e não vás buscá-l'O fora de ti, porque te distrairás e cansarás; não O acharás nem gozarás com maior segurança, nem mais depressa, nem mais de perto, do que dentro de ti. Há sòmente uma coisa: embora esteja dentro de ti, está escondido. Mas, já é grande coisa saber o lugar

onde Êle se esconde, para O buscar ali com certeza. E' isto o que pedes também aqui, ó alma, quando, com afeto de amor, exclamas: Onde é que te escondeste?

9. No entanto, dizes: Se está em mim Aquêle a quem minha alma ama, como não O acho nem O sinto? A causa é estar Êle escondido, e não te esconderes também para achá-l'O e senti-l'O. Quando alguém quer achar um objeto escondido, há de penetrar ocultamente até o fundo do esconderijo onde êle está; e quando o encontra, fica também escondido com o objeto oculto. Teu Amado Espôso é êste tesouro escondido no campo de tua alma, pelo qual o sábio comerciante deu tôdas as suas riquezas (Mt 13, 44); convém, pois, para O achares que, esquecendo tôdas as tuas coisas e alheando-te a tôdas as criaturas, te escondas em teu aposento interior do espírito; e, fechando a porta sôbre ti (isto é, tua vontade a tôdas as coisas), ores a teu Pai no segrêdo. E assim, permanecendo escondida com o Amado, então o perceberás às escondidas, e te deleitarás com Êle às ocultas, isto é, acima de tudo o que pode alcançar a língua e o sentido.

10. Eia, pois, alma formosa, já sabes agora que em teu seio mora escondido o Amado de teus desejos: procura, portanto, ficar com Êle bem escondida, e no teu seio O abraçarás e sentirás com afeto de amor. Olha que a êsse esconderijo te chama o Espôso por Isaías dizendo: «Anda, entra em teus aposentos, fecha tuas portas sôbre ti», isto é, tôdas as tuas potências a tôdas as criaturas, «esconde-te um pouco até um momento» (Is 26, 20), quer dizer, por êste momento da vida temporal. De certo se nesta vida tão breve, guardares, ó alma, com todo o cuidado teu coração, como diz o Sábio (Prov 4, 23), sem dúvida alguma dar-te-á Deus o que promete Êle mesmo por Isaías nestes têrmos: «Dar-te-ei os tesouros escondidos e descobrir-te-ei a substância e os mistérios dos segredos (Is 45, 3). Esta substância dos segredos é o mesmo Deus, pois é Êle a substância da fé e o seu conceito, sendo a mesma fé o segrêdo e o mistério. Quando nos fôr manifestado aquilo que Deus nos tem encoberto e escondido sob a fé, a qual, segundo diz S. Paulo, encerra o que há de perfeito em Deus, então manifestar-se-á à alma a substância e os mistérios dos segredos. Nesta vida mortal, jamais penetrará tão profundamente nêles como na eternidade, por mais que se esconda; todavia, se procurar, como

Moisés (Êx 33, 22) esconder-se na caverna de pedra — que é a verdadeira imitação da perfeição da vida do Filho de Deus, Espôso da alma, — com o amparo da destra do Senhor, merecerá que lhe sejam mostradas as costas de Deus, isto é, chegará nesta vida a tanta perfeição, a ponto de unir-se e transformar-se por amor no Filho de Deus seu Espôso. E, assim, há de sentir-se tão unida a Êle e tão instruída e sábia em seus mistérios que, em relação ao conhecimento de Deus nesta vida, não lhe será mais necessário dizer: onde é que te escondeste?

11. Já te foi dito, ó alma, como hás de proceder a fim de encontrares o Espôso em teu esconderijo. Se outra vez, porém, o queres ouvir, escuta, então, uma palavra cheia de substância e de verdade inacessível: é preciso buscá-l'O na fé e no amor, sem querer satisfação em coisa alguma, nem tampouco gozar ou compreender mais do que deves saber em tudo. Êstes — a fé e o amor, — são os dois guias de cego que te conduzirão por onde não sabes, levando-te além, ao esconderijo de Deus. Efetivamente, a fé, êste segrêdo do qual falamos, é como os pés com que a alma vai a Deus; e o amor, o guia que a conduz. Andando ela no trato e manuseio dêstes mistérios e segredos da fé, merecerá que o amor lhe descubra o que está encerrado na fé: o Espôso a quem deseja unir-se, nesta vida, por graça especial de divina união com Deus, conforme dissemos, e depois, na outra, por glória essencial, gozando-O face a face e não mais escondido (já de modo algum escondido). No entanto, mesmo que a alma chegue a essa união (que é o mais alto estado acessível nesta vida) o Amado permanece sempre escondido no seio do Pai. E como tôda a sua aspiração é gozar d'Êle na vida eterna, continua dizendo: onde é que te escondeste?

12. Fazes muito bem, ó alma, em buscar o Amado sempre escondido, porque muito exaltas a Deus, e muito perto d'Êle te chegas, quando O consideras mais elevado e profundo que tudo quanto podes alcançar. Por esta razão, não te detenhas, seja em parte, seja no todo, naquilo que tuas potências podem apreender. Quero dizer: jamais desejes satisfazer-te nas coisas que entenderes de Deus; antes procura contentar-te no que não compreenderes a respeito d'Êle. Nunca te detenhas em amar e gozar nessas coisas que entendes ou experimentas, mas, ao contrário, põe teu amor e deleite naquilo que não podes entender ou sentir; porque isso,

como dissemos, é buscar a Deus na fé. Visto como Deus é inacessível e escondido, conforme também já explicamos, por mais que te pareça achá-l'O, senti-l'O ou entendê-l'O, sempre O hás de considerar escondido, e O hás de servir escondido às escondidas. E não sejas como tantos incipientes que consideram a Deus de modo mesquinho, pensando estar êle mais longe ou mais oculto, quando não O entendem, nem O gozam, nem O sentem; mais verdade é o contrário, porque chegam mais perto de Deus quando menos distintamente O percebem. Assim o testifica o profeta David: «Pôs nas trevas o seu esconderijo» (Sl 17, 12). Logo, ao te aproximares de Deus, forçosamente hás de sentir trevas, pela fraqueza de teus olhos. Fazes, pois, muito bem, em tôda ocasião, seja de adversidade ou prosperidade temporal ou espiritual, em considerar sempre a Deus como escondido, e dêsse modo clamar a êle, dizendo: onde é que te escondeste? **

Amado, e me deixaste com gemido?

13. A alma O chama aqui de Amado, para mais O mover e inclinar a seus rogos, pois quando Deus é amado, com grande facilidade atende às petições de quem O ama. * Assim o diz por S. João: «Se permanecerdes em mim, tudo o que quiserdes pedireis e dar-se-vos-á» ** (Jo 5, 7). Daqui se conclui que a alma, na verdade, só pode chamar a Deus de Amado, quando está tôda unida com êle, não tendo o coração apegado a coisa alguma fora de Deus, e assim, de ordinário, traz o seu pensamento n'êle. Por falta disso, queixou-se Dalila a Sansão: como podia dizer êle que a amava, se o seu espírito não estava com ela? (Juiz 16, 15). O espírito inclui o pensamento e a inclinação. Daí vem o chamarem alguns ao Espôso de Amado, e não o é na realidade. Não têm firme em Deus o coração, e, assim, seus rogos não valem tanto na presença do Senhor. * Êste é o motivo pelo qual não conseguem logo ser atendidos em suas petições, até que, perseverando na oração, venham a permanecer mais contìnuamente na presença de Deus, e tenham o coração mais unido com êle, com inclinação de amor; porque de Deus nada se alcança a não ser por amor. **

14. Logo acrescenta a alma: E me deixaste com gemido. Nessa expressão convém observar que a ausência do Amado causa no amante um contínuo gemido; porque nada mais amando fora d'êle, em nada pode descansar ou achar alívio.

Aqui se conhecerá quem ama verdadeiramente a Deus: o que não se contenta em coisa alguma fora d'êle. Como, porém, posso dizer que se contenta?! jamais estará contente, embora possua tôdas as coisas juntas; antes, quanto mais tiver, menos se contentará. Na verdade, a satisfação do coração não se acha na posse das coisas, e sim no despojamento de tôdas elas, em pobreza de espírito. Nisto consiste a perfeição do amor com que se possui a Deus, em muita união e particular graça; por conseguinte, só em chegando a êsse ponto é que a alma vive aqui na terra com alguma satisfação; não, porém, com fartura. O profeta David, com tôda a sua perfeição, só no Céu esperava ser plenamente saciado, e assim disse: «Saciar-me-ei quando aparecer tua glória» (Sl 16, 15). Não basta, portanto, a paz e tranqüilidade, ou o contentamento do coração, a que a alma pode chegar nesta vida, para deixar de sentir no íntimo de si mesma êste gemido (embora pacífico e não penoso), na esperança do que lhe falta. O gemido é anexo à esperança, e assim o dizia o Apóstolo quando declarava senti-lo, não só êle, mas todos os cristãos, embora perfeitos: «Nós que temos as primícias do Espírito gememos dentro de nós, esperando a adoção de filhos de Deus» (Rom 8, 23). Êste gemido, pois, tem agora a alma dentro de si, no coração enamorado; porque onde o amor fere, aí está o gemido da ferida clamando sempre com o sentimento da ausência, mormente quando já saboreou alguma comunicação suave e deleitosa do Espôso que, em se ausentando, deixou a alma de repente sòzinha e na secura. Por esta causa, logo exclama ela:

Como o cervo fugiste.

15. Convém notar, a êste respeito, como nos Cantares a Espôsa compara o Espôso ao cervo e à cabra montesa, dizendo: «Semelhante é meu Amado à cabra e ao filho dos cervos» (Cânt 2, 9). Assim o faz, não sòmente por ser êle estranho e solitário, fugindo às companhias, como o cervo, mas também pela rapidez em esconder-se e manifestar-se. De fato, é dêste modo que procede o Amado nas visitas que costuma fazer às almas devotas, regalando-as e animando-as, bem como nas ausências e esquivanças que lhes faz sentir, depois de tais visitas, a fim de que sejam provadas, humilhadas e ensinadas, tornando mais sensível então a dor da ausência.

E assim o dá a entender a mesmà alma nas palavras seguintes quando diz:

Havendo-me ferido.

16. Como se dissesse: «Não me bastava sòmente a pena e dor que ordinàriamente padeço em tua ausência? Por que, ferindo-me mais ainda de amor com tuas flechas, e aumentando a paixão e desejo de tua vista, agora foges com ligeireza de cervo, e não te deixas apreender sequer um pouco?

17. Para melhor explicar êste verso, convém saber que, além de muitas outras espécies de visitas feitas por Deus à alma, nas quais a fere e transporta de amor, costuma Êle dar uns toques de amor bem escondidos. São êstes como setas de fogo que vêm ferir e transpassar a alma, deixando-a tôda cauterizada com amoroso fogo; estas, pròpriamente se chamam feridas de amor, e a elas se refere aqui a mesma alma.

Inflamam de tal modo a vontade com tanta veemência, que a alma fica a se abrasar em fogo e chama de amor, tão fortemente, a ponto de parecer consumir-se naquela frágua, saindo fora de si, a renovar-se tôda, e transformando-se em novo ser, como a fênix que se queima, e renasce das cinzas. O profeta David fala sôbre isso, nestes têrmos: «Foi inflamado meu coração e os meus rins se mudaram, e fui reduzido a nada, e não o soube» (Sl 72, 21-22).

18. Os apetites e afetos, aqui figurados pelos rins, segundo o Profeta, são todos alterados e mudados em divinos, naquela inflamação do coração, e a alma por amor é reduzida a nada, sem mais coisa alguma saber senão amor. Esta mudança produzida nestes rins, isto é, nos afetos, causa então grande tormento e ânsia por ver a Deus, e com tal intensidade que parece intolerável à alma aquêle rigor com que procede o amor para com ela. Não se queixà, por havê-la ferido o Amado, antes tem essas feridas por saúde; mas por a ter deixado assim penando de amor, e porque não a feriu mais fortemente, acabando-a de matar, para achar-se ela unida com Êle em vida de amor perfeito. Por isto, exclama declarando sua dor:

Havendo-me ferido.

19. * Quer dizer: deixando-me assim chagada e morrendo com estas feridas de teu amor, tu te escondeste com tanta ligeireza, como o cervo. ** E' sobremodo grande êste sentimento, porque naquela ferida de amor causada por Deus na alma, levanta-se o afeto da vontade com súbita rapidez à posse do Amado cujo toque sentiu. E com essa mesma rapidez sente a ausência, e o não poder possuí-l'O aqui na terra à medida do seu desejo. Daqui procede sentir ao mesmo tempo o gemido da ausência com a presença do Amado, porque tais visitas não são como outras que Deus faz à alma para recreá-la e satisfazê-la. Nestas referidas agora, o Amado vem mais para ferir do que para sarar, e mais para afligir do que para satisfazer; têm por fim avivar a lembrança e aumentar o apetite, e conseqüentemente a dor e ânsia de ver a Deus. Chamam-se feridas espirituais de amor, e são extremamente saborosas e desejáveis para a alma. E assim, quereria ela estar sempre morrendo mil mortes a estas lançadas, por que a fazem sair de si e entrar em Deus. Isto dá a entender a mesma alma no verso seguinte, dizendo:

Saí por ti clamando e eras já ido.

20. Nas feridas de amor não pode haver remédio senão da parte daquêle que feriu. Eis por que esta alma chagada saiu na fôrça do fogo produzido pela ferida, após seu Amado que a havia ferido, clamando a Êle para que a curasse. Convém saber que êste sair entende-se aqui, espiritualmente de duas maneiras, para ir em busca de Deus: a primeira, saindo de tôdas as coisas; o que se faz por aborrecimento e desprêzo delas; a segunda, saindo de si mesma por esquecimento próprio, o que se realiza por amor de Deus. Quando êste amor toca a alma tão verdadeiramente como vamos declarando agora, de tal maneira a levanta que, não sòmente faz a alma sair de si por esquecimento próprio, mas ainda a arranca de seus quícios e dos seus modos e inclinações naturais. Leva-a, então, a clamar por Deus, como se dissesse: Espôso meu, naquele teu toque e ferida de amor, arrancaste minha alma, não só de tôdas as coisas, mas também de si mesma (pois, de fato, parece que até do corpo a desprende), e me elevaste a ti, clamando por ti, já desapegada de tudo para apegar-me a ti. E eras já ido.

21. Como a dizer: no momento em que quis apreender tua presença, não mais te achei, ficando então desprendida de tudo que havia deixado, sem poder, no entanto, unir-me ao que desejava; estive penando nos ares do amor sem apoiar-me em ti nem em mim. O que a alma chama aqui «sair para ir buscar o Amado», a Espôsa dos Cantares chama «levantar»,

dizendo: «Levantar-me-ei e buscarei o que ama minha alma, rodeando a cidade pelos arrabaldes e praças». «Busquei-o», diz, «e não o achei, e chagaram-me» (Cânt 3, 2 e 5, 7). A expressão «levantar-se a alma Espôsa», empregada nos Cânticos, significa, em sentido espiritual, elevar-se de baixo para cima. Isto mesmo quer dizer aqui a alma com o têrmo «sair», isto é, abandonar seu modo rasteiro de amar, para subir ao elevado amor de Deus. Nos Cantares, declara ainda a Espôsa que ficou chagada por não ter achado o Espôso; e aqui também a alma diz que está ferida de amor, tendo-a deixado assim o Amado. Eis a razão de viver sempre o enamorado penando com a ausência. Já está entregue ao seu amor [1], e espera que lhe seja retribuída essa entrega, que vem a ser o dom do próprio Amado: contudo, não acaba Êle de se dar. Havendo já perdido tôdas as coisas e a si mesma pelo Amado, não achou o lucro de sua perda, pois carece a alma da posse daquele a quem ama. [2]

22. Esta pena e sentimento da ausência de Deus, no tempo dessas divinas feridas, costuma ser tão grande nas almas que vão chegando ao estado de perfeição, que, se o Senhor não velasse com Sua providência, morreriam. Já têm sadio o paladar da vontade, e o espírito purificado e bem disposto para Deus; quando, pois, nessas feridas, se lhes dá a provar algo da doçura do amor divino que elas sobremodo apetecem sofrem também de maneira extrema. Sentem que lhes é mostrado, como por resquícios, um bem infinito, e, todavia, não lhes é concedido; assim lhes é inefável a pena e tormento.

[1] 1ª redação do *Cântico*: "Já está entregue a Deus, esperando a retribuição na mesma moeda, isto é, a entrega da gloriosa visão e posse de Deus. Por isto clama, pedindo-a, e, contudo, não lhe é dada nesta vida.

[2] 1ª redação do *Cântico*: ... e por cujo amor se perdeu. Quem, pois, está penando por Deus, é sinal de que está entregue a Deus e O ama.

Canção II

Pastôres que subirdes
Além, pelas malhadas, ao Outeiro,
Se porventura virdes
Aquêle a quem mais quero,
Dizei-lhe que adoeço, peno e morro.

EXPLICAÇÃO

1. Nesta canção, a alma quer aproveitar-se de terceiros e medianeiros junto a seu Amado, e a êles pede lhe dêem parte de sua dor e pena; porque é próprio do amante, quando pela presença não pode comunicar-se com o Amado, fazê-lo com os melhores meios a seu alcance. Assim a alma quer servir-se aqui de seus desejos, afetos e gemidos como de mensageiros que sabem perfeitamente manifestar o segrêdo de seu coração àquele que ama. A isso os solicita, então dizendo: Pastôres que subirdes.

2. Chama pastôres aos próprios desejos, afetos e gemidos pela razão de apascentarem-na com bens espirituais. Pastor significa apascentador; mediante êsses pastôres costuma Deus comunicar-se à alma, dando-lhe alimento divino, e sem êles pouco é o que concede. Por isto, prossegue: «Os que subirdes». Como se dissesse: os que de puro amor sairdes; pois nem todos os afetos e desejos sobem até Deus, mas sòmente os que brotam do verdadeiro amor.

Além, pelas malhadas, ao Outeiro.

3. Dá o nome de malhadas às jerarquias e coros angélicos, pelas quais gradativamente vão subindo nossos gemidos e orações a Deus, a quem a alma denomina Outeiro, por ser Êle a suma alteza. Em Deus, como no Outeiro, se observam e descortinam tôdas as coisas; abaixo dêle ficam essas malhadas superiores e inferiores, isto é, as ordens angélicas que, conforme já dissemos, conduzem as nossas orações e gemidos, oferecendo-os a Deus. Assim o declarou o Anjo a Tobias, dizendo: «Quando oravas com lágrimas e enterravas os mortos, eu oferecia tua oração a Deus» (Tob 12, 12). Os

próprios anjos podem ser também designados por êsses pastôres da alma, pois não sòmente levam a Deus nossos recados, mas trazem os de Deus a nós. Apascentam assim nossas almas, como bons pastôres, com as suaves comunicações e inspirações do mesmo Deus que dêles se utiliza para conceder-nos graças. São ainda os Anjos que nos amparam e defendem dos lôbos, isto é, dos demônios. Quer a alma compreenda por pastôres os afetos, ou os anjos, a uns e outros deseja que lhe sirvam de medianeiros e intermediários para seu Amado, e, portanto, diz a todos: Se porventura virdes.

4. E' tanto como dizer: será para mim grande ventura e felicidade se chegardes à sua presença de maneira que Êle vos veja e escute. Notemos oportunamente que, embora Deus tudo saiba e compreenda, perscrutando os mais íntimos pensamentos da alma, — e assim o afirma Moisés (Dt 31, 21) só achamos que Êle conhece nossas necessidades e orações quando as remedeia e atende. Nem tôdas essas petições e indigências chegam a tanto de serem ouvidas por Deus, de modo a receberem logo o remédio. E' preciso que se apresentem a seus divinos olhos, com suficiente fervor, tempo e número; só então se diz que o Senhor as vê e ouve. Temos disso a confirmação no que diz o Êxodo. Depois de 400 anos de aflições do povo de Israel cativo no Egito, é que Deus disse a Moisés: «Vi a aflição do meu povo, e desci para livrá-lo» (Êx 3, 7-8) e no entanto, desde o princípio, tudo lhe era patente. O Arcanjo São Gabriel também disse a Zacarias que não temesse, porque Deus já ouvira sua oração, em dar-lhe o filho que êle vinha pedindo desde muitos anos (Lc 1, 13); e, na verdade, o Senhor sempre conhecera aquela petição. Compreenda, pois, a alma que, se Deus não lhe concede logo a realização de seus pedidos, e não vem em socorro de suas necessidades, nem por isto deixará de acudir na ocasião propícia. E' Êle «o Auxiliador no tempo oportuno e na tribulação», como diz David (Sl 9, 10), e virá em seu auxílio se ela não desanimar e abandonar. Isto exprime a alma neste verso quando exclama: «Se porventura virdes»: se acaso, diz, fôr chegado o tempo em que haja Deus por bem outorgar minhas petições.

Aquêle a quem mais quero.

5. Como se dissesse: a quem amo acima de tôdas as coisas. E' verdadeira esta afirmação quando a alma não se deixa acovardar por nenhum obstáculo, para fazer e padecer pelo

Amado qualquer trabalho em Seu serviço. E quando pode sinceramente dizer as palavras do verso seguinte, é também sinal de amar ao Espôso sôbre tôdas as coisas. Assim, pois, diz o diz o verso: Dizei-lhe que adoeço, peno e morro.

6. Nestas três palavras a alma apresenta três necessidades: doença, pena e morte. Quem ama deveras a Deus, com alguma perfeição de amor, ordinàriamente padece em sua ausência, de três modos, segundo as três potências da alma, que são: entendimento, vontade e memória. Quanto ao entendimento, diz a alma que adoece por não ver a seu Deus. E' Êle a saúde do entendimento, conforme o declara por David: «Eu sou tua saúde» (Sl 34, 3). Quanto à vontade, diz que sofre sem a posse de Deus, pois é Êle o refrigério e deleite da vontade, como o atestam as palavras do mesmo David: «Com a torrente de seu deleite as fartarás» (Sl 35, 9). Quanto à memória, diz a alma que morre. Ao lembrar-se, com efeito, da carência em que se vê de todos os bens do entendimento, — isto é, da vista de Deus, — e de todos os deleites da vontade, — a saber da posse de Deus, — na convicção de lhe ser possível também carecer do seu Amado para sempre entre os perigos e ocasiões desta vida, padece (a alma) em sua memória grande sentimento, semelhante à morte, pois constata claramente essa carência da perfeita e certa posse de seu Deus, o qual na verdade é a própria vida da alma, segundo as palavras de Moisés: «Êle certamente é sua vida» (Dt 30, 20).

7. Essas três maneiras de necessidade representou também Jeremias a Deus, nas trevas, quando disse: «Recorda-te de minha pobreza, e do absinto e fel» (Lam 3, 19). A pobreza se refere ao entendimento, porque a êle pertencem as riquezas da sabedoria do Filho de Deus, no qual, como diz S. Paulo, «estão encerrados todos os tesouros de Deus» (Col 2, 3). O absinto, erva amargosíssima, refere-se à vontade, porque a essa potência cabe a doçura da posse de Deus, e, em lhe faltando, permanece na amargura. Vemos, aliás, no Apocalipse, pelas palavras do Anjo a S. João, como a amargura diz respeito à vontade: «Que, em comendo aquêle livro, far-lhe-ia amargar o ventre» (Apoc 10, 9), simbolizada no ventre a vontade. O fel se refere não só à memória, mas a tôdas as potências e fôrças da alma, pois o fel significa a morte da mesma alma, conforme dá a entender Moisés, no Deuteronômio, dirigindo-se aos condenados: «Fel de

dragões será o seu vinho e veneno de áspides insanável» (Dt 32, 33). Nessas palavras se exprime a carência de Deus, a qual é morte para a alma. Essas três necessidades e penas estão fundadas nas três virtudes teologais, fé, caridade e esperança, em relação às três potências, na ordem aqui observada: entendimento, vontade e memória.

8. Convém notar como a alma, nesse verso, não faz outra coisa, a não ser representar sua pena e necessidade ao Amado.

Quem ama discretamente, não cuida de pedir o que deseja ou lhe falta: basta-lhe mostrar sua necessidade para que o Amado faça o que fôr servido. Assim procedeu a bendita Virgem com o Amado Filho nas bodas de Caná; não lhe pediu diretamente o vinho, mas disse apenas: «Não têm vinho» (Jo 2, 3).

As irmãs de Lázaro não mandaram pedir ao Mestre que curasse o irmão; mandaram dizer-lhe tão sòmente: «Eis que está enfêrmo aquêle a quem amas» (Jo 11, 3). Isto se deve fazer por três razões. Primeira: melhor sabe o Senhor o que nos convém, do que nós mesmos. Segunda: mais se compadece o amado, vendo a necessidade do amante e sua resignação. Terceira mais segura vai a alma quanto ao amor de si mesma e ao juízo próprio, manifestando sua indigência, do que pedindo o que lhe falta. Justamente assim, nem mais nem menos, faz agora a alma, apresentando suas três necessidades, como se exclamasse: «Dizei a meu Amado que, se adoeço, e só Êle é minha saúde, venha dar-me saúde; se estou penando, e só Êle é meu gôzo, venha dar-me gôzo; se morro, e só Êle é minha vida, venha dar-me vida».

Canção III

Buscando meus amôres,
Irei por êsses montes e ribeiras;
Não colherei as flôres,
Nem temerei as feras,
E passarei os fortes e as fronteiras.

EXPLICAÇÃO

1. Vê a alma que para achar o Amado não lhe bastam gemidos e orações, nem tampouco a ajuda de bons terceiros, como fêz na primeira canção e na segunda. Sendo verdadeiro o grande desejo com que busca o seu Dileto, e o amor que a inflama muito intenso, não quer deixar de fazer algumas diligências, quanto é possível de sua parte; porque a alma verdadeiramente amorosa de Deus, não põe delongas em fazer quanto pode para achar o Filho de Deus seu Amado. Mesmo depois de haver empregado tôdas as diligências, não se contenta, e julga haver feito nada. Assim, nesta terceira canção, quer buscar o Amado agindo por si mesma. Diz então o modo como há de proceder a fim de O achar, e é o seguinte: empregar-se nas virtudes e exercícios espirituais da vida ativa e contemplativa. Para isto, fazer, não quer admitir deleites ou regalos de espécie alguma; nem bastarão para detê-la, impedindo seu caminho, tôdas as fôrças e assaltos dos três inimigos da alma, que são mundo, demônio e carne. Diz, portanto: Buscando meus amôres.

2. Isto é, meu Amado. * Bem dá a entender aqui a alma como, para achar deveras a Deus, não é suficiente orar de coração e de bôca; não basta ainda ajudar-se de benefícios alheios; mas é preciso, juntamente com isso, fazer de sua parte o que lhe compete. Maior valor costuma ter aos olhos de Deus uma só obra da própria pessoa, do que muitas feitas por outras em lugar dela. Por êste motivo, lembrando-se a alma das palavras do Amado, — «Buscai e achareis» (Lc 11, 9), determina-se a sair ela mesma, do modo acima referido, para buscar o Espôso por obra, e não ficar sem achá-l'O. Não faz como aquêles que não querem lhes custe Deus mais do

que palavras, e ainda menos, pois não são capazes de fazer, por amor de Deus, quase coisa alguma que lhes dê trabalho. Há alguns que nem mesmo se animam a levantar-se de um lugar agradável e deleitoso, para contentar o Senhor; querem que lhes venham à bôca e ao coração os sabores divinos, sem darem um passo na mortificação e renúncia de qualquer de seus gostos, consolações ou quereres inúteis. Tais pessoas, porém, jamais acharão a Deus, por mais que O chamem a grandes vozes, até que se resolvam a sair de si para O buscar. Assim O procurava a Espôsa nos Cantares, e não O achou enquanto não saiu a buscá-l'O, como diz por estas palavras: «Durante a noite no meu leito busquei Aquêle a quem ama a minha alma; busquei-O e não O achei. Levantar-me-ei e rodearei a cidade; buscarei pelas ruas e praças públicas aquêle a quem ama a minha alma» (Cânt 3, 1-2). E depois de haver sofrido alguns trabalhos, diz então que O achou.

3. Daqui podemos concluir: a alma que busca a Deus, querendo permanecer em seu gôsto e descanso, de noite O busca, e, portanto, não O achará; mas a que O buscar pelas obras e exercícios de virtudes, deixando à parte o leito de seus gostos e deleites, esta, sim, O achará, pois O busca de dia. De fato, o que de noite não se percebe, de dia aparece. Esta verdade é bem declarada pelo Espôso no Livro da Sabedoria, quando diz: «Clara é a sabedoria e nunca se murcha, e fàcilmente é vista por aquêles que a amam, e encontrada pelos que a buscam. Antecipa-se aos que a desejam, de tal sorte que se lhes patenteia primeiro. Aquêle que vela desde manhã para a possuir não terá trabalho, porque a encontrará sentada à sua porta» (Sab 6, 13-15). Estas palavras mostram como, em saindo a alma da casa de sua própria vontade, e do leito de seu próprio gôsto, ao acabar de sair, logo achará ali fora a Sabedoria divina que é o Filho de Deus, seu Espôso. Eis o motivo de ela dizer agora: buscando meus amôres, **

Irei por êsses montes e ribeiras.

4. Pelos montes, que são altos, entende aqui as virtudes. Assim diz, em primeiro lugar, por serem elas elevadas; e, em segundo, por causa da dificuldade e trabalho que temos para alcançá-las. Quer, pois, a alma dizer como, pelas virtudes, se irá exercitando na vida contemplativa. Pelas ribeiras, que são baixas, compreende as mortificações, penitências, e exercícios espirituais por meio dos quais se irá aplicando na vida ativa, juntamente com a contemplativa a que já se referiu; porque uma e outra são necessárias para buscar a Deus com segurança, e adquirir as virtudes. E' o mesmo que dizer: buscando meu Amado, irei pondo por obra as virtudes mais excelsas, e humilhar-me-ei nas mortificações baixas e nos exercícios humildes. Assim se exprime a fim de mostrar como o caminho para procurar a Deus consiste em praticar o bem para com Êle, e mortificar o mal em si mesma, pela maneira que vai expondo nos versos seguintes:

Não colherei as flôres.

5. Porquanto para buscar a Deus se requer um coração despojado e forte, livre de todos os males e bens que não são puramente Deus, a alma descreve, no presente verso, e também nos seguintes, a liberdade e fortaleza que há de ter para O buscar. Aqui começa a dizer que neste caminho não colherá as flôres que encontrar. Nelas simboliza todos os contentamentos e deleites que se apresentarem em sua vida, os quais poderiam impedir-lhe a passagem, se os quisesse admitir e apreender. São de três espécies: temporais, sensíveis e espirituais. Tanto uns como outros ocupam o coração, e servem de obstáculo à desnudez espiritual requerida para o caminho reto de Cristo, se a alma nêles repara e se detém. Por isto diz que não colherá coisa alguma dessas, ao buscar o Amado. Como se dissesse: não apegarei meu coração às riquezas e vantagens que me oferecer o mundo; não admitirei os contentamentos e deleites da minha carne; tampouco hei de prestar atenção aos gostos e consolações de meu espírito; para que em nada disto me detenha na busca de meus amôres, pelos montes das virtudes e dos trabalhos. A alma toma o conselho que dá o profeta David nas palavras dirigidas aos que vão por êste caminho: «Se as riquezas abundarem não apegueis a elas o vosso coração» (Sl 61, 11). Essas riquezas significam, ao nosso propósito, os gostos sensíveis, e outros bens temporais, e as consolações do espírito. Convém notar que não são apenas os bens temporais e os deleites do corpo que impedem e contradizem o caminho de Deus; também as consolações e gostos espirituais, se a alma os conserva como proprietária ou os procura, são empecilho à via da Cruz de Cristo seu Espôso. Quem quiser adiantar-se, precisa, portanto, não andar

a colhêr essas flôres. E não só isto: é necessário ainda ter ânimo e fortaleza para dizer:

Nem temerei as feras,
E passarei os fortes e as fronteiras.

São êstes os versos que designam os três inimigos da alma, isto é, mundo, demônio e carne, — inimigos a lhe fazerem guerra e dificultarem o caminho. Pelas feras compreende o mundo: pelos fortes, o demônio, e pelas fronteiras, a carne.

7. Chama feras ao mundo, porque à alma que começa o caminho de Deus, êste mundo se lhe afigura, na imaginação, como feras bravias a lhe fazerem ameaças. E isto principalmente por três modos: primeiro, persuadindo que lhe há de faltar o favor do mundo, e perderá amigos, crédito, valor, e quiçá a fazenda; segundo, como há de agüentar a falta de todo contentamento ou deleite mundano, sem jamais poder gozar regalos terrenos? Esta é uma outra fera não menor!; terceiro, que se hão de levantar contra ela as línguas, e farão burla, com muitos ditos e mofas, desprezando-a; e esta fera é ainda mais bravia. De tal maneira essas coisas se antepõem diante de certas almas, que se torna muito difícil para elas, não só a perseverança na luta contra as ditas feras, mas até mesmo a possibilidade de começarem o caminho.

8. A algumas almas generosas, costumam, porém, atacar outras feras mais interiores, como são dificuldades espirituais, tentações, tribulações e trabalhos de muitas espécies, pelos quais convém passar. São enviados por Deus àqueles que Êle quer elevar a uma alta perfeição. E, assim, prova essas almas, examinando-as como ao ouro na fornalha, conforme as palavras de David: «Muitas são as calamidades dos justos, mas de tôdas elas os livra o Senhor» (Sl 33, 20). Todavia, a alma bem enamorada, que estima seu Amado sôbre tôdas as coisas, confiando em seu divino amor e graça, não acha muito em dizer: nem temerei as feras.

E passarei os fortes e as fronteiras.

9. Aos demônios, — segundo inimigo — chama fortes, porque com grande fôrça procuram tomar a passagem dêste caminho. Dá-lhes também êste nome, por serem suas tentações e astúcias mais fortes e duras de vencer, e mais difíceis de descobrir, do que as do mundo e da carne. Além disso,

os demônios se aproveitam dêsses dois outros inimigos para se fortalecerem, e, juntamente com o mundo e a carne, dão forte guerra à alma. Falando David a respeito dêles, emprega o mesmo nome de fortes, quando diz: «Os fortes pretenderam minha alma» (Sl 53, 5). Refere-se também o profeta Job à fortaleza do demônio, nestes têrmos: «Não há poder sôbre a terra que se lhe compare, pois foi feito para não ter mêdo de nada» (Job 41, 24). Como a dizer: nenhum poder humano é comparável ao do demônio, logo, só o poder divino basta para vencê-lo, e só a luz divina é capaz de entender seus ardis. Donde, a alma que quiser vencer a fortaleza de tal inimigo, não o poderá sem oração; jamais conseguirá entender suas ciladas, sem mortificação e humildade. Bem o confirma São Paulo, admoestando aos fiéis com estas palavras: «Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do demônio. Porque nós não temos que lutar contra a carne e o sangue» (Ef 6, 11-12) — entendendo por sangue, o mundo, e, pela armadura de Deus, a oração e a cruz de Cristo, onde se acha a humildade e mortificação de que falamos.

10. Diz também a alma que passará as fronteiras. Estas significam, como dissemos, as repugnâncias e rebeliões naturais da carne contra o espírito. Declara, efetivamente, São Paulo: «A carne tem desejos contrários ao espírito» (Gál 5, 17); põe-se ela como fronteira, resistindo ao caminho espiritual. Estas fronteiras há de transpor a alma, rompendo as dificuldades e derribando, com fôrça e determinação do espírito, todos os apetites sensuais, e inclinações da natureza. Enquanto existem na alma, de tal maneira permanece o espírito impedido, que não lhe é possível passar à verdadeira vida e deleite espiritual. Isto é muito bem provado por São Paulo quando diz: «Se pelo espírito fizerdes morrer as obras da carne, vivereis» (Rom 8, 13), isto é, se mortificardes as inclinações da carne e seus apetites. Eis, portanto, o estilo em que a alma se exprime nesta canção, dizendo como é mister proceder no caminho espiritual, a fim de buscar a Seu Amado. Trata-se, em suma, de agir com muita constância e valor, para não se abaixar a colhêr flôres; ter coragem de não temer as feras, e fortaleza em transpor os fortes e as fronteiras; enfim, é preciso cuidar tão sòmente em ir pelos montes e ribeiras das virtudes, do modo já dito.

Canção IV

O' bosques e espessuras
Plantados pela mão de meu Amado!
O' prado de verduras,
De flôres esmaltado,
Dizei-me se por vós Êle há passado.

EXPLICAÇÃO

1. A alma já deu a entender como convém dispor-se para começar êste caminho: não procurar deleites e gostos, e ter fortaleza para vencer as tentações e dificuldades. Nisto consiste o exercício do conhecimento próprio, que é a primeira coisa requerida para chegar ao conhecimento de Deus. Agora, nesta canção, começa a caminhar, pela consideração e conhecimento das criaturas, ao conhecimento de seu Amado, criador delas. Efetivamente, depois do exercício do conhecimento próprio, a consideração das criaturas é a primeira que se acha neste caminho espiritual como meio para ir conhecendo a Deus. Nas criaturas, vê a alma a grandeza e excelência do Criador, segundo as palavras do Apóstolo: as coisas invisíveis de Deus tornam-se conhecidas à alma pelas coisas visíveis e criadas (Rom 1, 20). Na presente canção fala, pois, com as criaturas, perguntando-lhes por seu Amado. E' de notar que, como diz Santo Agostinho, a pergunta feita pela alma às criaturas é a própria consideração que nelas faz do Criador. Nesta canção, portanto, encerra-se, de uma parte, a consideração dos elementos e demais criaturas inferiores; de outra, a consideração dos elementos e demais criaturas inferiores; de outra, a consideração dos céus com as criaturas e coisas materiais criadas nêles por Deus, incluindo também a consideração dos espíritos celestiais. E assim diz:

O' bosques e espessuras.

2. Dá o nome de bosques aos elementos que são: terra, água, ar e fogo. São como ameníssimos bosques, povoados de espêsso número de criaturas, às quais a alma chama aqui espessuras, justamente por causa do grande número e variedade que delas há, em cada um dêsses elementos. Na terra, existem inumeráveis variedades de animais e plantas; na água, inumeráveis diferenças de peixes; no ar, muita diversidade de aves; e o elemento do fogo concorre, com suas propriedades, para animar e conservar tudo. Cada espécie de animais, pois, vive em seu elemento, e está colocada e plantada nêle como em seu bosque, ou região, onde nasce e cresce. Na verdade, Deus ordenou assim na obra da criação; mandou à terra que produzisse as plantas e os animais, e à água dos mares, os peixes; ao ar, fêz morada das aves. Vendo a alma que Êle assim o ordenou e assim foi feito, diz então o seguinte verso:

Plantados pela mão de meu Amado.

3. Nisso está a consideração de que estas diferenças e grandezas, só a mão do Amado Deus as pôde fazer e criar. Notemos bem que a alma diz advertidamente: pela mão do Amado. Se Deus faz muitas outras coisas por mão alheia, como pelos anjos e homens, no entanto, a obra da criação jamais fêz ou quer fazer por outra mão que não seja a Sua própria. A alma, pois, inclina-se muito ao amor de Deus seu Amado, pela consideração das criaturas, vendo que são coisas feitas diretamente pela mão d'Êle. Prossegue dizendo:

O' prado de verduras.

4. Esta é a consideração do Céu, ao qual chama prado de verduras, porque as coisas nêle criadas estão sempre com verdor imarcescível; não fenecem nem murcham com o tempo. Nelas, como em frescas verduras, se recreiam e deleitam os justos. Nesta consideração é compreendida também tôda a diferença e variedade das formosas estrêlas e outros astros celestiais.

5. Êste nome de verduras dá também a Santa Igreja às coisas celestiais quando, ao rogar a Deus pelas almas dos fiéis defuntos, dirigindo-se a elas, se exprime nestes têrmos: «Constitua-vos o Senhor entre as verduras deleitáveis». Diz igualmente a alma que êste prado de verduras está

De flôres esmaltado.

6. Pelas flôres simboliza os anjos e as almas santas, com os quais está adornado e aformoseado aquêle lugar, à semelhança de um delicado e precioso esmalte sôbre um vaso de ouro puríssimo. Dizei-me se por vós Êle há passado.

7. Esta pergunta é a consideração já explicada acima. Como se dissesse: dizei as excelências que Deus em vós criou.

Canção V

Mil graças derramando,
Passou por êstes soutos com presteza
E enquanto os ia olhando
Só com sua figura
A todos revestiu de formosura.

EXPLICAÇÃO

1. Nesta canção, as criaturas respondem à alma; a resposta, conforme afirma também Santo Agostinho, é o testemunho da grandeza e excelência de Deus, dado nas mesmas criaturas à alma que, pela consideração as interroga. Assim, encerra-se nesta canção, em substância, o seguinte: Deus ciou tôdas as coisas com grande facilidade e rapidez, deixando nelas um rastro de quem Êle é. Não sòmente lhes tirou o ser do nada, mas dotou-as de inúmeras graças e virtudes, aformoseando-as com admirável ordem e indefectível dependência entre si. Tudo isto fêz por meio da sua Sabedoria, com a qual as criou, e esta é o Verbo, seu Unigênito Filho. São estas as palavras da canção:

Mil graças e derramando.

2. Por estas mil graças que, conforme diz o verso, ia derramando o Criador, são compreendidas as inumeráveis multidões de criaturas. Para isto significar, põe aqui o número máximo, de mil, a fim de dar a entender a grande cópia dessas criaturas, que são chamadas graças pelos muitos encantos de que Deus as dotou. E enquanto as ia derramando, isto é, com elas povoando tôda a terra,

Passou por êstes soutos com presteza.

3. Passar pelos soutos é criar os elementos, designados aqui por esta palavra. Passando pelos soutos, derramava mil graças, porque os adornava de muitas criaturas, cheias de encantos. Além do mais, sôbre as mesmas criaturas derramava as mil graças, dando-lhes virtude para concorrerem com a geração e conservação de tôdas elas. Diz ainda que passou: as criaturas são, na verdade, como um rastro da

passagem de Deus, em que se vislumbram sua magnificência, poder, sabedoria, e outras virtudes divinas. Esta passagem foi com presteza: as criaturas são as obras menores de Deus, e Êle as fêz como de passagem, pois as maiores, em que mais se revelou, e dignas de sua maior atenção, consistem nas da Encarnação do Verbo e mistérios da fé cristã. Em comparação destas, tôdas as outras foram feitas como de passagem, e com presteza

E enquanto os ia olhando
Só com sua figura
A todos revestiu de formosura.

4. Segundo a palavra de São Paulo, o Filho de Deus é o resplendor de sua glória e figura de sua substância (Heb 1, 3). Convém, portanto, saber que, só com esta figura de seu Filho, olhou Deus tôdas as coisas, isto é, deu-lhes o ser natural, comunicando-lhes muitas graças e dons de natureza, de modo a torná-las acabadas e perfeitas. Assim o dizem êstes têrmos do Gênesis: «Olhou Deus tôdas as coisas que havia feito, e eram muito boas» (Gn 1, 31). Para Deus achar as coisas muito boas, significa o mesmo que as criar muito boas no Verbo seu Filho. Não bastou comunicar-lhe o ser, e as graças naturais com o Seu olhar, como dissemos; mas tão sòmente com essa figura de Seu Filho, deixou-as revestidas de formosura, comunicando-lhes o ser sobrenatural. E isto se realizou quando Deus se encarnou, exaltando o homem na formosura divina, e, conseqüentemente, elevando nêle tôdas as criaturas, pelo fato de se haver unido o próprio Deus com a natureza de tôdas elas no homem. Assim disse o mesmo Filho de Deus: «Se eu fôr exaltado da terra, atrairei a mim tôdas as coisas» (Jo 12, 32). Nesta exaltação da Encarnação de seu Filho, e da glória de sua Ressurreição segundo a carne, aformoseou o Pai as criaturas não só parcialmente, mas, podemos dizer, deixou-as totalmente vestidas de formosura e dignidade.

** Anotação para a Canção seguinte.***

1. Falemos agora segundo o sentido e afeto da contemplação. Além de tudo quanto já dissemos, é preciso saber que, na viva contemplação e conhecimento das criaturas, a alma vê claramente como existe nelas, grande abundância de graças e virtudes, e muita formosura com que Deus as dotou. Aos olhos da alma, parece que estão vestidas de admirável e natural virtude, derivada daquela infinita formosura sobrenatural, própria à figura de Deus cujo olhar reveste de beleza e alegria a terra e os Céus. Assim também, ao abrir o Criador Sua mão, enche de bênção a todo animal, conforme diz David (Sl 144, 16). A alma, portanto, chagada de amor por êsse rastro da formosura de seu Amado, percebido nas criaturas, e com ânsias de ver aquela formosura invisível manifestada nessa beleza visível diz a seguinte canção:

Canção VI

Quem poderá curar-me?!
Acaba de entregar-te já deveras!
Não queiras enviar-me
Mais mensageiro algum,
Que não sabem dizer-me o que desejo.

EXPLICAÇÃO

2. Com os sinais que as criaturas deram do Amado à alma, mostrando-lhe em si mesmas um rastro da formosura e excelência d'Êle, aumentou nela o amor, e, conseqüentemente, cresceu mais a dor da ausência. Na verdade, quanto melhor a alma conhece a Deus, mais cresce nela o desejo e ânsia de vê-l'O. E como sabe não existir coisa alguma que possa curar sua doença, a não ser a presença e vista do Amado, desconfiada de qualquer outro remédio, pede a Êle, nesta canção, a entrega e posse dessa mesma presença. Diz-

lhe, então, que não queira mais, de hoje em diante, entretê-la com outras quaisquer notícias e comunicações Suas, nem com visos de Sua excelência, porque servem mais para aumentar-lhe a dor e as ânsias, do que para satisfazer-lhe a vontade e desejo. Esta vontade não se contenta e satisfaz com coisa alguma menos do que Sua vista e presença: seja Êle servido, pois, de entregar-se a ela já deveras, em acabado e perfeito amor. E assim exclama:

Quem poderá curar-me?!

3. Como se dissera: Entre todos os deleites do mundo, e contentamentos dos sentidos, e todos os gostos e suavidade do espírito, decerto nada poderá curar-me, nada conseguirá satisfazer-me. E já que assim é,

Acaba de entregar-te já deveras.

4. Cumpre notar aqui, como qualquer alma que ama verdadeiramente, que não pode querer satisfação ou contentamento até possuir deveras a Deus. Tôdas as outras coisas, com efeito, não sòmente não a satisfazem, mas, ao contrário, como dissemos, aumentam a fome e desejo de ver a Deus como Êle é. Assim, a cada vista que recebe do Amado, seja por conhecimento, ou sentimento, ou qualquer outra comunicação, torna-se-lhe pesado o entreter-se com tão pouco. Essas comunicações de Deus são como mensageiros que dão à alma recados, trazendo-lhe notícia de quem é Êle, aumentando e despertando mais nela o apetite, à semelhança de migalhas para uma grande fome. Eis por que diz:

Acaba de entregar-te já deveras.

5. Tudo quanto nesta vida se pode conhecer a respeito de Deus, por muito que seja, não é conhecimento verdadeiro, mas parcial e mui remoto; só o conhecimento de sua essência é verdadeiro, e êste pede aqui a alma, não se contentando com tôdas as outras comunicações. Por isto é que se apressa em dizer:

Não queiras enviar-me
Mais mensageiro algum.

6. Como se dissesse: Não queiras, doravante, que te conheça tão por medida, nestes mensageiros de notícias e sentimentos que se me dão de ti, tão remotos e alheios do desejo que minha alma tem de ti. Os mensageiros, para um coração ansioso pela presença, bem sabes, Espôso meu, aumentam a dor: de uma parte, por renovarem a chaga com a notícia que trazem, e de outra, porque parecem dilações de

tua vinda. Peço-te, pois, que de hoje em diante não queiras enviar-me essas notícias remotas. Se até aqui pude passar com elas, pela razão de não te conhecer nem te amar muito, agora, a grandeza do amor que há em mim já não pode satisfazer-se com êsses recados; acaba, portanto, de entregar-te. Dizendo mais claramente: Isto, Espôso meu, que andas concedendo de ti parceladamente à minha alma, acaba por dar de uma vez. O que me tens mostrado como por resquícios, acaba de mostrá-lo às claras. Quanto me comunicas por intermediários, como de brincadeira, acaba de fazê-lo a sério, dando-te a mim diretamente. Na realidade, às vêzes, em tuas visitas, parece que vais entregar-me a jóia de tua posse: e quando minha alma considera bem, acha-se sem ela, porque a escondes, e isto é dar de brincadeira. Entrega-te, pois, já deveras, dando-te todo a tôda minha alma, para que ela te possua todo, e não queiras enviar-me mais mensageiro algum,

Que não sabem dizer-me o que desejo.

7. Como se quisesse dizer: Eu te quero todo, e êles não sabem nem podem dizer-me tudo de ti: coisa alguma da terra, nem do Céu, pode dar à alma a notícia que ela deseja ter de ti, e assim, êles não sabem dizer-me o que desejo. Em lugar, pois, dêstes mensageiros, sê tu o mensageiro e as mensagens.

Canção VII

E todos quantos vagam,
De ti me vão mil graças relatando;
E todos mais me chagam,
E deixa-me morrendo
Um "não sei quê", que ficam balbuciando.

EXPLICAÇÃO

1. A alma, na canção passada, mostrou estar enfêrma ou ferida de amor pelo seu Espôso, por causa da notícia que as criaturas irracionais lhe deram d'Êle. Agora, nesta, dá a entender como está chagada de amor, em razão de outra notícia mais alta, que do Amado recebe por meio das criaturas racionais, mais nobres do que as outras, a saber, os anjos e os homens. Diz, além disso, que está morrendo de amor, devido a uma imensidade admirável, revelada a seus olhos, por meio dessas criaturas, sem, contudo, acabar de revelar-se de todo. A isto denomina um «não sei quê», pelo fato de não se saber exprimir; pois é tal, que faz a alma ficar morrendo de amor.

2. Daqui podemos inferir que em matéria de amor há três maneiras de penar pelo Amado, relativas às três notícias provindas d'Êle à alma. A primeira chama-se ferida. E' mais remissa, e mais brevemente passa, à semelhança de uma ferida; nasce da notícia recebida pela alma das criaturas, que são as obras de Deus menos elevadas. Desta ferida, chamada também aqui enfermidade, fala a Espôsa nos Cantares dizendo: «Conjuro-vos, filhas de Jerusalém, que, se achardes o meu Amado, lhe digais que estou enfêrma de amor» (Cânt 5, 8); entendendo por filhas de Jerusalém as criaturas.

3. A segunda se denomina chaga, e faz mais impressão na alma do que a ferida, e por isto dura mais tempo. E' como a ferida já transformada em chaga, e com ela, na verdade, a alma sente estar chagada de amor. Esta chaga se abre na alma mediante a notícia das obras da Encar-

nação do Verbo e mistérios da fé; por serem obras de Deus mais elevadas, encerrando maior amor do que as obras das criaturas, reduzem na alma maior efeito de amor. E assim, se o primeiro efeito é como ferida, êste segundo é como chaga já aberta e permanente. Falando dessa chaga nos Cantares, dirige-se o Espôso à alma nestes têrmos: «Chagaste meu coração, irmã minha, chagaste meu coração com um de teus olhos, e em um cabelo no teu colo» (Cânt 4, 9). O ôlho simboliza aqui a fé na Encarnação do Espôso, e o cabelo significa o amor da mesma Encarnação.

4. A terceira maneira de penar no amor é como morrer; tem já então a chaga afistulada, ou, antes, a própria alma está tôda feita uma fístula, e assim vive a morrer, até que, matando-a o amor, a faça viver vida de amor, transformando-a em amor. Êste morrer de amor é produzido na alma mediante certo toque de notícia altíssima da Divindade, e é o «não sei quê», referido nesta canção, apenas balbuciado; toque não contínuo nem muito intenso, pois, se o fôsse, desatar-se-ia a alma do corpo; pelo contrário, passa depressa, e a deixa morrendo de amor, tanto mais que não acaba de morrer de amor. Isto é o que se chama amor impaciente, e dêle se trata do Gênesis, quando a Escritura diz ter sido tão grande o amor de Raquel no desejo de conceber filhos, que disse a seu espôso Jacob: «Dá-me filhos, senão morrerei» (Gn 30, 1). E' como se a alma dissesse: Quem me dará a mim, que aquêle que me começou a matar, êsse me acabe?

5. Estas duas maneiras de penar no amor, a saber, a chaga e a morte, são causadas pelas criaturas racionais, como diz a alma na canção presente. Refere-se à chaga, quando declara que as criaturas lhe vão relatando mil graças do Amado, nos mistérios da Sabedoria de Deus, ensinados pela fé. O morrer é significado pela alma quando diz que «ficam balbuciando», e refere-se ao sentimento e notícia da Divindade, manifestada algumas vêzes no que a alma ouve dizer.

Por isto, prossegue:

E todos quantos vagam.

6. Às criaturas racionais, compreende a alma, aqui, por «todos quantos vagam», a saber, os anjos e os homens. Entre tôdas as criaturas, sòmente estas se ocupam em Deus com a capacidade de O conhecer. E' a significação do vocábulo «vagam», o qual em latim diz *vacant*. E, assim, quer dizer: todos quantos «vagam» a Deus, isto é, se ocupam de Deus.

Isto fazem uns, contemplando-O e gozando-O no Céu, como os anjos; outros, amando-O e desejando-O na terra, como os homens. Por meio dessas criaturas racionais a alma conhece a Deus, ora pela consideração da excelência divina sôbre tôdas as coisas criadas, ora pelo que elas nos ensinam a respeito de Deus; as primeiras O revelam por inspirações secretas, como fazem os Anjos; as segundas, que são os homens, pelas verdades da Sagrada Escritura. E' o que leva a alma a dizer:

De ti me vão mil graças relatando.

7. Isto é, dão-me a compreensão de admiráveis realidades de tua graça e misericórdia nas obras de tua Encarnação, bem como nas verdades da fé que de ti me declaram e me vão sempre referindo mais e mais; porque, quanto mais quiserem dizer, mais graças poderão descobrir-me de ti.

E todos mais me chagam.

8. Enquanto os anjos me inspiram, pois, e os homens me ensinam, a teu respeito, mais me enamoram de ti, e assim todos eles mais me chagam.

E deixa-me morrendo
Um não sei quê, que ficam balbuciando.

9. Como se dissesse: além de me chagarem essas criaturas, nas mil graças que me dão a entender de ti, há ainda um «não sei quê» inexprimível que se sente restar por dizer. E' como um altíssimo rastro de Deus a descobrir-se à alma, ficando, todavia, sòmente no rastro; ou como uma elevadíssima compreensão de Deus, que não se sabe expressar; e, por isso, a alma aqui o chama um «não sei quê». Se em outros conhecimentos mais compreensíveis para mim, me sinto ferida e chagada de amor, neste que não acabo de entender, embora tenha dêle tão subida experiência, sinto-me morrer. Assim acontece, por vêzes, às almas já adiantadas, às quais faz Deus esta mercê: naquilo que ouvem, vêem ou entendem, e mesmo, por ocasiões, sem qualquer dêsses meios, concede-lhes o Senhor uma subida notícia, em que lhes é dado entender ou sentir a grandeza e transcendência de Deus. Neste sentimento, experimenta a alma uma impressão tão elevada do mesmo Deus, que claramente tem a convicção de ficar tudo por entender. E êsse sentir e entender quão imensa é a Divindade, a ponto de Jamais poder ser totalmente compreendida, é sobremaneira elevado. Uma das grandes graças, pois,

que, de passagem, Deus faz nesta vida a uma alma é dar-lhe claramente uma compreensão e estima tão subida de Si mesmo, que entenda com evidência não ser possível compreendê-l'O ou senti-l'O tal como Êle é. Sucede, de certo modo, como aos bem-aventurados na visão beatífica: os que conhecem a Deus mais de perto entendem mais distintamente o infinito que lhes fica por conhecer; aquêles, porém, que O vêem menos não percebem com tanta distinção o que lhes resta ainda por ver, como acontece aos primeiros.

10. Não chegará à perfeita compreensão disso, penso eu, quem não o houver experimentado. Só a alma que o experimenta, vendo que lhe fica por entender aquilo que tão altamente sente, chama-lhe «um não sei quê». E se o não compreende, muito menos o sabe dizer, embora, como explicamos, bem o saiba sentir. E' esta a razão de alegar que as criaturas ficam balbuciando, pois não lho acabam de descobrir. E' o que significa a palavra balbuciar, a saber, fala de crianças, não acertando a exprimir e manifestar o que há por dizer.

Canção VIII

Mas como perseveras,
O' vida, não vivendo onde já vives?
Se fazem com que morras
As flechas que recebes
Daquilo que do Amado em ti concebes?

EXPLICAÇÃO

1. Como a alma se vê morrer de amor, segundo acaba de dizer, e, no entanto, não acaba de morrer para ir gozar do Amor com liberdade, queixa-se da duração da vida corporal por cuja causa se lhe retarda a vida espiritual. Nesta canção, pois, fala com a mesma vida de sua alma, encarecendo a dor que lhe causa. O sentido da canção é o seguinte: Vida de minha alma, como podes perseverar nesta vida carnal, que é para ti morte e privação daquela verdadeira vida do espírito em Deus, na qual, por essência, amor e desejo, mais realmente vives do que no corpo? E se não fôsse tal motivo suficiente para saíres dêste corpo de morte, a fim de viveres e gozares a vida de teu Deus, como podes ainda permanecer em corpo tão frágil? Além disso, bastariam por si mesma, para acabar-te a vida, as feridas de amor que recebes, com a comunicação das grandezas da parte do Amado, pois tôdas elas te deixam veementemente ferida de amor. E, assim, recebes tantos toques e feridas que matam de amor, quantas são as maravilhas que do Amado sentes e entendes.

Segue-se o verso:

Mas como perseveras
O' vida, não vivendo onde já vives?

2. Para compreender essas palavras, é necessário saber que a alma vive mais onde ama do que no corpo que ela anima; porque não tira sua vida do corpo, antes o vivifica, e ela vive por amor naquilo que ama. Além dessa vida de amor que faz viver em Deus a alma que O ama, tem ela natural e radicalmente sua vida em Deus, como o têm tôdas as coisas criadas, segundo diz São Paulo por estas palavras:

«N'Êle vivemos, nos movemos e somos» (At 17, 28), isto é, em Deus temos a nossa vida, nosso movimento e nosso ser. Declara também São João que «tudo quanto foi feito era vida em Deus» (Jo 1, 4). A alma percebe muito bem que a sua vida natural está em Deus, pelo ser que n'Êle tem; e que igualmente está nêle a sua vida espiritual, pelo amor com que O ama. Daí a sua queixa e mágoa de que tenha tanto poder uma vida tão frágil, em corpo mortal, a ponto de impedir-lhe o gôzo de outra vida em Deus por natureza e amor. E' grande aqui o encarecimento com que a alma se exprime, manifestando seu pesar em padecer dois contrários, a saber: vida natural no corpo, e vida espiritual em Deus. De fato, são dois contrários, porque um repugna ao outro, e vivendo ela em ambos, forçosamente há de sofrer grande tormento. A vida penosa lhe impede a vida saborosa, pois a vida natural é como morte para a alma, por privá-la da vida espiritual em que tem todo o seu ser e existência por natureza, e tôdas as suas operações e afeições por amor. A fim de melhor dar a entender o rigor dessa frágil vida, acrescenta logo:

Fazendo com que morras
As flechas que recebes.

3. Como a dizer: além de tudo, como podes perseverar no corpo, se para tirar-te a vida bastam sòmente os toques de amor (simbolizados pelas flechas), dados pelo Amado em teu coração? Êsses toques de tal maneira fecundam a alma e o coração em inteligência e amor de Deus, que bem se pode dizer que concebe de Deus, como o exprime o verso seguinte com estas palavras:

Daquilo que do Amado em ti concebes.

4. Querendo significar: da grandeza, formosura, sabedoria, graça e virtudes que no Amado percebes.

* *Anotação para a canção seguinte.*

1. O cervo quando está ervado, não descansa nem sossega, buscando aqui e ali remédios; mergulha-se, ora em certas águas, ora em outras; e, todavia, sempre vai crescendo mais ainda, em tôdas as ocasiões, e com os remédios que toma, aquêle toque da erva, até apoderar-se inteiramente do coração e dar-lhe a morte. Assim acontece à alma que anda tocada da erva do amor, como esta de que falamos: nunca cessa de buscar remédios para sua pena, mas, longe de os achar, tudo quanto pensa, diz e faz, antes lhe serve para aumentar seu sofrimento. Conhece bem esta verdade, e vê que não tem outro remédio senão pôr-se nas mãos de quem a feriu, para que Êle, livrando-a de tôda pena, acabe de matá-la com a fôrça do amor. Volta-se, então, para seu Espôso, que é o causador de tudo isto, e diz-Lhe a seguinte canção: **

Canção IX

Por que, pois, hás chagado
Êste meu coração, o não saraste?
E já que mo hás roubado,
Por que assim o deixaste,
E não tomas o roubo que roubaste?

EXPLICAÇÃO

2. Volve, pois, a alma, nesta canção, a falar com seu Amado, queixando-se de sua dor; porque o amor impaciente, de que a alma mostra aqui estar possuída, não sofre dilações, nem dá descanso à sua pena, e propõe de todos os modos as suas ânsias, até encontrar o remédio. Vê-se chagada e sòzinha, sem ter quem a possa curar ou dar-lhe remédio, a não ser o seu Amado, que a chagou. Diz, portanto, a Êle: se lhe abriu uma chaga no coração com o amor de Seu conhecimento, por que não curou êsse coração com a vista de Sua presença? Se também lho há roubado pelo amor com que

a enamorou, arrancando-o à posse da alma, qual o motivo de o deixar assim, sem mais pertencer a ela? — Quem ama, é certo que já não possui o coração, pois o deu ao Amado. — Pergunta-lhe ainda a espôsa: por que não pôs de uma vez o coração dela no d'Êle, tomando-o inteiramente para Si, em perfeita e acabada transformação de amor na glória?

E assim diz:

Por que, pois, hás chagado
Êste meu coração, o não saraste?

3. Não se queixa porque o Amado a chagou; pois o enamorado, quanto mais ferido, mais recompensado se sente. Sua querela é porque, havendo Êle chagado o coração da amada, não o curou, acabando-a de matar. As feridas de amor são tão suaves e deleitosas que não podem satisfazer a alma, senão quando a fazem morrer. São, contudo, de tal modo saborosas, que a mesma alma desejaria que a chagassem até acabarem por matá-la. Esta é a razão de exclamar: «Por que, pois, hás chagado êste meu coração, o não saraste?» Como se dissesse: Por que, se o feriste até chagá-lo, não o saras, acabando-me de matar de amor? És tu a causa da chaga, produzindo doença de amor: sê também a causa da saúde, em morte de amor; desta maneira, o coração que está chagado com a dor de tua ausência, ficará curado com o deleite e glória de tua doce presença. E acrescenta:

Se, pois, mo hás roubado
Por que assim o deixaste?

4. Roubar não é outra coisa senão desapropriar a alguém do que é seu, e apoderar-se disso quem rouba. Esta queixa apresenta aqui a alma ao Amado e lhe diz: uma vez que lhe roubou o coração por amor, tirando-o da sua posse e poder, por que o deixou assim, sem se apoderar de todo, e não o tomou inteiramente para Si, como faz o ladrão com o objeto roubado, levando-o de fato, consigo?

5. Por esta razão diz-se do enamorado, que tem o coração roubado, ou arroubado, por aquêle a quem ama, pois o tem fora de si, e pôsto no objeto amado; não tem mais coração para si, pois só o tem para aquêle que ama. Nisto conhecerá deveras a alma se ama a Deus puramente, ou não: se na verdade O ama, não terá coração para si mesma, nem para reparar no próprio gôsto ou proveito; só o terá para honra e glória de Deus, e para dar-Lhe gôsto. Quanto mais tem coração para si mesma, menos o tem para Deus.

6. Verificar-se-á se o coração está bem roubado por Deus, em uma destas duas coisas: se tem ânsias de amor por Deus, se não gosta de outra coisa senão d'Êle, como sucede agora à alma. A razão é esta: não pode o coração humano estar em paz e sossêgo sem alguma posse, e quando está bem prêso, já não se possui a si mesmo, nem a coisa alguma, como dissemos. Se, no entanto, não possui ainda perfeitamente o objeto amado, sentirá inquietação na mesma medida em que êle lhe falta, e só descansará quando o possuir de modo a satisfazer-se. Até então estará sempre a alma como um recipiente vazio que espera ser enchido, ou como um faminto que deseja comida; ou como o enfêrmo que suspira pela saúde, e como quem estivesse suspenso no ar sem ter onde se apoiar. Desta forma está o coração bem enamorado. E sentindo-o aqui a alma, por experiência, diz: Por que assim o deixaste? Isto é, vazio, faminto, solitário, chagado e doente de amor, suspenso no ar.

E não tomas o roubo que roubaste?

7. Por assim dizer: por que não tomas o coração que roubaste por amor, a fim de o encher e fartar, fazendo-lhe companhia, curando-o, e, enfim, concedendo-lhe estabilidade e repouso perfeito em ti? A alma enamorada, por maior conformidade que tenha com o Amado, não pode deixar de desejar a paga e o salário de seu Amor, e por causa dessa recompensa é que serve ao Amado. Do contrário, não seria verdadeiro amor, porque o seu salário e paga não é outra coisa, nem tem aqui a alma outro desejo, senão mais amor, até chegar à perfeição do mesmo amor. Na verdade, o amor não se paga a não ser com o próprio amor; assim o deu a entender o profeta Job, quando disse, sentindo ânsia e desejo semelhantes aos da alma nesta canção: «Assim como o servo deseja a sombra, e o jornaleiro o fim de sua obra, assim tive vazios os meses e contei as noites trabalhosas para mim. Se dormir, direi: quando chegará o dia em que me levantarei? E logo volverei outra vez a esperar a tarde, e serei cheio de dores até as trevas da noite» (Job 7, 2). O mesmo acontece à alma abrasada no amor de Deus: deseja a perfeição do amor, para achar nêle o descanso completo, assim como o servo fatigado pelo estio deseja o alívio da sombra; e, à semelhança do mercenário que espera o fim da obra, espera também ela que termine a sua. Note-se bem não ter

dito o profeta Job que o jornaleiro aguardava o fim de seu labor, mas sim o término de sua obra. Nisto dá a entender o que vamos explicando, isto é, como a alma que ama não espera o fim de seu trabalho, mas o fim de sua obra, porque esta sua obra é amar. E', portanto, da obra do amor que espera o fim e remate, o qual consiste na perfeição e acabamento do amor de Deus. Até realizar-se a sua aspiração, está sempre como essa figura descrita por Job, achando os dias e meses vazios, e contando as noites trabalhosas e prolongadas para si. Na explicação acima, ficou demonstrado que a alma amante de Deus não há de pretender nem esperar outro galardão de seus serviços, a não ser a perfeição do divino amor.

**** Anotação para a canção seguinte.***

1. Quando a alma chega, no amor, a êste extremo, está como um enfêrmo muito fatigado, o qual, havendo perdido o gôsto e apetite, tem fastio de todos os manjares, e com tôdas as coisas se cansa e incomoda. Em tudo quanto lhe vem ao pensamento, ou se oferece à sua vista, só tem um apetite e desejo: o de sua saúde. Qualquer outra coisa que não o leve a isso torna-se, para êle, pesada e aborrecida. A alma atingida desta doença do amor divino manifesta, portanto, três propriedades. A primeira é ter sempre presente aquêle «ai!» de sua saúde que é seu Amado, em tôdas as coisas que se lhe oferecem a tratar; embora obrigada a ocupar-se nelas, por não poder escusar, tem sempre o coração fixo no Espôso. A segunda, proveniente da primeira, é ter perdido o gôsto para tudo. A terceira, conseqüente à segunda, é achar aborrecidas e pesadas não só tôdas as coisas, mas ainda quaisquer relações.

2. A conclusão que podemos tirar de tudo isso é a seguinte: como a alma tem agora o paladar da vontade afeito e deliciado neste manjar do amor de Deus, em qualquer coisa ou ocasião que se apresenta, logo incontinenti se inclina a buscar seu Amado, gozando-O naquilo, sem fazer caso de outros gostos ou conveniências. Assim o fêz Maria Madalena, quando andava a procurar seu Mestre no hôrto; pensando que o hortelão fôsse Êle, disse-lhe, sem qualquer razão e acôrdo: «Se tu mo tomaste, dize-me, e eu O buscarei» (Jo 20, 15). A alma, nesta canção, traz em si a mesma ânsia de achar o Amado em tôdas as coisas; não O achando logo à medida de seu desejo, antes muito ao contrário, não sòmente lhe falta o gôsto nelas, mas também lhe causam tormento, às vêzes grandíssimo. Semelhantes almas padecem muito no trato com o mundo e outros negócios, pois mais a estorvam do que a ajudam na sua pretensão.

3. Estas três propriedades, bem mostrou ter a Espôsa dos Cantares, quando buscava seu Espôso, dizendo: «Busquei-O e não O achei. Acharam-me os que rodeavam a cidade, e cha-

garam-me, e os guardas dos muros me tiraram o manto» (Cânt 5, 6-7). Os que rodeiam a cidade, são os tratos do mundo; quando encontram alguém à procura de Deus, então lhe fazem muitas chagas de dores, penas e desgostos, em razão de a alma não achar nêles o que pretende, mas, ao contrário, só lhe servirem de impedimento. Os que defendem o muro da contemplação, para que a alma não possa entrar, são os demônios e os negócios mundanos; tiram-lhe o manto da paz e quietude dessa amorosa contemplação, e com isto sofre a mesma alma, enamorada de Deus, mil aborrecimentos e contrariedades. E ao ver como não pode livrar-se dêles, nem pouco nem muito, enquanto estiver aqui na terra, prossegue as súplicas ao seu Amado, dizendo a seguinte canção: **

Canção X

Extingue os meus anseios,
Porque ninguém os pode desfazer;
E vejam-te meus olhos,
Pois dêles és a luz,
E para ti sòmente os quero ter.

EXPLICAÇÃO

4. A alma continua, portanto, na presente canção, a pedir ao Amado se digne pôr têrmo às suas ânsias e penas, visto como não há outro senão Êle só que o possa fazer. Pede que seja de modo a tornar-se possível contemplá-l'O com seus próprios olhos, pois é o Amado a sua luz, e a alma não os quer empregar em outra coisa a não ser ùnicamente n'Êle. Então diz:

Extingue os meus anseios.

5. O desejo veemente do amor tem esta peculiaridade que já observamos: tôda ação, ou palavra, não conforme àquilo que a vontade ama, produz nela cansaço, fadiga e aborrecimento; torna-a insatisfeita por ver que não se realiza o seu desejo. A tôdas essas inquietações, em sua sêde de ver a Deus, a alma chama aqui «anseios», os quais nada poderia dissipar a não ser a posse do Amado. Suplica-Lhe, pois, que os venha extinguir com Sua presença dando-lhes refrigério, como faz a água fresca ao que está abatido pelo calor. **Emprega**, de propósito, a palavra «extingue», para mostrar que está padecendo com fogo de amor.

Porque ninguém os pode desfazer.

6. **Para** mover o Amado e melhor persuadi-lo a atender seu pedido, a alma afirma que só Êle, exclusivamente, é capaz de satisfazer sua necessidade; e, portanto, seja Êle próprio que apague os seus anseios. Notemos, a êste propósito, como é verdade que Deus está bem prestes a consolar uma alma e satisfazer suas necessidades, quando ela não acha contentamento nem pretende consôlo algum fora d'Êle. E, assim, quando a alma não tem coisa que a entretenha fora de Deus, não pode ficar muito tempo sem receber a visita do Amado.

E vejam-te meus olhos.

Quer dizer: Veja-te eu face a face com os olhos de minha alma.

Pois dêles és a luz.

8. A luz sobrenatural dos olhos da alma, sem a qual permanece em trevas, é Deus; mas aqui ela O chama luz de seus olhos, por encarecimento de amor, assim como costuma fazer quem muito ama à pessoa amada, a fim de declarar-lhe sua afeição. E' como se dissesse nos dois versos acima: se os olhos de minha alma outra luz não têm por natureza e por amor, senão a ti, vejam-te meus olhos, pois, de todos os modos, és dêles a luz. Essa luz parecia faltar a David quando com pesar exclamava: «A luz dos meus olhos, essa não está comigo» (Sl 37, 11). E a Tobias quando disse: «Que gôzo poderá ser o meu, pois estou sentado em trevas e não vejo a luz do Céu?» (Tob 5, 12). Nessa luz desejava êle a clara visão de Deus, porque a luz do Céu é o Filho de Deus, conforme declara São João: «A cidade celestial não tem necessidade de sol nem de luz que brilhem nela, porque a claridade de Deus a alumia e a sua lucerna é o Cordeiro» (Apoc 21, 23).

E para ti sòmente os quero ter.

Assim dizendo [1], quer a alma obrigar o Espôso a que lhe permita ver essa luz de seus olhos: não só porque, sem

[1] A 1ª relação do *Cântico* começa aqui com estas palavras: "No verso antecedente, a alma deu a entender como seus olhos estarão em trevas sem a vista do seu Amado, pois é Êle sua luz; e com isto O obriga a dar-lhe esta luz da glória. No verso atual, mais ainda quer obrigar o Espôso..."

ter outra, ficará nas trevas, mas também pela razão de não os querer ter para coisa alguma fora d'Êle. Muito justamente sofre a privação da luz divina a alma que põe os olhos de sua vontade em outra luz, querendo possuir algo fora de Deus, pois nisto tem impedida a vista para receber a iluminação d'Êle. Assim também é conveniente que mereça receber a luz divina aquela alma que fecha os olhos a tôdas as coisas para os abrir sòmente a Deus.

* *Anotação para a canção seguinte.*

1. E' preciso saber que o amoroso Espôso das almas não as pode ver sofrendo muito tempo sòzinhas, como acontece a esta de que vamos tratando. Conforme Êle próprio diz pelo profeta Zacarias, as penas e queixas daquelas que ama Lhe tocam nas pupilas dos olhos (Zac 2, 8), principalmente quando os sofrimentos de tais almas são por Seu amor. A mesma coisa diz também por Isaías: «Antes que êles clamem, eu ouvirei, ainda estando com a palavra na bôca, os escutarei» (Is 65, 24). E o Sábio, referindo-se a Deus, tem estas palavras: «Se o buscar a alma como ao dinheiro, O achará» (Prov 2, 4). Assim, a esta alma enamorada, que busca o Amado com maior cobiça do que ao dinheiro, — pois deixou tôdas as coisas e a si mesma por Seu amor, — parece que Deus manifestou alguma presença espiritual de Si, atendendo a êsses rogos tão inflamados. Nessa presença revelou alguns vislumbres muito profundos de sua divindade e formosura, e com isso aumentou muito mais o fervor da alma, e o desejo de O ver. Costumam, às vêzes, jogar água na frágua, para que cresça e se inflame mais o fogo: assim também faz o Senhor com algumas almas chegadas a essas calmas de amor. Dá-lhes certos visos de Sua excelência, para mais afervorá-las e as ir dispondo melhor para as mercês que lhes quer fazer depois. Como a alma percebeu e sentiu, naquela obscura presença, o sumo bem e a divina formosura ali encoberta, morrendo em desejo de vê-la, diz a canção seguinte: **

* Canção XI

Mostra tua presença!
Mate-me a tua vista e formosura;
Olha que essa doença
De amor jamais se cura,
A não ser com a presença e com a figura.

EXPLICAÇÃO

2. Deseja a alma ver-se enfim possuída por êste grande Deus cujo amor lhe roubou e feriu o coração; e, não podendo mais suportar, pede determinadamente nesta canção lhe descubra e mostre Sua formosura, isto é, Sua divina essência, e, para isto, lhe venha dar a morte com a Sua vista; que a desprenda de uma vez do corpo com o qual não O pode ver e gozar conforme deseja. Representa ao Amado a doença e ânsia do coração, em que persevera penando por Seu amor, sem poder achar outro remédio a não ser essa gloriosa vista de Sua divina essência. Segue-se o verso:

Mostra tua presença!

3. Para explicação disso, é necessário saber que há três espécies de presença de Deus na alma. A primeira é por essência: desta maneira está Êle presente não só nas almas boas e santas, mas também nas más e pecadoras, assim como em tôdas as criaturas; porque com essa presença essencial lhes dá vida e ser; se lhes faltasse, tôdas se aniquilariam deixando de existir, e, portanto, com esta espécie de presença, sempre permanece na alma. A segunda é a presença pela graça, em que Deus habita na alma, satisfeito e contente com ela; nem tôdas gozam dessa espécie de presença, pois as que estão em pecado mortal perdem-na; e a alma não pode saber naturalmente se a possui. A terceira é por afeição espiritual, e em muitas almas piedosas costuma Deus conceder algumas manifestações espirituais de sua presença, por diversos meios, a fim de proporcionar-lhes consolação, deleite e alegria. Essas presenças são também, como tôdas as outras, encobertas; nelas Deus não se mostra tal qual é, porque não o sofre a condição desta vida mortal. Assim, de qualquer espécie de presença, pode ser entendido o verso já citado:

Mostra tua presença.

4. A alma não pede a Deus que se faça presente nela, pois é certo que Êle o está, ao menos do primeiro modo; pede a manifestação dessa presença, seja natural, ou espiritual, ou afetiva, descobrindo-a de maneira que possa vê-l'O em Sua divina essência e formosura. E que, assim como por meio de Sua presença essencial, está Êle dando ser natural à alma, e pela presença da graça a aperfeiçoa, também a glorifique manifestando-lhe Sua glória. A alma

de que aqui falamos anda abrasada em fervores e afetos de amor de Deus; e, assim, essa presença cuja manifestação pede ao Amado deve ser entendida principalmente no sentido de certa presença afetiva em que o Espôso se descobriu a ela. Foi tão subida essa presença, que a alma julgou e sentiu estar ali um imenso Ser encoberto, do qual Deus lhe comunicou ou alguns vislumbres um tanto obscuros de divina formosura. E' tal o efeito produzido por êles na alma, que a fazem cobiçar com veemência, desfalecendo no desejo de algo que percebe oculto sob aquela presença, conforme sentia David quando disse: «Cobiça e desfalece minha alma nos átrios do Senhor» (Sl 83, 1). Na verdade, a alma então desfalece com o desejo de engolfar-se naquele sumo bem que lhe parece presente, e ao mesmo tempo encoberto; e embora esteja oculto, mui notòriamente experimenta a alma o bem e deleite ali encerrado. Em razão disso, é atraída e arrebatada por êsse bem infinito, com maior fôrça do que qualquer coisa natural o é para o seu próprio centro. Com tão extrema cobiça e profundo apetite, não podendo mais conter-se, diz a alma: Mostra tua presença!

5. O mesmo aconteceu a Moisés no Monte Sinai. Quando estava em presença de Deus, percebia tão elevados e profundos sinais da grandeza e formosura da divindade do Senhor, ali encoberta, que, não o podendo sofrer, rogou-Lhe por duas vêzes que mostrasse a Sua glória, com estas palavras: «Tu dizes que me conheces pelo meu próprio nome, e que achei graça diante de ti: se na verdade assim é, mostra-me tua face para que te conheça e ache diante de teus olhos a graça divina perfeita que desejo» (Êx 33, 13), isto é, mereça chegar ao perfeito amor da glória de Deus. O Senhor, porém, respondeu dizendo: «Não poderás ver a minha face, porque não me pode ver o homem e permanecer vivo» (Êx 33, 20). Como se dissera: difícil coisa me pedes, Moisés; porque é tanta a formosura de meu rosto, e tão grande o deleite da vista de meu ser que não a poderá suportar tua alma nesta espécie de vida tão fraca. Está a alma ciente desta verdade, seja pelas palavras de Deus a Moisés, seja pelo que ela mesma sente nessa presença velada do Espôso: não O poderá ver em Sua divina formosura enquanto estiver em vida mortal, onde, só de O vislumbrar, desfalece. Previne,

assim, a resposta que lhe pode ser dada como a Moisés, dizendo:

Mate-me a tua vista e formosura.

6. Como a dizer: se é tanto o deleite causado pela vista do teu ser e formosura, que não pode sofrê-la minha alma, sem ter de morrer vendo-A, — mate-me, pois, tua vista e formosura.

7. Duas vistas, é sabido, matam o homem, por não poder suportar a fôrça e efeito delas. Uma, é a do basilisco, a qual vista, dizem, mata imediatamente. Outra, é a de Deus. São, porém, muito diferentes em suas causas: porque uma vista mata com grande veneno, e a outra com imensa saúde e bem de glória. A alma, pois, não faz muito em querer morrer à vista da formosura divina a fim de gozá-la para sempre. Se percebesse um só vestígio da beleza e sublimidade de Deus, não desejaria apenas uma morte, como aqui, para contemplá-la eternamente, mas mil acerbíssimas mortes e sofreria alegremente, a fim de vê-la, sequer por um instante; e depois de a ter visto, pediria para padecer outras tantas mortes por vê-la outro tanto.

8. Para melhor compreensão dêste verso, é necessário saber que a alma fala aqui condicionalmente: ao pedir que a mate aquela vista e formosura, supõe que não a pode ver sem morrer. Se o pudesse, não pediria que a matasse. Querer morrer é, com efeito, imperfeição natural; suposto, porém, que não se coaduna a vida humana corruptível com a vida imarcescível de Deus, então pede: Mate-me, etc....

9. Esta doutrina expõe São Paulo aos Coríntios, quando diz: «Não queremos ser despojados, mas sobrevestidos, a fim de que aquilo que é mortal seja absorvido na vida» (2 Cor 5, 4), isto é, não desejamos ser despojados da carne, mas revestidos de glória. E o mesmo Apóstolo, vendo como não é possível viver simultâneamente na glória e no corpo mortal, exprime aos Filipenses o seu desejo de ser desatado da carne para estar com Cristo (Filip 1, 23). Surge, todavia, uma dúvida a êsse respeito: por que motivo os filhos de Israel, em seu tempo, fugiam com temor da vista de Deus, a fim de não morrerem, conforme dizia Manué à sua mulher (Juiz 13, 22), e esta alma deseja agora morrer com a mesma vista de Deus? Respondemos que por dois motivos. Primeiro: naquele tempo, embora morressem os homens na graça de Deus, não O poderiam ver até que viesse Cristo;

muito melhor, portanto, era para êles viver neste mundo aumentando os merecimentos e gozando vida natural, do que no limbo, sem merecer, padecendo trevas e ausência espiritual de Deus. E assim, tinham por grande mercê e benefício de Deus o viver muitos anos.

10. Segundo motivo: em virtude do amor. Como aquêles filhos de Israel não estavam tão fortalecidos no amor de Deus, nem tão amorosamente unidos a Êle, temiam morrer à Sua vista. Agora, porém, na lei da graça, em que morrendo o corpo pode a alma ver a Deus, é mais sensato desejar viver pouco, e morrer para O contemplar. Mesmo se assim não fôra, a alma que ama a Deus — como esta aqui — não tem mêdo de morrer à Sua vista; porque o verdadeiro amor recebe com igual conformidade tudo quanto lhe vem da parte do Amado, seja coisas prósperas ou adversas e até castigos, só pelo fato de serem queridas por Êle, e nelas acha gôzo e deleite. Segundo a palavra de São João, «a perfeita caridade expele todo temor» (Jo 4, 18). À alma que ama, não pode ser amarga a morte, pois nela acha tôdas as doçuras e deleites do amor. Tampouco é triste a sua lembrança, pois traz juntamente a alegria. Também não a agrava, nem lhe causa pena, sendo o remate de todos os seus pesares e tristezas e o princípio de todo o seu bem. Antes a tem por espôsa e amiga, e com sua memória se goza, como no dia de desposório e bodas, desejando mais ardentemente a chegada dêsse dia e dessa hora da morte, do que desejaram os reis da terra reinos e principados. Dessa espécie de morte diz o Sábio: «O' morte! bom é o teu juízo para o homem que se sente necessidade» (Ecli 41, 3). Ora, se a morte é boa para quem está necessitado das coisas terrenas, — embora não venha satisfazer essas necessidades, senão muito ao contrário, há de despojar o homem de quanto possui, — quanto melhor será o juízo dela para a alma necessitada de amor, como esta de que tratamos que está clamando por mais amor? Sim, porque não sòmente não a despojará do que tinha, mas há de ser causa da consumação de amor tão desejada, satisfazendo plenamente suas necessidades. Tem, pois, razão a alma em atrever-se a dizer sem temor: Mate-me a tua vista e formosura. Sabe muito bem que no mesmo instante em que a visse, seria arrebatada à mesma formosura, absorvida na mesma formosura, tornando-se formosa como a própria formosura divina, abastada e en-

riquecida como essa mesma formosura. Por isso diz David: «A morte dos Santos é preciosa diante do Senhor» (Sl 115, 15); o que não poderia ser, se não participassem de Suas grandezas; pois nada há de precioso diante de Deus senão o que Êle é em Si. Assim é que a alma quando ama, longe de temer a morte, antes a deseja. O pecador, porém, sempre tem mêdo de morrer, porque suspeita que a morte há de tirar-lhe todos os bens e dar-lhe todos os males. «A morte dos pecadores é péssima», declara David (Sl 33, 22). E' esta a razão de lhes ser amarga a sua memória, como diz o Sábio (Ecli 41, 1); por amarem muito a vida dêste século, e pouco a do outro, temem grandemente a morte. Quanto à alma que ama a Deus, mais vive na outra vida, do que nesta; mais vive, é certo, onde ama do que no corpo onde anima; e assim faz pouco caso da vida temporal. Pede, portanto, ao Amado: Mate-me a tua vista, etc.

Olha que esta doença
De amor jamais se cura
A não ser com a presença e com a figura.

11. Se a doença de amor não puder ser curada senão com a presença e figura do Amado, é porque, sendo diferente essa doença das outras comuns, diferente também é seu remédio. Naquelas, para seguir boa filosofia, curam-se contrários com contrários; o amor, porém, só acha cura em coisas conformes a êle. Com efeito, a saúde da alma é o amor de Deus; ora, quando a alma não tem perfeito amor de Deus, não tem perfeita saúde; logo, está enfêrma, pois a enfermidade não é mais que falta de saúde. Assim, quando a alma nenhum grau de amor tem, está morta; se tem algum grau dêsse amor divino, por mínimo que seja, está viva, mas muito debilitada e enfêrma, pelo pouco amor que tem; e quanto mais o amor fôr aumentando, tanto mais saúde vai tendo; enfim, chegando ao amor perfeito, será também perfeita sua saúde.

12. Por conseqüência, é necessário saber que o amor jamais chegará à perfeição até que se juntem os amantes em unidade, transfigurando-se um no outro; só então estará o amor totalmente perfeito. A alma, nesta canção, sente em si mesma certo debuxo de amor, — é a doença referida — e deseja que êle se acabe de pintar, com essa figura apenas debuxada que é seu Espôso, o Verbo Filho de Deus, o qual,

no dizer de São Paulo, «é o resplendor da glória do Pai e figura de Sua substância» (Heb 1, 3). Esta é a figura que aqui compreende a alma, e nela deseja transfigurar-se por amor; e, por isto, exclama: Olha que esta doença de amor jamais se cura, a não ser com a presença e com a figura.

13. Bem se denomina doença o amor não perfeito; porque assim como o enfêrmo está debilitado, e não pode trabalhar, assim a alma que está fraca no amor, o está igualmente para praticar virtudes heróicas.

14. Podemos entender também de outro modo. Quem sente em si doença de amor, isto é, falta de amor, é sinal de que tem algum amor, e, pelo que tem, vê o que ainda lhe falta. Quem não sente faltar-lhe amor, é sinal de que nenhum amor possui, ou então está perfeito nêle. **

* *Anotação para a canção seguinte.*

1. A alma, por êste tempo, sente-se atraída com tanta veemência para ir a Deus, como a pedra que vai chegando ao seu centro; ou como a cêra que começou a receber a impressão do sêlo, e não se lhe acabou de gravar a figura dêle. Além disso, conhece estar como a imagem que levou só a primeira mão-de-obra, e ficou apenas no esbôço; clama, pois, Àquele que nela fêz o debuxo, pedindo que a acabe de pintar e modelar. E cheia de uma fé tão iluminada que a faz vislumbrar certas manifestações divinas muito claras, da grandeza de seu Deus, fica sem saber o que faça. Volta-se então para a mesma fé, que encerra e oculta a figura e beleza do Amado, e da qual também recebe os debuxos d'Êle e prendas do Seu amor. Falando, pois, com a fé, diz a seguinte canção: **

Canção XII

O' cristalina fonte!
Se nesses teus semblantes prateados
Formasses de repente
Os olhos desejados
Que tenho nas entranhas debuxados!

EXPLICAÇÃO

2. Com imenso desejo suspira a alma pela união do Espôso, e vê que não acha meio nem remédio algum em tôdas as criaturas. Volve-se, então, a falar com a fé, como à que mais ao vivo lhe há de dar luz sôbre o Amado, e a toma por meio para levá-la à realização do que deseja. Na verdade, não há outro meio pelo qual se chegue à verdadeira união e desposório espiritual com Deus, conforme declara o Senhor por Oséias, nestes têrmos: «Desposar-te-ei na fé» (Os 2, 20). E a alma, com o desejo em que arde, diz ao Espôso as palavras seguintes que exprimem o sentido da canção: O' fé de meu Espôso Cristo! Se as verdades que do Amado infundiste em mim, encobertas com obscuridade e treva, — por ser a fé hábito obscuro, no dizer dos teólogos, — manifestasses agora com claridade! se me descobrisses num momento tudo o que me comunicas por conhecimentos obscuros e indecisos, apartando-te tu mesma de tôdas essas verdades, — porque a fé é coberta e véu das verdades de Deus, — transformando-as de modo perfeito e completo em manifestações de glória! Prossegue assim o verso:

O' cristalina fonte!

3. Chama a fé de «cristalina» por dois motivos: primeiro, por ser de Cristo seu Espôso; segundo, porque tem as propriedades do cristal, sendo pura nas verdades e ao mesmo tempo forte, clara e limpa de quaisquer erros e de de noções naturais. Dá-lhe o nome de «fonte», porque dela manam à alma as águas de todos os bens espirituais. Cristo Nosso Senhor, falando com a Samaritana, deu êsse nome de fonte à mesma fé, dizendo que todos aquêles que n'Êle cressem teriam em si uma fonte cujas águas jorrariam para a vida eterna (Jo 4, 14). E esta água era o espírito que haviam de receber, pela fé, os crentes (Jo 7, 39).

Se nesses teus semblantes prateados.

4. Às proposições e artigos que propõe a fé, a alma chama semblantes prateados. Para compreensão dêsse verso e dos seguintes, precisamos saber que a fé é aqui comparada à prata, nas proposições que nos ensina; quanto à substância encerrada na fé, e as verdades nela contidas, são comparadas ao ouro. De fato, essa mesma substância que agora cremos, vestida e encoberta com a prata da fé, veremos e gozaremos dela na outra vida sem mais véu, despojado da fé, então, o ouro. Falando a êste respeito, David diz assim: «Se dormirdes entre os dois coros, as penas da pomba serão prateadas, e as pontas de suas asas serão côr de ouro» (Sl 67, 14). Com estas palavras, quero dizer: Se fecharmos os olhos do entendimento às coisas superiores e inferiores (que significa «dormir no meio»), ficaremos na fé, simbolizada na pomba cujas penas prateadas são as verdades que nos ensina; pois, nesta vida, a fé nos propõe essas verdades obscuras e encobertas, razão pela qual são aqui chamadas semblantes prateados; no fim, porém, da fé, quando esta se acabar pela clara visão de Deus, então ficará descoberta a substância da fé, não mais revestida de prata, e sim, da côr de

ouro. A fé, efetivamente, nos dá e comunica o próprio Deus, coberto, todavia, com prata de fé; mas nem por isso deixa de no-lo dar verdadeiramente. E' como quem nos desse um vaso de ouro recoberto de prata, que, pelo fato de estar prateado, não deixaria de ser o dom de um vaso de ouro. Assim, quando a Espôsa, nos *Cantares,* desejava a posse do Amado, recebeu de Deus a promessa de que lha daria tanto quanto fôsse possível nesta vida, dizendo Êle: «Nós te faremos umas cadeias de ouro, marchetadas de prata» (Cânt 1, 10). Com isto prometia dar-se a ela encoberto pela fé. Dirigindo-se agora, pois, à fé, exclama a alma: Oh! se nesses teus semblantes prateados, — que são os artigos já referidos, — que cobrem o ouro dos divinos raios, isto é, dos olhos desejados, e acrescenta logo:

Formasses de repente
Os olhos desejados.

5. Pelos olhos são simbolizadas, como já dissemos, as verdades divinas, e as irradiações de Deus, que, repetimos, nos são propostas nos artigos de fé sob forma velada e indeterminada. Como se dissesse: Oh! se essas verdades que confusa e obscuramente me ensinas, encobertas sob teus artigos de fé, acabasses de dar-me clara e determinadamente despojadas de véus, como pede o meu desejo! O motivo de chamar aqui olhos a estas verdades é a grande presença do Amado que sente a alma, pois parece que sempre a está olhando, e assim diz:

Que tenho nas entranhas debuxados.

6. Estão debuxados nas entranhas, isto é, na alma, segundo o entendimento e a vontade. De fato, é pela fé que são estas verdades infundidas na alma, segundo o entendimento. Como a notícia delas não é perfeita, diz que estão apenas debuxadas. O debuxo não é perfeita pintura: do mesmo modo, a notícia da fé não é perfeito connhecimento. Assim, as verdades que se infundem na alma pela fé estão como em debuxo; quando forem manifestadas em clara visão, estarão nela como em perfeita e acabada pintura, conforme a palavra do Apóstolo: «Quando vier o que é perfeito» — a clara visão — «acabar-se-á o que é parcial» — o conhecimento pela fé (1 Cor 13, 10).

7. Além dêste debuxo da fé, há, na alma que ama, outro debuxo de amor, segundo a vontade. Aí se debuxa de tal maneira a figura do Amado, e tão conjunta e vivamente se retrata, quando há união de amor, que verdadeiramente é possível afirmar que o Amado vive no amante, e o amante no Amado; é tão perfeita a semelhança realizada pelo Amor na transformação dos amados, que podemos dizer: cada um é o outro, e ambos são um só. Explica-se isto pela posse de si mesmo que um dá ao outro, na união e transformação de amor, na qual cada um se deixa e troca pelo outro; assim, cada um vive no outro, sendo um e outro, entre si, um só, por essa mesma transformação de amor. Isto quis dar a entender São Paulo quando disse: «Vivo eu, já não eu, mas Cristo é que vive em mim» (Gál 2, 20). Em dizer: vivo eu, já não eu, mostrou que, embora êle vivesse, não era sua aquela vida, pois estava transformado em Cristo, e sua vida era mais divina que humana; donde acrescenta que não vivia mais êle, senão Cristo nêle.

8. Segundo esta semelhança de transformação, podemos afirmar que a vida do Apóstolo e a vida de Cristo eram uma só e mesma vida, por união de amor. Esta realidade será perfeita no Céu, em vida divina, naqueles que houverem merecido ver-se em Deus. Transformados em Deus, viverão vida de Deus, e não vida sua, embora seja sua própria vida porque a vida de Deus será vida sua. Verdadeiramente poderão dizer: vivemos nós, mas não vivemos nós, pois vive Deus em nós. Êste estado é possível aqui na terra, como vemos que o foi em São Paulo; não, porém, de modo total e perfeito, mesmo na alma elevada a tão profunda transformação de amor como o matrimônio espiritual, que é o mais alto estado a que se pode chegar nesta vida. Enquanto estamos aqui, tôda união se pode chamar debuxo de amor, comparada àquela perfeita figura de transformação na glória. Quando se alcança, todavia, êsse debuxo de transformação, nesta vida mortal, é imensa felicidade, porque nisso se contenta grandemente o Amado. No desejo de ver a Espôsa guardá-lo assim, em forma de debuxo, em sua alma, disse-lhe o Espôso nos *Cantares*: «Põeme como um sêlo sôbre teu coração, como um sêlo sôbre teu braço» (Cânt 8, 6). O coração significa a alma, na qual Deus permanece como sêlo, pelo debuxo da fé, aqui na terra, como ficou referido; o braço simboliza a vontade forte, em que Êle está como sêlo pelo debuxo do amor, conforme também dissemos.

9. De tal maneira anda a alma nesse tempo, que não quero deixar de dizer algo sôbre isso, embora em breves

palavras, mesmo quando por palavras não se possa exprimir. A substância corporal e espiritual que a anima parece secar-se em extrema sêde da fonte viva de Deus. Esta sêde é semelhante à que sentia David quando disse: «Como o cervo deseja as fontes das águas, assim minha alma deseja a Ti, Deus. Teve minha alma sêde do Deus forte e vivo: quando virei e aparecerei diante da face de Deus» (Sl 41, 3). Fica a alma tão atormentada por esta sêde, que nada lhe custaria atravessar pelo meio dos filisteus, como fizeram os guerreiros de David quando foram encher o vaso de água na cisterna de Belém, que figurava Cristo (1 Par 11, 18). Dificuldades do mundo, fúrias dos demônios, penas infernais, tudo seria pouco para a alma sofrer, a trôco de engolfar-se no abismo dessa fonte de amor. A êste propósito se entendem as palavras dos *Cantares*: «Forte é a dileção como a morte, e dura é sua emulação como o inferno» (Cânt 8, 6). Na verdade não se pode crer quão veemente seja o desejo de possuir aquêle bem, e a pena que a alma experimenta, ao ver que, em se aproximando para prová-lo, não lhe é concedido; porque é tanto maior o tormento e dor que se sente com a negação daquilo que se deseja, quanto mais de perto e mais à vista se percebe.

Falando de modo espiritual, a êste respeito, disse Job: «Antes que coma, suspiro; e como o ímpeto das águas é o rugido e bramido de minha alma» (Job 3, 24). Entende pela comida, a Deus, a quem a alma apetece; pois na mesma medida do apetite e conhecimento do manjar, é a pena que por êle sofre. **

**** Anotação para a canção seguinte.***

1. A causa de padecer tanto a alma pelo desejo de Deus a êste tempo é que vai chegando mais junto d'Êle; conseqüentemente, vai sentindo mais o vazio de sua ausência, e sofrendo trevas muito espêssas no interior, onde a purifica e seca o fogo espiritual, a fim de que, purificada, possa enfim unir-se com Deus. Enquanto não apraz ao mesmo Deus esclarecer a alma com algum raio de luz sobrenatural que O revele, ela só o percebe como intolerável treva; porque, estando o Senhor espiritualmente muito perto, a luz divina obscurece a luz natural com seu excesso. Tudo isto exprimiu bem David nestas palavras: «Nuvens e escuridão estão ao redor dêle... o fogo irá diante dêle» (Sl 96, 2). Noutro Salmo diz: «Ocultou-se nas trevas como em seu pavilhão, e o seu tabernáculo em redor de Si é como água tenebrosa nas nuvens do ar. Diante do resplendor de sua presença há nuvens, granizo e carvões em brasa» (Sl 17, 12-13). Assim o sente a alma, ao aproximar-se de Deus, e quanto mais perto chega, com maior fôrça experimenta tudo isso, até que o Senhor a faça penetrar em seus divinos resplendores por transformação de amor. Entrementes, está a alma, sempre como Job, dizendo: «Quem me dera saber encontrar Deus, e chegar até ao seu trono» (Job 23, 3). O Senhor, todavia, em sua imensa piedade, alterna, na alma, trevas e vazios, com regalos e consolações; porque, assim como são as Suas trevas, assim também é a Sua luz (Sl 138, 12). Com o fim de exaltar e glorificar Seus escolhidos, é que Deus os humilha e aflige. Dêste modo, enviou Êle à alma, em meio aos sofrimentos, certos raios divinos de si mesmo, com tanta glória e fôrça de amor, que a comoveram inteiramente, e tôda a natureza se lhe desconjuntou. Então, naturalmente amedrontada, cheia de grande pavor, dirige ao Amado as primeiras palavras da canção seguinte que Êle prossegue depois até o fim. **

Canção XIII

Aparta-os, meu Amado,
Que eu alço o vôo.
(Espôso)
Oh! volve-te, columba,
Que o cervo vulnerado
No alto do outeiro assoma.
Ao sôpro de teu vôo, e fresco toma.

EXPLICAÇÃO

2. Nos grandes desejos e fervores de amor que manifestou a alma nas canções antecedentes, costuma o Amado visitar a Espôsa, de modo casto, delicado e amoroso, com grande fôrça de amor. Ordinàriamente, na proporção em que foram grandes os fervores e ânsias de amor na alma, soem ser também extremos os favores e visitas de Deus. Vimos como esta alma com tantos anseios desejou contemplar os olhos divinos que descreveu na canção passada; e assim o Amado, satisfazendo êsses desejos, descobriu-lhe agora alguns raios de sua grandeza e divindade. Foram tão sublimes, e com tanta fôrça comunicados, que a fizeram sair de si por arroubamento e êxtase. E, como no princípio, costuma isso acontecer com grande prejuízo e temor da natureza, não podendo a alma sofrer tal excesso em corpo tão fraco, diz nesta canção: Aparta-os, meu Amado. Querendo significar: aparta de mim êstes teus olhos divinos, porque me fazem voar, e sair de mim mesma à suma contemplação, acima de minha capacidade natural. Assim disse, por lhe parecer que o espírito alçava o vôo do corpo, conforme seu desejo. Pede ao Amado que aparte os olhos, isto é, não lhe comunique seus divinos favores estando a alma prêsa ao corpo, pois não seria capaz de os gozar à vontade; mas que os conceda naquele vôo fora da carne. Em vez de satisfazer o desejo da amada, o Espôso apressou-se em impedi-lo, e em cortar-lhe o vôo, dizendo: Volve-te, columba, porque a comunicação recebida de mim agora não é ainda gloriosa como pretendes. Volve-te a mim, pois sou eu o Espôso a quem buscas, chagada de amor. Também eu, qual cervo ferido de teu amor, começo a mostrar-me a ti em tua alta contemplação, tomando alívio e refrigério no amor dessa tua contemplação. Diz, portanto, a alma ao Espôso:

Aparta-os, meu Amado.

3. Conforme já dissemos, a alma inflamada em grandes desejos de contemplar a Divindade do Espôso, simbolizada nesses olhos divinos, recebeu d'Êle interiormente tão sublime comunicação e notícia que chegou a exclamar: Aparta-os, meu Amado. O' miséria imensa de nossa natureza aqui na terra! Aquilo que a alma deseja com mais veemência, sendo para ela vida mais abundante, — a comunicação e conhecimento de seu amado, — quando lhe é concedido, não o pode receber sem que lhe custe quase a vida. De sorte que êsses mesmos olhos, procurados com tão grande solicitude e ânsia, usando de tantas diligências para os alcançar, quando os recebe vê-se obrigada a dizer: Aparta-os, meu Amado.

4. Por vêzes é tão grande o tormento sentido pela alma em semelhantes visitas de arroubamentos que não há outro que cause tão forte desconjuntamento dos ossos, e ponha em tanto apêrto a natureza. E o faz de tal maneira que, se Deus não providenciasse, acabar-se-lhe-ia a vida. Na verdade, assim o experimenta quem passa por isto; pois sente como se a alma fôsse desprendida da carne, e desamparasse o corpo. A razão é não ser possível receber semelhantes mercês, estando a alma prêsa ainda ao corpo. O espírito humano é elevado a comunicar-se com o Espírito Divino que a êle vem; logo, forçosamente há de desamparar, de certo modo, a carne. Donde padece o corpo e, conseqüentemente, também a alma no mesmo corpo, pela unidade que têm ambos numa só pessoa. O grande tormento, pois, que sente a alma na ocasião de visitas desta espécie, e o extremo pavor que causa essa comunicação por via sobrenatural, levam-na a dizer: Aparta-os, meu Amado,

5. Pelo fato de pedir a alma que os aparte, não se há de entender que ela deseje o afastamento dos olhos divinos. Êsse pedido provém apenas do temor natural, como já explicamos. Assim, embora lhe custasse muito mais, não quereria perder essas visitas e mercês do Amado, pois, ainda que o natural padeça, o espírito voa ao recolhimento sobrenatural e aí goza do espírito do Amado, conforme deseja e pede a mesma alma. Não quisera, porém, receber tais graças estando no corpo onde não pode recebê-las com plenitude, mas só aos pouquinhos e com sofrimento. Com o vôo do espírito fora da carne é que deseja receber as comunicações divinas, podendo então delas gozar livremente. Por isto disse: «Apar-

ta-os, meu Amado», isto é, não me mostres êsses olhos, estando minha alma prêsa ainda ao corpo.

Que eu alço o vôo.

6. Como se dissera: eu alço o vôo, saindo da carne, para que nos comuniques fora dela, pois são êles que me fazem voar fora da carne. Para melhor entender qual seja êsse vôo, é preciso notar como na visita do Espírito divino, o espírito humano é arrebatado como grande fôrça a comunicar-se com êsse Espírito de Deus. Aniquila as fôrças do corpo, deixando a alma de sentir e de ter nêle suas ações, porque as tem agora em Deus. Foi assim que São Paulo pôde dizer, a respeito daquele seu arroubamento, que não sabia se o tivera, estando no corpo ou fora do corpo (2 Cor 12, 2). Não quer isto significar que a alma destrói e desampara o corpo quanto à vida natural, mas sòmente deixa de ter nêle seu agir. Por isso o corpo perde os sentidos nestes raptos e vôos do espírito, e mesmo se lhe causassem grandíssimas dores, não as sentiria. Não é como em outros paroxismos e desmaios naturais, que cessam com a fôrça de uma dor. Experimentam tais sentimentos, nas visitas de Deus, as almas que andam em via de progresso, mais não atingiram ainda o estado de perfeição; porque em chegando a êste, as comunicações divinas se fazem na paz e suavidade do amor, cessando os arroubamentos que eram concedidos para dispor a alma à perfeita união.

7. Seria aqui lugar conveniente para tratar das diferentes espécies de êxtases, arroubamentos e subtis vôos de espírito, que às almas sóem acontecer. Como, porém, meu intento não é outro senão explicar brevemente estas canções, conforme prometi no prólogo, ficarão tais assuntos para quem melhor do que eu saiba tratá-los. Além disso, a bem-aventurada Teresa de Jesus, nossa Madre, deixou admiráveis escritos sôbre estas coisas de espírito, e, espero em Deus, muito brevemente sairão impressos. Quando, pois, a alma fala aqui do vôo, devemos entender que se refere ao arroubamento ou êxtase do espírito a Deus. E logo o Amado lhe diz:

Volve-te, columba.

8. De muito boa vontade se ia a alma fora do corpo naquele vôo espiritual; julgava que a sua vida havia já chegado ao fim, e poderia então gozar com seu Espôso para sempre, contemplando-o face a face. Eis, porém, o próprio Espôso a deter-lhe o passo, dizendo: Volve-te, columba.

Como se dissera: O' columba, no vôo alto e ligeiro que tomas em contemplação, no amor em que te abrasas, e na simplicidade com que te elevas (estas são as três qualidades da pomba), volve-te, desce dêste vôo sublime no qual pretendes chegar a possuir-me deveras. Não é ainda chegado o tempo de tão alto conhecimento. Contenta-te agora com êste mais baixo que te comunico neste teu arroubo de amor, e é:

Que o cervo vulnerado.

9. Compara-se o Espôso ao cervo, dando êste nome a si mesmo. Sabemos que é próprio do cervo subir aos montes mais altos e, quando está ferido, vai com grande pressa buscar alívio nas águas frias; e, se ouve a companheira gemer e percebe que está ferida, logo se junta a ela, afagando-a com suas carícias. Assim faz aqui o Espôso: vendo a Espôsa ferida do seu divino amor, acorre ao gemido dela, ferido êle também de amor por sua amada. Entre os que se amam, a ferida de um é de ambos, e o mesmo sentimento têm os dois. E' como se o Espôso dissesse: Volve-te, Espôsa minha, volve-te a mim, porque se estás chagada pelo meu amor, também eu, como cervo, venho a ti, chagado por tua chaga, e, igualmente como cervo, assomo nas alturas. Por isto prossegue:

No alto do outeiro assoma.

10. Quer dizer, pela altura da contemplação que tens neste vôo. Na verdade é a contemplação um lugar elevado, onde Deus começa a comunicar-se à alma nesta vida, revelando-se a ela; mas não acaba de se revelar totalmente. Eis por que o Espôso não diz que se mostra de modo definitivo, e sim que assoma; pois os mais sublimes conhecimentos de Deus, concedidos à alma aqui na terra, são apenas longínquos assomos. Daí vem a terceira propriedade do cervo, conforme vimos explicando, a qual se exprime no verso seguinte:

Ao sôpro de teu vôo, e fresco toma.

11. Pelo vôo se entende a contemplação que a alma goza no êxtase já referido, e pelo sôpro é simbolizado o espírito de amor causado na alma pelo mesmo vôo de contemplação. Com muito acêrto é dado aqui o nome de sôpro ao amor causado pelo vôo, pois o Espírito Santo, que é amor, também se compara ao sôpro na Sagrada Escritura, por ser a expiração do Pai e do Filho. E assim como em Deus, é o amor êsse sôpro de vôo que procede da contemplação e sabedoria do Pai e do Filho, por via de expiração, assim de modo análogo o Espôso dá o nome de sôpro ao amor que

abrasa a Espôsa, pois procede da contemplação e conhecimento que recebe então de Deus. Notemos como não diz o Espôso, nesta passagem, que vem atraído pelo vôo, mas pelo sôpro do vôo. Deus, com efeito, não se comunica à alma pròpriamente pelo vôo que simboliza, conforme dissemos, o conhecimento de Deus; mas sim pelo amor dêsse conhecimento. O amor é a união do Pai e do Filho: e assim é a união da alma com Deus. Tenha muito embora a alma altíssimas notícias divinas, e a mais elevada contemplação, e a ciência de todos os mistérios, se lhe faltar amor, de nada lhe servirá para unir-se a Deus, como afirma São Paulo (1 Cor 13, 2). O mesmo Apóstolo também diz: «Tende caridade, que é o vínculo da perfeição» (Col 3, 14). Esta caridade e amor da alma provoca o Espôso a vir correndo para beber nesta fonte de amor de sua Espôsa, bem como as águas frescas atraem o cervo sedento e chagado a buscar nelas alívio. Por isto, continua: E fresco toma.

12. A brisa refresca e dá alívio a quem está fatigado pelo calor; de modo semelhante, êste sôpro de amor refrigera e consola a alma abrasada em fogo de amor. Êste fogo amoroso tem a peculiaridade de inflamar-se mais ainda com o próprio sôpro que refresca e ameniza; porque no amante é o amor uma chama que arde com o desejo de crescer sempre mais, como acontece à chama de fogo natural. A realização, pois, dêsse apetite de abrasamento cada vez maior no fervor do amor de sua Espôsa, — que é o sôpro do vôo da alma — o Espôso traduz pelas palavras: «tomar fresco». Como se dissesse: Com o ardor de teu vôo, mais se abrasa, porque um amor inflama outro amor. Daqui podemos inferir que Deus só põe sua graça e dileção numa alma, na medida da vontade e amor da mesma alma. Isto há de procurar o bom enamorado que jamais lhe falte, pois é o meio de mover mais a Deus, se assim podemos falar, para que lhe tenha maior amor e se regale mais em sua alma. A fim de seguir neste caminho da caridade, é preciso exercitar-se nas características dela, descritas pelo Apóstolo nestes têrmos: «A caridade é paciente, é benigna, não é invejosa, não age mal, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca suas coisas, não se altera, não julga mal, não se alegra com a maldade, e se goza na verdade; sofre tudo quanto tem a sofrer; crê tôdas as coisas que se devem crer, espera tudo, e suporta tudo quanto convém à caridade» (1 Cor 13, 4-7).

Anotação e argumento das duas canções seguintes.*

1. Andava esta pombinha da alma a voar pelos ares do amor, sôbre as águas do dilúvio de suas amorosas fadigas e ânsias, manifestadas até agora; e não achava onde pousar o pé. Afinal, neste último vôo de que falamos, estendeu o piedoso pai Noé a mão de sua misericórdia, recolhendo-a na arca de Sua caridade e amor. Isto aconteceu no momento em que, na canção anterior, já explicada, o Espôso disse: Volve-te, columba. * Nesse recolhimento, achando a alma tudo quanto desejava, e muito mais do que se pode exprimir, começa a entoar louvores a seu Amado; refere as grandezas que sente e goza n'Êle, em tal união, pelos têrmos das duas seguintes canções: **

Canções XIV e XV

No Amado acho as montanhas,
Os vales solitários, nemorosos,
As ilhas mais estranhas,
Os rios rumorosos,
E o sussurro dos ares amorosos.

A noite sossegada,
Quase aos levantes do raiar da aurora,
A música calada,
A solidão sonora,
A ceia que recreia e que enamora.

Anotação.

2. Antes de entrarmos na explicação destas canções, é necessário observar — para maior inteligência delas e das que vêm depois, — que, neste vôo espiritual já descrito, se revela um alto estado e união de amor, ao qual Deus costuma elevar a alma, após muito exercício espiritual, e que chamam desposório espiritual com o Verbo Filho de Deus. No princípio, quando isto se realiza pela primeira vez, o Senhor comunica à alma grandes coisas de Si, aformoseando-a com

grandeza e majestade; orna-a de dons e virtudes; reveste-a do conhecimento e honra de Deus, bem como a uma noiva no dia de seu desposório. Neste ditoso dia cessam de uma vez à alma as veementes ânsias e querelas de amor que tinha até aqui; doravante, adornada dos bens já mencionados, começa a viver num estado de paz, deleite e suavidade de amor, tal como é expresso nas presentes canções. Nelas, não faz outra coisa senão contar e cantar as magnificências de seu Amado, conhecidas e gozadas nessa união do desposório. Assim, nas demais canções já não fala de penas e ânsias, como fazia anteriormente, mas só trata da comunicação e exercício de amor suave e pacífico, com seu Amado, porque neste novo estado tudo aquilo fenece. Convém notar como, nestas duas canções está descrito o máximo de graças que Deus sói comunicar à alma por êste tempo. Não se há de entender, porém, que o faça na mesma medida e igualmente a tôdas as almas aqui chegadas, nem de modo idêntico ao conhecimento e sentimento que lhes concede. A algumas dá mais, a outras menos; a umas de um modo, e a outras de outro, embora tôdas as diversidades e medidas possam existir neste estado de desposório espiritual. Aqui se põe, todavia, o máximo possível, porque, assim, nêle fica tudo compreendido. Segue-se a explicação.

EXPLICAÇÃO DAS DUAS CANÇÕES

3. Notemos que na arca de Noé havia muitas mansões para numerosas espécies de animais, e todos os manjares necessários à sua alimentação, conforme diz a Sagrada Escritura (Gn 6, 19-21). Assim também neste vôo que faz até a divina Arca do Peito de Deus, a alma vê claramente as muitas moradas que Sua Majestade afirmou existirem na casa de seu Pai, como lemos no Evangelho de São João (Jo 14, 2). E, mais ainda, percebe e conhece ali todos os manjares, isto é, tôdas as grandezas que a mesma alma pode gozar, as quais estão contidas nessas duas sobreditas canções, e significadas naqueles vocábulos comuns. Em substância, são elas as seguintes.

4. A alma vê e goza, nesta divina união, uma grande fartura de riquezas inestimáveis, achando aí todo o descanso e recreação que deseja. Entende estranhos segredos e peregrinas notícias de Deus, — o que é outro manjar dos mais saborosos. Sente haver n'Êle tão terrível poder e fôrça, que vence tôda outra fôrça e poder. Goza também, ali, admirável suavidade e deleite de espírito, com verdadeira quietude e luz divina, e ao mesmo tempo lhe é dada a experiência sublime da Sabedoria de Deus que brilha na harmonia das criaturas e das ações do Criador. Sente-se cheia de bens; vazia e alheia de males; sobretudo, entende e saboreia inestimável refeição de amor que a confirma no amor. Esta é, pois, a substância do que se contém nas duas canções referidas.

5. Nelas diz a Espôsa que é o Amado tôdas estas coisas criadas, em Si mesmo e para ela mesma; porque, ordinàriamente, a comunicação que Deus costuma fazer à alma, em semelhantes excessos, leva-a a experimentar a verdade das palavras de São Francisco: «Meu Deus e meu Tudo». Donde, por ser Êle o Tudo da alma, e encerrar em Si o bem que há em tôdas as coisas, é expressa aqui esta comunicação dêsse arroubamento, pela semelhança da bondade e das coisas criadas, as quais são referidas nas presentes canções, conforme iremos declarando em cada verso. Havemos de entender que tudo quanto agora se declara, está eminentemente contido em Deus, de modo infinito, ou, por melhor dizer, cada uma destas grandezas que se atribuem a Deus, e tôdas elas em conjunto, são o próprio Deus. E como a alma, neste estado, se une com Êle, tem o sentimento de que tôdas as coisas são Deus. Assim o experimentou São João quando disse: «O que foi feito nêle era vida» (Jo 1, 4). Não se há de pensar, portanto, que a alma, ao traduzir seu sentimento, vê as coisas à luz de Deus, ou conhece as criaturas n'Êle: mas que, naquela posse divina, sente que Deus para ela é tôdas as coisas. Muito menos se deve imaginar que a alma, por sentir tão altamente de Deus nas mercês referidas, vê a Êle claramente em Sua divina essência. Trata-se tão sòmente de uma forte e abundante comunicação, com certo vislumbre do que Deus é em Si mesmo, e em que a alma experimenta esta bondade das coisas, a declarar-se nos seguintes versos, a saber:

No Amado acho as montanhas.

6. As montanhas têm altura, são fartas, largas e formosas, cheias de encantos, com flôres perfumadas. O Amado é, pois, para mim, essas montanhas.

Os vales solitários, nemorosos.

7. Os vales solitários são quietos, amenos, frescos; dão sombra, e estão cheios de doces águas; com a variedade de seus arvoredos, e o suave canto das aves proporcionam alegria e deleite ao sentido; com a sua solidão e silêncio, oferecem refrigério e descanso. Êstes vales, eis o que é meu Amado para mim.

As ilhas mais estranhas.

8. As ilhas estranhas estão cercadas pelo mar e além dos mares, muito apartadas e remotas da comunicação humana; assim, nelas nascem e crescem coisas muito diversas das que há por aqui, com outras maneiras estranhas, e virtudes nunca vistas pelos homens, causando grande novidade e admiração a quem as vê. Por esta razão, em vista das imensas e admiráveis novidades e peregrinas notícias que a alma encontra em Deus, muito afastadas do conhecimento ordinário, denomina-as de «ilhas mais estranhas». Chama-se «estranho» a alguém, por um dêstes dois motivos: ou porque está retirado à parte, longe dos outros homens, ou por ser excelente e singular entre êles, com seus feitos e obras. Por ambos os motivos a alma dá a Deus aqui o nome de estranho; porque, não sòmente encerra tôda a estranheza de ilhas nunca vistas, como também são suas vias, obras e conselhos, muito estranhos, novos e admiráveis para os homens. Não é maravilha que Deus seja estranho aos homens que nunca o viram, pois também o é para os Anjos e Santos que O contemplam. Na verdade, jamais acabam ou acabarão de vê-l'O; até o último dia, o do Juízo, vão descobrindo n'Êle tantas novidades a respeito dos seus profundos juízos, e das obras de misericórdia e justiça, que sempre lhes causa nova admiração e cada vez mais se maravilham. Donde, não sòmente os homens, mas também os Anjos, podem chamar a Deus «ilhas estranhas»; só para Si mesmo não é Êle estranho, nem tampouco para Si é novo.

Os rios rumorosos.

9. Os rios têm três propriedades. Primeiramente, tudo quanto encontram em sua passagem arrebatam e submergem. Em segundo lugar enchem todos os baixios e vazios que se apresentam diante dêles. Em terceiro, fazem tal rumor, que todo outro barulho impedem e dominam. Nesta comunicação de Deus, que vamos descrevendo, sente a alma n'Êle essas três propriedades, de modo saborosíssimo, e por isto diz que Seu Amado é, para ela, rios rumorosos. Quanto à primeira propriedade, experimentada pela alma, convém saber que de tal maneira se vê investida pela torrente do espírito de Deus, nessa união, e com tanta fôrça O sente apoderar-se dela, que lhe parece transbordarem sôbre ela todos os rios do mundo. E' como se todos êles a arrebatassem, e se submergissem ali tôdas as ações e paixões que antes tinha em si mesma. E, por ser esta comunicação divina tão forte, nem por isto se há de julgar que causa tormento; porque êstes são os rios de paz, conforme significa o Senhor por Isaías, falando dessa investida d'Êle à alma: «Eis que eu farei correr sôbre ela como que um rio de paz e como uma torrente que inunda de glória» (Is 66, 12). Quer dizer que Êle investirá a alma como rio de paz, e como torrente que vai redundando glória. Esta investida divina, feita pelo Senhor à alma, como rios rumorosos, a enche de paz e glória. A segunda propriedade, sentida pela alma, é encher esta água divina os baixios de sua humildade e cumular os vazios de seus apetites, segundo a palavra de São Lucas: «Elevou os humildes. Aos famintos encheu de bens» (Lc 1, 52). A terceira propriedade que a alma experimenta, nestes rumorosos rios de seu Amado, é um ruído e voz espiritual acima de todos os sons e ressonâncias, porque esta voz abafa tôda outra voz, e seu som excede todos os outros sons do mundo. Na explicação de como seja isto, havemos de nos deter algum tanto.

10. Esta voz, ou ressonante ruído, dêstes rios, a que se refere aqui a alma, é uma plenitude tão abundante que a cumula de bens; um poder tão vigoroso a possui, que não sòmente lhe soa como rumor de rios, mas se assemelha a fortíssimos trovões. E', porém, voz espiritual, não encerra ruídos materiais, com o que êles têm de desagradável ou molesto. Ao contrário, traz consigo grandeza, fôrça, poder, deleite e glória. E, assim, repercute como voz e som imenso no interior da alma, revestindo-a de poder e fortaleza. Esta voz e som espiritual ressoou no espírito dos Apóstolos, quando o Espírito Santo como impetuosa torrente desceu sôbre êles, conforme lemos nos *Atos dos Apóstolos* (At 2, 2). Para que se entendesse a voz espiritual que nêles operava interiormente, ressoou aquêle estrondo exterior, como de vento impetuoso, de modo a ser ouvido por todos quantos estavam em Jerusalém; e assim êste som percebido de fora era, como dissemos, sinal do que recebiam os Apóstolos dentro

da alma, enchendo-os de poder e fortaleza. Refere também o Apóstolo São João que, ao rogar o Senhor Jesus ao Pai, em meio à aflição e angústia causada pelos seus inimigos, ouviu-se uma voz saindo do interior do Céu, confortando-O em sua Humanidade; e os judeus ali presentes ouviram um estrondo tão forte e veemente que diziam uns aos outros: é um trovão. E alguns mais achavam que havia falado a Jesus um anjo do Céu (Jo 12, 28). Aquela voz que se ouvia fora significava e revelava a fôrça e o poder de que era investida interiormente a Santa Humanidade de Cristo. Daí não devemos concluir, entretanto, que a alma não perceba em seu íntimo a ressonância da voz espiritual. E' preciso advertir o seguinte: esta voz espiritual indica o efeito produzido por ela na alma, assim como uma voz corporal deixa seu som no ouvido, ao mesmo tempo que é entendida pelo espírito quanto à sua significação. Isto quis significar David ao dizer: «Eis que dará à sua voz, voz de virtude» (Sl 67, 34). Essa virtude é a voz interior; porque, dizendo David que dará à sua voz, voz de virtude, é como se dissesse: à voz exterior que se ouve fora, dará êle voz poderosa que se perceba dentro. Convém, portanto, saber que Deus é voz infinita, e em sua comunicação à alma do modo que ficou dito, produz efeito de imensa voz.

11. São João refere, no *Apocalipse*, ter ouvido essa voz, dizendo: «E ouvi uma voz do Céu, como o rumor de muitas águas e como o estrondo de um grande trovão» (Apoc 14, 2). E para que ninguém suponha ser tal voz penosa e áspera, pelo fato de ser tão forte, acrescenta logo o Apóstolo que era tão suave como «a voz de tocadores de cítara que tocavam suas cítaras» (Id.). Diz Ezequiel, por sua parte, que êste soído, semelhante ao de muitas águas, era como a voz de Deus altíssimo (Ez 1, 24), isto é, de modo sumamente elevado e suave comunicava-se a êle. Esta voz é infinita, porque, já o explicamos, é o mesmo Deus que se comunica, fazendo-se ouvir à alma; adapta-se, todavia, a cada uma, dando sua fôrça conforme a capacidade dela, causando-lhe grande deleite e grandeza. Por isto exclamou a Espôsa nos *Cantares*: «Ressoe a tua voz aos meus ouvidos, porque a tua voz é doce» (Cânt 2, 14). Segue-se o verso:

O sussurro dos ares amorosos.

12. Duas coisas diz a alma neste verso: «ares» e «sussurro». Pelos ares amorosos se entendem aqui as virtudes

e graças do Amado, as quais, mediante a dita união do Espôso, investem a alma, e a ela se comunicam com imenso amor, tocando-lhe a própria substância. O sibilar dêstes ares significa uma elevadíssima e saborosíssima inteligência de Deus e de suas virtudes, a qual deriva ao entendimento, proveniente do toque feito na substância da alma por essas virtudes de Deus; é êste o mais subido gôzo que há em tôdas as mercês recebidas pela alma neste estado.

13. Para melhor compreendê-lo, convém fazer aqui uma observação: assim como na brisa se sentem duas coisas, o toque e o som ou murmúrio, assim também, nesta comunicação do Espôso, a alma percebe outras duas coisas que são o sentimento de deleite e a compreensão dêle. O perpassar da brisa é experimentado pelo sentido do tato, enquanto o sussurro do vento é escutado pelo ouvido; de modo análogo, o toque das virtudes do Amado é percebido e saboreado pelo tato da alma, que significa aqui a substância dela; e a compreensão das mesmas virtudes de Deus é produzida no ouvido da alma, ou seja, no entendimento. Além disso, notemos que a alma sente êsse ar amoroso, quando êle a toca deleitosamente, satisfazendo o apetite com que ela desejava tal refrigério; pois o sentido do tato recebe satisfação e gôsto com êsse toque. Ao mesmo tempo, com êste regalo do tato, sente o ouvido grande consôlo e prazer no sôpro da brisa, e de modo muito superior ao que sente o tato com a viração do ar; porque o ouvido é mais espiritual, em sua percepção do som, ou, dizendo melhor, aproxima-se mais, em comparação do tato, do que é espiritual, e assim o deleite produzido nêle é mais elevado do que aquêle causado no tato.

14. Do mesmo modo acontece à alma aqui. Êste toque divino lhe causa profunda satisfação, regalando-a em sua íntima substância; farta suavemente o apetite da alma que aspirava chegar a tal união. Por êste motivo, ela da o nome de ares amorosos a êsses toques de união divina. De fato, como já dissemos, as virtudes do Amado lhe vão sendo comunicadas amorosa e docemente, neste toque. Daí se deriva no entendimento o sussurro da inteligência. A alma o denomina sussurro porque, à maneira do sussurro natural da brisa, que entra agudamente no pequeno orifício do ouvido, assim também esta subtilíssima e delicada compreensão de Deus penetra, com admirável deleite e sabor, na íntima substância da alma, e êsse deleite é incomparàvelmente maior do

que os outros. A razão disso é ser então concedida à alma uma comunicação de substância apreendida despojada de acidentes e imagens; é produzida no entendimento passivo ou possível, como chamam os filósofos, porque passivamente, sem que o mesmo entendimento coopere, lhe é comunicada. Está nisto o principal deleite da alma, porquanto o entendimento é sede da fruição, a qual, segundo os teólogos, é a própria visão de Deus. Interpretando êste sussurro como a compreensão substancial da Divindade, pensam alguns teólogos que viu Nosso Pai Santo Elias a Deus naquele sussurro delicado da brisa, percebido pelo Profeta à entrada da cova (3 Rs 19, 12). A Sagrada Escritura chama-lhe «sôpro de uma branda viração» porque, da subtil e delicada comunicação recebida no espírito, procedia a compreensão no entendimento. Aqui a alma o denomina sussurro dos ares amorosos, pelo fato de a amorosa comunicação das virtudes do Amado redundar no entendimento; e por esta razão o chama sussurro dos ares amorosos.

15. Êste divino sussurro que penetra no ouvido da alma não é sòmente a substância percebida, como dissemos, mas ainda manifestação de verdades da Divindade, e revelação de seus ocultos segredos. Com efeito, quando, ordinàriamente, a Sagrada Escritura relata alguma comunicação divina, dizendo que foi dada por meio do ouvido, trata-se de manifestação destas verdades puras ao entendimento, ou revelação de segredos de Deus. São revelações ou visões puramente espirituais, dadas exclusivamente à alma, sem cooperação ou ajuda dos sentidos; e, assim, tais comunicações feitas dêste modo, por meio do ouvido, são muito elevadas e verdadeiras. Por isto, São Paulo, querendo demonstrar a sublimidade da revelação por êle recebida, não disse que viu, ou gozou, mas sim, «ouviu palavras secretas que não é lícito ao homem dizer» (2 Cor 12, 4). Daí vem a crença de que o Apóstolo viu a Deus, do mesmo modo que Nosso Pai Santo Elias no sussurro. Assim como o mesmo São Paulo afirma que a fé entra pelo ouvido corporal, assim também aquilo que nos é dito pela fé, a saber, a substância da verdade compreendida, entra pelo ouvido espiritual. Foi o que quis significar o profeta Job, quando, ao receber uma revelação de Deus, falou a Êle nestes têrmos: «Eu te ouvi com o ouvir de meu ouvido, mas agora te vê meu ôlho» (Job 42, 5). Palavras estas que nos mostram claramente como

ouvir a Deus com o ouvido da alma é o mesmo que O ver com o ôlho do entendimento passivo de que falamos. Eis por que não disse Job: eu te ouvi com o ouvir de meus ouvidos, mas de meu ouvido; nem disse: eu te vi com meus olhos, mas com meu ôlho, que é o entendimento; logo, êste ouvir da alma é ver com o entendimento.

16. Não se há de pensar, no entanto, que êste conhecimento substancial, despojado de acidentes, recebido pela alma conforme o descrevemos, seja perfeita e clara fruição de Deus, como no Céu. Despojada muito embora de acidentes, não é visão clara senão obscura, por ser contemplação, a qual, aqui na terra, como diz São Dionísio, é raio de treva. Podemos dizer, sim, que é um raio, ou uma imagem, da fruição divina, porquanto é concedida ao entendimento, onde reside a mesma fruição. Esta substância compreendida, a que a alma aqui denomina sussurro, é o mesmo que aquêles olhos desejados, os quais se descobriram à alma, na revelação de seu Amado; e não os podendo sofrer o sentido, a mesma alma exclamou: aparta-os, meu Amado.

17. Vem aqui muito a propósito, a meu parecer, uma autoridade de Job, que confirma grande parte do que expliquei sôbre êste arroubamento e desposório. Quero, portanto, referi-la aqui, embora seja preciso deter-me algo mais; e irei declarando os trechos dela que se relacionam com o nosso propósito. Primeiro citarei tôda a passagem em latim e logo depois em língua vulgar [1], para então desenvolver brevemente o que convém ao assunto. Em seguida prosseguirei na explicação dos versos da outra canção. Diz, com efeito, Elifaz Temanites, no livro de Job: «Mas a mim se me disse uma palavra em segrêdo e os meus ouvidos, como às furtadelas, perceberam as veias do seu sussurro. No horror duma visão noturna, quando o sono costuma apoderar-se dos homens, assaltou-me o mêdo e o tremor, e todos os meus ossos estremeceram. E ao passar diante de mim um espírito, encolheram-se as peles de minha carne. Pôs-se diante de mim alguém cujo rosto eu não conhecia, um vulto diante dos meus olhos, e ouvi uma voz como de branda viração» (Job 4, 12-16). Esta passagem contém quase tudo o que vimos dizendo até chegar a êsse arroubamento, desde o verso da Canção XII: «Aparta-os, meu Amado». Nas palavras em que Elifaz

[1] Veja-se a nota no princípio desta tradução, sôbre a omissão do latim.

Temanites refere como lhe foi dita uma palavra escondida, se compreende aquêle segrêdo comunicado à alma, de tão excessiva grandeza que ela não o pôde sofrer, e exclamou: Aparta-os, meu Amado.

18. Em dizer que recebeu seu ouvido as veias do sussurro, como às furtadelas, significa a substância despojada de acidentes que recebe o entendimento, conforme explicamos. A palavra «veias» denota aqui a substância íntima; e o «sussurro», a comunicação e toque de virtudes donde se deriva ao entendimento a mencionada substância. Bem o denomina a alma «sussurro», para indicar a suavidade intensa de tal comunicação, do mesmo modo que a chamou também «ares amorosos», por lhe ter sido dada amorosamente. Diz ainda que a recebeu «como às furtadelas», porque, assim como aquilo que se furta é alheio, assim também aquêle segrêdo, naturalmente falando, não pertencia ao homem, uma vez que recebeu o que não lhe era natural. Por esta razão, não lhe era lícito recebê-lo, como a São Paulo não era igualmente lícito revelar o seu segrêdo. Donde um outro profeta afirma duas vêzes: «Meu segrêdo para mim» (Is 24, 16). E ao dizer Job: «no horror da visão noturna, quando o sono costuma apoderar-se dos homens, assaltou-me o mêdo e o pavor», dá a entender o temor e tremor sentido naturalmente pela alma naquela comunicação de arroubamento que, como já explicamos, não pode sofrer a natureza humana, sendo tão excessiva a comunicação do espírito de Deus. Nas palavras do Profeta podemos compreender o seguinte. Assim como de ordinário, no tempo em que os homens adormecem, lhes sucede oprimir e atemorizar uma visão que se chama pesadelo, a qual lhes vem entre o sono e a vigília, isto é, no momento em que começa a chegar o sono, assim também, por ocasião desta passagem espiritual, entre o sono da ignorância natural e a vigília do conhecimento sobrenatural, — que é o princípio do arroubamento ou êxtase, — sentem as almas temor e tremor com essa visão espiritual que lhes é então comunicada.

19. Acrescenta mais ainda: «todos os meus ossos estremeceram», ou se assombraram. E' como se dissesse: comoveram-se, ou se desconjuntaram, saindo todos de seus lugares. Isto significa o grande desconjuntamento dos ossos sofrido então, neste tempo, conforme dissemos. E' o que exprime muito bem Daniel, quando exclamou, ao ver o anjo:

«Senhor, com a tua vista, relaxaram-se as minhas juntas» (Dan 10, 16). Continua a dizer a aludida passagem do livro de Job: «Como o espírito passasse em minha presença», — isto é, quando era transportado meu espírito além dos limites e vias naturais, no arroubamento já mencionado, — «encolheram-se as peles de minha carne»; aqui é dado a entender o que dissemos do corpo que, nesse arroubamento, fica gelado, e hirto, à semelhança de um cadáver.

20. Logo prossegue: «Pôs-se diante de mim alguém cujo rosto me era desconhecido, e diante de meus olhos, um vulto». Em dizer «alguém», refere-se a Deus que se comunicava à alma da maneira já explicada. Dizendo que não conhecia seu rosto, significa como, em tal visão e comunicação divina, embora altíssima, não se conhece nem vê a face e essência de Deus. Diz, contudo, que percebia um vulto diante dos olhos: aquela inteligência de uma palavra escondida era tão elevada que lhe parecia ser a imagem e rastro de Deus; não era, contudo, a visão essencial de Deus.

21. Conclui, enfim, com estas palavras: «ouvi uma voz como de branda viração». Aqui entende aquêle «sussurro dos ares amorosos», que, no dizer da alma, é para ela o seu Amado. Não havemos de pensar que estas visitas de Deus são sempre acompanhadas de temores e desfalecimentos naturais. Só acontece assim aos que começam a entrar no estado de iluminação e perfeição, quando recebem esta espécie de comunicação divina; porque, a outras almas, isto sucede, antes, pelo contrário, com grande suavidade. Prossegue-se a explicação.

A noite sossegada.

22. Durante êste sono espiritual que a alma dorme no peito de seu Amado, possui e goza todo o sossêgo, descanso e quietude de uma noite tranqüila. Recebe, ao mesmo tempo, em Deus, uma abissal e obscura compreensão divina. Por isto diz que seu Amado é, para ela, a noite sossegada.

Quase aos levantes do raiar da aurora.

23. Esta noite tranqüila, como canta aqui a alma, não é semelhante à noite escura. E', antes, como a noite já próxima aos levantes da aurora, ou, por assim dizer, semelhante ao raiar da manhã. O sossêgo e quietude em Deus, de que goza a alma, não lhe é de todo obscuro, como uma noite cerrada; pelo contrário, é um repouso e tranqüilidade em luz divina, num novo conhecimento de Deus, em que o es-

pírito se acha suavìssimamente quieto, sendo elevado à luz divina. Muito adequadamente dá o nome de levantes da aurora, isto é, manhã, a essa mesma luz divina; porque assim como os levantes matutinos dissipam a escuridão da noite, e manifestam a luz do dia, assim êste espírito sossegado e quieto em Deus é levantado da treva do conhecimento natural, à luz matutina do conhecimento sobrenatural do próprio Deus. Não se trata, contudo, de conhecimento claro, senão obscuro, como dissemos, qual noite próxima aos levantes da aurora, em que, nem é totalmente noite, nem é totalmente dia, mas, conforme dizem, está entre duas luzes. Assim, esta solidão e sossêgo da alma em Deus, nem recebe ainda, com tôda a claridade, a luz divina, nem tampouco deixa de participar algum tanto dessa luz.

24. Nesta quietação, o entendimento é levantado com estranha novidade, acima de todo o conhecimento natural, à divina iluminação, como alguém que depois de um demorado sono, abrisse de repente, os olhos à luz não esperada. Tal conhecimento foi significado por David nestes têrmos: «Vigiei, e me fiz como pássaro solitário no telhado» (Sl 101, 8). Como se dissesse: abri os olhos do meu entendimento, e me achei, acima de tôdas as inteligências naturais, solitário, sem elas, no telhado, isto é, sôbre tôdas as coisas terrenas. Diz ter feito semelhante ao pássaro solitário, porque, nesta espécie de contemplação, o espírito adquire as propriedades dêsse pássaro, as quais são cinco. Primeira: ordinàriamente se põe êle no lugar mais alto; assim também, o espírito, neste estado, eleva-se à mais alta contemplação. Segunda: sempre conserva o bico voltado para o lado de onde sopra o vento; o espírito, de modo semelhante, volve o bico de seu afeto para onde lhe vem o espírito de amor, que é Deus. Terceira: permanece sempre sòzinho, e não tolera outros pássaros junto a si; se acontece algum vir pousar onde êle se acha, logo levanta vôo. Assim o espírito, nesta contemplação, está sempre em solidão de tôdas as coisas, despojado de tudo, sem consentir que haja em si outra coisa a não ser essa mesma solidão em Deus. Quarta: canta muito suavemente; o mesmo faz o espírito, para com Deus, por êste tempo, e os louvores que a Êle dá, são impregnados de suavíssimo amor, sobremaneira deliciosos para si mesmo, e preciosíssimos para Deus. Quinta: não tem côr determinada; assim também o espírito perfeito, não só deixa de ter, neste excesso, côr alguma de afeto sensível ou de amor próprio, mas até carece agora de qualquer consideração particular, seja das coisas do Céu ou da terra, nem poderá delas dizer coisa alguma, por nenhum modo ou maneira, porquanto é um abismo essa notícia de Deus, que lhe é dada.

A música calada.

25. Naquele sossêgo e silêncio da referida noite, bem como naquela notícia da luz divina, claramente vê a alma uma admirável conveniência e disposição da sabedoria de Deus, na diversidade de tôdas as criaturas e obras. Com efeito, tôdas e cada uma delas têm certa correspondência a Deus, pois cada uma, a seu modo, dá sua voz testemunhando o que nela é Deus. De sorte que parece à alma uma harmonia de música elevadíssima, sobrepujando todos os concertos e melodias do mundo. Chama a esta música «calada», porque é conhecimento sossegado e tranqüilo, sem ruído de vozes; e assim goza a alma, nêle, a um tempo, a suavidade da música e a quietude do silêncio. Por esta razão, diz que seu Amado é, para ela, esta música calada, pois n'Êle se conhece e goza esta harmonia de música espiritual. Não sòmente lhe é isto o Amado, mas também é

A solidão sonora.

26. Significa mais ou menos a mesma coisa que a música calada; porque esta música, embora seja silenciosa para os sentidos e potências naturais, é solidão muito sonora para as potências espirituais. Estas, na verdade, estando já solitárias e vazias de tôdas as formas e apreensões naturais, podem perceber no espírito, mui sonoramente, o som espiritual da excelência de Deus em Si e nas suas criaturas. Realiza-se então o que dissemos ter visto São João, em espírito, no *Apocalipse,* a saber: voz de muitos citaristas, que citarizavam em seus instrumentos. Isto sucedeu no espírito, e não em cítaras materiais, pois consistia em certo conhecimento dos louvores que cada um dos bem-aventurados, em sua glória particular, eleva a Deus contìnuamente, qual música harmoniosa. Com efeito, na medida em que cada qual possui de modo diverso os dons divinos, assim cada um canta seu louvor diferentemente, e todos unidos cantam numa só harmonia de amor, como num concêrto musical.

27. De modo semelhante, a alma percebe, mediante aquela sabedoria tranqüila, em tôdas as criaturas, não só superiores como inferiores, que, em proporção dos dons recebidos de

Deus, cada uma dá sua voz testemunhando ser Êle quem é; conhece também como cada qual, à sua maneira, glorifica a Deus, tendo-O em si segundo a própria capacidade. E assim tôdas estas vozes fazem uma melodia admirável cantando a grandeza, e sabedoria e ciência do Criador. Tudo isto quis dizer o Espírito Santo no livro da Sabedoria, por estas palavras: «O Espírito do Senhor encheu a redondeza da terra, e êste mundo que contém tudo quanto Êle fêz tem a ciência da voz» (Sab 1, 7). Esta é a solidão sonora que a alma conhece aqui, como explicamos, e que consiste no testemunho de Deus, dado por tôdas as coisas em si mesmas. E porquanto a alma não percebe esta música sonora sem a solidão e o alheamento de tôdas essas coisas exteriores, dá-lhe o nome de música calada e solidão sonora, que, para ela, é o próprio Amado. E mais:

A ceia que recreia e que enamora.

28. A ceia, aos amados, causa recreação, fartura e amor. Como êstes três efeitos são produzidos pelo Amado na alma, por esta comunicação tão suave, ela aqui O chama «ceia que recreia e que enamora». Notemos como a Sagrada Escritura dá o nome de ceia à visão divina. Com efeito, a ceia é o remate do trabalho do dia e o princípio do descanso noturno; assim também, esta notícia sossegada, a que nos referimos, faz a alma experimentar certo fim de males e posse de bens, em que se enamora de Deus mais intensamente do que antes. Eis por que o Amado é para ela a ceia que a recreia dando fim aos males, e a enamora dando-lhe a posse de todos os bens.

29. ** A fim de dar, porém, a entender melhor qual seja para a alma esta ceia que, como dissemos, é o próprio Amado, convém notar aqui o que o mesmo Amado Espôso declara no *Apocalipse*: «Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei, — e cearei com êle e êle comigo» (Apoc 3, 20). Nestas palavras mostra Êle como traz a ceia consigo, e esta ceia não é outra coisa senão o próprio sabor e deleite de que Êle mesmo goza; e unindo-se à alma, lhos comunica, fazendo com que ela participe de seu gôzo, e isto significa cear Êle com ela, e ela com Êle. Nestes têrmos é simbolizado o efeito da divina união da alma com Deus: os mesmos bens próprios a Deus se tornam comuns à alma Espôsa, sendo-lhes comunicados por Êle, de modo liberal e generoso. E', pois, o próprio Amado, para a alma, a ceia que recreia e enamora; sendo generoso, causa-lhe recreação, e sendo liberal a enamora.

30. Antes de entrar na explicação das outras canções, é preciso advertir agora o seguinte. Dissemos que, no estado de desposório, a alma goza de total tranqüilidade, comunicando-lhe Deus o máximo que é possível nesta vida; mas esta afirmação é sòmente quanto à parte superior da mesma alma, porque a parte inferior, isto é, a sensitiva, não acaba ainda de perder seus ressaibos, nem de submeter inteiramente suas fôrças, até chegar a alma ao matrimônio espiritual, conforme vamos explicar depois. Êsse máximo de graças recebido pela alma aqui é relativo do estado de desposório, pois no matrimônio espiritual há maiores vantagens. Nas visitas do Espôso, tão cheias de gôzo para a alma, como já descrevemos, todavia, estando ela ainda nos desposórios, padece ausências, perturbações e aflições, provenientes da parte inferior, ou do demônio; mas ao chegar ao matrimônio espiritual, tudo isto cessa. **

Anotação para a Canção seguinte.[1]

1. Eis a Espôsa de posse agora, em sua alma, das virtudes já em ponto de total perfeição, gozando de contínua paz nas visitas do Amado. Por vêzes, em tais visitas, é tão subido o gôzo que lhe causa o perfume suavíssimo dessas mesmas virtudes, por efeito do toque do Amado nelas, que é como se aspirasse a suavidade e beleza de açucenas e outras flôres abertas em suas mãos. Com efeito, em muitas ocasiões dessas visitas, percebe a alma em seu íntimo tôdas as virtudes que possui, dando-lhe o Espôso luz para vê-las; e ela, então, com admirável deleite e sabor de amor, junta-as tôdas, e as oferece ao Amado, com uma pinha de formosas flôres. Nesta oferta, que o Amado recebe então com tôda a verdade, a alma serve grandemente a Deus. Tudo isto se passa no íntimo, sentindo a mesma alma estar o Amado nela como em Seu próprio leito, pois se ofereceu a Êle juntamente com as virtudes. Êste é o maior serviço que pode fazer a Deus, e, assim, um dos maiores deleites que a alma costuma auferir neste trato íntimo com Êle, é êste mesmo dom que faz de si ao Amado.

2. * Conhecendo o demônio esta prosperidade da alma (pois, com a grande malícia que lhe é própria, tem inveja de todo o bem que nela vê), usa, a êste tempo, de tôda a sua habilidade, e põe em jôgo tôdas as suas astúcias para conseguir perturbar, nessa alma, seja embora em grau mínimo, tão grande bem. Efetivamente, mais estima o inimigo a privação de um só quilate daquela riqueza e glorioso deleite a ela dado, do que a queda de muitas outras almas em numerosos e gravíssimos pecados. Estas últimas, pouca coisa ou nada têm a perder; mas a que chegou à união divina, tendo recebido tantas graças valiosas, sofreria na verdade grandíssimo prejuízo, como seria a perda de uma pequena quantidade de ouro finíssimo em comparação a outra maior de metais inferiores. Aproveita-se aqui o demônio dos apetites sensitivos, embora a maior parte das vêzes consiga pouca coisa ou nada em relação

[1] A partir daqui, a ordem das Canções é diferente nas duas redações do *Cântico*.

às almas chegadas a êste estado, porque já os têm mortificados; e vendo êle que nada pode, representa-lhes à imaginação muitas fantasias. Ocasiões há em que levanta muitos movimentos na parte sensitiva, conforme se dirá depois, causando aí outras perturbações, espirituais ou sensíveis, das quais a alma não tem possibilidade de libertar-se até que o Senhor envie Seu anjo, (segundo diz o Salmo) em redor dos que o temem, e Êle próprio os liberte (Sl 33, 8), produzindo, então, paz e tranqüilidade tanto na parte sensitiva como na espiritual. A alma, pois, com o fim de exprimir tudo isto e solicitar essa graça, sentindo-se receosa, pela experiência que tem das astúcias do demônio para prejudicá-la neste tempo, fala agora aos anjos, — cujo ofício é favorecê-la em tal ocasião, pondo em fuga os demônios, — e assim diz a canção seguinte: **

Canção XVI

Caçai-nos as rapôsas,
Que já está tôda em flor a nossa vinha;
Enquanto destas rosas
Faremos uma pinha;
E ninguém apareça na colina!

EXPLICAÇÃO

3. Para conservar êste deleite íntimo de amor, — que é a flor de sua vinha, — a alma deseja que não lhe causem estôrvo os invejosos e maliciosos demônios, nem os furiosos apetites da sensualidade, e, muito menos, as vagueações da imaginação, ou outras quaisquer noções e presenças de criaturas. Por isto, invoca os anjos, pedindo-lhes que cacem tôdas estas coisas e as impeçam de chegar a ela, para não prejudicarem o exercício de amor interior em cujo sabor e deleite se comunicam e gozam, nessas virtudes e graças, a alma e o Filho de Deus.

E, portando, diz:

Caçai-nos as rapôsas
Que já está tôda em flor a nossa vinha.

4. A vinha significa o plantio de tôdas as virtudes que estão nesta santa alma, as quais lhe dão vinho de dulcíssimo sabor. Esta vinha da alma floresce tanto, quando está unida, segundo a vontade, com o Espôso, que o mesmo Es-

pôso acha seus deleites em tôdas essas virtudes juntas. Acontece algumas vêzes, por êste tempo, como dissemos, acudirem à memória e fantasia numerosas e variadas formas de imaginações, levantando-se igualmente na parte sensitiva grande diversidade de movimentos e apetites. Bebendo David dêste saboroso vinho espiritual de tantas maneiras e tão variados sentia êsses apetites e fantasias, que, sob a impressão do estôrvo e moléstia por êles causado, disse: «Minha alma teve sêde de ti; de quantas maneiras será por ti atormentada dêste ardor a minha carne» (Sl 62, 2).

5. A alma dá o nome de rapôsas a todo êste conjunto de apetites e movimentos sensitivos, porque muito se assemelham então a êsses animais. De fato, assim como as rapôsas [1] se fingem adormecidas para apanhar a prêsa quando vão à caça, assim também todos êsses apetites e fôrças sensitivas permanecem sossegados e adormecidos até o momento em que as flôres de virtudes se despertam e abrem, em seu exercício na alma. Então, simultâneamente, despertam e se levantam na sensualidade as flôres de seus próprios apetites e fôrças, procurando contradizer ao espírito e sôbre êle reinar. Tal é a cobiça da carne contra o espírito, como diz São Paulo: (Gál 5, 17) tão grande é a sua inclinação para o que é sensível, que em gozando o espírito, logo se desgosta e aborrece tôda a carne; nesta luta, causam êstes apetites grande desassossêgo à suavidade do espírito. Eis o motivo de dizer a alma: Caçai-nos as rapôsas.

6. Os maliciosos demônios, de sua parte, molestam aqui de dois modos a alma. Primeiramente, incitam e despertam os apetites sensíveis com muita veemência, e ao mesmo tempo, outras imaginações e fantasias, para com isto fazerem guerra ao reino pacífico e florido da mesma alma. * Segundo, — o que é pior, — quando não podem conseguir seu intento, investem sôbre ela com tormentos e ruídos corporais, procurando distraí-la. E ainda com mais refinada maldade, combatem-na com temores e horrores espirituais, por vêzes terrìvelmente penosos. Com efeito, podem os demônios agir assim nesta ocasião, se lhes fôr dada licença; porque a alma, neste exercício em que se ocupa agora, tem o espírito muito

[1] A 1ª redação do *Cântico* diz: "Assim como as ligeiras e astutas raposinhas, com seus saltos ligeiros costumam destruir e estragar as vinhas no tempo em que florescem, assim os astutos e maliciosos demônios, saltando, perturbam a devoção das almas fervorosas".

puro, despojado de todo o sensível, e assim pode o inimigo com facilidade apresentar-se a ela, sendo êle também puro espírito. Outras vêzes, arremete com outros horrores antes mesmo que a alma chegue a gozar destas suaves flôres, quando Deus começa a tirá-la um pouco da casa dos seus sentidos, e a introduz neste exercício interior no jardim do Espôso. Bem sabe o maligno que, uma vez introduzida a alma naquele recolhimento, fica muito amparada, e êle, por mais que faça, não pode causar-lhe dano. Freqüentemente, no mesmo instante em que o demônio sai a tomar-lhe o passo, a alma costuma com grande presteza recolher-se no profundo esconderijo do seu próprio interior, onde acha grande deleite e amparo; padece, então, aquêles terrores muito exteriormente e tão de longe que não só deixam de incutir-lhe temor, mas até lhe causam alegria e gôzo.

7. De tais terrores fêz menção a Espôsa nos *Cantares* dizendo: «Minha alma ficou tôda perturbada por causa dos carros de Aminadab» (Cânt 6, 11). Entende, aí, por Aminadab, o demônio; chama carros às suas investidas e acometimentos, pela grande veemência, tumulto e ruído que com êles faz o inimigo. ** Caçai-nos as rapôsas, diz a alma nesta canção; e a Espôsa também emprega as mesmas palavras, ao mesmo propósito, quando pede ao Espôso nos *Cantares*: «Caçai-nos as rapôsas pequeninas que destróem as vinhas, porque nossa vinha está já em flor» (Cânt 2, 15). * Não diz: Caçai-me, mas sim, caçai-nos, porque fala de si e do Amado, que estão unidos, gozando da flor da vinha. O motivo de dizer que a vinha está em flor, e não com fruto, é que nesta vida, embora se gozem as virtudes com tanta perfeição como aqui o faz esta alma de que tratamos, todavia é sempre como ainda em flor; pois só na eternidade se poderá gozá-las como em fruto. E logo acrescenta: **

Enquanto destas rosas
Faremos uma pinha.

8. Nesta época em que a alma está gozando a flor desta vinha, e se deleitando no peito de seu Amado, sucede que as virtudes dela se põem logo perfeitas à sua vista, e assim se mostram à alma, proporcionando-lhe grande suavidade e gôzo com sua fragrância. A mesma alma as percebe em si e em Deus, à maneira de uma vinha muito florida, cheia de encantos para ela e para Êle, na qual ambos se apascentam e deleitam. Reúne, então, a alma tôdas estas virtudes, com

saborosíssimos atos de amor em cada uma, e em tôdas juntas, e as oferece assim reunidas ao Amado, com grande ternura e suavidade de amor. Para isto ajuda-a o próprio Amado, pois sem o divino favor e auxílio não poderia ela fazer esta junta e oferenda de virtudes a seu Espôso. Por êste motivo é que diz: Faremos uma pinha, isto é, o Amado e eu.

9. Dá o nome de pinha a êste conjunto de virtudes, por ser a pinha um fruto maciço que contém em si muitos pedaços compactos e fortemente ligados uns aos outros, onde estão as sementes. De modo análogo, esta pinha de virtudes feita pela alma, para seu Amado, é um só todo, compreendendo a perfeição da mesma alma, a qual, forte e ordenadamente abraça e contém em si muitas perfeições e virtudes fortes, além de riquíssimos dons. Na verdade, tôdas as perfeições e virtudes estão ordenadas e contidas na única e sólida perfeição da alma; ora, esta perfeição, enquanto está sendo formada pelo exercício das virtudes, e uma vez completa, é uma contínua oferta da parte da alma ao Amado, em espírito de amor, como vamos dizendo. Convém, portanto, serem caçadas as ditas rapôsas, a fim de não impedirem a comunicação interior dos dois amados. Não é sòmente isto que pede a Espôsa nesta canção, para poder juntar essas flôres em forma de pinha; pede também o que diz no verso seguinte:

E ninguém apareça na colina!

10. Significa por estas palavras como, para êste divino exercício interior, é também necessário solidão e alheamento de tôdas as coisas que se poderiam oferecer à alma, tanto pela sua parte inferior, isto é, a parte sensitiva, quanto pela parte superior ou racional. Estas duas partes encerram, efetivamente, todo o conjunto de potências e sentidos do homem, a que a alma dá aqui o nome de colina. Nela residem e estão situados todos os apetites e conhecimentos da natureza, como a caça sôbre o monte; e assim o demônio costuma acometê-la para caçar e fazer prêsa nesses mesmos apetites e notícias, causando prejuízo à alma. O pedido de que «ninguém apareça na colina» quer dizer: não apareça, diante da alma e do Espôso, representação ou figura alguma de qualquer objeto pertencente às ditas potências ou sentidos. Como se dissesse: em tôdas as potências espirituais da alma, — memória, entendimento e vontade, — não haja conhecimentos ou

afetos particulares, nem quaisquer outras advertências; em todos os sentidos e potências corporais, seja interiores ou exteriores, imaginação e fantasia, vista, ouvido, etc., não apareçam distrações, formas, imagens e figuras, nem representações de objetos à alma, nem mesmo outras operações naturais.

11. Tudo isto pede agora a alma, pois, a fim de poder gozar perfeitamente nesta comunicação com Deus, convém que todos os sentidos e potências, interiores e exteriores, estejam desocupados, vazios e livres de seus respectivos objetos e operações. De fato, quanto mais êles procuram cooperar com o seu exercício, mais estorvam a alma; porque, em chegando esta a certa maneira de união interior de amor, aí já não participam com sua operação as potências espirituais, e menos ainda as corporais, em vista de estar realizada e completa a obra unitiva do amor, estando a mesma alma já atuada pelo amor. Neste estado, acabam, portanto, de agir as potências; porque, uma vez alcançado o fim, cessam tôdas as operações intermediárias. O que faz então a alma [1] é permanecer na assistência amorosa em Deus, ou seja, em contínuo exercício do amor unitivo. E ninguém apareça, pois, na colina: só a vontade apareça, assistindo ao Amado na entrega de si mesma e de tôdas as virtudes do modo já referido.

[1] Na 1ª redação do Cântico: "O que a alma faz então é estar em exercício saboroso daquilo que já está realizado nela, ou seja, amar em contínua união de amor".

* *Anotação para a canção seguinte.*

1. Para melhor entender a canção seguinte, convém advertir aqui que as ausências do Amado, sofridas pela alma, neste estado de desposório espiritual, são muito aflitivas; algumas de tal maneira, que não há sofrimento comparável a elas. Eis a razão: como o amor que a alma, nesse estado, tem a Deus, é forte e imenso, êste mesmo amor a atormenta imensa e fortemente, na ausência do Amado. Acresce que, neste tempo, grandemente a molesta qualquer espécie de comunicação ou trato de criaturas. Movida pela grande fôrça daquele profundíssimo desejo da união com Deus, qualquer entretenimento lhe é muito pesado e molesto. Sucede-lhe como à pedra que vai chegando com grande ímpeto e velocidade ao seu centro: se algum obstáculo a impedisse e entretivesse no vácuo, ser-lhe-ia de grande violência. Estando agora a alma já deliciada com estas visitas tão suaves do Amado, tem-nas por mais desejáveis do que o ouro e tôda formosura. Por isto, com muito temor de carecer, por um momento sequer, de presença tão preciosa, põe-se a alma a falar com a secura, e com o espírito do Espôso, dizendo esta canção: **

Canção XVII

Detém-te, Aquilão morto!
Vem, Austro que despertas os amôres,
Aspira por meu hôrto,
E corram seus olores,
E o Amado pascerá por entre as flôres.

EXPLICAÇÃO

2. Além dos motivos referidos na canção passada, é também a secura de espírito uma das causas que impede à alma o gôzo desta seiva de suavidade interior de que falamos acima. Temendo, pois, êste obstáculo, a mesma alma faz duas coisas, na canção presente. A primeira é impedir a

secura cerrando-lhe a porta por meio de contínua oração e devoção. A segunda é invocar o Espírito Santo, como Aquêle que há de afugentar esta secura da alma, e ao mesmo tempo manter e aumentar nela o amor do Espôso, pondo-a em exercício interior de virtudes; tudo isto, com o fim de que o Filho de Deus, seu Espôso, nela ache maior deleite e gôzo, pois tôda a pretensão da alma é dar contentamento ao Amado.

Detém-te, Aquilão morto.

3. O Aquilão é um vento muito frio que seca e emurchece as flôres e plantas, ou, pelo menos, faz com que se encolham e fechem quando sôbre elas sopra. O mesmo efeito produz na alma a secura espiritual, junto com a ausência afetiva do Amado, quando ela a experimenta; extingue a fôrça, sabor, e fragrância das virtudes, de que gozava. Por isso dá-lhe o nome de Aquilão morto; pois mantém amortecido o exercício afetivo das virtudes na alma; em conseqüência diz: Detém-te, Aquilão morto. Esta exclamação deve ser compreendida como efeito e obra de oração, e de exercícios espirituais, em que a alma se emprega, a fim de deter a secura. * Neste estado, porém, as graças comunicadas por Deus à alma são interiores que ela não pode, por si mesma, exercitar-se nas coisas divinas, ou gozá-las, se o Espírito do Espôso não a move com seu amor. E assim ela se apressa em invocá-l'O, dizendo: **

Vem, Austro que despertas os amôres.

4. O Austro é outro vento, vulgarmente chamado sudoeste, muito aprazível, que traz chuvas e faz germinar ervas e plantas; favorece o desabrochar das flôres que exalam seus perfumes. Os efeitos dêste vento são contrários aos do Aquilão. A alma, portanto, compara o Austro ao Espírito Santo, dizendo que desperta os amôres. De fato, quando êste sôpro divino investe sôbre a alma, de tal modo a inflama e regala, avivando e despertando a vontade, e ao mesmo tempo movendo os apetites, dantes adormecidos e aniquilados, ao amor de Deus, que bem se pode dizer que recorda os amôres do mesmo Deus e da alma. E o pedido feito por ela ao Espírito está expresso nas palavras do verso seguinte:

Aspira por meu hôrto.

5. Êste hôrto é a própria alma. Pela mesma razão que acima lhe foi dado o nome de vinha em flor, — pois a flor das virtudes que nela há, produz vinho doce e saboroso, — assim a alma é agora chamada hôrto, porque nela estão

plantadas as flôres de virtudes e perfeições que aí nascem e crescem. Notemos bem como não diz a Espôsa: aspira em meu hôrto, e sim, aspira por meu hôrto. Na verdade, é grande a diferença que há entre aspirar Deus na alma, e aspirar pela alma. Na primeira destas expressões, é significada a infusão de graças, virtudes e dons, pelo mesmo Deus. Na segunda, trata-se da moção e toque de Deus nas virtudes e perfeições já concedidas, tendo por fim renová-las e despertá-las, de modo a darem admirável fragrância de suavidade à alma. E' assim como revolver as espécies aromáticas: na ocasião em que são movimentadas, trescalam abundantemente o seu perfume, o qual antes não era tão forte nem se percebia tanto. O mesmo sucede às virtudes adquiridas pela alma, ou infundidas nela por Deus; nem sempre são percebidas e gozadas de modo atual. Com efeito, enquanto dura esta vida, as virtudes permanecem na alma como flôres em botão, ou como espécies aromáticas em recipiente coberto, cujo olor não se sente até que sejam abertas e revolvidas, conforme dissemos.

6. Algumas vêzes, porém, faz Deus inefáveis mercês à alma sua Espôsa, nas quais, aspirando com seu divino Espírito por êste hôrto florido, que é a mesma alma, abre todos êstes botões de virtudes, e descobre estas espécies aromáticas de dons, perfeições e riquezas dela; e, manifestando-lhe o tesouro e cabedal interior, revela-lhe também a formosura que nela há. E' então, para a alma, admirável a vista e suavíssimo o sentimento desta riqueza que se lhe descobre no íntimo, de todos os seus dons, e da formosura destas flôres de virtudes já totalmente desabrochadas; incomparável se torna a doçura do perfume que cada uma delas exala, segundo sua propriedade particular. A isto chama aqui a alma correr os olores do hôrto, quando diz no verso seguinte:

E corram seus olores.

7. São êstes olores em tanta abundância, algumas vêzes, que parece à alma estar vestida de deleites e banhada em glória inestimável; chegam a ser de tal maneira fortes, que não sòmente a alma os sente no interior, mas chegam a redundar por fora, em grande excesso, e bem o percebem as pessoas que têm experiência disso, parecendo-lhes esta alma como um delicioso jardim cheio de encantos e riquezas de Deus. E não apenas nas ocasiões em que estão abertas estas flôres, manifestam-se assim estas santas almas: costumam

trazer sempre em si mesmas um não sei quê de grandeza e dignidade, produzindo respeito e acatamento nos outros, pelo efeito sobrenatural difundido na pessoa, como conseqüência da comunicação íntima e familiar com Deus. Assim vemos que sucedeu com Moisés, conforme está escrito no Êxodo (34, 30); não podiam os judeus olhar o seu rosto, por causa daquele resplendor de grande glória e dignidade que lhe ficara do trato com Deus face a face.

8. Neste aspirar do Espírito Santo pela alma, isto é, em sua visita de amor, o Espôso Filho de Deus se comunica a ela de modo altíssimo. Para êste fim, envia-lhe primeiro Seu Espírito, como fêz aos Apóstolos. E' êsse divino Espírito o aposentador que prepara ao Verbo a morada da alma Espôsa, elevando-a em deleites, e dispondo do hôrto a seu gôsto: faz desabrochar as flôres, descobre os dons e ornamenta a alma com a tapeçaria de suas graças e riquezas. Suspira, pois, esta alma Espôsa, com imenso desejo, por tudo isto: que se vá o Aquilão morto, e venha o Austro, aspirar pelo hôrto, porque nisto lucra a alma muitos bens reunidos. Ganha o deleite das virtudes chegadas a ponto de serem exercitadas saborosamente; obtém o gôzo do Amado nelas, pois mediante as virtudes é que se lhe comunica o Espôso com mais íntimo amor e mais particular mercê do que anteriormente; consegue, além disso, causar maior deleite ao Amado por êste exercício atual de virtudes, e isto é o que lhe causa maior contentamento, a saber, o gôsto de seu Amado. Lucra, ademais, a continuação e permanência dêste sabor e suavidade de virtudes, que continua na alma todo o tempo da assistência do Espôso nela, enquanto a espôsa Lhe está proporcionando suavidade com suas virtudes, conforme ela mesma o diz nos Cantares: «Quando o Rei estava no seu repouso, — isto é, na alma, — o meu nardo exalou seu perfume» (Cânt 1, 11). Por êste nardo odorífero é significada a própria alma, que das flôres de virtudes em seu hôrto desabrochadas dá odor de suavidade ao Amado nela presente por êste modo de união.

9. E', portanto, muito para desejar êste divino sôpro do Espírito Santo, e que cada alma Lhe peça aspire Êle por seu hôrto, a fim de correrem os divinos olores de Deus. Por ser isto tão necessário, e de tanta glória e proveito para a alma, a Espôsa o desejou e pediu com os mesmos têrmos desta canção, dizendo nos Cantares: «Levanta-

te, Aquilão, e vem tu, vento do meio-dia, sopra de todos os lados no meu jardim, e espalhem-se os seus aromas» (Cânt 4, 16). Tôdas estas coisas deseja a alma, não por causa do deleite e glória que lhe advém pessoalmente, mas sim por saber que nisto se compraz seu Espôso; também o deseja por saber que aí se acha a disposição e o prenúncio para a vinda do Filho de Deus a deleitar-se nela. E assim acrescenta logo:

E o Amado pascerá por entre as flôres.

10. Com o nome de pasto significa a alma o deleite que o Filho de Deus nela tem por êste tempo; e, de fato, é o nome que melhor o exprime, por ser o pasto, ou alimento, coisa que não só dá gôsto, mas também sustenta. Dêste modo o Filho de Deus se compraz na alma, em meio a êstes deleites dela e se sustenta nela, isto é, permanece na alma, como em lugar onde acha grandes delícias, porque êste mesmo lugar — a própria alma — também acha n'Êle verdadeiramente seu gôzo. A meu ver, isto mesmo quis dizer o Espôso nestas palavras dos Provérbios de Salomão: meus deleites são de estar com os filhos dos homens» (Prov 8, 31), a saber, quando êles acham seus deleites em estar comigo, que sou o Filho de Deus. Convém observar aqui, que não diz a alma: «o Amado pascerá as flôres», e sim «por entre as flôres»; porque, sendo a comunicação do Espôso feita no íntimo da alma, mediante o adôrno das virtudes já mencionado, conseqüentemente o Amado se apascenta da própria alma transformada n'Êle, já guisada, salgada e temperada, com as mesmas flôres de virtudes, dons e perfeições, que, por assim dizer, são o tempêro com o qual e no qual Êle se nutre dela. São essas virtudes e perfeições que, por meio do Aposentador acima referido, estão dando ao Filho de Deus sabor e suavidade na alma, a fim de que possa Êle apascentar-se mais no amor de sua amada; pois esta é a condição para o Espôso unir-se à alma, entre a fragrância destas flôres. Tal condição é bem notada pela Espôsa nos Cantares, como quem tão perfeitamente o sabe, dizendo nestes têrmos: «O meu Amado desceu ao seu hôrto, ao canteiro das plantas aromáticas para se apascentar nos jardins e colhêr lírios» (Cânt 6, 1). E mais adiante diz: Eu sou para o meu Amado, e o meu Amado é para mim, Êle que se apascenta entre os lírios» (Cânt 6, 2), querendo dizer, apascenta-se e acha seus deleites em minha alma que é o seu hôrto, entre os lírios de minhas virtudes, perfeições e graças.

* *Anotação para a canção seguinte.*

1. Vê bem a alma, neste estado de desposório espiritual, as suas graças excelentes e riquezas magníficas, e, por outra parte, compreende que não pode possuir êstes bens nem dêles gozar à sua vontade, em razão de estar ainda prêsa à carne. Em conseqüência disto, sofre grandemente, muitas vêzes, sobretudo quando essa compreensão se torna mais viva. Percebe, evidentemente, que está prêsa no corpo, como um grande senhor no cárcere, sujeito a mil misérias, a quem confiscaram todos os seus reinos, privando-o de tôdas as suas riquezas e senhorio; tendo êle grandes haveres, recebe, no entanto, a comida muito medida. O que isto lhe faz sofrer, cada um pode bem avaliar; mormente se os domésticos de sua casa não lhe estão ainda muito submissos, pois, então, a cada oportunidade, êstes seus servos e escravos arremetem contra êle sem respeito algum, a ponto de quererem tirar-lhe o bocado do prato. Quando Deus faz à alma a mercê de dar-lhe a provar alguma porção dos bens e riquezas que lhe preparou, logo se levanta na parte sensitiva algum mau servo de apetite, seja um escravo de movimento desordenado, ou de outras revoltas dessa parte inferior, a impedir-lhe aquêle bem.

2. Nisto a alma se sente como prêsa em terra de inimigos, tiranizada entre estranhos, morta entre os mortos; experimenta a realidade do que diz o profeta Baruc ao encarecer a miséria do cativeiro de Jacob nestas palavras: «Donde vem, ó Israel, estares tu na terra dos teus inimigos? Tens envelhecido em terra estranha, e te contaminaste com os mortos, e estás confundido com os que descem ao sepulcro» (Bar 3, 10-11). Jeremias, ao sentir êste mísero trato que a alma padece por parte do cativeiro no corpo, assim diz, em sentido espiritual, falando com Israel: «Porventura é Israel algum escravo ou filho de escrava? Por que razão, pois, se tornou uma prêsa? Contra êle rugiram os leões»... (Jer 2, 14-15)... Compreende aqui por leões os apetites e revoltas dêste rei tirano que é a sensualidade, como dissemos.

E a alma, querendo mostrar o aborrecimento que lhe causa, e o desejo que tem de ver enfim êste reino da sensualidade aniquilado, ou a ela totalmente submisso com todos os seus exércitos de perturbações, ergue os olhos ao Espôso, como a quem há de levar avante todo êste feito; e falando agora contra os referidos movimentos e rebeliões, diz esta canção: **

Canção XVIII

O' ninfas da Judéia,
Enquanto pelas flôres e rosais
Vai recendendo o âmbar,
Ficai nos arrabaldes,
E não ouseis tocar nossos umbrais.

EXPLICAÇÃO

3. Nesta canção é a Espôsa quem fala. Vendo-se constituída segundo a sua parte superior — a espiritual — em tão ricos e avantajados dons, cheia dos deleites vindos do seu Amado, deseja conservar, com segurança e continuidade, esta posse dêles na qual o Espôso a estabeleceu, como vimos nas duas canções precedentes. Conhece, todavia, que da sua parte inferior, isto é, da sensualidade, lhe poderá vir impedimento, como de fato acontece, pois estorva e perturba êsse grande bem espiritual. Pede, portanto, a espôsa, às operações e movimentos da parte sensitiva que fiquem sossegados em suas potências e sentidos; não ultrapassem os limites de sua própria região, ousando molestar e inquietar a parte superior e espiritual, e assim não venham impedir, ainda mesmo com a mínima comoção, aquêle bem e suavidade de que a alma goza. De fato, se os movimentos e potências desta parte sensitiva agem no tempo em que o espírito está gozando, tanto mais o molestam e inquietam, quanto mais vivas e ativas são as suas operações. Diz, então, assim:

O' ninfas da Judéia.

4. Pelo nome de Judéia é designada a parte inferior, ou sensitiva, da alma. E' denominada Judéia, por ser fraca e carnal, e, por si mesma, cega, como o é o povo judaico. A alma dá o nome de ninfas a tôdas as imaginações, fantasias, movimentos e inclinações dessa porção inferior. A razão de lhes dar tal nome, é porque, assim como as ninfas, com sua graça e sedução, atraem a si os amantes, assim também

estas operações e movimentos da sensualidade buscam porfiadamente, por meio de seus deleites, atrair a si a vontade da parte racional, para arrancá-la do interior induzindo-a a entregar-se às coisas exteriores, que êles tanto desejam e apetecem. Procuram também mover o entendimento, a que se junte e una a elas conforme a maneira baixa do sentido, que lhes é própria; querem conformar e igualar a parte racional com a sensível. Quanto a vós, — diz a alma, — ó operações e movimentos da sensualidade:

Enquanto pelas flôres e rosais.

5. As flôres, como já dissemos, são as virtudes da alma. Os rosais significam as potências da mesma alma, — memória, entendimento e vontade, — as quais trazem em si flôres de conceitos divinos que delas desabrocham, bem como atos de amor e as mesmas virtudes. Enquanto, pois, nestas virtudes e potências de minha alma

Vai recendendo o âmbar.

6. Pelo âmbar é simbolizado aqui o divino Espírito do Espôso que habita na alma. O recender êste divino âmbar pelas flôres e rosais, é derramar-se e comunicar-se suavìssimamente nas potências e virtudes da alma, exalando nelas perfume de divina suavidade à mesma alma. No tempo em que, portanto, êste divino espírito está difundindo doçura espiritual no meu íntimo,

Ficai nos arrabaldes.

7. Nos arrabaldes da Judéia, a qual, como dissemos, é a porção inferior ou sensitiva, ou seja, memória, fantasia e imaginação. Nelas se imprimem e recolhem as noções, imagens e figuras dos objetos, mediante as quais a sensualidade movimenta seus apetites e concupiscências. Quando essas noções, a que a alma chama ninfas, permanecem quietas e sossegadas, também ficam adormecidos os apetites. Tais figuras e imagens entram em seus arrabaldes, que são os sentidos internos, pelas portas dos sentidos externos, como a vista, o ouvido, o olfato, o tato e o gôsto; e, assim, podemos dar o nome de arrabaldes a tôdas essas potências e sentidos, quer internos, quer externos, porque são os bairros situados fora dos muros da cidade. O que aqui se chama cidade, é, de fato, na alma, seu mais íntimo recôndito, isto é, a parte racional, que tem capacidade para comunicar-se com Deus, e cujas operações são contrárias às da sensualidade. Não pode, no entanto, deixar de haver comunicação

natural entre os habitantes dêstes arrabaldes da parte sensitiva, quais são as ninfas já mencionadas, e os da parte superior, que é a cidade. Assim, tudo quanto se faz na parte inferior, ordinàriamente se sente na parte interior, e por conseqüência traz a esta última, distração e desassossêgo quanto à aplicação e assistência espiritual que tem em Deus. E' êste o motivo de dizer a alma às ninfas que fiquem em seus arrabaldes, ou, em outros têrmos, se aquietem nos seus sentidos naturais, tanto interiores como exteriores.

E não ouseis tocar nossos umbrais.

8. Isto é, não toqueis à parte superior, nem mesmo por primeiros movimentos, porque são justamente êles as entradas e umbrais que dão acesso à alma. Quando vão além de primeiros movimentos, e chegam à razão, já transpõem os umbrais; quando, porém, não passam de primeiros movimentos, apenas tocam êsses umbrais, ou batem à porta, como acontece nas investidas da parte sensual à razão para induzi-la a algum ato desordenado. E, aqui, não sòmente a alma diz que não a toquem êstes, mas nem ainda as lembranças estranhas à quietação e bem de que goza. [1]

[1] A 1ª redação do *Cântico* acrescenta aqui: "E assim, esta parte sensitiva com tôdas as suas potências, fôrças e fraquezas, está rendida totalmente ao espírito, neste estado. Daí procede viver já a alma uma vida bem-aventurada, semelhante à do estado de inocência, onde então todo o conjunto e habilidade da parte sensitiva servia ao homem para maior recreação e auxílio no conhecimento e amor de Deus, em paz e harmonia com a parte superior. Ditosa a alma chegada a tal estado! Mas quem é êste, e o louvaremos, porque faz maravilhas em sua vida? (Ecli 31). Esta Canção foi posta aqui para mostrar a paz segura e tranqüila de que goza a alma elevada a esta altura espiritual, e não para dar a entender que êste desejo manifestado aqui pela alma, quanto ao sossêgo das ninfas, seja proveniente dos acometimentos delas, pois neste estado já se acham sossegadas, como acima declaramos. Êsse desejo é mais próprio das almas que vão progredindo, e das adiantadas, do que das perfeitas nas quais as paixões e movimentos pouca coisa ou nada reinam".

Anotação para a canção seguinte.

1. Neste estado de desposório, torna-se a alma tão inimiga da parte inferior e suas operações, que chega a desejar não seja a esta concedida comunicação alguma daquilo que espiritualmente é dado à parte superior; porque, participando o sentido, ou há de receber muito pouco, ou não o há de agüentar a fraqueza de sua condição sem que desfaleça o natural, e, conseqüentemente, venha a padecer e afligir-se o espírito, não podendo, assim, gozar em paz. Isto se confirma com as palavras do Sábio: «O corpo que se corrompe torna pesada a alma» (Sab 9, 15). Como a alma aspira às mais elevadas e excelentes comunicações de Deus, sabendo que não as pode receber em companhia da parte sensitiva, deseja que Deus lhas conceda sem participação dela. Com efeito, aquela altíssima visão do terceiro céu, que teve São Paulo, na qual diz ter visto a Deus, o mesmo apóstolo declara não saber se a recebeu no corpo ou fora dêle (2 Cor 12, 2). De qualquer modo, porém, que a tenha recebido, de certo foi sem o corpo; pois se êste houvesse participado, não o poderia deixar de saber, nem a visão seria tão alta como diz São Paulo, afirmando ter ouvido palavras tão secretas que ao homem não é lícito revelar. Por isto, conhecendo muito bem a alma que tão sublimes mercês não se podem receber em vaso tão estreito, deseja que o Espôso as conceda fora dêle, ou ao menos, sem êle; e assim, falando com o mesmo Espôso lho pede nesta canção. **

Canção XIX

Esconde-te, Querido,
Voltando a tua face, olha as montanhas,
E não queiras dizê-lo,
Mas olha as companheiras
Da que vai pelas ilhas mais estranhas.

EXPLICAÇÃO [1]

2. Quatro coisas pede a alma Espôsa, nesta canção, a seu Espôso. A primeira é que seja servido de comunicar-se a ela bem no íntimo recôndito de si mesma; a segunda é a graça de investir e penetrar suas potências com a glória e excelência da Divindade d'Êle; a terceira, que realize isto com tão grande profundidade e elevação, que a ninguém seja possível saber ou exprimir, nem possa participar o exterior e parte sensitiva; a quarta, é que se enamore o mesmo Espôso das muitas virtudes e graças que há pôsto nela, e com as quais se acompanha em sua elevação para Deus, por altíssimos e sublimes conhecimentos da Divindade, e por excessos de amor sobremaneira inusitados e extraordinários, muito superiores aos que geralmente se costumam ter. E assim diz:

Esconde-te, Querido.

3. Como se dissera: querido Espôso meu, recolhe-te ao mais íntimo de minha alma, comunicando-te a ela secretamente, e manifestando-lhe tuas maravilhas escondidas, alheias a todos os olhos mortais.

Voltando a tua face, olha as montanhas.

4. A face de Deus é a Divindade. As montanhas são as potências da alma, — memória, entendimento e vontade. Assim quer dizer: penetra com tua Divindade o meu entendimento, infundindo nêle inteligências divinas; a minha vontade, concedendo e comunicando a ela teu divino amor; a minha memória, dando-lhe a posse da glória divina. Nisto pede a alma tudo quanto pode pedir; porque já se não satisfaz com o conhecimento e comunicação de Deus pelas costas, como foi concedido a Moisés (Êx 33, 23), isto é, sòmente por Seus efeitos e obras; deseja conhecer a Deus pela Sua face, que é a comunicação essencial da Divindade sem intermediário algum, por certo contacto da alma na própria Divindade, — o que é coisa alheia a todo sentido e acidente, porquanto é um toque de substâncias puras, como são a alma e a Divindade. Por êste motivo, logo acrescenta:

E não queiras dizê-lo.

5. Significa: não queiras dizê-lo como anteriormente, quando as comunicações feitas à minha alma eram perceptíveis também aos sentidos exteriores, por serem graças proporcionadas à sua capacidade, pois não eram tão elevadas e profundas que não pudessem êles alcançá-las. Agora, porém, sejam tão sublimes e substanciais essas comunicações, e de tal modo íntimas que delas nada se diga aos sentidos exteriores, isto é, não possam êstes chegar a conhecê-las. Na verdade, a substância do espírito não se pode comunicar ao sentido; logo, tudo o que a êste último é comunicado, — mormente nesta vida, — não pode ser puro espírito, pois disto não é capaz o sentido. Desejando, portanto, a alma, aqui, esta comunicação de Deus tão substancial e essencial, imperceptível ao sentido, pede ao Espôso que «não o queira dizer» ou, em outros têrmos: seja de tal modo íntima a profundidade dêste esconderijo de união espiritual que não acerte o sentido em o perceber ou exprimir, * tal como se dava com aquelas palavras secretas que São Paulo ouviu, as quais, diz êle, não era lícito ao homem revelar. **

Mas olha as companheiras.

6. O olhar de Deus é amar * e conceder mercês. ** As companheiras, mencionadas aqui pela alma, pedindo a Deus que as veja, são as numerosas virtudes, bem como os dons e perfeições, e as demais riquezas espirituais * que Êle há colocado nela como arras, prendas e jóias de desposada. ** Assim, é como se dissesse: Volta-te, Amado, para o interior de mim mesma, enamorando-te dêste caudal de riquezas que aí puseste; e, enamorado de mim, te escondas nessas com-

[1] A 1ª redação do *Cântico* começa a Explicação com o seguinte trecho: "Depois que o Espôso e a Espôsa nas canções passadas impuseram freio e silêncio às paixões e potências da alma, tanto sensitivas como espirituais, as quais poderiam perturbá-la, volve-se a Espôsa a gozar de seu Amado no recolhimento interior de sua alma. Aí se acha Êle unido com ela por amor, e de modo escondido se deleita grandemente nela. São de tal modo elevadas e deliciosas as mercês concedidas então à alma, neste recolhimento do matrimônio com seu Amado, que ela não o sabe dizer, e nem mesmo o quereria; porque essas graças são como aquelas a que se refere Isaías dizendo: "Meu segrêdo para mim, meu segrêdo para mim". (Is 24, 16). A alma sòzinha as possui, sòzinha as entende, sòzinha delas goza, e se deleita de que seja a sós; assim seu desejo é que essa comunicação divina seja muito escondida, muito elevada e apartada de qualquer outra comunicação exterior. Torna-se a alma semelhante ao negociante da preciosa margarida, ou antes, ao homem que achando o tesouro escondido no campo, guardou-o em segrêdo para melhor o gozar e possuir (Mt 13, 44-46). Com êsse desejo..."

panheiras, permanecendo entre elas; porque, em verdade, embora sejam tuas, se tu mas deste são também minhas.

Da que vai pelas ilhas mais estranhas.

7. Isto é, da minha própria alma que vai a ti por estranhos conhecimentos de ti, e por modos e caminhos estranhos, alheios a todos os sentidos, fora do conhecimento natural e comum. E' como se a Espôsa, querendo obrigar o Espôso, assim lhe dissesse: pois minha alma vai a ti por notícias espirituais, estranhas e alheias a todos os sentidos, vem comunicar-te a ela do mesmo modo, em grau tão interior e sublime que seja alheio a todos êles.

**** Anotação para as canções seguintes.***

1. Para chegar a tão alto estado de perfeição, qual é o matrimônio espiritual, como aqui pretende a alma, não lhe basta apenas estar limpa e purificada de tôdas as imperfeições, revoltas e hábitos imperfeitos da parte inferior, que, despida do velho homem, está já sujeita e rendida à superior. E' necessário também ter grande fortaleza e mui subido amor para que se torne capaz de tão forte e estreito abraço de Deus. De fato, neste estado, não só a alma atinge altíssima pureza e formosura, mas também adquire terrível fortaleza, em razão do estreito e forte laço que se aperta entre Deus e a alma por meio desta união.

2. Para chegar, portanto, a essa altura, precisa estar a alma em competente grau de pureza, fortaleza e amor; por isto, desejando o Espírito Santo, — que pela sua intervenção realiza essa união espiritual, — ver a alma com as disposições requeridas para alcançá-la, fala ao Pai e ao Filho nestes têrmos do livro dos Cantares: «Que faremos à nossa irmã no dia em que apareça e se lhe tenha de falar? Porque é pequenina e não tem peitos crescidos. Se ela é um muro, edifiquemos sôbre êle fôrças e defesas prateadas; se ela é uma porta, guarneçamo-la com tábuas de cedro» (Cânt 8, 10). Compreende aqui por fôrças e defesas prateadas, as virtudes fortes e heróicas, envôltas na fé, significada pela prata; estas virtudes heróicas são já as do matrimônio espiritual, que assentam sôbre a alma forte, simbolizada pelo muro, em cuja fortaleza repousará o Espôso de paz, sem mais perturbação de fraqueza alguma. Entende por tábuas de cedro as afeições e propriedades do sublime amor, aqui figurado no cedro, — amor característico do matrimônio espiritual. Para guarnecer com êle a Espôsa, torna-se mister que ela seja porta, isto é, dê entrada ao Espôso, mantendo aberta a porta da vontade para Êle, por total e verdadeiro sim de amor, — o sim do desposório, dado já antes do matrimônio espiritual. Pelos peitos da Espôsa exprime também êste mesmo amor perfeito que lhe convém ter para comparecer diante

do Espôso, Cristo, a fim de operar-se a consumação de tal estado.

3. Diz, porém, o referido texto que a Espôsa respondeu logo, abrasada no desejo de chegar a essas alturas: «Eu sou muro; e meus peitos são como uma tôrre» (Cânt 8, 10). Como a dizer: Minha alma é forte, e meu amor sublime, não seja esta a dúvida. O mesmo deu a entender, nas precedentes canções, a alma Espôsa, com o seu desejo de transformação e união perfeita; mormente o fêz nesta que acabamos de explicar, na qual coloca diante do Espôso, para mais O obrigar, as virtudes e disposições preciosas que d'Êle recebeu. E o mesmo Espôso, querendo concluir a união, diz as duas seguintes canções. Nelas acaba de purificar a alma, e torná-la forte, dispondo-a para êste estado, tanto em sua parte sensitiva como na espiritual; e assim fala, defendendo a alma de tôdas as contrariedades e revoltas, sejam da parte dos sentidos, ou da parte do demônio. **

Canções XX e XXI

A vós, aves ligeiras,
Leões, cervos e gamos saltadores,
Montes, vales, ribeiras,
Águas, ares, ardores,
E das noites os mêdos veladores.

Pelas amenas liras
E canto de sereias, vos conjuro
Que cessem vossas iras,
E não toqueis no muro,
Para a Espôsa dormir sono seguro.

EXPLICAÇÃO

1. Nestas duas canções, o Espôso, Filho de Deus, põe a alma em posse de paz e tranqüilidade, conformada já a parte inferior com a superior; purifica-a de tôdas as suas imperfeições, e ordena as potências e capacidades naturais da alma, além de sossegar todos os demais apetites dela. Tudo isto se contém nas sobreditas canções, cujo sentido explicaremos agora. Primeiramente, o Espôso conjura e manda às inúteis digressões da fantasia e imaginação que doravante cessem; restabelece também o equilíbrio nas duas potências naturais, — irascível e concupiscível — que antes

tanto afligiam a alma; aperfeiçoa, ao mesmo tempo, as três potências, memória, entendimento e vontade, em seus respectivos exercícios, quanto é possível nesta vida. Além disto, o Espôso conjura e manda às quatro paixões da alma, gôzo, esperança, dor e temor, que daqui por diante permaneçam mortificadas e comedidas. Tôdas essas coisas são significadas pelos nomes expressos na primeira canção, e nela o Espôso faz cessar tôdas as atividades e movimentos que, provindos de tais paixões, inquietam a alma. Êle o realiza por meio da grande suavidade, deleite e fortaleza que a alma possui na comunicação e entrega espiritual que Deus faz de Si mesmo a ela neste tempo, e na qual tôdas as suas potências, apetites e movimentos perdem sua natural imperfeição e se trocam em divinos, porquanto Deus transforma agora vivamente a alma n'Êle. Assim diz o Espôso:

A vós, aves ligeiras.

5. Chama aves ligeiras às digressões da imaginação, por serem ligeiras e subtis, voando de uma parte a outra; às vêzes, quando a vontade está gozando tranqüilamente da comunicação deliciosa do Amado, costumam causar desagrado na alma, e tirar-lhe o gôsto, com os seus vôos ligeiros. A elas diz o Espôso que as conjura pelas amenas liras: agora que a suavidade e deleite da alma é tão abundante e freqüente que essas digressões da imaginação não lhe podem mais causar estôrvo, — como faziam outrora, quando a alma não havia chegado a tanto, — cessem já seus vôos inquietos com seus ímpetos e excessos. O mesmo se há de entender quanto às outras partes que vamos explicar aqui, como sejam:

Leões, cervos e gamos saltadores.

6. Por leões, compreende as acrimônias e ímpetos da potência irascível, tão ousada e atrevida em seus atos como os leões. Pelos cervos e gamos saltadores, simboliza a outra potência da alma, a concupiscível, na qual está o apetite que produz dois efeitos: um de covardia, outro de ousadia. Os efeitos de covardia são exercitados quando o apetite não acha as coisas convenientes à sua satisfação, porque então se retira, e intimida tornando-se covarde. Nestes efeitos é a potência concupiscível comparada aos cervos, os quais, tendo-a mais intensa do que outros muitos animais, são conseqüentemente muito covardes e tímidos. Os efeitos de ousadia são postos em exercício quando a dita potência encon-

tra coisas convenientes para si; então, longe de intimidar-se ou acovardar-se, atreve-se, pelo contrário, a apetecê-las e admiti-las, com desejos e afetos. Nestes efeitos de ousadia é comparada esta potência aos gamos, os quais têm tanta concupiscência nas coisas que apetecem, que não sòmente vão a elas correndo, mas até saltando. Eis o motivo de se chamar aqui, a êles, saltadores.

7. Dêste modo, o Espôso, ao conjurar os leões, põe freio aos ímpetos e excessos da ira; ao conjurar os cervos, fortalece a concupiscência nas covardias e pusilanimidades que anteriormente a encolhiam; e em conjurar os gamos saltadores, satisfaz essa mesma concupiscência, por apaziguar os desejos e apetites que antes andavam inquietos, e saltavam como gamos de um lado a outro em busca de sua satisfação. Agora está satisfeita essa potência, pelas amenas liras, gozando da suavidade delas, e pelo canto das sereias em cujo deleite se apascenta. E' digno de nota o não conjurar aqui o Espôso à ira e à concupiscência; porque estas potências não podem faltar à alma, mas conjura aos atos molestos e desordenados das mesmas potências, significados pelos leões, cervos e gamos saltadores, os quais, neste estado, forçoso é, que faltem.

Montes, vales, ribeiras.

8. Por êstes três nomes se denotam os atos viciosos e desordenados das três potências da alma, isto é, memória, entendimento e vontade. Tais atos se manifestam viciosos e desordenados quando são excessivamente elevados, ou quando são extremamente baixos e remissos; ou também quando, embora não cheguem ao excesso, declinam todavia para algum dos extremos. Pelos montes, que são muito altos, compreendemos os atos excessivos, demasiadamente desordenados; pelos vales, que são muito baixos, entendemos os atos dessas três potências, quando ficam abaixo do que é conveniente. Pelas ribeiras, — nem muito altas nem muito baixas, — as quais sendo planas participam algo de um e outro extremo, são simbolizados os atos das potências quando excedem o justo meio, ou a êle faltam. Êstes atos não são extremamente desordenados, como seriam em chegando a pecado mortal; todavia, em parte, não deixam de ter desordem, seja por incidirem em algum pecado venial, ou em alguma imperfeição, embora mínima, no entendimento, memória e vontade.

Conjura o Amado a todos êstes atos, excedentes do justo meio, que cessem, pelas amenas liras e canto de sereias. Na verdade, estas liras e êste canto mantêm as três potências da alma em tal equilíbrio nos seus efeitos, tão justamente aplicadas às suas respectivas atividades, que não sòmente não caem nos dois extremos, mas nem ainda dêles participam no mínimo ponto. Seguem-se os outros versos.

Águas, ares, ardores,
E, das noites, os mêdos veladores.

9. De modo semelhante, por estas quatro coisas, significa os afetos das quatro paixões que, como dissemos, são: dor, esperança, gôzo e temor. Pelas águas, são simbolizadas as afeições da dor que afligem a alma, pois nela entram como águas. Por isto disse David a Deus, referindo-se a elas: «Salva-me, ó Deus, porque as águas hão entrado até a minha alma» (Sl 68, 2). Pelos ares se entendem as afeições da esperança, as quais voam como ares, desejando o objeto ausente, por elas esperado. Daí também o dizer David: «Abri a minha bôca e aspirei, porque desejava os teus mandamentos» (Sl 118, 131). Como se dissesse: Abri a bôca de minha esperança, e aspirei o ar de meu desejo, porque esperava e desejava teus mandamentos. Pelos ardores, são compreendidas as afeições da paixão do gôzo, as quais inflamam o coração como fogo, razão por que diz o mesmo David: «Meu coração inflamou-se dentro de mim, e em minha meditação se ateou o fogo» (Sl 38, 4), isto é, em minha meditação irrompeu o gôzo. Por mêdos das noites veladores são significadas as afeições da outra paixão, que é o temor; estas costumam ser grandíssimas nas espirituais ainda não chegadas ao estado de matrimônio espiritual. Às vêzes procedem da parte de Deus, no tempo em que êle lhes quer conceder algumas mercês, como dissemos acima; e então causa mêdo e pavor ao espírito, como também contração à carne e aos sentidos, por não estar ainda aperfeiçoada e fortalecida a natureza, nem habituada àquelas mercês. Outras vêzes, vêm da parte do demônio. Tem êle tanta inveja e pesar do bem e paz gozados pela alma no tempo em que Deus lhe concede recolhimento e suavidade em Si mesmo, que procura incutir horror e mêdo do espírito, a fim de impedir-lhe aquêle bem, atrevendo-se, em algumas ocasiões, como que a ameaçá-la, ali no íntimo. Quando percebe que não pode atingir o interior da alma, por estar ela muito re-

colhida e unida com Deus, busca, ao menos por fora, perturbar a parte sensitiva com distrações e variedades, provocando aflições, dores, e pavor no sentido, para ver se consegue, por êste meio, inquietar a Espôsa no seu tálamo. Essas inquietações são significadas pelos mêdos das noites, porque vêm dos demônios, os quais mediante isso procuram difundir trevas na alma, tentando obscurecer a divina luz de que ela goza. São chamados veladores, êstes mêdos, porque por si mesmos fazem a alma velar, despertando-a de seu doce sono interior; e também pelo fato de estarem sempre velando os mesmos demônios para incutirem na alma êsses temores que passivamente, — da parte de Deus ou do inimigo, — penetram no espírito daquelas pessoas já espirituais. Não trato aqui de outros temores, temporais ou naturais, porque tê-los não é próprio de pessoas espirituais; mas os temores do espírito já referidos, êstes pertencem aos espirituais.

10. Conjura também o Amado a tôdas estas quatro espécies de afeições, relativas às quatro paixões da alma, fazendo com que se calem e sosseguem; porquanto, neste estado, já Êle concede à Espôsa muita abundância de fôrça e satisfação, por meio das amenas liras de Sua suavidade, e o canto de sereias de Seu deleite, a fim de que não sòmente aquelas afeições deixem de reinar, mas nem ainda possam causar à alma o mínimo dissabor. E' imensa a grandeza e estabilidade da alma, neste estado; e se antes penetravam em seu íntimo as águas da dor por qualquer causa, mesmo a dos pecados próprios ou alheios, que é a mais sensível aos espirituais, embora êles os levem em conta, já não produzem pena e mágoa; até o sentimento da compaixão não mais o tem a alma, possuindo, todavia, as obras e perfeições da mesma compaixão. Com efeito, a alma carece agora daquela fraqueza que manifestava na prática das virtudes, conservando a fôrça, constância e perfeição delas. Assim como os Anjos avaliam perfeitamente as coisas dolorosas sem lhes sentir a dor, e exercitam as obras de misericórdia sem sentimento de compaixão, assim acontece à alma nesta transformação de amor. Algumas vêzes, no entanto, e em certas épocas, Deus permite que ela sinta novamente as coisas e delas sofra, para que mais mereça e se afirme no amor, ou por outros motivos, como permitiu acontecesse à Virgem-Mãe, a São Paulo, e a outros; mas o estado de matrimônio espiritual, por si, não o comporta.

11. Nos desejos da esperança, a alma tão pouco se aflige. Já está satisfeita em sua união com Deus, quanto lhe é possível nesta vida, e, por isto, nada mais tem a esperar da parte do mundo, ou a desejar acêrca do espiritual, pois vê e sente em si mesma uma plenitude de riquezas divinas. E, assim, já está conformada e ajustada à vontade de Deus quanto a viver ou morrer, * dizendo, tanto na parte sensitiva como na espiritual: *Fiat voluntas tua*, sem mais ímpeto de qualquer outra ânsia ou apetite. ** O desejo, pois, que tem de ver a Deus, é sem sofrimento. As afeições do gôzo, as quais costumavam produzir alternativas de sentimento na alma, também não lhe causam impressão, se diminuem, ou novidade, se aumentam; porque, geralmente, tem a alma tanta abundância de gôzo, que se assemelha às águas do mar, o qual nem diminui com os rios que dêle saem, nem cresce com os que nêle entram. Nesta alma, verdadeiramente está aberta aquela fonte cujas águas jorram para a vida eterna, como disse Cristo por S. João (Jo 4, 14).

12. * Pelo fato de ter eu dito que esta alma não recebe coisa nova no seu estado de transformação, no qual parece que lhe são tirados os gozos acidentais que os próprios glorificados têm no Céu, é preciso esclarecer o seguinte. Na verdade, não lhe faltam êsses gozos e suavidades acidentais; antes, de ordinário, lhe são dados sem conta. Não aumenta, porém, a comunicação substancial que recebe no espírito, porque tudo quanto lhe pode vir de novo, já o tem nela; e assim, o bem que a alma possui nessa comunicação é maior do que tôdas as coisas recebidas por acréscimo. Tôdas as vêzes, pois, que se lhe oferecem ocasiões de gôzo e alegria, seja exteriores, seja espirituais e interiores, logo a alma se recolhe a gozar das riquezas que já tem em si mesma; com isto, aumenta muito o deleite e prazer encontrados tanto nestas como nas alegrias acidentais. Participa a alma agora, de certa maneira, da propriedade de Deus, o qual, embora se deleite em tôdas as coisas, não acha nelas tão grande gôzo como em Si mesmo, por encerrar em seu Ser um bem supereminente a tôdas elas. Assim, tôdas as novidades que acontecem a esta alma, trazendo-lhe gozos e delícias, mais lhe servem de lembrete, para deleitar-se naquilo que já possui e sente no seu interior, do que para deter-se nessas novidades, pelo motivo acima referido, de achar em si mesma muito mais do que em tais coisas.

13. E', aliás, muito natural, quando a alma acha gôzo e contentamento em alguma coisa, lembrar-se logo de outra que mais estima e lhe dá maior satisfação, detendo-se nesta última para gozá-la a seu gôsto. Destarte, muito pouco significa o acidental destas novidades espirituais, dadas novamente à alma, em comparação ao substancial que já encerra em si mesma; podemos até dizer que é nada, pois a alma que chegou a esta totalidade de transformação, na qual atingiu seu pleno desenvolvimento, não mais pode crescer com as novidades espirituais, como sucede a outras não chegadas ainda a êste ponto. Causa-nos admiração, todavia, o ver como esta alma, não sendo capaz de receber novos deleites, parece-lhe que os está sempre recebendo de novo, e ao mesmo tempo é como se já os tivesse dentro de si. A razão é que está sempre a gozá-los de cada vez, sendo o bem que possui sempre novo, e assim lhe parece estar recebendo sempre novidades, sem haver mister recebê-las.

14. Se quiséssemos falar da iluminação de glória que por vêzes resplandece na alma, neste ordinário abraço de união, e que consiste em certa conversão espiritual de Deus a ela, fazendo-a ver e gozar de uma só vez, todo êste abismo de deleites e riquezas que há pôsto nela, nada seria capaz de exprimir a mínima parte dessa realidade. À maneira do sol quando investe em cheio sôbre o mar, iluminando até os mais profundos abismos e cavernas, pondo à vista as pérolas e os riquíssimos veios de ouro e de outros minerais preciosos, assim êste divino Sol do Espôso, voltando-se para a Espôsa, de tal modo traz à luz as riquezas da alma, que até os anjos se maravilham dela dizendo aquelas palavras dos *Cantares*: «Quem é esta, que vai caminhando como a aurora quando se levanta, formosa como a lua, escolhida como o sol, terrível como um exército bem ordenado e pôsto em campo?» (Cânt 6, 9). Nesta iluminação, embora de tão grande excelência, nada se acrescenta, contudo, à alma; apenas se mostram à luz os tesouros nela encerrados, a fim de que os possa gozar. **

15. Finalmente, os mêdos das noites veladores também não atingem mais a alma, estando ela agora tão forte e resplendente, e repousando com tanta firmeza em Deus, que os demônios não a podem obscurecer com suas trevas, nem atemorizar com seus terrores, nem tampouco despertá-la com seus ímpetos. Daí vem que nenhuma coisa é capaz de a atingir ou molestar; porque já se recolheu de tôdas as coisas, para dentro de seu Deus, onde goza de tôda paz, fruindo de tôda suavidade, satisfazendo-se em todo deleite, conforme é possível à condição e estado desta vida. Na verdade, da alma aqui chegada se entendem as palavras ditas pelo Sábio: «A alma pacífica e sossegada é como um banquete contínuo» (Prov 15, 15). Assim como num banquete há sabor de todos os manjares, e suavidade de tôdas as músicas, também do mesmo modo a alma neste festim que lhe é dado no peito do Espôso, goza de todo deleite e saboreia tôda suavidade. Muito pouco dissemos a respeito do que se realiza nesta união, pois muito pouco é o que se pode exprimir por palavras; e por mais que se dissesse, seria sempre o mínimo do que se passa na alma chegada a tão ditoso estado. Com efeito, quando a alma acerta a alcançar a paz de Deus, a qual, * como diz a Igreja, ** ultrapassa todo o sentido (Filip 4, 7), também todo o sentido quedar-se-á mudo e incapaz de dizer dela coisa alguma. Segue-se o verso da segunda canção.

Pelas amenas liras,
E canto de sereias vos conjuro.

16. Já explicamos como, pelas amenas liras, significa o Espôso a suavidade que Êle dá à alma neste estado, e com a qual faz cessar tôdas as inquietações já referidas. A música harmoniosa das liras enche o espírito de suavidade e alegria, extasiando-o e absorvendo-o de maneira a que não sinta mais pesares e dissabores; assim também esta suavidade que falamos aqui traz a alma tão prêsa ao seu encanto, que não é atingida por coisa alguma penosa. * E' como se o Espôso dissera: pela suavidade que eu ponho na alma, cessem tôdas as coisas não suaves à alma. ** Dissemos também que o canto de sereias significa o deleite gozado de ordinário, pela alma. O Espôso chama a êste deleite canto de sereias porque assim como êste canto, dizem, é tão agradável e delicioso a quem o ouve, e de tal maneira extasia e enamora o homem, que o transporta fora de si, fazendo-o esquecer tôdas as coisas, de modo semelhante, o deleite desta união absorve sobremaneira a alma em si, e grandemente a contenta, produzindo nela um encantamento que não lhe deixa sentir as contrariedades e perturbações das coisas já referidas, as quais são expressas neste verso:

E cessem vossas iras.

17. Dá o nome de iras às inquietações e aborrecimentos provenientes dos afetos e atividades desordenadas, de que já falamos. A ira consiste em certo ímpeto que turba a paz, saindo dos seus limites: do mesmo modo, tôdas essas afeições, com seus movimentos, excedem o limite da paz e tranqüilidade que há na alma, desassossegando-a quando a assaltam. Esta é a razão de dizer:

E não toqueis no muro.

18. Por muro, o Espôso designa o cêrco de paz e o valado das virtudes e perfeições que cercam e guardam a mesma alma, sendo ela aquêle hôrto de que falamos acima, onde o Amado se apascenta entre as flôres, e que está fechado e guardado só para Êle. Daí vem o chamar à Espôsa hôrto fechado, como diz o Espôso nos *Cantares*: «Minha irmã é hôrto fechado» (Cânt 4, 12). Assim ordena Êle aqui que ainda mesmo no muro e cêrca dêste Seu hôrto fechado, não toquem.

Para a Espôsa dormir sono seguro.

19. A fim de que, diz Êle, mais a seu gôsto se deleite a Espôsa nesta quietação e suavidade de que goza em seu Amado. Convém notar aqui como, neste tempo, já não há porta fechada para a alma; * está em suas mãos gozar à sua vontade, quando quer e quanto quer, dêste suave sono de amor, conforme o dá a entender o Espôso nos *Cantares* dizendo: «Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, pelas gazelas e veados do campo, que não perturbeis nem façais a minha amada despertar, até que ela o queira» ** (Cânt 3, 5).

* *Anotação para a canção seguinte.*

1. Tal era o desejo do Espôso de libertar e resgatar definitivamente esta Sua Espôsa das mãos da sensualidade e do demônio, que afinal o realizou, como vimos que o fêz aqui. E agora, alegra-se como o bom Pastor, trazendo nos ombros a ovelhinha perdida e por tantos caminhos buscada (Lc 15, 5); regozija-se, como a mulher que tem em mãos a dracma procurada, de vela acesa e revolvendo a casa inteira, e que chama seus amigos e vizinhos a partilharem de seu gôzo dizendo-lhes: «Vinde, alegrai-vos comigo» (Lc 15, 9). Causa, pois, admiração contemplar êste amoroso Pastor e Espôso da alma, tão satisfeito e feliz em vê-la já conquistada e perfeita, posta em seus ombros, prêsa por suas mãos, nesta desejada junta e união. Êste gôzo, não o guarda o Amado só para si; faz dêle participantes os anjos e as almas santas, dizendo-lhes como nos *Cantares*: «Saí, filhas de Sião, olhai ao rei Salomão com a coroa com que o coroou sua mãe no dia de seu desposório, no dia da alegria de seu coração» (Cânt 3, 11). Nestas palavras chama Êle à alma sua coroa, sua Espôsa e alegria de seu coração, trazendo-a já nos seus braços, e agindo com ela como Espôso do seu tálamo. Tudo isto é expresso por Êle na seguinte canção. **

Canção XXII

Entrou, enfim, a Espôsa
No hôrto ameno por ela desejado;
E a seu sabor repousa,
O colo reclinado
Sôbre os braços dulcíssimos do Amado.

EXPLICAÇÃO

2. Já empregou a Espôsa tôdas as diligências para que fôssem caçadas as rapôsas, o Aquilão se afastasse, e as ninfas sossegassem, pois eram êstes os estorvos e inconvenientes a impedirem o perfeito deleite do estado de matrimônio es-

piritual. Invocou também o sôpro do Espírito Santo, e o alcançou, como vimos nas canções precedentes, sendo esta a disposição adequada e o meio próprio para a perfeição dêsse ditoso estado. Resta agora tratar dêle nesta canção, na qual o Espôso é quem fala, chamando a alma de Espôsa, e dizendo duas coisas. A primeira é descrever como a mesma alma, depois de ter saído vitoriosa, chegou enfim ao delicioso estado do matrimônio espiritual, tão ardentemente desejado por Êle e por ela. A segunda é enumerar as propriedades do referido estado, das quais já goza a alma nêle, como são: repousar a seu sabor e ter o colo reclinado sôbre os braços dulcíssimos do Amado, conforme iremos agora explicando.

Entrou enfim a Espôsa.

3. Para declarar mais distintamente a ordem destas canções, e mostrar as etapas que, de ordinário, percorre a alma, até chegar a êste estado de matrimônio espiritual, — o mais sublime estado de união de que agora, mediante o favor divino, vamos falar, — façamos a seguinte observação. Antes de a alma aqui chegar, exercita-se primeiramente nos trabalhos e amarguras da mortificação, aplicando-se também à meditação das coisas espirituais, conforme refere desde a canção primeira até aquela que diz «mil graças derramando». Depois, entra na via contemplativa, passando então pelos caminhos e aperturas de amor, descritos sucessivamente nas canções seguintes até aquela que diz: «Aparta-os, meu Amado», e na qual se realizou o desposório espiritual. Prosseguindo mais além, vai pela via unitiva, em que recebe numerosas e grandíssimas comunicações e visitas do Espôso, o qual a orna de dons e jóias, como a Sua desposada; e assim cada vez mais se adianta no conhecimento e perfeição do Amor de seu Espôso, — conforme veio contando desde a referida canção em que se fêz o desposório, e que começa pelas palavras «Aparta-os, meu Amado» — até chegar a esta de agora cujo início é: «Entrou enfim a Espôsa», e na qual só falta realizar-se, afinal, o matrimônio espiritual entre a alma e o Filho de Deus. E', sem comparação alguma, muito mais elevada esta união do matrimônio do que a do desposório espiritual. Trata-se de uma transformação total no Amado; nela se entregam ambas as partes por inteira posse de uma a outra, com certa consumação de união de amor, em que a alma é feita tôda divina, e se torna Deus por participação, tanto quanto é possível nesta vida. Por isto, penso, jamais a alma

chega a êsse estado sem que esteja confirmada em graça, porque nêle se confirma a fidelidade de ambas as partes, e conseqüentemente, a de Deus na alma. Daí vem a ser êste o mais alto estado a que nesta vida se pode chegar. Assim como na consumação do matrimônio humano, são dois numa só carne, segundo a palavra da Sagrada Escritura, (Gn 2, 24), assim também, uma vez consumado êsse matrimônio espiritual entre Deus e a alma, são duas naturezas em um só espírito e amor. * E' o que afirma São Paulo, trazendo esta mesma comparação, ao dizer: «O que se junta ao Senhor torna-se um espírito com Êle» (1 Cor 6, 17). ** E' como se a luz de uma estrêla, ou de uma candeia se unisse e juntasse à luz do sol: já não brilha a estrêla, nem a candeia, mas sòmente o sol, tendo em si absorvidas as outras luzes. O Espôso fala dêste estado no presente verso, dizendo: Entrou enfim a Espôsa. Com estas palavras, significa ter ela saído de tudo quanto é temporal e natural, de tôdas as afeições, maneiras ou modos espirituais, deixando à parte, no olvido, tôdas as tentações, perturbações e penas, bem como seus cuidados e solicitudes, já tôda transformada agora neste sublime abraço. Por tal razão é dito o verso seguinte, nestes têrmos:

No hôrto ameno por ela desejado.

4. Como se dissesse: a alma já se transformou em seu Deus, a quem chama aqui hôrto ameno, pelo delicioso e suave repouso que encontra n'Êle. A êste hôrto de plena transformação, que consiste no gôzo, deleite e glória do matrimônio espiritual, não se chega sem passar primeiro pelo desposório, e por aquêle amor leal que é comum aos desposados. Quando a alma, pois, foi por certo tempo uma noiva para o Filho de Deus, dedicando-Lhe inteiro e suave amor, Êle, enfim, a chama e introduz neste Seu hôrto florido, onde se consuma o felicíssimo estado do matrimônio espiritual. Aqui se realiza tão estreita união das duas naturezas, e tal comunicação da divina à humana, que, sem mudança em nenhuma delas do próprio ser, cada uma parece Deus. E, embora nesta vida, não possa isto operar-se de modo perfeito, é, todavia, acima de tudo quanto se pode dizer e pensar.

5. Esta transformação é muito bem expressa pelo mesmo Espôso nos *Cantares,* quando convida a alma, já feita Sua Espôsa, a tão feliz estado, dizendo: «Vem para o meu jardim, irmã minha Espôsa; seguei a minha mirra com os

meus aromas» (Cânt 5, 1). Chama-a irmã e espôsa, porque já o era no amor e entrega que havia feito de si mesma ao Espôso, até antes de ser chamada ao estado de matrimônio espiritual, onde Êle diz já ter colhido Sua olorosa mirra, e as espécies aromáticas, isto é, os frutos que das flôres já amadureceram e estão preparados para a alma. Êsses frutos significam os deleites e magnificências que o Espôso comunica de Si, dando-se a ela; por isto é Êle ameno e desejado hôrto para a alma. De fato, o único desejo e fim, tanto dela como de Deus, em tôdas as obras, é a consumação e perfeição dêsse estado; e assim jamais descansa a alma até alcançá-lo; na verdade, acha, no matrimônio espiritual, muito maior abundância e fartura em Deus, como também muito mais segura e duradoura paz, e mais perfeita suavidade, sem comparação, do que no desposório espiritual. Colocada agora nos braços de tal Espôso, sente, de ordinário, estar com Êle num estreito abraço espiritual — verdadeiro abraço por meio do qual vive a alma vida de Deus. Em realidade verifica-se nela o que diz São Paulo: «Vivo eu, já não eu, mas Cristo é que vive em mim» (Gál 2, 20). Vivendo, pois, esta alma, vida tão feliz e gloriosa, como é a vida de Deus, considere cada um, se puder, quão saborosa será esta vida, na qual, assim como Deus não pode sentir dissabor algum, assim também a alma tão pouco o sente; muito ao contrário, goza e experimenta o deleite da glória de Deus em sua íntima substância, estando já transformada n'Êle. Por isto, continua a dizer o verso:

E a seu sabor repousa,
O colo reclinado.

6. O colo significa aqui a fortaleza da alma, por meio da qual, como dissemos, se faz esta junta e união entre o Espôso e ela, pois não poderia sustentar tão estreito abraço, se não estivesse já muito forte. Assim como foi nesta fortaleza que a alma pelejou para exercitar-se nas virtudes e dominar os vícios, assim também é justo que, em recompensa de seu trabalho e vitória, repouse tendo o colo reclinado.

Sôbre os braços dulcíssimos do Amado.

7. Reclinar o colo nos braços de Deus é ter unida a própria fortaleza ou, por melhor dizer, a própria fraqueza, à fortaleza de Deus. Os braços de Deus são aqui o símbolo da Sua fortaleza; quando nela se reclina e transforma nossa fraqueza, torna-se então a fortaleza do próprio Deus. Daí

vem a ser muito a propósito a designação do estado do matrimônio espiritual por êste reclinar o colo entre os doces braços do Amado: porque, nesta união, já é o próprio Deus a fortaleza e doçura da alma, em que está ela protegida e amparada contra todos os males, e deliciada em todos os bens. Por êste motivo, desejando a Espôsa nos *Cantares* êste estado, disse ao Espôso: «Quem me dera ter-se por irmão, amamentado aos peitos de minha mãe, para que encontrando-te fora, eu te pudesse beijar sem que ninguém me desprezasse!» (Cânt 8, 1). Chama ao Espôso de irmão, para significar a igualdade de amor que neste desposório há entre os dois antes de chegarem ao matrimônio. Em dizer: «Amamentado aos peitos de minha mãe», exprimia o seu desejo de que Êle secasse e amortecesse nela os apetites e paixões, que são como os peitos e leite de Eva, nossa mãe na natureza humana, os quais impedem êste estado. E, assim, depois disto, «te achasse eu fora», sòzinho, isto é, fora de tôdas as coisas e de mim mesma, em solidão e desnudez espiritual, já mortificados aquêles apetites; enfim, pudesse eu ali beijar-te sòzinha a ti só e, unindo-me só contigo, — na união de minha natureza também solitária e despida de tôda impureza temporal, natural e espiritual, — à tua natureza só, sem mais intermediário algum. Isto se realiza ùnicamente no matrimônio espiritual que é o beijo da alma a Deus, quando então ninguém mais a despreza, nem se atreve a tanto, pois neste estado não a molestam mais apetites, nem demônio, nem carne, nem mundo. Aqui se cumpre a palavra dos Cantares: «Já passou o inverno, já se foram as chuvas; apareceram as flôres na nossa terra» (Cânt 2, 11-12).

* *Anotação para a Canção seguinte.* **

1. Neste alto estado do matrimônio espiritual, o Espôso descobre à alma, como a sua fiel consorte, com grande facilidade e freqüência, seus maravilhosos segredos; porque o verdadeiro e completo amor não sabe esconder coisa alguma a quem ama. Comunica-lhe o Amado, sobretudo, os doces mistérios de sua Encarnação, bem como os modos e maneiras da Redenção humana, que é uma das mais elevadas obras de Deus, e, portanto, ainda mais saborosa para a alma. Embora revele à Espôsa muitos outros mistérios, o Espôso, na canção seguinte, só menciona o da Encarnação, por ser entre todos o principal; e assim, falando com ela, diz:

Canção XXIII

Sob o pé da macieira,
Ali, comigo fôste desposada;
Ali te dei a mão,
E fôste renovada
Onde a primeira mãe foi violada.

EXPLICAÇÃO

2. Declara o Espôso à alma, nesta canção, o admirável modo e plano de que usou para a remir e desposar com Êle, servindo-se dos próprios meios que haviam causado a ruína e a corrupção da natureza humana; pois assim como por meio da árvore proibida no Paraíso, foi essa natureza estragada e perdida por Adão, assim na árvore da cruz foi remida e reparada, dando-lhe Êle ali a mão de Sua graça e misericórdia, mediante Sua Paixão e Morte, e firmando no alto da Cruz a paz que havia sido destruída entre Deus e os homens, em conseqüência do pecado original. Diz então:

Sob o pé da macieira.

3. Isto é, sob a graça da árvore da Cruz, simbolizada aqui pela macieira, onde o Filho de Deus remiu, e, conse-

qüentemente, desposou consigo a natureza humana, e, portanto, cada alma, concedendo-lhe sua graça e penhôres, para êste fim, na cruz. Esta é a razão de dizer:

Ali, comigo fôste desposada;
Ali te dei a mão.

4. Querendo significar: a mão de meu favor e ajuda, levantando-te de teu estado miserável à minha companhia e desposório.

E fôste renovada,
Onde a primeira mãe foi violada.

5. Tua mãe, a natureza humana, foi violada, de fato, em teus primeiros pais, debaixo da árvore; e também tu, ali debaixo da árvore da Cruz, fôste reparada. Se, pois, tua mãe, sob a árvore, te deu a morte, eu, sob a árvore da Cruz, dei-te a vida. A êste teor vai Deus descobrindo à alma as ordenações e disposições de Sua sabedoria, mostrando-lhe como de modo tão sábio e formoso sabe Êle tirar dos males bens; e, assim, aquilo mesmo que foi causa de tanto mal soube transformar em maior bem. As palavras literais desta canção são ditas pelo mesmo Espôso nos *Cantares* à Espôsa: Eu te despertei debaixo da macieira; ali é que tua mãe foi corrompida, ali é que foi violada aquela que te gerou» (Cânt 8, 5).

6. * O desposório feito na Cruz não é o mesmo de que agora falamos; realiza-se êle de uma só vez, quando Deus dá a alma a primeira graça, e, portanto, é feito com cada uma no Batismo. Quanto a êste de que tratamos agora, é feito por via de perfeição, e se opera pouco a pouco, seguindo seus graus. Na realidade, é o mesmo desposório, com esta diferença: êste último se faz ao passo da alma, e assim vai devagar; o primeiro se faz ao passo de Deus, e por conseqüência realiza-se de uma vez. Êste que nos ocupa agora é dado a entender por Deus, nas palavras do profeta Ezequiel dirigidas à alma: «Estavas arrojada sôbre a face da terra, com desprêzo de tua vida, no dia em que nasceste. E, passando eu junto de ti, vi-te debatendo-te no teu sangue, e te disse, estando tu coberta de teu sangue: Vive. Fiz-te crescer como a erva do campo, e cresceste, e te tornaste grande, e te desenvolveste, e atingiste uma beleza perfeita de mulher. Cresceram-te os peitos e multiplicaram-se os teus cabelos. Estavas, porém, nua, e cheia de confusão. E passei junto de ti,

e vi-te; e o tempo em que estavas era o tempo dos amôres; estendi sôbre ti o meu manto e cobri tua ignomínia; e te fiz juramento, e fiz aliança contigo, e tu ficaste sendo minha. E lavei-te com água, limpei-te do teu sangue, e te ungi com óleo. E te vesti de roupas bordadas de diversas côres, e te dei calçados de jacinto, e te cingi de puro linho, e te compus com finas telas; ornei-te com preciosos enfeites, e te pus braceletes nas mãos, e um colar à roda de teu pescoço. Ornei tua fronte com uma jóia, e a tuas orelhas com arrecadas, e a tua cabeça com um formoso diadema. E fôste enfeitada de ouro e prata, e vestida de fino linho, e de roupas bordadas de diversas côres. Fôste nutrida da flor de farinha, e de mel, e de azeite; e te tornaste extremamente bela e chegaste a ser rainha. E o teu nome espalhou-se entre as nações por causa da tua formosura» (Ez 16, 5-14). Até aqui são as palavras de Ezequiel; e desta maneira se acha a alma de que vamos falando. **

* ***Anotação para a canção seguinte.***

1. Depois desta saborosa entrega da Espôsa e do Amado, vem em seguida, imediatamente, o leito de ambos, no qual com muito maior estabilidade goza a alma dos deleites do Espôso, já mencionados. Assim, nesta canção de agora, é descrito êsse leito dos dois, — leito divino, puro e casto, em que a alma está divina, pura e casta. O leito, na verdade, não é para ela outra coisa senão o seu próprio Espôso, o Verbo Filho de Deus, conforme vamos dizer; nêle é que a Espôsa se recosta, mediante a união de amor. Aqui o chama leito florido, porque seu Espôso não sòmente é florido, mas é a mesma flor dos campos e lírio dos vales, segundo diz Êle de Si mesmo nos *Cantares* (Cânt 2, 1). A alma, portanto, recosta-se, não apenas no leito florido, e sim na mesma flor que é o Filho de Deus; essa flor contém em si perfume divino, exalando fragrância, graça e formosura, conforme declara também o Espôso por David, dizendo: «A formosura do campo comigo está» (Sl 49, 11). Eis por que agora a alma canta as propriedades e graças de seu leito, nestes têrmos: **

Canção XXIV

Nosso leito é florido
De covas de leões entrelaçado,
Em púrpura estendido,
De paz edificado,
De mil escudos de ouro coroado.

EXPLICAÇÃO

2. Nas duas canções passadas [1], cantou a alma Espôsa as graças e grandezas de seu Amado, o Filho de Deus. Nesta presente, não só vai prosseguindo, mas também canta antes de tudo o feliz e alto estado em que se vê colocada, bem como

[1] Referência às Canções XIV e XV que precediam a esta, na primeira redação do *Cântico*.

a segurança que nêle há. Em terceiro lugar [2], enumera as riquezas de dons e virtudes com que foi favorecida e ornada no tálamo de seu Espôso, dizendo já haver chegado à união com Deus, na qual tem as virtudes fortalecidas. Em quarto lugar, afirma que já tem a perfeição do amor. Em quinto lugar, fala da paz espiritual de que goza perfeitamente, estando cheia e aformoseada de dons e virtudes, quanto é possível possuir e gozar nesta vida, como iremos declarando nos versos seguintes. A primeira coisa, pois, que a alma canta é o deleite de que goza na união do Amado dizendo:

Nosso leito é florido.

3. Já explicamos como êste leito da alma é o Espôso Filho de Deus, todo florido para ela. Estando agora unida e recostada n'Êle, como espôsa, recebe, no peito do Amado, a comunicação de seu amor, isto é, a sabedoria, os segredos e graças e dons de Deus, com os quais fica tão formosa, rica, e cheia de delícias, que verdadeiramente lhe parece estar num leito de variegadas e suavíssimas flôres divinas cujo toque produz deleite, e cujo odor a inebria. Com muito acêrto a alma dá a esta união de amor o nome de leito florido, a exemplo da Espôsa dos *Cantares* que falando com o Espôso diz: «Nosso leito é florido» (Cânt 1, 15). Chama-o nosso, porque de ambos unidos é o mesmo amor, bem como as mesmas virtudes e o mesmo deleite, isto é, do Amado, conforme afirma o Espírito Santo nos Provérbios: «Acho as minhas delícias em estar com os filhos dos homens» (Prov 8, 31). Mais um motivo tem a alma para dar a êste leito o nome de florido: é já possuir as virtudes em grau perfeito e heróico, — o que não era possível antes de o leito estar florido em perfeita união com Deus. E assim canta imediatamente a segunda propriedade dêle, dizendo no verso seguinte:

De covas de leões entrelaçado.

4. Por covas de leões são designadas as virtudes que a alma possui neste estado de união com Deus. Explica-se a comparação pelo fato de serem essas covas de leões muito seguras e abrigadas contra quaisquer outros animais, causando-lhes temor a fortaleza e ousadia do leão que as habita, e assim não sòmente não se atrevem a entrar nelas, mas nem ainda ousam parar em sua proximidade. Cada uma das virtudes, quando a alma já as tem perfeitas, é como uma cova de leões para ela, em que mora e assiste o Espôso, Cristo, unido com a mesma alma naquela virtude, e, aliás, em cada uma das outras virtudes, còmo forte leão. A alma, unida a Êle, nessas virtudes, torna-se também como forte leão; participa das mesmas propriedades de Deus, e está tão amparada e forte, — em cada uma das virtudes e em tôdas juntas, — recostada assim neste leito florido de união divina, que não se atrevem os demônios a acometê-la. Nem mesmo ousam apresentar-se diante dela, pelo grande temor que lhes causa a vista dessa alma tão engrandecida, resoluta e ousada, com virtudes perfeitas, no leito do Amado. Vendo-a em tão consumada união e transformação de amor, êles a temem como ao próprio Deus, e nem sequer ousam olhá-la; pois muito teme o demônio a alma que alcançou a perfeição.

5. Diz também o verso que o leito está entrelaçado destas covas de leões, isto é, de virtudes, porque, neste estado, já estão entrelaçadas e unidas com tanta fortaleza entre si umas com as outras, e tão ajustadas na total perfeição da alma, sustentando-se umas às outras, que não deixam brecha alguma de frouxidão ou fraqueza em que possa introduzir-se o demônio. Nem mesmo coisa alguma do mundo, seja alta ou baixa, consegue penetrar de modo a inquietar e molestar a alma, ou ainda causar-lhe a mínima impressão. Estando agora livre de tôda perturbação das paixões naturais, alheia e desprendida do bulício e variedade dos cuidados temporais, qual se acha neste estado, goza com segurança e tranqüilidade a participação de Deus. Isto mesmo desejava a Espôsa nos *Cantares* quando dizia: «Quem dera ter-te por irmão, e que mamasses os peitos de minha mãe», para que, encontrando-te fora, a sós, eu te pudesse beijar sem que ninguém me desprezasse! (Cânt 8, 1). Êste beijo é o da união de que vamos falando, na qual se iguala a alma a Deus, por amor. Êste é o motivo por que o deseja a Espôsa, dizendo como seria feliz em ter o Amado por «irmão», — têrmo que significa e produz igualdade. «Amamentado aos peitos de sua mãe», isto é, consumidas tôdas as imperfeições e apetites da natureza humana, herdada de sua mãe Eva; e «achando-o fora», na solidão, a saber, unindo-se com Êle só, fora de tôdas as coisas, desprendida de tôdas elas, segundo a vontade e inclinação. E assim «ninguém a desprezará:» nem o mundo, nem a carne, nem o demônio, ousarão atrever-

[2] Ao desenvolver a explicação, S. João da Cruz perde de vista esta enumeração posta no princípio, e que, aliás, não existe na primeira redação do *Cântico*.

se a isso. De fato, quando a alma se acha livre e purificada de tudo, em união com Deus, nenhuma coisa poderá aborrecê-la. Daqui se origina para ela, neste estado, o gôzo de uma contínua suavidade e tranqüilidade, que nunca perde nem jamais lhe falta.

6. Além desta ordinária satisfação e paz, sucede também desabrocharem as flôres de virtudes, dêste hôrto da alma, trescalando perfumes, de tal maneira que lhe parece estar cheia de deleites divinos, e na verdade assim é. Digo que desabrocham essas flôres de virtudes na alma, porque, embora ela habitualmente as possua em perfeição, contudo nem sempre está gozando delas de modo atual. De certo, aquela paz e tranqüilidade costumam causar-lhe satisfação; mas podemos afirmar que as virtudes, nesta vida, estão na alma como flôres em botão, ainda fechadas, no jardim. E' uma maravilha ver como, algumas vêzes, sob a moção do Espírito Santo, se abrem tôdas essas flôres, exalando de si mesmas os mais variados e admiráveis perfumes. A alma contempla, então, no seu íntimo, as flôres «das montanhas» que significam, conforme dissemos acima [1], a abundância, grandeza, e formosura de Deus; entrelaçadas a elas, estão os lírios dos «vales nemorosos», isto é, descanso, refrigério, e amparo; logo se vêm juntar as rosas perfumadas das «ilhas mais estranhas», simbolizando os peregrinos conhecimentos de Deus; aparecem também as açucenas dos «rios sonoros», a trescalarem seus olores, isto é, a revelação da magnificência de Deus que enche tôda a alma; acrescenta-se ainda o delicado perfume dos jasmins dos «sussurros amorosos», ali entrelaçados, que dão igualmente seu gôzo, neste estado. E, do mesmo modo, tôdas as outras virtudes e dons, dos quais já falamos: o conhecimento sossegado, a «música calada», a «solidão sonora», a amorosa ceia com as suas delícias. Tão imenso é o deleite gozado e sentido pela alma, algumas vêzes, em tôdas essas flôres de virtudes em conjunto, que com muita verdade pode dizer: Nosso leito é florido, de covas de leões entrelaçado. Ditosa a alma que nesta vida merecer gozar alguma vez o olor destas flôres divinas! Continua o verso a dizer como êste leito está também:

Em púrpura estendido.

[1] Ver Canções XIV e XV.

7. Pela púrpura é simbolizada, na Sagrada Escritura, a caridade. Serve também aos reis para suas vestes. Afirma aqui a alma estar o seu leito estendido em púrpura, porque tôdas as virtudes, riquezas e bens nêle contidos estão fundados na caridade do Rei celestial, e só nesta caridade se sustentam e florescem, proporcionando gôzo. Sem êste amor, jamais poderia ela gozar dêste leito e destas flôres. De fato, tôdas as virtudes estão na alma como estendidas no amor de Deus, único receptáculo conveniente para bem conservá-las, e se acham como banhadas em amor. Tôdas e cada uma delas, efetivamente, estão sempre enamorando a alma por Deus, e em tôdas as obras e ocasiões levam-na amorosamente a maior amor de Deus. Tal é a significação do leito «em púrpura estendido». * Nos sagrados *Cantares* temos disso a expressão exata, naquela liteira que Salomão fêz para si, a qual era de madeira do Líbano, com colunas de prata e reclinatório de ouro, e a subida de púrpura, ordenando tudo com a caridade (Cânt 3, 9-10). As virtudes e dotes com que Deus constrói êste leito da alma, — significadas pela madeira do Líbano e as colunas de prata, — têm seu reclinatório ou encôsto no amor, simbolizado pelo ouro; pois, como já dissemos, as virtudes se firmam e conservam no amor. Tôdas elas se ordenam e exercitam mediante a mútua caridade de Deus e da alma, conforme acabamos de dizer. ** Acrescenta a alma que êste leito é também

De paz edificado.

8. * Põe aqui a quarta excelência dêste leito, a qual se deriva imediatamente da terceira, que foi descrita. Vimos como consistia no perfeito amor cuja propriedade é lançar fora todo temor, segundo a palavra de S. João (1 Jo 4, 18), daí procede conseqüentemente a perfeita paz da alma, quarta excelência dêste leito conforme estamos dizendo. Para melhor compreensão, torna-se necessário saber que ** cada uma das virtudes é em si mesma pacífica mansa e forte; logo, produz na alma que a possui êstes três efeitos, de paz, mansidão e fortaleza. Como êste leito florido está composto de tôdas as flôres de virtudes e tôdas elas são pacíficas, mansas e fortes, daí procede estar edificado na paz, achando-se a alma pacífica, mansa e forte. São três propriedades que impossibilitam tôda guerra e combate, tanto da parte do mundo, como do demônio ou da carne; tornam a alma tão tranqüila e segura, que lhe parece, na verdade, estar

tôda edificada na paz. A quinta propriedade dêste leito florido é ser, além de tudo isto,

De mil escudos de ouro coroado.

9. Os escudos são aqui os dons e virtudes da alma. Embora tenhamos dito que são flôres, também lhe servem agora de coroa e prêmio, pelo trabalho que teve em conquistá-las. Muito mais ainda, vêm a servir-lhe, ao mesmo tempo, de defesa, quais fortes escudos, contra os vícios aniquilados pelo exercício delas. Por esta razão, o leito florido da Espôsa, com as virtudes por coroa e proteção, acha-se não só coroado para recompensa da mesma Espôsa, mas protegido por elas como por fortes escudos. Acrescenta a alma que êstes escudos são de ouro, querendo manifestar assim o valor imenso das virtudes. A Espôsa nos *Cantares* diz a mesma coisa por outras palavras: «Eis aqui o leito de Salomão, ao qual rodeiam sessenta fortes dos mais valentes de Israel, cada um dêles leva a espada ao lado, para defesa contra os temores noturnos» (Cânt 3, 7). Em dizer o verso que os escudos são em número de mil, dá a entender a grande cópia de virtudes, graças e dons com que Deus enriquece a alma neste estado; e para significar essa mesma inumerável profusão das virtudes da Espôsa, emprega o Espôso idêntica expressão: «Teu colo é como a tôrre de David, edificada com seus baluartes: dela estão pendentes mil escudos, e tôda a armadura dos fortes» (Cânt 4, 4).

* *Anotação para a canção seguinte.*

1. A alma chegada a esta altura de perfeição, não se satisfaz sòmente em louvar e enaltecer as excelências de seu Amado, o Filho de Deus, nem tampouco em cantar e agradecer as mercês que d'Êle recebe, e os deleites que n'Êle goza. Deseja referir também os dons concedidos pelo Espôso às outras almas, porque nessa bem-aventurada união de amor, a alma contempla tudo isto em conjunto. Para louvar, pois, o Amado, e render-Lhe graças por tais mercês feitas às outras almas, diz esta canção: **

Canção XXV

Após tuas pisadas
Vão discorrendo as jovens no caminho;
Ao toque de centelha,
Ao temperado vinho,
Dando emissões de bálsamo divino.

EXPLICAÇÃO

2. Nesta canção, a Espôsa louva o Amado por três mercês que as almas devotas recebem d'Êle, e por cujo meio se afervoram e adiantam mais no amor de Deus; como a alma já as experimentou neste estado, aqui as menciona. A primeira, diz, é a suavidade que o Espôso lhes dá de Si mesmo; é de tal modo eficaz que as impele a andar com extrema rapidez no caminho da perfeição. A segunda é uma visita amorosa com que sùbitamente as inflama no amor. A terceira consiste na abundância da caridade nelas infundida, embriagando-as tão fortemente que lhes transporta o espírito, — tanto nesta embriaguez como na visita de amor, — em louvores de Deus e afetos suavíssimos de amor. A alma, pois, fala assim:

Após tuas pisadas.

3. As pisadas são rastros deixados pelos pés de alguém que passa, e por êstes rastros se vai descobrindo e buscando

quem por ali andou. O conhecimento, cheio de suavidade, proporcionado por Deus em si mesmo à alma que O busca, é êste rastro e pisada por onde ela vai conhecendo e procurando a Deus. Eis por que a alma diz aqui ao Verbo seu Espôso: após tuas pisadas, isto é, atrás do rastro de tua divina suavidade, que imprimes nos seus corações, e do teu olor que nêles derramas.

Vão discorrendo as jovens no caminho.

4. Isto é, as almas devotas, as quais com fôrças de juventude, recebidas nesta suavidade de tuas pisadas, correm por muitas partes e de muitas maneiras no caminho da vida eterna. Efetivamente, êste é o significado aqui da palavra discorrer. Cada alma por seu lado, e conforme a sua própria vocação, segundo o espírito e o estado que Deus lhe dá, com muita diversidade de exercícios e obras espirituais, segue por êsse caminho que consiste na perfeição evangélica na qual encontram o Amado em união de amor, depois de terem chegado à desnudez espiritual acêrca de tôdas as coisas. Esta suavidade e rastro que Deus imprime de Si na alma, torna-a muito ligeira para correr após o Amado. Muito pouco ou mesmo nada é o que de sua parte trabalha ela então para percorrer êste caminho; pois êste divino rastro do Espôso com tal eficácia a move e atrai, que não sòmente anda, mas como dissemos, nêle corre de muitas maneiras. Por isto a Espôsa nos *Cantares* pediu ao Espôso esta divina atração, dizendo: «Atrai-me, corremos após ti ao olor de teus perfumes» (Cânt 1, 3). E, depois de ter aspirado êste divino perfume, acrescentou: «Ao olor de teus perfumes corremos; as jovens te amaram extremamente».[1] Disse também David: «Corri pelo caminho dos teus mandamentos quando dilataste o meu coração» (Sl 118, 32).

Ao toque de centelha,
Ao temperado vinho,
Dando emissões de bálsamo divino.

5. Nos dois primeiros versos, explicamos como as almas, atrás das pisadas divinas, vão correndo no caminho, por exercícios e obras exteriores. Nestes três de agora, trata a Espôsa do exercício interior da vontade, em que se empregam essas almas, movidas por duas novas graças ou visitas íntimas do Amado, — denominadas aqui toque de centelha

[1] Estas palavras são de uma antífona do Ofício de Nossa Senhora.

e temperado vinho. O próprio exercício interior da vontade, resultante e proveniente dessas duas visitas, é chamado emissões de bálsamo divino. A primeira dessas duas mercês, — o toque de centelha, — é um contato subtilíssimo do Amado na alma, em algumas ocasiões, mesmo quando ela está mais descuidada. Êste toque incendeia-lhe o coração de tal modo no fogo do amor, que parece na verdade uma centelha de fogo que saltou para abrasá-la. Com grande celeridade, então, como quem volta a si de repente, inflama-se a vontade em amor e desejo, louvando, agradecendo e reverenciando a Deus, estimando-O acima de tudo, e dirigindo-lhe súplicas, com amoroso deleite. A êstes atos chama aqui a alma emissões de bálsamo divino, correspondentes ao toque das centelhas que saltam daquele fogo do divino amor onde procedem, o qual é bálsamos divino a confortar e curar a alma com seu olor e substância.

6. Dêste divino toque fala assim a Espôsa nos *Cantares*: «O meu Amado meteu a mão pela abertura, e as minhas entranhas estremeceram ao seu toque» (Cânt 5, 4). O toque do Amado é êste a que nos referimos agora, com o qual Deus inflama a alma em seu amor; a mão significa a mercê que nisto lhe faz; a abertura por onde entrou a mão do Amado é a maneira, estado e grau de perfeição que tem a alma, pois nesta mesma proporção costuma ser o toque em maior ou menor intensidade, de um modo ou de outro, conforme o quilate espiritual da mesma alma. As entranhas que estremeceram representam a vontade onde se produz o toque; o estremecimento é o transporte dela em afetos e aspirações a Deus, desejando amar, louvar, e empregar-se em todos aquêles atos referidos acima, os quais são as emissões de bálsamo divino que dêste toque redundam, conforme dissemos.

Ao temperado vinho.

7. Êste vinho temperado é outra mercê muito maior que Deus concede, algumas vêzes, às almas já adiantadas, inebriando-as no Espírito Santo, com um vinho de amor, suave, saboroso e fortificante, e por isto lhe dá o nome de vinho temperado. Assim como êste vinho especial é condimentado com muitas e diferentes substâncias que lhe dão fôrça e perfume, assim também êste amor de Deus, concedido às almas já perfeitas, está condimentado e assentado no íntimo delas, e temperado com as virtudes que possuem. Êste amor, aro-

matizado como o vinho, com tão preciosas especiarias, produz na alma tal vigor e abundância de suave embriaguez que, nestas visitas de Deus, a alma é movida com grande eficácia e fôrça a dirigir ao seu Amado aquelas emissões, ou emanações de louvor, amor, reverência, e outros afetos, como já dissemos; ao mesmo tempo, sente admiráveis desejos de O servir e de padecer por Êle.

8. E' preciso saber que esta graça da suave embriaguez não passa tão depressa como a do toque de centelha, pois é muito mais persistente. A centelha toca a alma e se extingue, embora seu efeito dure um pouco e chegue, mesmo algumas vêzes, a prolongar-se muito; o vinho temperado, ao contrário, sempre dura por mais tempo, tanto êle como o seu efeito, de suave amor pelo espaço de um ou dois dias, em algumas ocasiões, e até por muitos dias seguidos. A intensidade, contudo, varia, pois não é sempre com o mesmo grau; algumas vêzes diminui, outras cresce, sem depender da alma. Por vêzes, acontece-lhe sentir, sem nada fazer de sua parte, que êste vinho divino lhe vai embriagando a íntima substância, e ao mesmo tempo inflamando o espírito, conforme as palavras de David: «O meu coração abrasou-se dentro de mim; e na minha meditação inflamar-se-á o fogo» (Sl 38, 4). As emissões provenientes desta embriaguez de amor duram às vêzes todo o tempo em que a alma a experimenta; ocasiões há, contudo, em que sente a embriaguez sem as emissões. A intensidade destas, quando se produzem, é proporcional à embriaguez de amor. Quanto aos efeitos da centelha, dá-se o contrário, persistem mais do que ela mesma, pois são efeitos que deixa na alma; são muito mais incendidos do que os da embriaguez, pois esta divina centelha deixa por vêzes a alma a abrasar-se e queimar-se em amor.

9. Já que falamos do vinho condimentado, será bom observar brevemente aqui a diferença existente entre o vinho limpo a que chamam vinho velho e o vinho novo; é a mesma diferença que há entre os antigos e novos amigos e servirá para dar aqui um pouco de doutrina aos espirituais. O vinho novo não tem ainda a bôrra assentada e separada, por isto está fermentando exteriormente, sem que se possa ainda avaliar a sua qualidade e fôrça, — o que só se verá quando estiver bem assentada a bôrra e passar a fermentação. Até então, corre grande risco de toldar-se. Tem o gôsto forte e desagradável, e faz mal a quem dêle bebe muito, pois

sua fôrça está ainda tôda na bôrra. O vinho velho já tem assentada e eliminada a bôrra, e, portanto, já desapareceram aquelas fermentações superficiais que se vêem no novo. Logo se percebe a sua boa qualidade, sem que haja mais risco de toldar-se, pelo fato de não ter mais a efervescência e fermentação da bôrra que o poderia prejudicar. O vinho bem assentado, efetivamente, é raro que se turve ou estrague, e tem o gôsto suave, com a sua fôrça na substância e não no sabor, causando bem-estar e fortalecendo a quem o bebe.

10. Os que começam a amar são comparados ao vinho novo. Principiando a servir a Deus, trazem os fervores dêste vinho de amor muito manifestos ao sentido; não assentaram ainda a bôrra, que é êste sentido fraco e imperfeito, e põem a fôrça do seu amor no sabor sensível. Efetivamente é pelo sabor sensível que, de ordinário, se movem e animam a obrar. E assim, não há que fiar em tal amor, enquanto não se acabam aquêles grosseiros gostos e fervores sensíveis. Sem dúvida, o fervor sensível e o calor do sentimento podem ajudar a alma, inclinando-a para o amor bem ordenado e perfeito, e servirem assim de meio para alcançá-lo, uma vez assentada a bôrra de imperfeição. E', todavia, muito fácil também, nestes princípios, com a novidade de gostos, estragar-se o vinho do amor, se o fervor e o sabor sensível vierem novamente a faltar. Êstes, que começam a amar, sempre trazem ânsias e agitações de amor sensível; convém que se lhes modere a bebida, pois se forem muito levados pela efervescência dêste vinho, em suas ações, estragar-se-á nêles o natural, com estas ânsias e inquietações de amor, isto é, dêste vinho novo, o qual é acre e desagradável, não tendo sido ainda suavizado pela perfeita cocção em que se acabam essas ânsias de amor, como logo diremos.

11. Comparação idêntica faz o Sábio no *Eclesiástico*, por estas palavras: «O amigo novo é como o vinho novo; tornar-se-á velho, e o beberás com suavidade» (Ecli 19, 15). Os velhos amigos, já exercitados e provados no serviço do Espôso, são como o vinho velho, que já tem assentada a bôrra, e não produz mais aquelas efervescências sensíveis, nem aquelas impetuosidades e entusiasmos fogosos no exterior. Gozam da suavidade do vinho do amor já bem fermentado na substância, e não mais se detêm naquele sabor sensível, como é o do amor dos que começam; saboreiam, no íntimo da

alma, êste vinho de amor em sua substância e suavidade espiritual, que se manifesta em obras verdadeiras. Não querem mais apegar-se aos gostos e fervores sensíveis, e nem mesmo os desejam para não terem agitações e tristezas. Na verdade, quem larga rédeas ao apetite para qualquer gôsto sensível necessàriamente há de ter penas e desgostos no sentido, e também no espírito. Êstes amigos velhos, carecendo daquela suavidade espiritual cuja raiz está no sentido, já não têm essas penas e agitações no sentido e no espírito, e assim é maravilha se faltarem a Deus; estão acima do que os poderia levar a isso, isto é, acima da sensualidade. Bebem o vinho do amor não sòmente assentado e limpo de bôrra, mais ainda temperado, conforme diz o verso, com as especiarias das virtudes perfeitas que não o deixam toldar como o novo. Por isto, o amigo velho é de grande estimação diante de Deus, e a êle se referem as palavras do *Eclesiástico*: «Não deixes o amigo velho; porque o novo não será semelhante a êle» (Ecli 9, 14). Com êste vinho, pois, de amor já provado e temperado na alma é que realiza o Amado a embriaguez divina, da qual falamos, em cuja fôrça dirige a alma a Deus as suaves e saborosas emissões. O sentido, portanto, dos três versos é o seguinte: Ao toque da centelha com que despertas minha alma, e o temperado vinho com que amorosamente a inebrias, ela te envia as emissões de bálsamo divino, as quais são os movimentos e atos de amor que nela provocas.

Anotação para a Canção seguinte.

1. Como não estará, pois, tão ditosa alma neste leito florido, onde sucedem as sublimes coisas que já relatamos, e ainda muitas outras mais, tendo ela por reclinatório seu Espôso, o Filho de Deus, e por dossel e coberta a caridade e amor do mesmo Espôso! Decerto, tem o direito de fazer suas as palavras da Espôsa: «A sua mão esquerda está sob a minha cabeça» (Cânt 2, 6). Com tôda a verdade poder-se-á afirmar que esta alma está agora revestida de Deus, e banhada na divindade; não só exteriormente e na superfície, mas no íntimo do seu espírito, onde tudo se transforma em deleites divinos, inundada em abundância de águas espirituais de vida, experimenta o que diz David dos que estão desta maneira unidos a Deus: «Embriagar-se-ão da abundância de tua casa, e tu os farás beber na torrente de tuas delícias. Porque em ti está a fonte da vida» (Sl 35, 9-10). Que fartura não será, então, a desta alma em seu íntimo ser, se a bebida que lhe dão é nada menos do que uma torrente de deleites, a qual é o próprio Espírito Santo, a quem S. João dá o nome de rio de água viva, resplandecente como cristal, saindo do trono de Deus e do Cordeiro! (Apoc 22, 1). Estas águas vivas, contendo em si mesmas o mais íntimo amor de Deus, infundem ìntimamente na alma e lhe dão a beber essa mesma torrente de amor que, como dissemos, é o Espírito de seu Espôso, infundido nela pela graça desta união. Em razão disto, a alma canta, com grande abundância de amor, a canção seguinte. **

Canção XXVI

Na interior adega
Do Amado meu, bebi; quando saía,
Por tôda aquela várzea,
Já nada mais sabia,
E o rebanho perdi, que antes seguia.

EXPLICAÇÃO

2. Conta a alma, nesta canção, a soberana mercê que Deus lhe fêz, em recolhê-la no íntimo de Seu amor, e esta é a graça da união transformante no amor divino. Refere dois frutos que daí tirou: olvido e alheamento de tôdas as coisas do mundo, e mortificação de todos os seus apetites e gostos.

Na interior adega.

3. Para dizer algo sôbre esta adega, e declarar o que a alma aqui deseja exprimir ou significar, seria mister que o Espírito Santo tomasse a mão e movesse a pena. Esta adega, mencionada pela alma, é o mais extremo e íntimo grau de amor, a que ela pode chegar nesta vida. Esta é a razão de dar-lhe o nome de adega interior, isto é, a mais íntima; donde se conclui que há outras, menos interiores, a saber, os graus de amor pelos quais se sobe até esta última. Podemos classificar êstes graus ou adegas de amor em número de sete; a alma os possui todos, quando se acha na posse perfeita dos sete dons do Espírito Santo, segundo a sua capacidade para os receber. Assim, quando a alma chega a possuir em perfeição o espírito de temor, tem igualmente em perfeição o espírito de amor, pois êsse temor, que é o último dos sete dons, é filial, e sendo temor perfeito de filho, procede do amor perfeito do Pai. Vemos que a Sagrada Escritura, quando quer dizer que alguém é perfeito na caridade, chama-o temente a Deus. Donde Isaías, profetizando a perfeição de Cristo disse: «Será cheio do espírito do temor de Deus» (Is 11, 3). E também S. Lucas chama ao velho Simeão de timorato: «Era varão justo e timorato» (Lc 2, 25). E o mesmo é dito de muitos outros.

4. Notemos que muitas almas chegam e entram nas primeiras adegas, cada uma segundo a perfeição de amor que lhe é própria; mas, nesta última e mais interior, poucas são as almas que nela penetram, nesta vida; porque aí já se realiza a perfeita união com Deus, chamada matrimônio espiritual, e referida pela alma neste lugar. O que Deus lhe comunica nessa estreita união é totalmente inefável; não se pode traduzir por palavras, assim como não é possível dizer algo que corresponda ao que Êle é em Si mesmo. E' o próprio Deus quem se comunica à alma, com admirável glória, transformando-a n'Êle; ambos não fazem mais que um, por assim dizer, como a vidraça com o raio de sol que a ilumina, ou

como o carvão inflamado e o fogo, ou ainda como a luz das estrêlas com a do sol. Esta união, todavia, não se efetua de modo tão perfeito e essencial como na outra vida. Para dar uma idéia do que recebe de Deus nesta adega interior de união, a alma não diz outra coisa, nem penso poderia dizer palavra mais adequada, para exprimir algo dêsse mistério, do que o verso seguinte:

Do Amado meu, bebi.

5. Assim como a bebida se espalha e derrama por todos os membros e veias do corpo, assim esta comunicação divina se difunde substancialmente em tôda a alma, ou, dizendo melhor, a alma se transforma tôda em Deus, e, nessa transformação, bebe de seu Deus conforme sua própria substância e segundo suas potências espirituais. Quanto ao entendimento, bebe sabedoria e ciência; quanto à vontade, bebe amor suavíssimo; e, quanto à memória, bebe alegria e deleite, com lembrança e sentimento de glória. Referindo-se primeiramente ao deleite que recebe e goza em sua substância, diz a alma nos *Cantares*: «Minha alma se derreteu quando o Amado falou» (Cânt 5, 6). O falar do Espôso significa justamente essa comunicação d'Êle à alma.

6. Que o entendimento beba sabedoria, também o declara a Espôsa no mesmo livro, quando, em seu desejo de alcançar êsse beijo de união, pediu-o ao Espôso dizendo: «Ali me ensinarás», — isto é, sabedoria, e ciência de amor, — «e eu te darei a beber um vinho temperado e um licor novo das minhas romãs» (Cânt 8, 2): querendo significar, meu amor, temperado com o teu, ou seja, transformado no teu.

7. Quanto à terceira potência, a vontade, afirma igualmente a Espôsa, no mesmo livro dos *Cantares*, que bebe ali amor: «Introduzindo-me na adega do vinho, ordenou em mim a caridade» (Cânt 2, 4). E' o mesmo que dizer: deu-me a beber amor, mergulhada no seu próprio amor. Ou mais claramente, falando com maior exatidão: ordenou em mim sua caridade, conformando-me e assimilando-me à Sua mesma caridade, o que significa beber a alma no Amado, seu mesmo amor, infundido nela pelo próprio Amado.

8. E' bom observar aqui, a respeito da opinião de alguns, de que não pode amar a vontade sem primeiro compreender o entendimento, que isto é certo do ponto de vista natural. De fato, por via natural, não é possível amar, sem antes conhecer o que se ama. Por via sobrenatural, porém, Deus pode

muito bem infundir amor, e fazê-lo crescer, sem infundir nem aumentar o conhecimento distinto, como podemos ver no texto da Sagrada Escritura citado acima. Realidade esta, aliás, bem experimentada por muitos espirituais: muitas vêzes se sentem arder em amor de Deus sem, contudo, lhes ser dado mais distinto conhecimento d'Êle; podem, portanto, entender pouco e amar muito, como, também, entender muito e amar pouco. E ordinàriamente acontece que almas não muito avantajadas no conhecimento de Deus costumam aproveitar melhor quanto à vontade, e lhes basta a fé infusa em lugar da ciência do entendimento; então, é só mediante a fé que Deus lhes infunde caridade, intensificando-a em seus atos, e conseqüentemente essas almas chegam a maior amor, embora não lhes seja aumentado o conhecimento. Pode, assim, a vontade beber amor, sem que o entendimento beba nova inteligência; mas, no caso de que vamos tratando, — da alma que bebeu de seu Amado, — como é união na adega interior, segundo as três potências, tôdas, como havemos dito, bebem juntamente.

9. Em quarto lugar, está claro que a alma também bebe ali de seu Amado, quanto à memória, pois está ilustrada com a luz do entendimento em lembrança dos bens que está possuindo e gozando nessa união de seu Espôso.

10. Esta bebida divina endeusa e levanta de tal modo a alma, embebendo-a no próprio Deus, que,

Quando saía.

11. Isto é, depois que acabou de receber esta mercê; pois, embora a alma permaneça sempre neste sublime estado do matrimônio espiritual, uma vez chegada a êle, nem sempre está em união atual segundo as suas potências, mas sim quanto a sua substância. Nesta união substancial, entretanto, muito freqüentemente se unem também as potências, e bebem na adega interior, recebendo luz no entendimento, e amor na vontade, etc. Dizendo agora a alma «quando saía», refere-se, não a essa união substancial ou essencial que sempre persiste, e que constitui o estado do matrimônio espiritual, mas à união das potências, que não é contínua, nem o poderia ser nesta vida. Quando, portanto, a alma saía de tal união,

Por tôda aquela várzea.

12. Como a dizer: por tôda a extensão dêste mundo.

Já nada mais sabia.

13. A razão disto é que aquela bebida de altíssima sabedoria de Deus, que ali recebeu, fêz a alma olvidar tôdas as coisas do mundo. Parece haver olvidado até o que antes sabia; aliás, todo o saber humano das criaturas, em comparação daquela ciência divina, é pura ignorância. * Para melhor compreensão desta verdade, precisamos entender que a causa formal desta ignorância da alma a respeito de tôdas as coisas do mundo, em chegando a êsse estado, é estar agora ilustrada de uma ciência sobrenatural, diante da qual todo outro saber, convencional e humano, desta terra, mais se pode qualificar de não saber do que de saber. Elevada a alma a tão sublime sabedoria, conhece por esta luz como tôdas as sabedorias do mundo, que não se assemelham a ela, não merecem o nome de saber, e sim o de não saber, e, portanto, nelas nada há que saber. No que se afirma a verdade das palavras do Apóstolo, quando diz: «A sabedoria dêste mundo é loucura diante de Deus» (1 Cor 3, 19). Eis o motivo de a alma asseverar que «já nada mais sabia», depois de ter bebido aquela sabedoria divina. Não é possível chegar ao conhecimento desta verdade — da pura ignorância que é tôda a sabedoria humana do mundo inteiro, e de quão pouco merece êste ser sabido, a menos que a alma receba esta mercê, e Deus lhe comunique interiormente Sua própria sabedoria, confortando-a com esta bebida de amor para que conheça claramente essa realidade. Assim o dá a entender Salomão, dizendo: «Visão que expôs um homem, com quem Deus está, e que, tendo sido confortado pela assistência de Deus que reside nêle, disse: eu sou o mais insensato dos homens, e a sabedoria dos homens não está em mim» (Prov 30, 1-2). Estando a alma naquele excesso de altíssima Sabedoria de Deus, tôda a sabedoria humana torna-se evidentemente baixa ignorância; porque até as ciências naturais e as mesmas obras feitas por Deus, diante do conhecimento do próprio Deus, são como ignorâncias, pois onde não se sabe Deus, nada se sabe. Eis por que aquilo que há de mais sublime em Deus parece aos homens extravagância e loucura, segundo afirma também São Paulo (1 Cor 2, 14). Os sábios de Deus e os sábios mundanos são loucos uns para os outros; nem os primeiros podem perceber a ciência do mundo, nem os segundos a sabedoria e ciência de Deus, porquanto a sabedoria do mundo é ignorância em relação à de Deus, e vice-versa. **

14. Além disto, aquêle endeusamente e transporte do espírito em Deus, que mantém a alma como arroubada e embebida em amor, tôda transformada no mesmo Deus, não a deixa advertir em coisa alguma do mundo. E não sòmente fica a alma abstraída e aniquilada em relação a tôdas as coisas, mas ainda a si mesma, como resumida e desfeita em amor, isto é, numa fusão de todo o seu ser no Amado. Êste «não saber», produzido pela união, a Espôsa nos *Cantares,* depois de ter falado de sua transformação de amor no Espôso, bem o exprime na palavra *nescivi,* que significa «não o soube» (Cânt 6, 11). * De certo modo, está a alma aqui como Adão no estado de inocência, que ignorava tôda malícia; porque está agora tão inocente, que não compreende o mal, nem julga haver maldade em coisa alguma. Ouvirá talvez muitas coisas más, e as verá com seus olhos, e não será capaz de entender que o são; isto procede de não ter em si hábito do mal por onde possa julgar assim, pois Deus tirou-lhe completamente os hábitos imperfeitos e a ignorância que encerra o mal do pecado, quando lhe infundiu o hábito perfeito da verdadeira sabedoria; e, portanto, também sôbre êsse ponto, pode dizer a alma, já nada mais sabia. **

15. Muito menos se intrometerá ela em coisas alheias, visto como nem das suas se lembra. O espírito de Deus tem esta peculiaridade, na alma em que reside: logo a inclina a ignorar e não querer saber as coisas alheias, mormente aquelas que não concernem ao seu próprio aproveitamento; porque êste espírito divino é de recolhimento, atraindo interiormente a alma, antes para tirá-la das coisas estranhas do que para dar-lhe conhecimento delas, e assim faz com que não saiba de mais nada como antes sabia.

16. Não vamos pensar, porém, que a alma, permanecendo neste «não saber», venha a perder agora os hábitos de ciências adquiridas anteriormente, pois até se aperfeiçoam com êste novo hábito mais perfeito, que é o da ciência sobrenatural infusa. Sòmente acontece que não mais têm domínio na alma de modo a que ela necessite servir-se dêles para saber, embora lhe seja possível isto algumas vêzes. Nesta união de sabedoria divina, juntam-se êsses hábitos com uma sabedoria superior que encerra tôdas as ciências: é como uma luz pequenina que se une a outra muito mais possante que a absorve e passa a brilhar sòzinha. A luz menor não se extingue, mas se aperfeiçoa na maior, embora

por si mesma não seja a que mais brilha. Assim, entendo, será no Céu. Não serão aniquilados os hábitos de ciência adquirida que levarem consigo os justos; mas êstes não hão de fazer muito caso de tais hábitos, porque ficarão sabendo muito mais do que tudo isto, na sabedoria divina.

17. Na absorção de amor em que a alma está, perde e ignora todos os conhecimentos e noções particulares das coisas e atos imaginários, bem como qualquer outra apreensão que tenha forma ou figura; e isto sucede por duas causas. A primeira é que, ficando a alma atualmente absorvida e imersa naquela bebida de amor, não pode atender nem ocupar-se em outra coisa de modo atual. A segunda, e principal, é ser a mesma alma, naquela transformação em Deus, de tal maneira assimilada à simplicidade e pureza do próprio Deus (a qual não pode conter forma ou figura alguma imaginária), que se torna limpa e pura e despojada de tôdas as formas e figuras apreendidas anteriormente, já agora purificada e ilustrada com aquela simples contemplação. Êste efeito é semelhante ao do sol sôbre a vidraça; infundindo nela sua luz, torna-a clara e faz desaparecer à vista tôdas as manchas e poeiras que eram perceptíveis; mas, uma vez afastado o raio luminoso, logo reaparecem as manchas e pontos escuros ali existentes. Na alma, todavia, como permanece e perdura algum tempo o efeito daquele ato de amor, também se prolonga o não saber, de modo a não lhe ser possível atender em particular a coisa alguma, até que passe o fervor do referido ato de amor. Êste, do mesmo modo que a inflamou e transformou em amor, igualmente a aniquilou e desfez em tudo quanto não era amor, conforme podemos compreender pelas palavras de David: «Inflamou-se o meu coração, meus rins se mudaram, e eu fui reduzido a nada, e não o soube» (Sl 72, 21-22). Mudaram-se os rins, nesta inflamação do coração, significa mudar-se a alma, quanto a todos os seus apetites e operações em Deus, numa nova maneira de vida, já totalmente desfeita e aniquilada a antiga em que antes vivia. E em dizer o Profeta, que foi reduzido a nada, e não o soube, são assinalados os dois efeitos produzidos por esta bebida na adega interior de Deus. De fato, não apenas se aniquila todo o saber que a alma possuía anteriormente, e tudo lhe parece nada, mas também se aniquilam suas imperfeições e tôda sua vida velha, renovando-

se agora no homem novo, e êste é o segundo efeito, contido no seguinte verso:

E o rebanho perdi, que antes seguia.

18. E' preciso saber que a alma, até chegar a êste estado de perfeição do qual vamos falando, por mais espiritual, guarda sempre algum rebanhozinho de apetites e gostinhos, com outras imperfeições próprias, seja naturais ou espirituais; anda atrás dêles procurando apascentá-los, isto é, ocupando-se em satisfazê-los e seguir-lhes as inclinações. Quanto ao entendimento, costumam ficar na alma algumas imperfeições de apetites em saber as coisas. Acêrca da vontade, deixa-se levar por alguns gostinhos e apetites próprios, ora no temporal como possuir certas coisinhas, apegando-se mais a umas do que a outras, e tendo algumas imperfeições de apetites em saber as coisas. Acêrca da vontade, deixa-se levar por alguns gostinhos e apetites próprios, ora no temporal como possuir certas coisinhas, apegando-se mais a umas do que a outras, e tendo algumas presunções, estimações e pontinhos em que reparam, além de outras bagatelas que ainda têm cheiro e sabor de mundo; ora, acêrca do material, na comida ou bebida, gostando mais disto ou daquilo, escolhendo e querendo o melhor. E também em relação ao espiritual, como seja desejar consolações de Deus, além de outras coisas descabidas, que jamais acabaríamos de enumerar, e são comuns aos espirituais ainda não perfeitos. Acêrca da memória, muitas distrações, cuidados e lembranças inúteis costumam ter, e se lhes vai a alma atrás de tudo isto.

19. Igualmente a respeito das quatro paixões têm êsses espirituais, ainda imperfeitos, muitas esperanças e gozos, dores e temores, que são inúteis, e atrás dêstes sentimentos costuma andar a alma. Enfim, êste rebanho que explicamos é mais ou menos numeroso, para uns ou para outros; mas geralmente todos o andam apascentando, até entrarem nesta adega interior onde vêm beber. Perdem-no, então, inteiramente, sendo transformados todos no amor, e aí consumidos êstes rebanhos de imperfeições da alma, mais fàcilmente do que a ferrugem e o môfo dos metais no fogo. A alma, pois, já se sente livre de tôdas aquelas ninharias de gostinhos e inutilidades, após as quais andava se apascentando, e assim pode agora dizer com razão:

E o rebanho perdi, que antes seguia.

Anotação para a canção seguinte.

1. Comunica-se Deus à alma com tantas veras de amor, nesta íntima união, que não há afeto de mãe acariciando seu filhinho com tôda a ternura, nem amor de irmão, nem amizade de amigo, que se lhe possa comparar. A tanto chega, com efeito, a ternura e verdade do amor com que o imenso Pai regala e engrandece esta humilde e amorosa alma. O' coisa maravilhosa e digna de todo o espanto e admiração: sujeitar-se Deus à alma, verdadeiramente, para exaltá-la, como se fôra seu servo, e ela fôra o seu senhor! E está tão solícito em regalá-la como se Êle fôra seu escravo e ela seu Deus, — tão profunda é a humildade e mansidão de Deus! Nesta comunicação de amor, o Senhor exercita, de certo modo, aquêle ofício a que se refere no Evangelho, dizendo que no céu se cingirá e servirá aos seus escolhidos, passando de um a outro (Lc 12, 37). Está ocupado aqui em festejar e acariciar a alma, tal como faz a mãe em servir e mimar o filhinho, criando-o aos seus mesmos peitos. Nisto experimenta a alma a verdade das palavras de Isaías: «Aos seus peitos sereis levados, e sôbre seus joelhos sereis acariciados» (Is 66, 12).

2. Que sentirá, pois, a alma aqui, entre tão soberanas mercês? Como não se desfará tôda em amor! Qual não será a sua gratidão vendo êsse peito de Deus aberto para ela com tão sublime e liberal amor! Vendo-se no meio de tantos deleites, entregando-se totalmente a Deus, dando-Lhe também os seus peitos, isto é, sua vontade e amor, experimenta, então, e percebe no seu íntimo, o mesmo que sentia a Espôsa nos *Cantares* quando falava assim ao Espôso: «Eu sou para meu Amado e meu Amado para mim se volta. Vem, Amado meu, saiamos ao campo, moremos nas quintas. Levantemo-nos de manhã para ir às vinhas, vejamos se a vinha já tem dado flor; se as flôres produzem fruto; se as romãs já floresceram. Ali te darei meus peitos» (Cânt 7, 10-13). Como a dizer: empregarei os deleites e fôrça de minha von-

tade a serviço de teu amor. Assim é que se realizam estas duas entregas, da alma e de Deus nesta união; e, por isto, a mesma alma as refere na canção seguinte, dizendo: **

Canção XXVII

Ali me abriu seu peito,
E ciência me ensinou mui deleitosa,
E a êle, em dom perfeito,
Me dei, sem deixar coisa,
E então lhe prometi ser sua espôsa.

EXPLICAÇÃO

3. Nesta canção, a Espôsa relata a entrega que houve de ambas as partes, — isto é, dela e de Deus, — neste desposório espiritual. Diz como na adega interior se uniram os dois; o Amado a ela se comunicou, abrindo-lhe o peito de seu amor livremente, e ensinando-lhe os segredos de sua sabedoria; e a alma se entregou a Êle de modo total, em dom perfeito e inteiro, sem reservar coisa alguma para si ou para outrem, tendo-se agora por tôda Sua para sempre. Segue-se o verso:

Ali me abriu seu peito.

4. Abrir o peito de um ao outro significa dar o amor e amizade mùtuamente, descobrindo um ao outro seus próprios segredos como de amigo a amigo. Assim, em dizer a alma que o Espôso lhe abriu ali seu peito quer mostrar como lhe comunicou Seu amor e seus segredos; é isto o que Deus faz à alma neste estado de união. Mais adiante, continua ela a dizer no verso seguinte:

E ciência me ensinou, mui deleitosa.

5. A ciência deleitosa que a alma refere ter aprendido aqui é a teologia mística, ciência secreta de Deus, — chamada, pelos espirituais, de contemplação, — a qual é mui saborosa, por ser ciência de amor, cujo mestre é o próprio amor donde lhe vem todo o deleite. Deus comunica esta ciência ou inteligência à alma, no amor com que Êle mesmo se dá; causa deleite ao entendimento, pois, como ciência, a êle pertence; e, ao mesmo tempo, traz gôzo à vontade, por ser ciência de amor, o qual é próprio da vontade. E acrescenta logo:

E a êle, em dom perfeito,
Me dei, sem deixar coisa.

6. Naquela suave bebida de Deus, em que, como dissemos, se embebe a alma no próprio Deus, com tôda a sua vontade e com grande suavidade entrega-se ela tôda a Êle para sempre, querendo ser tôda Sua, e não ter em si mesma coisa estranha de Deus. Por sua vez, Deus produz na alma, mediante esta união, a perfeição e pureza para isto necessárias, porquanto transforma a alma n'Êle, e a faz totalmente Sua, tirando-lhe tudo que nela havia alheio a Deus. Em conseqüência, não sòmente segundo a vontade, mas também por obra, fica a alma, de fato, dada de todo a Deus, em dom perfeito, assim como Deus se deu livremente a ela. Pagam-se agora aquelas duas vontades, entregues e satisfeitas entre si, de modo que nada mais há de faltar, da parte de uma e de outra, em fidelidade e firmeza de desposório. Por esta razão, continua a alma, dizendo:

E então lhe prometi ser sua espôsa.

7. Assim como a desposada não dá a outro que não seja o Espôso todo o seu amor, sua atenção e suas obras, assim a alma, neste estado, já não tem afetos de vontade, nem notícias de entendimento, nem outra qualquer solicitude ou atividade, que não seja para seu Deus, ao qual tendem todos os seus desejos. Está agora como divina, tôda endeusada, a ponto de nem mais sentir primeiros movimentos para coisa alguma que seja contra a vontade de Deus, em tudo quanto pode entender. A alma imperfeita ordinàriamente costuma sentir, ao menos por primeiros movimentos, inclinação para o mal, segundo o entendimento, vontade e memória, bem como em seus apetites e imperfeições; mas a alma no estado de união aqui referido sempre se move e inclina para Deus, mesmo nesses primeiros movimentos, pela grande firmeza e ajuda que acha n'Êle, já em perfeita conversão ao bem. Tudo isto foi acertadamente expresso por David, quando assim falou de sua própria alma neste estado: «Porventura a minha alma não estará sujeita a Deus? Sim, pois que dêle me vem a salvação. Porquanto êle é meu Deus e meu Salvador; meu recebedor, não serei comovido jamais» (Sl 61, 2). Nesta palavra «recebedor», dá a entender como, por estar sua alma tôda recebida por Deus e unida a Êle, — como esta de que falamos, — não havia de ter mais movimento algum contrário a Deus.

8. * De tudo quanto dissemos se colige claramente que a alma chegada ao estado de desposório espiritual não sabe

outra coisa a não ser amar, e andar sempre em deleites de amor com o Espôso. Como atingiu a perfeição, cuja forma e ser é o amor, segundo a palavra de São Paulo (Col 3, 14), e quanto mais alguém ama, tanto mais é perfeito naquilo que ama, logo esta alma já perfeita é tôda amor, se assim podemos dizer, e tôdas as suas ações são amor; tôdas as suas potências, e enfim, todo o seu cabedal, emprega no amor, dando tudo quanto possui, como o sábio mercador do Evangelho (Mt 13, 46), por êste tesouro de amor que achou escondido em Deus. E' êle tão precioso aos olhos do Senhor, e tão bem vê a alma como o Amado nenhuma coisa aprecia, nem de nada se serve, fora do amor, que ela em seu desejo de O servir com perfeição, tudo emprega ùnicamente no puro amor de Deus. Não o faz só pelo fato de o querer Deus assim, mas também porque o amor que a une ao Amado move-a em tudo, e por meio de tôdas as coisas, ao mesmo amor de Deus. À semelhança da abelha que suga o mel contido nas flôres, e delas não se serve para outro fim, do mesmo modo a alma, agora, em tudo quanto lhe acontece, com grande facilidade tira a doçura, de amor ali encerrada. Ocupa-se tôda em amar a Deus através de tudo, vendo-se agora penetrada e amparada pelo amor, como o está, não é capaz de entender, sentir e distinguir o que lhe traz gôzo ou pena, porque não sabe outra coisa senão amor. Em tôdas as coisas, e em tudo quanto trata, seu único gôzo é o deleite do amor divino. Para dar uma idéia disto, canta a seguinte Canção. **

* *Anotação para a canção seguinte.*

1. Dissemos que Deus não se serve de outra coisa a não ser do amor; antes, porém, de entrar no desenvolvimento desta verdade, será bom dar aqui a razão dela, que é a seguinte. Tôdas as nossas obras, bem como todos os nossos trabalhos, por maiores que sejam, nada são diante de Deus, porque com êles nada podemos oferecer a Deus, nem chegamos a cumprir Seu único desejo: o de exaltar a alma. Nada deseja Êle para si de tudo quanto fazemos ou sofremos, pois de nada precisa; e se de alguma coisa é servido é de que a alma seja engrandecida. Ora, não há maior grandeza para a alma do que ser igualada a Deus. Por isto, Êle se serve sòmente do amor da alma, pois é próprio do Amor igualar o que ama com o objeto amado. Como a alma já possui, enfim, perfeito amor, é chamada Espôsa do Filho de Deus; êste nome significa essa igualdade que tem agora com Êle, — igualdade de amizade que torna tudo comum entre os dois, conforme a palavra do mesmo Espôso aos discípulos: Já vos chamei amigos, porque vos dei a conhecer tudo aquilo que ouvi de meu Pai» (Jo 15, 15). Diz assim a Canção: **

Canção XXVIII

Minha alma se há votado,
Com meu cabedal todo, a Seu serviço;
Já não guardo mais gado
Nem mais tenho outro ofício.
Que só amar é já meu exercício.

EXPLICAÇÃO

2. A alma, ou dizendo melhor, a Espôsa, depois de ter dito na Canção passada como se deu tôda ao Espôso sem reservar nada para si, exprime agora na canção presente o modo e plano de realizar a sua doação. Consiste em ter-se votado, de corpo e alma, com tôdas as potências e disposições, sòmente às coisas que são do serviço de seu Espôso, e

a nenhuma outra mais. Por tal motivo, já não anda buscando seu próprio lucro, nem seus gostos particulares; tampouco se ocupa em outros objetos ou tratos estranhos e alheios a Deus. E ainda com o mesmo Deus, já não tem outro estilo nem modo de tratar a não ser exercício de amor, pois mudou e trocou definitivamente em amor tudo quanto fazia antes, conforme se dirá agora.

Minha alma se há votado.

3. Em dizer isto, significa a entrega feita de si ao Amado naquela união de amor. Aí sua alma com tôdas as potências ficou entregue e dedicada ao serviço d'Êle: o entendimento, ocupando-se em compreender aquilo em que poderá servir ao Amado, a fim de o fazer; a vontade, em amar tudo o que agrada a Deus, afeiçoando-se em tôdas as coisas à vontade d'Êle; a memória, com solicitude no que é do seu serviço e mais lhe agrada. E acrescenta:

Com meu cabedal todo, a seu serviço.

4. Por todo seu cabedal é aqui compreendido tudo quanto pertence à parte sensitiva da alma. Nela se inclui o corpo com todos os sentidos e potências, interiores e exteriores, e tôda a sua habilidade natural, isto é, as quatro paixões, bem como as inclinações da natureza e o mais que a alma possui. Tudo isto, afirma, já está empregado no serviço de seu Amado, assim como o está a parte racional e espiritual de que se falou no verso precedente. De fato, agora o corpo, em todos os seus sentidos interiores e exteriores, é tratado segundo a vontade de Deus, dirigindo para Êle tôdas as suas operações; as quatro paixões também estão submissas a Deus, pois a alma não se goza em outra coisa a não ser n'Êle; não tem esperança alguma fora de Deus, nada teme a não ser a Deus e não sofre senão conforme o querer divino, enfim, tôdas as suas inclinações e cuidados tendem ùnicamente a Deus.

5. Todo êste cabedal se acha tão inteiramente votado e dirigido a Deus, que, mesmo sem advertência da alma, as diversas partes que o compõem, logo nos primeiros movimentos já se inclinam a agir em Deus e por Deus; o entendimento, a vontade e a memória se elevam para Êle imediatamente em suas operações, enquanto os afetos e sentidos, desejos e apetites, bem como a esperança, o gôzo, — e enfim tudo o mais, — logo no primeiro instante tendem para Deus, mesmo quando a alma, torno a dizer, não se lembra de que está agindo por Êle. Conseqüentemente, com muita freqüência faz suas ações para Deus, ocupando-se com Êle em obras de Seu serviço, sem pensar nem lembrar-se de que o faz por Êle. O hábito e costume já adquirido de assim agir faz com que ela não tenha mais necessidade dessa atenção e cuidado, e nem mesmo dos atos fervorosos que fazia anteriormente ao começar suas obras. Porquanto êste caudal já está assim votado a Deus do modo referido, necessàriamente há de achar-se também a alma na disposição que exprime no verso seguinte por êstes têrmos:

Já não guardo mais gado.

6. E' como se dissesse: não ando mais a seguir meus gostos e inclinações. Uma vez que a alma os pôs em Deus, pela doação feita a Êle, não mais os apascenta nem os guarda para si mesma. E não se limita a dizer que não guarda mais êste rebanho, mas acrescenta ainda:

Nem mais tenho outro ofício.

7. Antes de chegar a fazer esta entrega e dom de si, com todo o seu cabedal, ao Amado, costuma a alma ter muitos ofícios inúteis, os quais lhe servem para contentar suas inclinações e também as alheias. Tantos eram êsses ofícios, podemos afirmar, quantos hábitos imperfeitos possuía. Consistiam, por exemplo, em dizer palavras inúteis e pensar e ocupar-se em coisas vãs, não se servindo de suas faculdades conforme à perfeição da alma. Ainda existem outros apetites, por meio dos quais a alma satisfaz as inclinações de outrem: ostentações, cumprimentos, adulações, respeito humano, atitudes para dar boa impressão ou ações feitas com o fim de agradar às pessoas, e mais outras muitas coisas inúteis com que procurava cativar simpatias; em tudo isto se emprega a solicitude, o desejo, a atividade, e, finalmente, todo o cabedal da mesma alma. Agora, já não mais tem êsses ofícios, porque doravante tôdas as suas palavras, pensamentos e obras são de Deus, orientadas para Êle, sem mistura daquelas imperfeições antigas. Assim, quer a alma dizer: já não procuro satisfazer meus apetites ou os alheios, nem me ocupo ou entretenho com passatempos inúteis ou coisas do mundo.

Que só amar é já meu exercício.

8. Como se dissesse: todos êsses ofícios estão empregados no exercício do amor de Deus, isto é, tôda a capacidade de alma e corpo, memória, entendimento e vontade, sentidos interiores e exteriores, inclinações da parte sensitiva e da

espiritual, tudo agora se move só por amor e no amor; tudo quanto faço é com amor, e tudo quanto padeço é com o gôsto do amor. Isto quis dar a entender David quando disse: «Guardarei para ti a minha fortaleza» (Sl 58, 10).

9. Observemos, aqui, como, em chegando a alma a êste estado, todo o exercício da parte espiritual ou da sensitiva, quer se trate de agir ou de sofrer, de qualquer modo que seja, sempre lhe causa maior amor e deleite em Deus. Até o próprio exercício de oração e trato com Deus, que outrora costumava alimentar por considerações ou métodos, agora é sòmente exercício de amor. Quer se ocupe em coisas temporais, ou se aplique às espirituais, sempre esta alma pode dizer que só amar é já seu exercício.

10. Ditosa vida! Ditoso estado, e ditosa a alma que a êle chega! Tudo agora lhe é substância de amor, regalo e deleite de desposório, no qual verdadeiramente pode a espôsa dizer ao Espôso aquelas palavras de puro amor, expressas nos *Cantares*: «Guardei para ti, Amado meu, todos os frutos, novos e velhos» (Cânt 7, 13). Como se dissesse: Amado meu, tudo quanto é áspero e trabalhoso quero por teu amor; e tudo quanto há de suave e saboroso quero para ti. A significação própria dêste verso consiste, porém, em declarar que a alma, no estado de desposório espiritual, vive em contínua união no amor de Deus, isto é, tem a sua vontade sempre presente diante de Deus por amor.

* *Anotação para a Canção seguinte.*

1. Verdadeiramente esta alma está perdida para tôdas as coisas e conquistada só pelo Amor, não mais ocupando o espírito em outra coisa. Por tal razão, ainda mesmo na vida ativa e em outros exercícios exteriores desfalece, a fim de dar-se deveres ao cumprimento da única coisa que o Espôso declarou ser necessária (Lc 10, 42): a permanência e o contínuo exercício de amor em Deus. Esta atitude é tão prezada e estimada por Êle, que repreendeu Marta por ter querido apartar de Seus pés Maria para ocupá-la em obras de vida ativa, ao serviço do Senhor. Julgava Marta que ela própria era quem fazia tudo, e Maria nada, estando só a gozar do Mestre, quando na verdade se dava o contrário, pois não há obra melhor nem mais necessária do que o amor. Assim também nos *Cantares*, o Espôso defende a Espôsa, conjurando tôdas as criaturas do mundo — ali compreendidas pelo vocábulo de «filhas de Jerusalém» — a que não a perturbem em seu sono espiritual de amor, nem a despertem ou lhe abram os olhos a outra coisa, até que ela o queira (Cânt 3, 5).

2. Notemos aqui o seguinte: enquanto a alma não chega ao perfeito estado de união de amor, convém exercitar-se no amor tanto na vida ativa como na vida contemplativa; mas quando a êle chega, não lhe é mais oportuno ocupar-se em obras e exercícios exteriores, — sejam mesmo de grande serviço do Senhor, que possam no mínimo ponto impedir aquela permanência de amor em Deus. Na verdade, é mais precioso diante d'Êle e da alma um pouquinho dêsse puro amor, e de maior proveito para a Igreja, embora pareça nada fazer a alma, do que tôdas as demais obras juntas. Em razão disto Maria Madalena, ainda que com sua pregação fizesse grande proveito, e ainda maior o pudera fazer depois, contudo, inflamada pelo grande desejo de agradar ao Espôso e ser útil à Igreja, escondeu-se no deserto trinta anos, a fim de entregar-se deveras ao Seu amor, persuadida de ser o lucro, dêste modo, muito maior em todos os sentidos, pelo muito que aproveita e importa à Igreja um pouquinho dêste amor.

3. Se alguma alma, portanto, tivesse algo dêste solitário amor, seria grande agravo tanto para ela como também para a Igreja querer ocupá-la, ainda por tempo limitado, em coisas exteriores ou ativas, mesmo sendo estas de notável importância. Com efeito, se Deus conjura a todos para que não a despertem dêsse amor, quem ousará atrever-se sem ser por Êle repreendido? Afinal de contas, é êste amor o fim para o qual fomos criados. Considerem aqui os que são muito ativos, e pensam abarcar o mundo com suas pregações e obras exteriores: bem maior proveito fariam à Igreja, e maior satisfação dariam a Deus — além do bom exemplo que proporcionariam de si mesmos, — se gastassem ao menos a metade do tempo empregado nessas boas obras, em permanecer com Deus na oração, embora não houvessem atingido grau tão elevado como esta alma de que falamos. Muito mais haviam de fazer, não há dúvida, e com menor trabalho, numa só obra, então, do que em mil, pelo merecimento de sua oração na qual teriam adquirido fôrças espirituais. Do contrário, tudo é martelar, fazendo pouco mais que nada, e às vêzes nada, e até prejuízo. Deus nos livre de que o sal comece a perder o sabor! neste caso, quando mais parece que se faz alguma coisa exteriormente, em substância nada se faz, pois, é certo, as boas obras não podem ser realizadas senão por virtude de Deus.

4. Oh! quanto se poderia escrever aqui sôbre êste assunto! Mas não é próprio dêste lugar. O dito foi sòmente para dar a entender a canção seguinte, na qual a alma responde por si a quantos lhe impugnam êste santo ócio, querendo que tudo sejam obras que brilhem e deslumbrem os olhos exteriormente. Não entendem êsses qual a fonte e raiz oculta, donde brota a água e procede todo fruto. Assim diz a Canção: **

Canção XXIX

Se agora em meio à praça
Já não fôr mais eu vista nem achada,
Direis que me hei perdido,
E andando enamorada,
Perdidiça me fiz, e fui ganhada.

EXPLICAÇÃO

5. Nesta canção a alma responde a uma repreensão tácita da parte dos mundanos, os quais têm costume de reparar naqueles que se dão verdadeiramente a Deus, tachando-os de

exagerados, por causa da abstração e recolhimento em seu modo de proceder, achando também que êles são inúteis para as grandes obras, e perdidos para aquilo que o mundo aprecia e estima. A tal censura esta alma mui cabalmente satisfaz, aqui, afrontando com muita ousadia e coragem não só isto que lhe imputam, mas ainda a tudo mais quanto possa o mundo censurar-lhe; porque, tendo chegado ao vivo do amor de Deus, todo o resto lhe importa pouco. Aliás a própria alma se empenha em confessá-lo nesta canção, dizendo que se preza e gloria de haver caído nesses excessos, e de se ter perdido ao mundo e a si mesma por amor de seu Amado. E, assim, dirigindo-se aos mundanos, faz questão de lhes dizer: se não a vêem mais como outrora no meio dêles, ocupada em afazeres e passatempos do mundo, podem afirmar e crer que ela, de fato, está perdida para êles e afastada de sua convivência. E considera isto tão grande bem, que quis perder-se por sua própria vontade, para ir à procura de seu Amado de quem anda muito enamorada. Com o fim de mostrar-lhes a vantagem que a ela trouxe tal perda, e não julguem ser loucura e engano, diz que essa mesma perda foi o seu lucro, e, por isto, propositadamente deixou-se perder.

Se agora em meio à praça
Já não mais fôr eu vista nem achada.

6. Por êste nome de praça é ordinàriamente chamado o lugar público onde o povo costuma reunir-se para seus divertimentos e recreações, e no qual também os pastôres apascentam seus rebanhos; assim, esta praça, de que fala aqui a alma, significa o mundo, onde aquêles que o seguem têm seus passatempos e reuniões, apascentando então os rebanhos de seus apetites. Diz, portanto, a êsses mundanos que, se não fôr mais vista nem achada no meio da praça, como acontecia antes de se ter entregue totalmente a Deus, tenham-na por perdida a êste respeito, e que o proclamem, pois com isto muito se alegra, querendo que assim o façam, e ela mesma o confirma dizendo:

Direis que me hei perdido.

7. Não se afronta perante o mundo a alma que ama, quanto às obras feitas por amor de Deus, nem as esconde com vergonha, ainda que o mundo inteiro haja de condená-las. Na verdade, quem tem vergonha, diante dos homens, de confessar o Filho de Deus, deixando de fazer as obras do seu serviço, o próprio Filho de Deus se envergonhará de o con-

fessar diante de seu Pai, segundo diz Êle por S. Lucas (Lc 9, 26). A alma, portanto, com intrepidez de amor antes se preza de que todos vejam o grande feito que realizou, para a glória de seu Amado, em perder-se a tôdas as coisas do mundo, e esta é a razão de exclamar: Direis que me hei perdido.

8. Tão perfeita ousadia e determinação nas obras poucos espirituais alcançam. Sem dúvida, há alguns que agem dêste modo, e procedem assim, e chegam a ter-se em conta de muito adiantados nisso; todavia, jamais acabam de se perder em certas coisas do mundo ou da natureza a ponto de fazerem as obras perfeitas e em total desprendimento, por amor de Cristo, e sem preocupação do que se há de dizer ou como as hão de julgar. Êstes tais não poderão dizer: direis que me hei perdido; porque não estão perdidos a si mesmos em suas ações. Têm ainda vergonha de confessar a Cristo por obra diante dos homens, e deixam-se levar pelo respeito humano; não vivem ainda verdadeiramente em Cristo.

E andando enamorada.

9. Isto é, andando a praticar as virtudes, enamorada de Deus.

Perdidiça me fiz e fui ganhada.

10. * Conhecendo bem a alma aquelas palavras com que o Espôso, no Evangelho, afirma não ser possível a alguém servir a dois senhores, pois, para servir a um, forçosamente há de faltar a outro (Mt 6, 24), declara agora como, para não faltar a Deus, faltou a tudo quanto não é Êle; abandonou tôdas as coisas e deixou-se a si mesma, perdendo-se a tudo por seu Amor. ** Quem anda deveras enamorado, logo se deixa perder a todo o resto a fim de achar-se com maior vantagem no objeto de seu amor. Assim a alma diz aqui que voluntàriamente se fêz perdidiça, deixando-se, de indústria, perder. E isto de duas maneiras: a si mesma, não mais fazendo caso de sua pessoa em coisa alguma, para considerar sòmente o Amado a quem se entregou de graça, sem qualquer interêsse, tornando-se perdidiça para si mesma, e não querendo buscar seu próprio lucro em nada mais; e a tôdas as coisas, pois não faz mais caso das que lhe concernem, e sim ùnicamente das que dizem respeito a seu Amado. Eis o que significa fazer-se perdidiça: ter vontade de ser ganhada.

11. Tal é a alma que está enamorada de Deus. Não pretende vantagem ou prêmio algum a não ser perder tudo

e a si mesma, voluntàriamente, por Deus, e nisto encontra todo o seu lucro. E na verdade assim é, conforme diz São Paulo: «O morrer é lucro» (Filip 1, 21); isto é, para mim, morrer por Cristo, é meu lucro espiritual em tôdas as coisas e para mim mesmo. Êste é o motivo de dizer a alma: fui ganhada; pois quem não sabe perder-se a si mesmo não sabe achar seu ganho, mas antes se perde, como diz Nosso Senhor no Evangelho: «O que quiser salvar sua alma, perdê-la-á; e o que perder sua alma por amor de mim, achá-la-á» (Mt 16, 25). Se quisermos entender êste verso mais espiritualmente e com maior relação ao nosso assunto, precisamos saber o seguinte. Quando uma alma, no caminho espiritual, chegou a ponto de perder-se a tôdas as vias e modos naturais de proceder em suas relações com Deus, e não mais O busca por meio de considerações, ou formas, ou sentimentos, ou quaisquer outros intermediários de criatura ou sentidos, mas ultrapassou tudo isto, bem como tôda a sua maneira pessoal, tratando com Deus e d'Êle gozando puramente em fé e amor, então podemos dizer que, na verdade, esta alma ganhou a seu Deus; porque está verdadeiramente perdida a tudo quanto não é Êle, e a tudo quanto ela é em si mesma.

** Anotação para a Canção seguinte.*

1. Estando, pois, a alma assim ganhada por Deus, tôdas as suas obras lhe trazem proveito; porque tôda a fôrça de suas potências converge agora no trato espiritual de amor muito saboroso e íntimo, com o Seu Amado. Nesse trato, as comunicações interiores entre Deus e a alma são impregnadas de tão delicado e sublime deleite, que não há língua mortal que o possa exprimir, nem entendimento humano capaz de o entender. Como a noiva no dia de suas núpcias não se ocupa em outra coisa a não ser em festas e delícias de amor e em ostentar tôdas as suas jóias e prendas para com elas agradar ao Espôso, e êste, de sua parte, faz o mesmo, mostrando-lhe tôdas as suas riquezas e excelências a fim de causar-lhe alegria e consolação, assim também sucede à alma neste desposório espiritual onde sente com tôda a verdade o que a Espôsa diz nos *Cantares*: «Eu sou para meu Amado, e o meu Amado para mim se volta» (Cânt 7, 10). As virtudes e prendas da alma espôsa, bem como as magnificências e graças do Filho de Deus seu Espôso, saem à luz, e são oferecidas em banquete para que se celebrem as bodas dêste desposório; comunicam-se os bens e deleites de um a outro, com vinho de delicioso amor no Espírito Santo. Para manifestação disto, fala a alma com o Espôso nesta canção, dizendo: **

Canção XXX

De flôres e esmeraldas,
Pelas frescas manhãs bem escolhidas,
Faremos as grinaldas
Em teu amor floridas,
E em um cabelo meu entretecidas.

EXPLICAÇÃO

2. Volve a Espôsa, nesta canção, a falar com o Espôso, em comunicação e recreação de amor. Ocupa-se aqui em tratar do consôlo e deleite que têm ambos, — a alma espôsa

e o Filho de Deus, — na posse destas riquezas de virtudes e dons que lhes são comuns, e no exercício recíproco dessas mesmas virtudes, das quais gozam mùtuamente em comunicação de amor. Esta é a razão de dizer a alma, falando com o Espôso, que farão as grinaldas ricas em graças e virtudes adquiridas e ganhas em tempo propício e favorável. A beleza e encanto que encerram procede do amor que Êle tem a ela; e são sustentadas e conservadas pelo amor que ela dedica a Êle. Fazer as grinaldas com as virtudes significa, para a alma, gozar das mesmas virtudes; porque de tôdas elas juntas, como de flôres em grinaldas, gozam ambos entre si, nesse amor mútuo que os une.

De flôres e esmeraldas.

3. As flôres são as virtudes da alma, e as esmeraldas são os dons que recebe de Deus. Destas flôres e esmeraldas, portanto,

Pelas frescas manhãs bem escolhidas.

4. Isto é, adquiridas e conquistadas nos anos da juventude, que são as frescas manhãs da vida. Bem escolhidas: as virtudes que se adquirem no tempo da mocidade são de escol e muito aceitas a Deus justamente por serem dêsse tempo de juventude, quando há maior contradição da parte dos vícios para adquiri-las, e a natureza se sente mais inclinada e pronta para perdê-las. E, também, as virtudes, quando são colhidas desde os anos da mocidade, se adquirem com maior perfeição e, portanto, são mais escolhidas. A alma dá o nome de frescas manhãs a êsses tempos de juventude, porque assim como a frescura da manhã na primavera é mais amena do que as outras horas do dia, assim as virtudes praticadas na juventude são mais agradáveis a Deus. Podemos ainda simbolizar, nas frescas manhãs, os atos de amor com os quais se adquirem as virtudes; causam êles maior prazer a Deus do que as frescas manhãs aos filhos dos homens.

5. São significadas igualmente por estas frescas manhãs as obras feitas na secura e dificuldade de espírito, e então se comparam à frescura das manhãs de inverno. Tais obras, feitas por amor de Deus, com dificuldade e falta de gôsto sensível, são muito apreciadas por Êle, porque oferecem à alma ocasião propícia para adquirir dons e virtudes. De fato, as que se adquirem, desta sorte e com trabalho, geralmente são mais escolhidas e esmeradas, e bem mais firmes do que

as adquiridas sòmente com o gôsto e deleite do espírito; pois a virtude praticada na secura, dificuldade e trabalho, lança raízes, segundo a palavra do Senhor a São Paulo: «A virtude se aperfeiçoa na fraqueza» (2 Cor 12, 9). Para encarecer, portanto, a excelência das virtudes com as quais se hão de tecer as grinaldas para o Amado, a alma se exprime muito bem nestas palavras: pelas frescas manhãs bem escolhidas. Na verdade o Amado só se compraz em flôres e esmeraldas de virtudes e dons bem escolhidos e perfeitos, e não em virtudes imperfeitas. Eis a razão de dizer agora a alma espôsa que, para seu Espôso, daquelas virtudes e dons,

Faremos as grinaldas.

6. Para compreensão dêste verso, é preciso saber que tôdas as virtudes e dons, possuídos conjuntamente pela alma e Deus, estão nela como uma grinalda de várias flôres, a qual a embeleza admiràvelmente, como veste preciosa de côres variegadas. Para melhor o entender, observemos como as flôres materiais vão sendo colhidas, a fim de ser feita com elas a grinalda; do mesmo modo as flôres espirituais, que são as virtudes e dons, à proporção que se adquirem, se vão fixando na alma. Uma vez adquiridas, está completamente feita a grinalda da perfeição em que a alma e o Espôso se deleitam, aformoseados e ornados com esta grinalda, como efetivamente sucede no estado perfeito. São estas as grinaldas que, segundo diz a espôsa, hão de fazer: envolver-se e cercar-se destas variadas flôres de virtudes, e das esmeraldas de dons perfeitos, a fim de apresentar-se dignamente, com tão precioso e belo adôrno, perante a face do Rei, e merecer que Êle a iguale consigo, pondo-a a seu lado como Rainha, pois já o merece agora, com a formosura desta variedade. Daí vêm as palavras de David, falando com Cristo, a êste respeito: «A Rainha está à tua destra, com manto de ouro, cercada de variedade» (Sl 44, 10). E' como se dissesse: está à tua direita, vestida de perfeito amor, cercada desta variedade de dons e de virtudes perfeitas. Não diz: farei sòmente eu as grinaldas, nem tu as farás a sós, mas havemos de fazê-las ambos juntos. A razão disto é que não pode a alma praticar as virtudes ou alcançá-las sòzinha, sem a ajuda de Deus; e por sua vez, Deus não as concede à alma sòzinho, sem a cooperação dela. Embora seja verdade que tôda dádiva boa e todo dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, conforme diz São Tiago

(Tgo 1, 17), contudo não se pode alcançar graça alguma sem a capacidade e cooperação da alma que a recebe. Por êste motivo, falando a Espôsa nos *Cantares* ao Espôso, assim se exprime: «Atrai-me; após ti correremos» (Cânt 1, 3). O movimento para o bem, portanto, há de vir sòmente de Deus, segundo é dado a entender nessas palavras; mas o correr não é só d'Êle nem só da alma, e sim de ambos juntos, significando a ação de Deus e da alma conjuntamente.

7. Êste versinho se aplica com muita propriedade à Igreja e a Cristo, e nêle é a Igreja sua Espôsa que Lhe diz assim: faremos as grinaldas. Nestas são significadas tôdas as almas santas, geradas por Cristo na Igreja; cada uma é como uma grinalda, ornada de flôres de virtudes e dons, e tôdas juntas formam como uma grinalda para a cabeça do Espôso, Cristo. Podemos também entender por estas formosas grinaldas, as que por outro nome se chamam auréolas, feitas igualmente em Cristo e na Igreja, e são de três qualidades: a primeira, de lindas e níveas flôres, que são tôdas as almas virgens, cada uma com a sua auréola de virgindade, as quais, unidas juntamente, serão uma só auréola para coroar o Espôso Cristo; a segunda, de resplandecentes flôres, formada pelos santos doutôres, os quais todos unidos formam outra auréola para sobrepor à das virgens, na cabeça de Cristo; a terceira, de rubros cravos que são os mártires, cada um, também, com sua auréola de mártir, e todos, reunidos em conjunto, tecerão a auréola para completar a do Espôso Cristo, e assim com essas três grinaldas ficará Êle tão aformoseado e gracioso à vista, que no Céu serão ditas as palavras da Espôsa dos *Cantares*: «Saí, filhas de Sião, e vêde o Rei Salomão com o diadema com que o coroou sua mãe no dia de seu casamento e no dia do júbilo de seu coração (Cânt 3, 11). Faremos, pois, estas grinaldas, exclama a alma:

Em teu amor floridas.

8. A flor que desabrocha das obras e virtudes é a graça e virtude que elas recebem do amor de Deus, sem o qual não sòmente deixariam de estar floridas, mas permaneceriam sêcas e sem valor algum diante de Deus, embora humanamente perfeitas. Como, porém, o Espôso lhes dá seu amor e graça, tornam-se floridas, neste amor, as obras e virtudes.

E em um cabelo meu entretecidas.

9. Neste cabelo seu, a alma simboliza a sua vontade, e o amor que dedica ao Amado. O ofício que tem e exercita aqui

êste amor é o mesmo do fio na grinalda, o qual une e entrelaça as flôres para tecê-la; assim o amor da alma prende e entretece as virtudes, sustentando-as nela; porque a caridade, no dizer de São Paulo, é o vínculo e laço da perfeição (Col 3, 14). Dêste modo, no amor da alma estão as virtudes e dons sobrenaturais tão necessàriamente presos que, se houvesse nêle quebra, por motivo de faltar a alma a Deus, logo se desatariam tôdas as virtudes e ficaria a mesma alma sem elas, assim como partido o fio da grinalda cairiam as flôres. Não basta, pois, que Deus nos ame para dar-nos virtudes; é preciso que de nossa parte também o amemos, a fim de recebê-las e conservá-las. Diz a alma: num só cabelo, e não em muitos; para mostrar que sua vontade já está solitária e desprendida de todos os outros cabelos, isto é, de estranhos e alheios amôres. Nisso encarece bem o valor e preço destas grinaldas de virtudes; pois quando o amor está sólido e concentrado só em Deus, segundo a alma diz agora, as virtudes estão igualmente perfeitas e completas, e muito floridas no amor de Deus. Torna-se então inestimável à alma, êsse amor divino, conforme ela mesma também o sente.

10. * Se eu quisesse, porém, dar a entender a formosura dêste entretecimento em que se unem, umas às outras, tôdas estas flôres de virtudes, e estas esmeraldas de graças, ou se intentasse descrever algo da fortaleza e majestade que a sua ordem e harmonia põem na alma, bem como o primor e encanto com que a enfeita esta veste de variedade, não me seria possível achar palavras e têrmos com que o pudesse exprimir. No livro de Job, o Senhor assim diz do demônio: «O seu corpo é como escudos de bronze fundido, apinhoados de escamas que se apertam. Uma está unida à outra, de sorte que nem o vento passa por entre elas» (Job 41, 67). Se o demônio, pois, tem em si tão grande fortaleza, estando revestido de maldades prêsas e ordenadas umas com as outras, — significadas aqui pelas escamas, — a ponto de ficar o seu corpo como se fôsse de escudos de bronze fundido, e, no entanto, tôdas as maldades são em si fraquezas, como será então a fortaleza desta alma, sendo verdade que ela se acha tôda revestida de fortes virtudes, tão prêsas e entretecidas entre si, que não pode caber entre elas qualquer imperfeição ou fealdade? E se cada uma dessas virtudes vem ainda, com sua própria fortaleza, aumentar a fortaleza da alma, e com sua formosura, acrescentar-lhe mais formosura, tornando-a rica com o valor e preço que lhes é próprio, e também conferindo a ela senhorio e grandeza com sua majestade? Que visão maravilhosa aos olhos do espírito, a desta alma espôsa, colocada com todos êstes dons, à direita do Rei seu Espôso! «Quão belos são os teus pés, no calçado que trazes, ó filha do Príncipe!», eis como lhe fala o Espôso nos *Cantares* (Cânt 7, 1). Chama-a «filha do Príncipe», para manifestar o principado que a alma tem agora. E se Êle admira a beleza dos pés no calçado, qual não será a do vestido?

11. Não se limita o Amado sòmente a admirar a formosura da espôsa, quando a vê ornada com estas flôres; também se espanta da fortaleza e poder que ela possui, pela composição e ordem das virtudes, às quais se entrelaçam as esmeraldas dos inumeráveis dons divinos. Por esta razão, diz Êle no mesmo livro dos *Cantares,* falando à espôsa: «És terrível como um exército em ordem de batalha» (Cânt 6, 3). Na verdade, estas virtudes e dons de Deus, assim como recreiam e alegram pelo seu espiritual olor, assim igualmente com a sua substância dão fôrça à alma, nela estando dêste modo unidas. Quando a Espôsa estava fraca e enfêrma de amor, por não haver conseguido ainda unir e entrelaçar estas flôres e esmeraldas com êsse cabelo de seu amor, desejava fortalecer-se com essa união e conjunto delas, e por isto suplicava ao Espôso com estas palavras que lemos no livro dos *Cantares*: «Confortai-me com flôres, fortalecei-me com frutos, porque desfaleço de amor» (Cânt 2, 5). Pelas flôres, simbolizava as virtudes, e pelos frutos, os demais dons divinos. **

** Anotação para a Canção seguinte.*

1. Creio ter explicado como pelo entrelaçamento das grinaldas, e colocação delas na alma, quer a Espôsa dar a entender a divina união de amor que há neste estado, entre ela e Deus. Estas flôres são o próprio Espôso, pois, segundo nos diz, é Êle a flor dos campos e o lírio dos vales (Cânt 2, 1). E o que prende e une à alma a esta flor das flôres é o cabelo do seu amor; porque, como afirma o Apóstolo, o amor é o vínculo da perfeição, (Col 3, 14), a qual consiste na união com Deus. A alma é como a almofada onde se pregam estas grinaldas; de fato, ela é o receptáculo desta glória, e não parece mais a que era antes; transforma-se agora na própria flor perfeita, encerrando o acabamento e formosura de tôdas as flôres. Na verdade, êste fio de amor une os dois, isto é, a alma e Deus, com tanta fôrça, e tão ìntimamente os junta, que as transforma, faz um só pelo amor, pois, embora sejam diferentes quanto à substância, tornam-se iguais na glória e semelhança, de modo que a alma parece Deus, e Deus, a alma.

2. Tal é esta junção, mais admirável do que tudo quanto se possa dizer. Dela, algo podemos compreender pelo trecho da Sagrada Escritura referente a Jônatas e David, no primeiro livro dos Reis, onde lemos era tão estreito o amor entre um e outro, que conglutinou a alma de Jônatas com a de David (1 Rs 18, 1). Ora, se o amor de um homem para com outro homem foi tão forte a ponto de conglutinar suas almas, qual não será a fusão entre a alma e o Espôso Deus, operada pelo amor que tem ela a Êle? Mormente, sendo Deus aqui o principal amante, que com a onipotência de seu abissal amor absorve em si a alma, com mais eficácia e fôrça do que uma torrente de fogo a uma gôta de orvalho matutino a evolar-se na atmosfera, transformada em vapor? Conseqüentemente, êste cabelo, que realiza união tão perfeita, deve, sem dúvida, ser muito resistente e subtil para penetrar com tanta fôrça as duas partes por êle unidas. Eis por que a alma descreve, na canção seguinte, as propriedades dêste cabelo seu, tão formoso, dizendo: **

Canção XXXI

Só naquele cabelo
Que em meu colo a voar consideraste,
— Ao vê-lo no meu colo, —
Nêle prêso ficaste,
E num só de meus olhos te chagaste.

EXPLICAÇÃO

3. Três coisas quer dizer a alma nesta canção. A primeira é manifestar como o amor em que estão prêsas as virtudes não é outro senão ùnicamente o amor forte; e, verdadeiramente, tal há de ser, para conservá-las. A segunda é declarar que Deus se agradou muito dêste cabelo de amor, ao vê-lo sòzinho e forte. A terceira é dizer que o mesmo Deus se enamorou intensamente dela, olhando a pureza e integridade de sua fé. A alma assim se exprime:

Só naquele cabelo
Que em meu colo a voar consideraste.

4. O colo significa a fortaleza, na qual voava diz a alma, êste cabelo do amor, isto é, amor forte, no qual estão entretecidas as virtudes. Não basta, com efeito, que êste cabelo esteja sòzinho, para conservar as virtudes; é preciso que seja também forte, a fim de não ser quebrado em parte alguma desta grinalda da perfeição, por qualquer vício contrário. Tão bem prêsas estão as virtudes em seu entrelaçamento neste cabelo de amor da alma, que, se em alguma delas quebrasse, logo, como já dissemos, faltaria a Deus em tôdas as outras; porque assim como onde está uma virtude estão tôdas, assim igualmente na falta de uma, faltam as demais. A alma declara que o cabelo voava no colo: porque é na fortaleza da alma que voa o seu amor para Deus com grande fôrça e ligeireza, sem deter-se em coisa alguma. O fio de cabelo sôbre o colo põe-se a voar com o sôpro da brisa; e o divino sôpro do Espírito Santo move e agita o amor forte para que alce seus vôos até Deus. Sem êste divino sôpro a mover as potências no exercício do amor de Deus, não podem as virtudes nem produzir seus efeitos, embora estejam na alma. Em declarar que o Amado considerou êste cabelo a voar no colo, dá a entender quanto tem Deus em aprêço o amor forte; porque considerar significa olhar com particular atenção e estima aquilo em que se repara. E o

amor forte atrai poderosamente a Deus para que nêle ponha os olhos. Segue-se, pois:

Ao vê-lo no meu colo.

5. Assim diz para manifestar que não sòmente teve Deus em grande estima e aprêço êste seu amor, vendo-o solitário, mas também que o amou ao vê-lo forte. Para Deus, olhar é amar, assim como o considerar consiste em estimar aquilo que considera. Torna a alma a repetir, neste verso, a palavra colo, dizendo, em relação ao cabelo: Ao vê-lo no meu colo. Assim diz porque a causa de o ter amado muito é vê-lo com fortaleza. E', pois, como se dissesse: Amaste-o, vendo-o forte, sem pusilanimidade, ou temor, e também sòzinho, sem outro amor algum, voando com ligeireza e fervor.

6. * Até agora Deus não havia olhado êste cabelo para encantar-se dêle, porque não o havia visto só e desprendido de outros cabelos, ou por assim dizer, de outros amôres e apetites, afeições e gostos, e assim não voava solitário no colo da fortaleza; mas depois que, pelas mortificações e trabalhos, tentações e penitência, chegou a desprender-se e tornar-se forte, de modo a não mais quebrar-se por qualquer ocasião ou violência, então Deus o olhou, prendendo e unindo nêle as flôres dessas grinaldas, pois já tem fortaleza para sustentá-las firmes na alma.

7. Quais e como sejam as tentações e trabalhos, e até onde chegam na alma, para que ela possa alcançar esta fortaleza de amor, em que Deus se une a ela, dissemos algo na explicação das quatro Canções cujo início é: Oh! Chama de amor viva. Havendo esta alma passado por aquelas provações, atingiu tão alto grau de amor de Deus que logrou merecer a divina união, e por isto acrescenta logo: **

Nêle prêso ficaste

8. O' maravilha digna de tôda aceitação e gôzo: Deus quedar-se prêso em um cabelo! A causa de tão preciosa prisão é ter Êle mesmo querido deter-se a olhar o vôo do cabelo, como exprimem os versos antecedentes; porque, conforme, dissemos, para Deus, olhar é amar. Se Êle, por Sua grande misericórdia, não nos tivesse olhado e amado primeiro, segundo a palavra de S. João (1 Jo 4, 10), e não descesse até nós, de modo algum o vôo do cabelo de nosso rasteiro amor faria nêle prêsa. Não seria capaz de vôo tão alto que chegasse a prender esta divina ave das alturas. Como, porém, ela quis abaixar-se a olhar-nos, e veio provocar-nos a

que levantássemos o vôo de nosso amor, dando-nos fôrça e valor para isso, então ficou prêso o mesmo Deus no vôo do cabelo, isto é, Êle próprio se agradou e contentou, e assim tornou-se prisioneiro. E' o que significa o verso: Ao vê-lo no meu colo, nêle prêso ficaste. Podemos muito bem crer na possibilidade de uma ave de pequeno vôo prender a águia real, de vôo sublime, se esta descer a um lugar baixo, querendo ser prêsa. Segue-se:

E num só de meus olhos te chagaste.

9. Pelo ôlho, compreende-se aqui a fé. Diz a alma que é um só, e que por êle ficou ferido o Amado; não fôsse solitária a fé e fidelidade da alma, mas estivesse mesclada de qualquer consideração ou respeito humano, jamais chegaria a êste resultado de chagar de amor ao mesmo Deus. Assim só um ôlho é capaz de ferir o Amado, bem como um só cabelo O faz cativo. Tão intenso é o amor com que o Espôso se agrada da Espôsa, vendo nela esta fidelidade única, que, se em um cabelo do amor da alma ficava prêso, agora, no ôlho da fé, aperta com tão estreito laço esta Sua prisão, a ponto de ficar chagado de amor, pela grande ternura de afeto com que está afeiçoado a ela, introduzindo-a mais ainda, então na profundidade de Seu Amor.

10. Idêntica comparação do cabelo e do ôlho faz o Espôso nos *Cantares,* falando com a Espôsa assim: «Feriste meu coração, irmã minha espôsa; feriste meu coração com um só de teus olhos, e com um só cabelo em teu colo» (Cânt 4, 9). Duas vêzes insiste em dizer que a Espôsa Lhe feriu o coração: com o ôlho e com o cabelo. Por êste motivo, a alma, na canção presente, faz menção do cabelo e do ôlho, querendo manifestar a união que tem com Deus, segundo o entendimento e segundo a vontade. A fé, significada pelo ôlho, reside no entendimento que crê, e, ao mesmo tempo, na vontade que ama. De tal união gloria-se aqui a alma, e agradece esta mercê a seu Espôso como recebida das mãos d'Êle, estimando como imensa graça o mesmo Espôso ter querido comprazer-se e ficar prêso em seu amor. Podemos bem considerar, agora, qual o gôzo, alegria e deleite da alma em ter tal prisioneiro, ela que desde tanto tempo era prisioneira d'Êle, de quem andava sempre enamorada!

** Anotação para a Canção seguinte.*

1. Grande é o poder e a porfia do amor, que ao próprio Deus prende e encadeia! Ditosa a alma que ama, pois tem a Deus por prisioneiro, redido a tudo quanto ela quiser! Na verdade, é tal a condição de Deus que, se O levarem por bem, conseguirão d'Êle tudo quanto quiserem. Se procederem de outra maneira, não adianta falar-Lhe, nem se pode alcançar d'Êle coisa alguma, por maiores extremos que se façam; mas por amor, até com um cabelo o farão cativo. Conhecendo a alma esta realidade, e quão longe de seus méritos estão as grandes mercês que Deus lhe há feito, em levantá-la a tão sublime amor, com tão ricas prendas de dons e virtudes, tudo atribui a Êle na seguinte canção, na qual Lhe diz: **

Canção XXXII

Quando tu me fitavas,
Teus olhos sua graça me infundiam;
E assim me sobreamavas, [1]
E nisso mereciam
Meus olhos adorar o que em ti viam.

EXPLICAÇÃO

2. E' próprio do perfeito amor nada querer admitir ou tomar para si, nem atribuir-se coisa alguma, mas tudo referir ao Amado. Se ainda nos amôres da terra assim é, quanto mais no amor de Deus, onde tanto obriga a razão! Nas duas canções passadas, a Espôsa parecia atribuir a si mesma alguma coisa, tal como dizer, por exemplo, que faria as grinaldas juntamente com o Espôso, e estas seriam tecidas com um fio de seu próprio cabelo, — o que representa obra de não pouco valor e importância. Depois, gloria-se dizendo que o Espôso ficara prêso em um cabelo dela, e chagado em

[1] E' empregada aqui esta palavra para traduzir o verbo "adamar", segundo a interpretação própria de N. P. S. João da Cruz neste verso e na explicação respectiva.

um de seus olhos, dando assim a impressão de atribuir a si mesma um grande merecimento. Por causa disto, quer agora, na presente canção, declarar seu intento, e desfazer o engano que as suas palalavras anteriores poderiam ocasionar; pois está com cuidado e receio de que se atribua a ela algum mérito e valor, e conseqüentemente seja atribuído a Deus menos do que Lhe é devido e ela deseja. Referindo, então, tudo ao Amado, e ao mesmo tempo dando-Lhe graças, confessa o motivo pelo qual Êle ficou prêso no cabelo de seu amor e chagado pelo ôlho de sua fé: foi porque o mesmo Deus lhe fêz mercê de a fitar com amor, e, com isto, torná-la graciosa e agradável a Seus divinos olhos. Por esta graça que d'Êle recebeu, fêz-se merecedora do seu Amor, tendo agora virtude para adorar de modo agradável o Amado e também para fazer obras dignas de Sua graça e amor. Continua a dizer o verso:

Quando tu me fitavas.

3. Isto é, com afeto de amor, pois, já o dissemos, o olhar de Deus é o Seu amor.

Teus olhos sua graça me infundiam.

4. Pelos olhos do Espôso é simbolizada aqui a sua Divindade misericordiosa que, inclinando-se para a alma, imprime e infunde nela misericordiosamente o amor e graça de Deus. Tanto a embeleza e sublima êsse olhar, que a faz participante da própria Divindade. Eis o motivo de dizer agora a alma, vendo a dignidade e elevação em que Deus a pôs:

E assim me sobreamavas.

5. Sobreamar quer dizer aqui amar muito, isto é, mais do que amar simplesmente; é como amar duplamente, por dois títulos ou causas. Neste verso, portanto, manifesta a alma os dois motivos e razões do amor que o Amado lhe tem, pelos quais não só a amava prêso em seu cabelo, mas a sobreamava ferido por seu ôlho. A causa dêsse amor tão íntimo do Espôso, diz agora a alma, é que Êle quis agraciá-la com o seu olhar, a fim de comprazer-se nela; ao cabelo da alma isto é, à Sua Vontade [2] infundiu Seu amor, penetrando com a sua caridade a fé da mesma alma, simbolizada no ôlho. Por isto, ela diz: E assim me sobreamavas. Quando Deus põe na alma sua graça, torna-a digna e capaz de seu amor; logo, é como se a alma dissesse: pelo motivo de haveres pôsto em mim tua graça, — penhor e arras de teu

[2] Ver Canção XXX, nº 9.

amor, — por isto mais me amavas, por isto me davas maior graça ainda. E' o que afirma S. João: «Recebemos graça sôbre graça» (Jo 1, 16), ou, por assim dizer, cada vez mais graça, porque sem a graça não é possível merecer outra graça alguma.

6. Para compreender isto, notemos como Deus, do mesmo modo que não ama coisa alguma fora de Si, assim também nada ama menos que a Si, porque tudo ama por causa de Si mesmo, e o amor tem razão de fim; conseqüentemente, não ama as coisas pelo que são em si mesmas. Para Deus, portanto, amar a alma é de certa maneira pô-la em Si mesmo, igualando-a consigo; ama, então, essa alma, n'Êle e com Êle, com o próprio amor com que se ama; daí vem à alma merecer, em cada uma de suas obras, o amor de Deus, pelo fato de só agir em Deus. Colocada nesta graça e elevação, em cada obra merece o mesmo Deus. Por esta razão, diz logo:

E nisso mereciam.

7. Quer dizer: meus olhos ganhavam merecimento, nesse favor e graça que os olhos de tua misericórdia me faziam, quando tu me fitavas, tornando-me agradável a teus olhos, e digna de ser vista por ti.

Meus olhos adorar o que em ti viam.

8. Como se dissesse: ó Espôso meu, as potências de minha alma, que são os olhos com que te posso ver, mereceram elevar-se para olhar-te; antes disso, com a miséria de suas baixas operações e capacidade natural, estavam decaídas e mesquinhas. Com efeito, poder contemplar a Deus é para a alma poder agir em sua divina graça; assim, as potências mereciam adorar em Deus, porque adoravam na graça do mesmo Deus, a qual torna meritória tôda ação. Adoravam, pois, êsses olhos na alma, iluminados e elevados pela graça e favor de Deus, o que n'Êle viam agora, e que antes não podiam ver por causa da própria cegueira e baixeza. Que viam, portanto, agora em Deus? — Grandeza de virtudes, abundância de suavidade, imensa bondade, amor e misericórdia, inumeráveis benefícios, recebidos d'Êle, quer estando agora tão unida a Deus, quer quando estava longe. Tudo isto já os olhos da alma eram dignos de adorar com merecimento, achando-se agora graciosos e agradáveis ao Espôso. Antes, porém, não haviam merecido adorar nem ver, e nem sequer

chegaram a considerar coisa alguma dessas em Deus, pela grande rudeza e cegueira da alma privada da graça divina.

9. * Muito há que notar aqui, e muito que lastimar, ao vermos quão longe está uma alma, não ilustrada pelo amor de Deus, de fazer aquilo que é de sua obrigação: pois, obrigada a conhecer estas e outras inumeráveis mercês, temporais e espirituais, que recebeu de Deus, e continua a receber a cada passo, deveria em razão disso servi-l'O e adorá-l'O incessantemente com tôdas as suas potências, e contudo não o faz. E não só deixa de fazê-lo, mas nem sequer merece conhecer ou contemplar a Deus ou se aperceber de tal coisa. Até êste ponto chega a miséria das almas que vivem, ou, dizendo melhor, estão mortas no pecado. **

outra coisa; fala assim ùnicamente por causa da graça e dons recebidos de Deus, conforme vai declarando nas palavras seguintes: **

Porque se côr trigueira em mim achaste.

5. Isto é, se antes de me haveres olhado com a tua graça, achaste em mim fealdade e escuridão de culpas e imperfeições, com a vileza de minha condição natural,

Já podes ver-me agora,

Depois que tu me olhaste.

6. Depois que me olhaste dando-me pela primeira vez a tua graça, e tirando-me essa côr trigueira e desditosa da culpa, com a qual não estava em condições de ser vista, já bem podes olhar-me. Agora já posso e bem mereço que me vejas, para receber de teus olhos maior graça. Na verdade, não sòmente me tiraste a côr escura, quando me fitaste pela primeira vez, mas me fizeste digna de ser vista, porque mediante êste olhar de amor,

A graça e a formosura em mim deixaste.

7. As expressões da alma nos dois versos antecedentes dão a entender o que diz S. João no Evangelho, isto é, Deus dá graça sôbre graça (Jo 1, 16). De fato, quando Deus vê a alma ornada de graça a seus olhos muito se inclina a conceder-lhe ainda maior graça, em razão de permanecer dentro dela com agrado. * Conhecendo Moisés esta verdade, pedia a Deus maior graça, como a querer obrigá-l'O a isso, pela graça já concedida, e assim dizia: «Tu me disseste: Conheçote pelo teu nome e achaste graça diante de mim. Se eu, pois, achei graça na tua presença, mostra-me a tua face, para que eu te conheça e ache graça ante os teus olhos» (Êx 33, 12-13). Com a primeira graça recebida, está a alma, diante de Deus, engrandecida, honrada, e cheia de formosura, conforme dissemos, e em razão disto é inefàvelmente amada por Êle. Se antes de estar a alma em graça, já a amava Deus por Si mesmo, agora que ela se acha revestida de graça, Deus a ama não só por Si mas também por causa dela. Enamorado pela formosura da alma nas obras e frutos por ela produzidos, ou mesmo sem isto, comunica-lhe sempre mais amor e mais graças; vai progressivamente elevando-a e enaltecendo-a, e assim, na mesma proporção, vai ficando mais cativo e enamorado dela. Dêste modo fala o Senhor, por Isaías, a seu amigo Jacob, dando a entender esta realidade: «Depois que tu te tornaste precioso e glorioso a meus olhos, eu te amei» (Is 43, 4). E' como se dissesse: depois que com meus olhos te fitei, concedendo-te graça, e com isto te tornaste glorioso e digno de honra em minha presença, mereceste que eu te fizesse maiores mercês de minha graça; porque para Deus, mais amar é mais favorecer. O mesmo dá a entender a Espôsa nos *Cantares* divinos, quando diz às outras almas: «Eu sou trigueira, mas formosa, filhas de Jerusalém; eis por que o Rei me amou e me introduziu no interior de seu leito».[2] O que significa: almas, que não sabeis nem conheceis estas graças, não vos cause admiração que o Rei celestial mas tenha concedido tão grandes, a ponto de me introduzir no íntimo de seu amor; porque, embora por mim mesma eu seja trigueira, com tanta intensidade pôs os olhos em mim o Espôso, depois de me ter olhado pela primeira vez, que não se contentou até desposar-me consigo, levando-me para dentro do leito de seu Amor.

8. * Quem poderá dizer até onde engrandece Deus uma alma quando se digna agradar-se dela? Não há quem o possa sequer imaginar; porque, enfim, é como Deus que o faz, para mostrar quem é. Só se pode explicar um pouco, manifestando a condição própria de Deus, que é a de conceder mais a quem tem mais, e multiplicar seus dons na proporção em que a alma, já os possui, segundo nos dá a entender o Evangelho nestas palavras: «Ao que tem lhe será dado ainda mais até chegar à abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado» (Mt 13, 12). Assim, o talento que possuía o servo sem estar na graça do seu senhor, foi-lhe tirado, e dado ao que tinha mais talentos do que todos juntos, estando êste no agrado do seu senhor. Daqui se conclui que os melhores bens da casa de Deus, isto é, de sua Igreja, seja a militante ou a triunfante, são acumulados naquele servo que é d'Êle mais amado, e assim o ordena o Senhor a fim de mais o honrar e glorificar, tornando-o como uma grande luz que absorve em si muitas luzes menores. Em confirmação desta verdade, tornamos às palavras já citadas de Isaías, ditas por Deus a Jacob, e aqui tomadas em sentido espiritual: «Eu sou o Senhor teu Deus, o Santo de Israel, teu Salvador; eu te dei por resgate o Egito, a Etiópia e Sabá... e entregarei homens por ti e povos pela tua vida» (Is 43, 3). **

[2] Estas palavras se acham no Ofício da B. Virgem Maria, 3ª antífona de Vésperas e Laudes. Só a primeira parte é textual no *Cântico dos Cânticos* (1, 4); a segunda é compilação de textos diversos.

9. Bem podes agora, Deus meu, olhar e prezar muito a alma sôbre a qual pões teus olhos, pois, com tua vista, lhe concedes valor e prendas que te cativam e agradam. Merece, portanto, que a olhes, não sòmente uma, mas muitas vêzes, depois que a viste. Na verdade, como se diz no *Livro de Ester*, pela inspiração do Espírito Santo, «é digno de tal honra aquêle a quem o Rei quiser honrar» (Est 6, 11).

**** Anotação para a Canção seguinte.***

1. Os amorosos regalos feitos pelo Espôso à alma neste estado são inestimáveis; os louvores e requebros de amor divino que se trocam freqüentemente entre os dois são indizíveis. Ela se emprega em louvar e agradecer a êle; êle, em engrandecer, louvar, e agradecer a ela. Isto se vê nos *Cantares*, onde, falando o Espôso à Espôsa, diz: «Como és formosa, amiga minha, como és bela! Teus olhos são como os de pombas» Ao que ela responde: «Como és formoso, Amado meu, como és gentil!» (Cânt 1, 14-15). E outras muitas graças e louvores se dão mùtuamente a cada passo, conforme lemos no mesmo livro dos *Cantares*. Na Canção passada, a alma acaba de desprezar-se, chamando-se trigueira e feia, e ao mesmo tempo louva ao Amado, proclamando-o formoso e cheio de graça, pois com seu olhar a revestiu de graça e formosura. Êle, como tem por costume exaltar a quem se humilha, pôs os olhos, por sua vez, na alma, conforme ela o pediu; e agora, na canção seguinte ocupa-se em louvá-la. Dá-lhe o nome, não de trigueira, conforme a alma se chamou, mas de branca pombinha, exaltando as boas qualidades que possui como pomba e rôla. Dêste modo se exprime: **

Canção XXXIV

Eis que a branca pombinha
Para a arca, com seu ramo, regressou,
E, feliz, a rolinha
Seu par tão desejado
Já nas ribeiras verdes encontrou.

EXPLICAÇÃO

2. E' o Espôso quem fala nesta canção. Canta a pureza que a alma já possui neste estado, e as riquezas e prêmio alcançados com as diligências e trabalho que teve para chegar a êle. Canta igualmente a boa sorte da alma em achar a seu Espôso nesta união; dá a entender como se cumpriram os

desejos da espôsa e o deleite e descanso que possui n'Êle, terminados já os trabalhos desta vida e do tempo passado. E assim diz:

Eis que a branca pombinha.

3. Dá à alma o nome de branca pombinha, pela brancura e pureza que recebeu da graça achada em Deus. * Chama-a de pomba, assim como é chamada a Espôsa nos *Cantares,* por causa da simplicidade e mansidão de sua índole, e pela amorosa contemplação de que goza. Com efeito, a pomba não é sòmente simples, mansa, e sem fel, mas também é de olhos claros e amorosos; por isto, querendo manifestar o Espôso esta propriedade de contemplação amorosa que possui a Espôsa para olhar a Deus, disse igualmente nos Cânticos que seus olhos eram de pomba ** (Cânt 4, 1).

A qual, declarava êle,
Para a arca com seu ramo regressou.

4. O Espôso compara a alma aqui à pomba da arca de Noé (Gn 8, 9), tomando aquelas idas e vindas por figura do que sucedeu à mesma alma. A pombinha da arca saía e voltava por não achar onde pousar o pé, naquelas águas do dilúvio, até que enfim voltou com um raminho de oliveira no bico, como sinal da misericórdia de Deus em fazer cessar as águas que submergiam a terra; de modo semelhante, esta alma saída da arca da onipotência de Deus no momento em que foi criada, andou sôbre as águas de um dilúvio de pecados e imperfeições, sem achar onde descansar seus desejos; esvoaçava de uma a outra parte, nos ares das ânsias de amor, entrando e saindo nessa arca do peito de seu Criador, sem que Êle a recolhesse totalmente em Si. Afinal Deus fêz cessar tôdas essas águas de imperfeições na terra da alma, e ela pôde voltar definitivamente com o ramo de oliveira, isto é, com a vitória alcançada sôbre tôdas as coisas mediante a clemência e misericórdia de Deus; agora foi introduzida neste ditoso e perfeito recolhimento dentro do peito de seu Amado, achando-se não sòmente vitoriosa de todos os seus contrários, mas possuidora do prêmio devido aos seus merecimentos, pois ambas as coisas são simbolizadas no ramo de oliveira. Eis que a pombinha da alma volta, enfim, à arca de seu Deus não apenas tão branca e pura como saiu quando foi por Êle criada, porém ainda mais acrescida com o ramo do prêmio e paz que alcançou pela vitória sôbre si mesma.

E, feliz, a rolinha
Seu par tão desejado
Entre as ribeiras verdes encontrou.

5. O Espôso chama também a alma nesta canção pelo nome de rolinha. De fato, nesta busca do Espôso, procedeu ela como a rôla quando deseja seu companheiro, sem o achar.[1] Para compreensão disto, precisamos saber o que se diz sôbre a rôla: quando não acha o seu par, não pousa em ramo verde, nem bebe água fresca e límpida; não descansa sob qualquer sombra, e muito menos se junta a outra companhia; mas ao achar aquêle com quem se une, goza de tôdas essas coisas. As mesmas propriedades tem aqui a alma; é, aliás, necessário que as tenha a fim de chegar à união e junção com o Espôso Filho de Deus. Na verdade, com tanto amor e solicitude convém andar, que não descanse o pé, isto é, o apetite, em ramo verde de deleite algum; nem queira beber água límpida de honra e glória do mundo, ou fresca, por algum alívio ou consôlo temporal; não deseje colocar-se sob a sombra de algum favor ou amparo de criaturas; enfim, não procure repouso algum em coisa alguma, nem busque companhia em outras afeições; mas permaneça gemendo, como a rôla, na solidão de tudo, até achar seu Espôso em perfeita satisfação.

6. Como esta alma, antes de chegar a tão sublime estado, andou buscando o Amado com grande amor, sem achar contentamento em coisa alguma fora d'Êle, é o mesmo Espôso quem canta agora, neste verso, o fim de suas fadigas e a realização de seus desejos. Declara Êle que, «feliz, a rolinha, o par tão desejado, entre as ribeiras verdes encontrou». Ou, por outras palavras: já a alma Espôsa descansa em ramo verde, deleitando-se em seu Amado; bebe agora a água límpida e fresca, que é a altíssima contemplação e sabedoria de Deus, juntamente com o refrigério e regalo que n'Êle goza. Põe-se também à sombra do Espôso, cujo amparo e favor tão ardentemente havia desejado; aí é consolada, apascentada e nutrida divinamente, em refeição saborosíssima, conforme o diz a espôsa, cheia de alegria, nos *Cantares*: «Sentei-me à sombra daquele a quem tanto tinha desejado; e o seu fruto é doce à minha garganta» (Cânt 2, 3).

[1] A 1ª redação do Cântico diz assim: O Espôso chama também a alma de pomba porque, neste caso, procedeu como a pomba quando achou seu companheiro.

* *Anotação para a Canção seguinte.*

1. Vai prosseguindo o Espôso, e manifesta agora o seu contentamento à vista do proveito conseguido pela Espôsa mediante a solidão em que antes quis viver, e que consiste em estabilidade de paz e fruição de bem imutável. Com efeito, quando a alma consegue fixar-se na quietude do único e solitário amor do Espôso, — como há feito esta de que tratamos, — é tão saborosa a permanência de amor que tem em Deus, e Deus nela, que já não sente necessidade de outros meios, ou de outros mestres, para encaminhá-la a Êle; só Deus lhe é agora guia e luz. ** Realiza-se, então, na alma o que o Senhor prometeu por Oséias dizendo: «Eu a conduzirei à soledade e falar-lhe-ei ao coração» (Os 2, 14). Estas palavras dão a entender como é na solidão que Deus se comunica e une à alma; pois falar ao coração é satisfazer êste coração que jamais pode ficar satisfeito senão com Deus.[1] Assim, diz o Espôso:

Canção XXXV

Em solidão vivia,
Em solidão seu ninho há já construído,
E em solidão a guia,
A sós, o seu Querido,
Também na solidão, de amor ferido.

EXPLICAÇÃO

2. Duas coisas faz o Espôso nesta canção. A primeira é louvar a solidão em que a alma desde muito tempo quis viver; declara ter sido êste o meio para ela achar o Amado e dêle fruir, libertada de tôdas as penas e angústias anteriores. E como a alma quis manter-se em solidão de todo gôsto, consôlo e apoio das criaturas, a fim de alcançar a companhia e união

[1] Na 1ª redação do *Cântico*, êste trecho que comenta as palavras do profeta Oséias acha-se no fim da canção.

de seu Amado, mereceu com isto possuir a paz da soledade em seu Espôso, em que descansa agora, alheia e afastada de tôdas as perturbações. A segunda coisa é dizer que, em conseqüência da solidão abraçada pela espôsa, e na qual ela quis permanecer a sós, isolada de qualquer criatura, por amor do Espôso, Êle próprio se enamorou da alma nesta sua solidão, e se dedicou todo a ela, recebendo-a nos braços, apascentando-a em Si com todos os bens e guiando-lhe o espírito às maravilhas sublimes de Deus. Não diz sòmente que agora Êle é o seu guia, mas acrescenta que a conduz sòzinho, sem mais intermédio de anjos ou homens, nem de formas ou figuras, porquanto nesta solidão a alma já possui a verdadeira liberdade de espírito, pela qual não mais se atém a qualquer dêsses meios. Diz, então, o verso:

Em solidão vivia.

3. Aquela rolinha, que é a alma, vivia em solidão antes mesmo de achar o Amado na união perfeita. Tanto é certo que a alma desejosa de Deus não pode achar consôlo na companhia de criatura alguma, e, ao contrário, tudo lhe dá e causa maior solidão, enquanto não encontra seu Amado!

Em solidão seu ninho há já construído.

4. A solidão em que antes vivia era a privação voluntária de todos os objetos e bens do mundo, por amor de seu Espôso, conforme dissemos ao falar da rolinha. Procurava a alma tornar-se perfeita, adquirindo a perfeita solidão mediante a qual se alcança a união com o Verbo, e, conseqüentemente, se goza de todo o refrigério e descanso. Êste descanso e repouso é simbolizado aqui pelo ninho que a alma diz ter construído. E assim é como se dissera: nesta solidão em que antes vivia, exercitando-se nela com trabalho e angústia, — por não estar ainda perfeita, — a alma pôs todo o seu descanso e refrigério porque agora já a adquiriu perfeitamente em Deus. Referindo-se a isto, de modo espiritual, disse David: «Na verdade o pássaro achou sua casa, e a rôla, o ninho onde criar seus filhotes» (Sl 83, 4). Isto é, achou descanso em Deus, onde pode satisfazer suas potências e apetites.

E em solidão a guia.

5. Quer dizer: nesta solidão em que a alma permanece a respeito de tôdas as criaturas e na qual está só com Deus, Êle a guia e move levantando-a às coisas divinas. O entendi-

mento é ilustrado com divinos conhecimentos, por estar agora solitário e desprendido de outros conhecimentos contrários e estranhos; a vontade é movida com grande liberdade ao amor de Deus, por achar-se sòzinha e livre de outras afeições; a memória é cheia de divinas lembranças, igualmente por estar solitária e vazia de quaisquer imaginações e fantasias. De fato, logo que a alma desembaraça as suas potências, esvaziando-as de tudo quanto é inferior, e de tôda a posse do que é superior e as deixa em completa solidão, Deus as ocupa imediatamente no invisível e divino. E' o próprio Deus que guia a alma nesta soledade, conforme São Paulo diz dos perfeitos, os quais são movidos pelo Espírito de Deus, (Rom 8, 14), significando estas palavras o mesmo que: «Em solidão a guia».

A sós, o seu Querido.

6. Isto significa que o Espôso não sòmente guia a alma na solidão onde ela se pôs, mas também opera sòzinho na mesma alma, sem outro meio algum. De fato, a peculiaridade desta união da alma com Deus no matrimônio espiritual é esta de agir e comunicar-se Êle por si mesmo, e não mais por meio de anjos, ou da capacidade natural da alma; porque os sentidos, interiores e exteriores, bem como tôdas as criaturas, e até a própria alma, quase nada valem aqui para contribuir de sua parte à recepção das grandes mercês sobrenaturais concedidas por Deus neste estado. Tais graças divinas, com efeito, não dependem da capacidade e ação natural da alma, nem de suas diligências; é Deus só que age nela. E a causa de assim agir é por encontrar a alma a sós, como dissemos; por isto, não lhe quer dar outra companhia para progredir, nem a confia a alguém a não ser a Êle mesmo. E' também muito conveniente que a alma, tendo abandonado tudo, e ultrapassado todos os meios, elevando-se sôbre tôdas as coisas para chegar-se a Deus, seja-lhe agora o próprio Deus guia e meio que a conduza a Si mesmo. Uma vez que a alma já subiu, em solidão de tudo, acima de tudo, já coisa alguma entre tôdas pode servir ou dar-lhe proveito para mais subir, a não ser o mesmo Verbo seu Espôso. Êste, por achar-se tão enamorado dela, quer, então a sós, conceder-lhe aquelas mercês sobrenaturais já referidas, e assim acrescenta:

Também na solidão, de amor ferido.

7. Isto é, pela Espôsa; porque além de amar extremamente a solidão da alma, está o Espôso muito mais ferido de amor pela mesma alma, por ter ela querido permanecer solitária de tôdas as coisas, estando ferida de amor por Êle. Assim, o Espôso não a quis deixar sòzinha, mas ferido também de amor pela alma, em razão da soledade em que ela se mantém por Êle vendo como a espôsa não se contenta em coisa alguma, vem Êle próprio guiá-la a sós, atraindo-a e tomando-a para Si — o que não fizera se não a houvesse achado em solidão espiritual.

* *Anotação para a Canção seguinte.*

1. Esta peculiaridade singular têm os que se amam: gostam muito mais de gozar mùtuamente sòzinhos, longe de tôda criatura, do que em companhia de alguém. E embora estejam juntos, se alguma pessoa estranha se acha ali presente, mesmo que não tenham de falar ou tratar com menor intimidade diante dela do que o fariam a sós, nem a mesma pessoa trate ou fale com êles, basta estar ali para impedir que gozem um do outro à sua vontade. A razão disto é que o amor, consistindo em unidade só de dois, faz com que êles queiram comunicar-se um ao outro a sós. Chegada, pois, a alma a êste cume de perfeição e liberdade de espírito em Deus, já vencidas tôdas as repugnâncias e contrariedades da sensibilidade, não tem agora outra coisa mais a considerar, nem outro exercício em que se ocupar, senão entregar-se com o Espôso a deleites e gozos de íntimo amor. Quanto se escreve a respeito de Tobias no seu livro (14, 4), onde se diz que depois de haver êste santo homem sofrido os trabalhos das tentações e pobreza, Deus o iluminou, e o resto dos dias que viveu, foram cheios de gôzo, acontece igualmente a esta alma de que vamos falando; pois os bens que vê em si mesma são tão cheios de gôzo e deleite como o dá a entender o profeta Isaías da alma que, depois de se ter exercitado nas obras mais perfeitas, chegou a êste cume de perfeição do qual aqui falamos.

2. Dirigindo-se à alma chegada ao amor perfeito, diz assim o mesmo profeta: «Nascerá nas trevas a tua luz, e as tuas trevas tornar-se-ão como o meio-dia. E o Senhor te dará sempre descanso e encherá a tua alma de resplendores, e livrará teus ossos, e serás como um jardim bem regado, e como uma fonte cujas águas nunca faltarão. E serão por ti edificados os desertos de muitos séculos; tu levantarás os fundamentos das gerações antigas, e serás chamado reparador dos muros, e o que torna seguros os caminhos. Se afastares o teu pé do sábado, para não fazeres a tua vontade no meu santo dia, e chamares ao sábado as tuas delícias, e o dia santo e glorioso do Senhor, e o solenizares,

não seguindo os teus caminhos, não fazendo a tua vontade... então te deleitarás no Senhor, e eu te elevarei acima da altura da terra, e alimentar-te-ei com a herança de Jacob (Is 58, 10-14). Até aqui são as palavras de Isaías, e nelas a herança de Jacob significa o próprio Deus. Conseqüentemente, a alma já não sabe senão viver gozando dos deleites dêste alimento divino. Só uma coisa lhe resta ainda a desejar: é gozá-lo perfeitamente na vida eterna. Em razão disto, nesta canção de agora, e nas outras seguintes, ocupa-se a alma em pedir ao Amado êste beatífico manjar da visão clara de Deus. E assim diz: **

Canção XXXVI

Gozemo-nos, Amado!
Vamo-nos ver em tua formosura,
No monte e na colina,
Onde brota a água pura;
Entremos mais adentro na espessura.

EXPLICAÇÃO

3. Está consumada, enfim, a perfeita união de amor entre a alma e Deus, e o que ela deseja agora é empregar-se no exercício das propriedades características do amor. Fala, pois, nesta canção, com o Espôso, pedindo-lhe três coisas que são próprias do amor. A primeira é querer receber dêste amor, gôsto e deleite, e isto pede quando diz: Gozemo-nos, Amado. A segunda é desejar assemelhar-se ao Amado, e o pede nas seguintes palavras: Vamo-nos ver em tua formosura. A terceira é esquadrinhar e conhecer os mistérios e segredos do próprio Amado, e faz êste pedido ao dizer: Entremos mais adentro na espessura. Segue-se o verso:

Gozemo-nos, Amado.

4. Isto é, gozemos-nos na comunicação das doçuras do amor; não sòmente na que já temos pela contínua união e junção de nós dois, mas naquela que redunda em exercício de amor efetivo e atual, tanto nos atos interiores da vontade em seus afetos, como nas obras exteriores pertinentes ao serviço do Amado. Esta particularidade apresenta o amor: onde quer que permaneça, sempre anda querendo gozar de seus deleites e doçuras, ou seja, exercitar-se em amar, no interior e no exterior, conforme dissemos. E a alma assim o

faz, levada pelo desejo de tornar-se mais semelhante ao Amado; por esta razão, apressa-se em dizer:

Vamo-nos ver em tua formosura.

5. Isto significa: procedamos de maneira a que, por meio do referido exercício de amor, cheguemos a contemplar um ao outro, em tua formosura, na vida eterna. Peço-te, pois, que seja eu a tal ponto transformada em tua formosura, que, assemelhando-me a ela, possa ver-me contigo em tua própria formosura, tendo em mim mesma esta formosura que é tua. E assim, olhando um para o outro, cada um veja no outro sua formosura, pois ambos têm a mesma formosura tua, estando eu já absorvida em tua formosura. Dêste modo, eu te verei, a ti, em tua formosura, e tu me hás de ver a mim, em tua formosura; eu me verei em ti na tua formosura, e tu te verás em mim na tua formosura; aparecerá em mim sòmente a tua formosura, e tu aparecerás também em tua própria formosura; então, minha formosura será a tua, e a tua, minha. Eu chegarei a ser tu mesmo, em tua formosura, e tu chegarás a ser eu, em tua mesma formosura, porque só a tua formosura será a minha, e assim nos veremos um ao outro em tua formosura. Esta é a adoção dos filhos de Deus na qual podem êles verdadeiramente dizer a Deus o que o próprio Filho disse ao Eterno Pai, no Evangelho de S. João: «Tôdas as minhas coisas são tuas, e tôdas as tuas coisas são minhas» (Jo 17, 10). Isto se realiza por essência, no Verbo, por ser Filho de Deus em sua natureza; e em nós, por participação, por sermos filhos adotivos. Cristo não disse essas palavras só por si, como cabeça mas por todo o corpo místico, que é a Igreja. * Esta participará da mesma formosura do Espôso no dia do triunfo quando contemplar a Deus face a face, por esta razão, pede aqui a alma ao Espôso, para se verem um ao outro na formosura d'Êle. **

No monte e na colina.

6. Isto é, nesse conhecimento matutino e essencial de Deus, que se manifesta no conhecimento do Verbo divino, o qual, por sua elevação, é aqui simbolizado pelo monte. * Isaías, estimulando a todos para que conheçam o Filho de Deus, chama-O assim quando diz: «Vinde, subamos ao monte do Senhor» (Is 2, 3). E ainda: «Estará preparado o monte da casa do Senhor» ** (Id. 2, 2). E na colina, a saber, na notícia vespertina de Deus, que é a sua sabedoria manifestada em suas criaturas, obras, e disposições admiráveis. Êste conhecimento vespertino é significado pela colina, por tratar-se da sabedoria de Deus manifestada de modo menos elevado do que no conhecimento matutino; mas, tanto um como outro, a alma pede nestas palavras, no monte e na colina.

7. Quando, pois, a Espôsa diz ao Espôso: vamos-nos ver em tua formosura, no monte, é como se dissesse: transforma-me e torna-me semelhante a ti na formosura da sabedoria divina, que, como explicamos, é o mesmo Verbo, Filho de Deus. Quando pede, depois, que se vejam na formosura d'Êle, na colina, manifesta o desejo de ser também informada com a formosura desta outra sabedoria menor que se mostra nas criaturas e nos mistérios de Deus em suas obras, a qual é igualmente a formosura do Filho de Deus em que a alma deseja ser ilustrada.

8. Não poderá ela ver-se na formosura de Deus, se não fôr transformada na sabedoria de Deus que então lhe dará a posse de tudo quanto há no Céu e na terra. A êste monte, e a esta colina, desejava subir a Espôsa quando disse: «Irei ao monte da mirra e à colina do incenso» (Cânt 4, 6). * Pelo monte da mirra, compreende a clara visão de Deus, e pela colina do incenso, o conhecimento d'Êle nas criaturas; porque a mirra no monte é mais preciosa do que o incenso na colina. **

Onde brota a água pura.

9. Quer dizer: onde é concedido o conhecimento e sabedoria de Deus, a qual é aqui comparada à água pura, pois o entendimento a recebe pura e despojada de tudo o que é acidental ou imaginário e também clara, isto é, sem as trevas da ignorância. Êste desejo de entender claramente e em perfeita pureza as verdades divinas, sempre o tem a alma; e quanto mais ama, tanto mais anseia penetrar dentro delas. Por isto, pede a terceira coisa, dizendo:

Entremos mais adentro na espessura.

10. Na espessura das maravilhosas obras de Deus e seus profundos juízos, cuja multiplicidade e diversidade é tão grande, que verdadeiramente se pode chamar espessura. De fato, nessas obras e juízos, há tanta abundância de sabedoria e tanta plenitude de mistérios, que não sòmente merece o nome de espessura, mas ainda espessura exuberante, segundo aquelas palavras de David: «O monte de Deus é monte pingue, monte coagulado» (Sl 67, 16). Esta espessura

de sabedoria e ciência de Deus é de tal modo profunda e incomensurável, que a alma, por mais que a conheça, sempre pode entrar mais adentro, porquanto é imensa, e incompreensíveis as suas riquezas segundo atesta S. Paulo ao exclamar: «O' profundidade das riquezas da Sabedoria e ciência de Deus! Quão incompreensíveis são os seus juízos, e imperscrutáveis os seus caminhos!» (Rom 11, 33).

11. O motivo, porém, de querer a alma entrar nesta espessura e incompreensibilidade dos juízos e caminhos de Deus é estar morrendo em desejo de penetrar muito profundamente no conhecimento dêles; pois êste conhecimento tão profundo traz consigo deleite inestimável que ultrapassa todo o sentido. Donde, falando David a respeito do sabor dêsses juízos divinos, diz assim: «Os juízos do Senhor são verdadeiros, cheios de justiça em si mesmos. São mais para desejar do que o muito ouro e as muitas pedras preciosas; e são mais doces do que o mel e o favo. Pelo que o teu servo os amou e os guardou» (Sl 18, 10-11). A alma, portanto, muito ardentemente deseja engolfar-se nesses juízos de Deus e conhecê-los em tôda a sua profundidade; e a trôco de o conseguir, com grande alegria e gôsto estaria disposta a abraçar tôdas as angústias e sofrimentos do mundo, e a passar por tudo quanto pudesse servir de meio para isso, ainda mesmo pelas coisas mais difíceis e penosas, e até pelas agonias e transes da morte, a fim de embrenhar-se mais em seu Deus.

12. Entende-se também muito adequadamente por esta espessura, em que a alma agora deseja entrar, a profusão e intensidade dos trabalhos e tribulações que está disposta a abraçar, porquanto lhe é saborosíssimo e proveitosíssimo o padecer. Na verdade, o padecer é para a alma o meio para entrar mais adentro na espessura da deleitosa sabedoria de Deus, porque o mais puro padecer traz mais íntimo e puro entender, e, conseqüentemente, mais puro e subido gozar, pelo fato de ser conhecimento em maior profundidade. Por isto, não se contentando a alma com qualquer maneira de padecer, diz: Entremos mais adentro na espessura, isto é, entremos até nos apertos da morte, a fim de ver a Deus. O profeta Job, desejando êste padecer, como meio para chegar à visão de Deus, exclamava: «Quem me dera que se cumprisse a minha petição, e que Deus me concedesse o que espero! E que o que começou, êsse mesmo me fizesse em pó, e me

cortasse a vida! E a minha consolação seria que, afligindo-me com dor, não me perdoasse» (Job 6. 8).

13. Oh! se acabássemos já de entender como não é possível chegar à espessura e sabedoria das riquezas de Deus, tão numerosas e variadas, a não ser entrando na espessura do padecer de muitas maneiras, pondo nisto a alma sua consolação e desejo! E como a alma [1], verdadeiramente desejosa da sabedoria divina, deseja primeiro, — para nela entrar, — padecer na espessura da cruz! * Era esta a razão que movia S. Paulo a exortar os Efésios a que não desfalecessem nas suas tribulações, e permanecessem firmes e arraigados na caridade, para que pudessem compreender, com todos os Santos, a largura, o comprimento, a altura, e a profundidade, e conhecer também a supereminente ciência da caridade de Cristo, a fim de serem cheios de tôda a plenitude de Deus ** (Ef 3, 18). Com efeito, para entrar nestas riquezas da Sabedoria divina, a porta, — que é estreita, — é a cruz. O desejo de passar por esta porta é de poucos; mas o de gozar dos deleites a que se vem por ela é de muitos.

---

[1] A 1ª redação do *Cântico* assim conclui êste parágrafo: "E como a alma verdadeiramente desejosa da sabedoria deseja primeiro deveras entrar mais adentro na espessura da cruz, que é o caminho da vida pelo qual poucos entram! Com efeito, desejar entrar na espessura da sabedoria, riquezas e regalos de Deus, é de todos; mas desejar entrar na espessura de trabalhos e dores pelo Filho de Deus é de poucos. Do mesmo modo, muitos queriam achar-se já no têrmo, sem passar pelo caminho e meio que a êle conduz".

* *Anotação para a Canção seguinte.*

1. Uma das razões mais importantes para a alma desejar ser desatada e achar-se com Cristo é que irá vê-l'O face a face no Céu, e entenderá então ali, em sua raiz, as profundas vias e mistérios eternos da Encarnação do Verbo, e êste conhecimento não será a menor parte de sua bem-aventurança; pois como diz o mesmo Cristo ao Pai, no Evangelho de S. João: «Esta é a vida eterna, que te conheçam a ti único Deus verdadeiro, e a teu Filho Jesus Cristo, que enviaste» (Jo 17, 3). Assim como uma pessoa que chega de longe, logo procura avistar-se e ter comunicação com alguém a quem tem grande amizade, do mesmo modo a alma, a primeira coisa que deseja fazer, em chegando à presença de Deus, é conhecer e gozar os profundos segredos e mistérios da Encarnação, bem como os caminhos eternos de Deus que dela dependem. Por isto, depois de ter declarado o seu desejo de ver-se na formosura de Deus, a alma acrescenta logo esta Canção: **

Canção XXXVII

E, logo, as mais subidas
Cavernas que há na pedra buscaremos;
Estão bem escondidas;
E juntos, entraremos
E das romãs o mosto sorveremos.

EXPLICAÇÃO

2. Uma das causas que mais movem a alma ao desejo de entrar na espessura da sabedoria de Deus, e de conhecer profundamente a formosura desta divina Sabedoria, é, como dissemos, chegar a unir seu entendimento com Deus, por meio do conhecimento dos mistérios da Encarnação, cuja sabedoria é a mais elevada e deliciosa que há em tôdas as suas obras. Diz, portanto, a Espôsa nesta canção o seguinte: depois de ter entrado mais adentro na Sabedoria divina, isto é,

pelo amor dêsses teus divinos e deleitosos juízos. * De fato, mediante êsse conhecimento da predestinação dos justos e presciência dos maus, em que o Pai previne aos eleitos com as bênçãos de Sua doçura em seu Filho Jesus Cristo, a alma é transformada de modo elevadíssimo e profundíssimo no amor de Deus, e nessas luzes, que lhe são infundidas, agradece e ama ao Pai com novo fervor, cheia de gôzo e deleite, por seu mesmo Filho Jesus Cristo; e o faz unida com Cristo, juntamente com Cristo. ** O sabor dêsses louvores é de tal delicadeza, que de todo não se pode exprimir. A alma, todavia, o manifesta no verso seguinte, ao dizer:

E das romãs o mosto sorveremos.

7. As romãs significam os mistérios de Cristo, e os juízos da Sabedoria divina, bem como as virtudes e atributos de Deus que se revelam no conhecimento dêstes mesmos mistérios e juízos, e são inumeráveis. Assim como as romãs têm numerosos grãozinhos, nascidos e sustentados em seu centro em forma de círculo, assim também cada um dos atributos e mistérios de Deus, juntamente com seus juízos e virtudes, contém em si grande quantidade de disposições maravilhosas, e de efeitos admiráveis, contidos e sustentados na esfera própria de cada um dêles, e com a qual se relacionam. Notamos aqui a figura esférica ou circular das romãs, porque, em nossa comparação, cada uma representa um atributo ou virtude de Deus, que, em suma, é o próprio Deus, figurado aqui nesta forma circular ou esférica, pois não tem princípio nem fim. * Por estar ciente a Espôsa dêsses inumeráveis juízos e mistérios contidos na sabedoria de Deus, disse ao Espôso nos *Cantares*: «O teu ventre é de marfim, guarnecido de safiras» (Cânt 5, 14). As safiras simbolizam os referidos mistérios e juízos da divina Sabedoria, a qual é

---

transformada em virtude do estado de matrimônio e, portanto, não lhe é possível conhecer mais coisas, nem por isto deixa de ter novas ilustrações e transformações que lhe advêm de novos conhecimentos e luzes divinas. Ao contrário, essas iluminações de novos mistérios, concedidas por Deus à alma nessa comunicação permanente que há entre Êle e ela, antes são muito freqüentes. O Espôso se dá à alma de modo sempre novo, e ela como que de novo entre n'Êle, mediante o conhecimento daqueles mistérios que apreende em Deus. Tal conhecimento leva a alma a amar novamente a Deus, de modo muito íntimo e elevado e a transforma n'Êle por meio dêsses mistérios novamente conhecidos. O novo deleite e sabor que então recebe é totalmente inefável; dêle fala a alma no verso seguinte.

«Em Cristo estão escondidos todos os tesouros de sabedoria e ciência» (Col 2, 3). Nêles é impossível entrar ou aprofundar-se a alma, se não passar primeiro pelos apertos do sofrimento interior e exterior, os quais são meios para alcançar a divina sabedoria. Com efeito, mesmo aquilo que nesta vida podemos conhecer dos mistérios de Cristo, não nos é dado alcançar senão depois de muito sofrimento, e de grandes mercês intelectuais e sensíveis de Deus, havendo também precedido um longo exercício espiritual, porque tôdas estas graças são inferiores à sabedoria dos mistérios de Cristo, e como disposições para chegar a ela. Daí vem que o pedido de Moisés a Deus para que lhe manifestasse a Sua glória, foi-lhe respondido que não poderia vê-la nesta vida. Mas obteve de Deus a promessa de que lhe mostraria todo o bem» (Êx 33, 20), isto é, quanto fôsse possível nesta vida. Introduzindo-o Deus, então, na caverna da pedra, — e esta, como dissemos, é Cristo, — mostrou-lhe suas costas, o que significa dar-lhe o conhecimento dos mistérios da Humanidade de Cristo.

5. Nestas cavernas, pois, de Cristo, a alma deseja entrar bem adentro, para ser bem absorvida, transformada e inebriada no amor da sabedoria que encerram, querendo para isto esconder-se no peito de Seu Amado. A penetrar nestas fendas do rochedo, convida-a o mesmo Amado, nos *Cantares*, dizendo: «Levanta-te, amiga minha, formosa minha, e vem: nas aberturas da pedra, na concavidade do muro» (Cânt 2, 13). Estas aberturas da pedra são as cavernas de que aqui falamos, e referindo-se a elas, continua a dizer a espôsa:

E, juntos, entraremos.

6. Entraremos naqueles conhecimentos e mistérios divinos. Não diz: entrarei só, como pareceria mais conveniente, pois o Espôso não precisa entrar aí de novo. Diz: juntos entraremos, a saber, ela e o Amado, para mostrar como esta ação não é feita só por ela, mas sim pelo Espôso e ela juntos; aliás, estando Deus e a alma unidos no estado de matrimônio espiritual, de que vamos tratando, não faz a mesma alma obra alguma sòzinha sem Deus. Em dizer: e, juntos, entraremos [1], significa, ali nos transformaremos, eu em ti

[1] **A 1ª redação do *Cântico* assim prossegue êste parágrafo: Em dizer "e juntos entraremos", significa, ali nos transformaremos, em transformação de novos conhecimentos e novos atos e comunicações de amor; pois, embora seja certo que a alma, quando assim fala, já está**

mais adentro do matrimônio espiritual em que se acha agora colocada, — o que se realizará ao entrar na glória, contemplando a Deus face a face, e unindo-se com essa mesma Sabedoria divina que é o próprio Filho de Deus, — conhecerá então os sublimes mistérios do Verbo feito Homem, os quais são cheios de altíssima sabedoria, e escondidos em Deus. O Espôso e a alma entrarão, juntos, nesse conhecimento, engolfando-se e transfundindo-se nêles a espôsa; ambos hão de gozar, ela e o Espôso, do sabor e deleite que dêsses mistérios se deriva, e também das virtudes e atributos divinos, nêles manifestados, tais como a justiça, a misericórdia, a sabedoria, o poder, a caridade, etc.

E logo as mais subidas
Cavernas que há na pedra buscaremos.

3. A pedra de que fala aqui a alma é Cristo, segundo diz S. Paulo (1 Cor 10, 4). As subidas cavernas da pedra são os mistérios sublimes, profundos e transcendentes da Sabedoria de Deus que há em Jesus Cristo: a união hipostática da natureza humana com o Verbo Divino; a correspondência que há entre esta união e a dos homens com Deus; as disposições de justiça e misericórdia de Deus a respeito da salvação do gênero humano, que manifestam os Seus insondáveis juízos. A tudo isto, com muito acêrto a alma denomina subidas cavernas: subidas, pela sublimidade dêsses mistérios tão altos, e cavernas, pela penetração e profundidade da sabedoria de Deus, nêles encerrada. Assim como as cavernas são fundas, e cheias de cavidades, assim cada um dos mistérios de Cristo é profundíssimo em sabedoria, e encerra muitas cavidades de ocultos juízos de Deus, sôbre a predestinação e presciência quanto aos filhos dos homens. Em razão disso, a alma acrescenta agora:

Estão bem escondidas.

4. A tal ponto na verdade, o estão, que, não obstante os maiores mistérios e maravilhas desvendadas pelos santos doutôres da Igreja, e manifestadas na vida presente às almas eleitas, o principal lhes ficou ainda por dizer, e mesmo por entender. Assim, há muito que aprofundar em Cristo, sendo Êle qual abundante mina com muitas cavidades cheias de ricos veios, e por mais que se cave, nunca se chega ao têrmo, nem se acaba de esgotar; ao contrário, se vai achando em cada cavidade novos veios de novas riquezas, aqui e ali, conforme testemunha S. Paulo quando disse do mesmo Cristo:

significada ali pelo ventre; porque a safira é uma pedra preciosa da côr do céu quando está claro e sereno. **

8. O mosto a que se refere a Espôsa, dizendo que destas romãs hão de sorver, ela e o Espôso, é a fruição e deleite de amor divino que redunda na mesma alma, mediante o conhecimento e notícia dêsses mistérios de Deus. Um só e mesmo suco é o que se sorve dos muitos grãos das romãs, quando se comem; assim, de tôdas estas maravilhas e grandezas de Deus infundidas na alma, redunda uma só fruição e deleite de amor, que o Espírito Santo lhe dá a beber. Êste divino mosto, logo a alma oferece a seu Espôso, o Verbo de Deus, com grande ternura de amor; é a bebida divina que a espôsa nos *Cantares* promete dar ao Espôso, quando fôr por Êle introduzida nesses altíssimos conhecimentos, dizendo: «Ali me ensinarás e eu te darei a beber vinho temperado, e o mosto das minhas romãs» (Cânt 8, 2). Declara que estas romãs são suas, — isto é, as notícias divinas, — porque embora sejam de Deus, foram dadas a ela por Êle. O gôzo e fruição dessas notícias, qual vinho de amor, a alma oferece a Deus por bebida, e isto significam as palavras: E das romãs o mosto sorveremos. Sorve-o o Espôso, e o dá a sorver à sua espôsa; e ela, ao saboreá-lo, torna a oferecê-lo a Êle para que o saboreie. E assim o gôsto dessa bebida é comum entre ambos.

* *Anotação para a Canção seguinte.*

1. Nas duas canções passadas, a Espôsa foi cantando os bens que o Espôso lhe dará naquela felicidade eterna da glória. Disse como há de transformá-la, de fato, n'Êle mesmo, na formosura da Sua Sabedoria incriada e criada; como, ali, será transformada também na formosura da união do Verbo com a Santa Humanidade, e nessa união conhecerá a Deus, tanto pela face como pelas costas. Agora, na canção seguinte, a alma declara duas coisas: a primeira, é como há de saborear êsse mosto divino das romãs, — ou safiras, — do qual já falou; a segunda, é pôr diante do Espôso a glória que dará a Êle a predestinação dela. Convém notar como êsses bens recebidos pela alma, embora sejam descritos sucessivamente e por partes, todos êles estão contidos na glória essencial da mesma alma. Diz, então, assim: **

Canção XXXVIII

Ali me mostrarias
Aquilo que minha alma pretendia,
E logo me darias
Ali, tu, vida minha,
Aquilo que me deste no outro dia.

EXPLICAÇÃO [1]

2. O fim que a alma tinha em vista, quando desejava entrar naquelas cavernas, era alcançar a consumação do amor de Deus, como sempre pretendeu. Quer chegar a amar a Deus com a mesma pureza e perfeição com que é amada por Êle, retribuindo-lhe por sua vez o mesmo amor. Eis o motivo de dizer ao Espôso nesta canção, primeiramente que, na glória, Êle lhe mostrará o que foi tôda a sua pretensão, em to-

[1] Apresentando a 1ª redação do *Cântico* uma interpretação diferente desta mesma Canção, pois S. João da Cruz não se referiu à consumação do amor na eternidade e sim nesta vida, daremos no fim essa explicação primitiva.

dos os seus atos e exercícios, isto é, há de mostrar a ela como amará o Espôso com a perfeição com que Êle mesmo se ama. E a segunda mercê que Êle lhe fará é dar-lhe a glória essencial, à qual a predestinou de tôda a eternidade. Assim diz:

Ali me mostrarias
Aquilo que minha alma pretendia. [1]

3. Esta pretensão da alma é a igualdade de amor com Deus, natural e sobrenaturalmente apetecida por ela; porque o amante não pode estar satisfeito se não sente que ama tanto quanto é amado. E como a alma vê que na sua transformação em Deus, a que chegou nesta vida, embora seja o amor imenso, não pode êste igualar na perfeição ao amor com que Deus a ama, deseja a clara transformação da glória, em que chegará à igualdade do amor. E' certo que, no alto estado em que se acha, a alma possui a verdadeira união da vontade com o Espôso; todavia não pode ter os quilates e a fôrça do amor que terá naquela forte união de glória. Então, segundo diz S. Paulo, conhecerá a Deus como é d'Êle conhecida (1 Cor 13, 12), e, conseqüentemente também O amará como d'Êle é amada. Seu entendimento será entendimento de Deus; sua vontade, vontade de Deus; e, igualmente, seu amor será amor de Deus. Embora não se perca a vontade da alma, no céu, todavia está tão fortemente unida à fortaleza da vontade divina com que é amada, que ama a Deus tão fortemente e com tanta perfeição como Êle próprio a ama. Estão agora as duas vontades unidas numa só e mesma vontade de Deus e também num só amor de Deus; assim, a alma chega a amar a Deus com a vontade e fôrça do mesmo Deus, estando unida à mesma fôrça de amor com que é amada por Êle. Esta fôrça é a do Espírito Santo, no qual está a alma ali transformada; havendo sido dado a ela êste Espírito de Deus para ser a fôrça de seu amor, é Êle que dá e supre, em razão da transformação de glória, o que lhe falta. Aliás, mesmo na transformação perfeita, do matrimônio espiritual, que a alma atinge ainda nesta vida, e na qual fica totalmente possuída pela graça, de certo modo ama pelo Espírito Santo na proporção em que Êle lhe é dado nessa transformação.

4. Por isto, importa observar como a alma não diz que o Espôso lhe dará ali seu amor, embora na verdade lho dê; se assim dissesse, manifestaria apenas o amor da parte de Deus; diz, porém, que ali Êle lhe mostrará como a mesma alma O ama com a perfeição desejada. Quando o Espôso, na glória, lhe dá o seu amor, ao mesmo tempo faz com que a alma veja que O ama tanto quanto é amada por Êle. E além de ensiná-la a amar puramente, livremente, e sem qualquer interêsse, tal como Êle próprio nos ama, faz com que ela O ame com a mesma fôrça de seu divino amor, transformando-se nesse amor, como já dissemos. Concedendo assim à alma a própria fôrça do amor divino para que O possa amar, Deus, por assim dizer, põe-lhe o instrumento nas mãos, e ensina como deve servir-se dêle, e o faz juntamente com ela; eis o que significa mostrar-lhe como se ama, e dar-lhe habilidade para isto. Até chegar a êste ponto, a alma não está satisfeita, nem o estaria na outra vida se, — como afirma Santo Tomás «*in opusculo de Beatitudine*» — não sentisse que ama a Deus tanto quanto é por Êle amada. No estado de matrimônio espiritual de que vamos falando, quando a alma chega a êste grau, embora não tenha ainda a perfeição de amor que terá na glória, contudo há nela uma viva imagem e vislumbre daquela perfeição, a qual é totalmente inefável.

E logo me darias
Ali, tu, vida minha,
Aquilo que me deste no outro dia.

5. * O que a alma diz que o Espôso lhe daria logo é a glória essencial que consiste em contemplar o ser de Deus. Assim sendo, antes que passemos adiante, convém resolver aqui a seguinte dúvida: se a glória essencial consiste em ver, e não pròpriamente em amar a Deus, e a alma diz que a sua pretensão era êste amor e não a glória essencial, como declarou no princípio da canção, — por que motivo depois pede essa glória, como coisa secundária? As razões são duas. A primeira é ser o amor o fim de tudo, e o amor pertence à vontade, cuja característica é dar, e não receber. Quanto ao entendimento, — ao qual é dada a glória essencial, — a sua propriedade é antes receber do que dar. Ora, como a alma aqui está embriagada de amor, não repara na glória que Deus lhe há de dar, porque se ocupa sòmente em dar-se a Êle, na entrega do verdadeiro amor, sem interêsse algum pelo seu próprio proveito. A segunda razão é que na primeira pretensão se inclui a segunda, e esta já fica subentendida nas precedentes canções; pois, na verdade, é impossível che-

gar ao perfeito amor de Deus sem a perfeita visão de Deus. Assim, a fôrça desta dúvida se desfaz logo na primeira razão; porque é com o amor que a alma paga a Deus o que lhe deve, e com o entendimento antes recebe de Deus do que Lhe dá.

6. Entremos, porém, na explicação. Vejamos o que seja aquêle «outro dia» a que a alma se refere aqui, e também o que seja «aquilo» que Deus lhe deu nesse dia, e a alma pede para dar-lhe depois, na glória. Pelo «outro dia» é significado o dia da eternidade de Deus, bem diverso do dia temporal, desta vida. Naquele dia eterno, Deus predestinou a alma para a glória, determinando nêle essa glória que lhe havia de dar, e de fato já lhe deu livremente, sem princípio, desde que a criou. Essa predestinação à glória é de tal modo própria à mesma alma, que nenhum motivo ou obstáculo, superior ou inferior será capaz de lha tirar jamais; e aquilo a que foi predestinada por Deus de tôda a eternidade ser-lhe-á dado a possuir para sempre. E', pois, a isto, que se refere a alma quando diz: «Aquilo que me deste no outro dia», e que ela deseja possuir manifestamente na glória. O que será, então, aquilo que lhe deu ali? «O ôlho não viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais veio ao coração do homem», como diz o Apóstolo (1 Cor 2, 9). E Isaías já o dissera: «O ôlho não viu, exceto tu, ó Deus, o que tens preparado para os que te esperam» (Is 64, 4). Por impossibilidade de o definir é que a alma o chama «aquilo». Em suma, trata-se de ver a Deus; e ao que seja para a alma a visão de Deus, não se pode dar outro nome senão «aquilo».

7. Para não deixarmos, contudo, de dizer, alguma coisa a êsse respeito, digamos o que manifestou Cristo a S. João no *Apocalipse*, por muitos têrmos, vocábulos, e comparações, por sete vêzes, não sendo possível encerrar «aquilo» em uma só palavra, nem de uma só vez; e mesmo em tôdas aquelas figuras, ainda fica por dizer. Assim fala ali Cristo: «Ao vencedor darei a comer da árvore da vida que está no paraíso de meu Deus» (Apoc 2, 7). Como se esta comparação fôsse insuficiente, logo acrescenta: «Sê fiel até a morte e te darei a coroa da vida» (Id. 10). Nem esta parece dar bem a entender, e logo vem outra mais obscura, que melhor o signifique: «Ao vencedor darei do maná escondido; e lhe darei uma pedra branca e sôbre a pedra estará escrito um nome novo, que ninguém conhece, senão só quem o recebe» (Id. 17).

Mas nem esta figura basta para manifestar o que seja «aquilo»; eis por que o Filho de Deus aduz outra de grande alegria e poder: «Quem vencer e guardar até o fim as minhas obras, eu lhe darei poder sôbre as nações, e as regerá com vara de ferro, e como um vaso de barro se despedaçarão, assim como eu também recebi de meu Pai; e dar-lhe-ei a estrêla da manhã» (Id. 26). Não se contentando ainda com êstes têrmos, continua a dizer: «O vencedor será assim vestido de vestes alvas; e jamais lhe apagarei o nome do livro da vida; antes confessarei o seu nome diante de meu Pai» (Id. 3, 5).

8. E como tudo o que foi dito fica aquém da realidade, ajunta muitos vocábulos cheios de inefável majestade e grandeza para declarar «aquilo»: «Ao vencedor, farei dêle coluna no templo de meu Deus, e jamais sairá fora; escreverei sôbre êle o nome de meu Deus, e o nome da cidade nova de Jerusalém de meu Deus, que desce do céu de meu Deus, e também meu nome novo» (Id. 21). Enfim, para melhor o manifestar, emprega a sétima figura, que é: Ao vencedor, eu o farei sentar-se comigo no meu trono; assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono» (Id. 21). «O que tem ouvidos para ouvir ouça». Tôdas estas palavras são ditas pelo Filho de Deus, para dar a entender «aquilo». Quadram-lhe muito perfeitamente, mas não o exprimem. Com efeito, esta peculiaridade têm os mistérios infinitos: a de lhe quadrarem bem as expressões mais sublimes, em qualidade e magnificência, sem que, todavia, alguma delas, ou tôdas juntas, os declarem.

9. Vejamos agora se David nos revela algo dêste «aquilo». Em um Salmo diz: «Que grande é, Senhor, a abundância de tua doçura que tens reservada para os que te temem!» (Sl 30, 20). Por isto, noutro lugar dos Salmos, denomina-o «torrente de deleites», dizendo: «Tu os farás beber na torrente de teus deleites» (Sl 35, 9). E sentindo também como não iguala êste nome a expressão do que seja «aquilo», torna a dizer noutro Salmo: «Tu o preveniste com bênçãos da doçura de Deus» (Sl 20, 4). E assim, um nome que quadre ao certo para definir «aquilo» que a alma diz, e que consiste na felicidade para a qual Deus a predestinou, é impossível encontrar. Fiquemos, então, com êsse nome que a alma lhe deu — «aquilo», — e expliquemos o verso da seguinte maneira. Aquilo que me deste, isto é, aquêle pêso de glória

a que me predestinaste, ó Espôso meu, no dia de tua eternidade, em que houveste por bem determinar a criação de meu ser, tu mo hás de dar, em breve, ali, no dia do meu desposório e núpcias; tu, naquele dia de alegria para o meu coração, quando me desprenderes da carne, e me introduzires nas subidas cavernas de teu tálamo, transformar-me-ás gloriosamente em ti, e juntos, então, beberemos o mosto das suaves romãs. **

* *Anotação para a Canção seguinte.*

1. A alma chegada ao estado de matrimônio espiritual, de que agora tratamos, não fica sem perceber algo «daquilo» que lhe será dado na glória; como já está transformada em Deus, algo se passa em seu íntimo, do que há de gozar na eternidade. Por esta razão, não quer deixar de dizer aqui um pouco do que experimenta, nos penhôres recebidos e por certo vestígio, que no interior lhe fazem pressentir o que será «aquilo»; porque se dá com ela o que afirma o profeta Job: «Quem poderá conter a palavra que tem em si concebida, sem dizê-la?» (Job 4, 2). Assim, na canção seguinte, ocupa-se em descrever algo daquela fruição de que gozará depois na visão beatífica, e procura, quanto lhe é possível, explicar o que seja e como seja «aquilo» que ali receberá. **

Canção XXXIX

E o aspirar da brisa,
Do doce rouxinol a voz amena,
O souto e seu encanto,
Pela noite serena,
Com chama que consuma sem dar pena.

EXPLICAÇÃO

2. Nesta canção, a alma procura dizer e explicar «aquilo» que lhe será dado pelo Espôso na transformação beatífica, e o faz por cinco expressões. Na primeira, diz que é a aspiração do Espírito Santo, de Deus a ela, e dela a Deus. Na segunda, fala da sua jubilação a Deus, na fruição d'Êle. Na terceira, refere-se ao conhecimento das criaturas e da ordem que há entre elas. Na quarta, manifesta a pura e clara contemplação da essência divina. Na quinta, a transformação total no amor infinito de Deus. Diz, então, o verso:

E o aspirar da brisa.

3. Êste aspirar da brisa é uma capacidade que, segundo a própria alma o diz, lhe será dada por Deus, na comuni-

cação do Espírito Santo. E' êste que, a modo de sôpro, com sua aspiração divina, levanta a alma com grande sublimidade, penetrando-a e habilitando-a a aspirar, em Deus, aquela mesma aspiração de amor com que o Pai aspira no Filho, e o Filho no Pai, e que não é outra coisa senão o próprio Espírito Santo. Nesta transformação, o divino Espírito aspira a alma, no Pai e no Filho, a fim de uni-la a Si na união mais íntima. Se a alma, com efeito, não se transformasse nas três divinas Pessoas da Santíssima Trindade, num grau revelado e manifesto [1], não seria verdadeira e total a sua transformação. Essa aspiração do Espírito Santo na alma, com que Deus a transforma em Si, causa-lhe tão subido, delicado e profundo deleite, que não há linguagem mortal capaz de o exprimir; nem o entendimento humano, com a sua natural habilidade, pode conceber a mínima idéia do que seja. * Na verdade, mesmo o que se passa na transformação a que a alma chega nesta vida, é indizível; porque a alma, unida e transformada em Deus, aspira, em Deus, ao próprio Deus, naquela mesma aspiração divina com que Deus aspira em Si mesmo à alma já tôda transformada n'Êle. **

4. Nessa transformação em que a alma está, ainda nesta vida, produz-se a mesma aspiração de Deus à alma e da alma a Deus, de que gozará na glória. Com muita freqüência a experimenta, e com subidíssimo deleite de amor em seu íntimo, embora não se lhe descubra em descoberto e manifesto grau, como na outra vida. E' justamente isto, que, segundo entendo, quis exprimir S. Paulo quando disse: «E porque sois filhos, enviou Deus aos vossos corações o Espírito do seu Filho que clama: Abba, Pai» (Gál 4, 6). Essa aspiração se produz nos bem-aventurados do céu e nos perfeitos da terra, do modo respectivo a uns e outros, conforme explicamos. Não é, pois, coisa impossível chegar a alma a atingir tão grande altura, aspirando em Deus, por participação, como Êle mesmo nela aspira. Se Deus, de fato, lhe concede a graça de ser unida à Santíssima Trindade, tornando-se a alma assim deiforme e Deus por participação, como podemos achar incrível que ela tenha em Deus todo o seu agir, quanto ao entendimento, notícia e amor, ou, dizendo melhor, sejam suas operações tôdas feitas na Santíssima Trindade, juntamente

[1] A 1ª redação do *Cântico* diz: "... embora não o seja em revelado e manifesto grau, por causa da baixeza e condição de nossa vida".

com Ela, como a mesma Santíssima Trindade? Assim o é, porém, por participação e comunicação, sendo Deus quem opera na alma. * Nisto consiste a transformação da alma nas três divinas Pessoas, em poder, sabedoria e amor; nisto também torna-se a alma semelhante a Deus, e para chegar a êste fim é que foi criada à Sua imagem e semelhança. **

5. Como seja realizada essa transformação, ninguém o pode nem sabe dizer. Só conseguimos dar a entender que o Filho de Deus nos alcançou êste alto estado, e nos mereceu esta subida honra, de podermos ser filhos de Deus, conforme diz S. João. Assim o pediu Êle ao Pai, pelo mesmo S. João, com estas palavras: «Pai, os que me deste, quero que onde eu estou, estejam também êles comigo, para contemplarem a minha glória que tu me deste» (Jo 17, 24). Querendo dizer: que êles façam, por participação, em nós, a mesma obra que eu faço por natureza, que é aspirar o Espírito Santo. E diz ainda mais: «Não rogo sòmente por êles, mas também por aquêles que por sua palavra crerem em mim; para que todos sejam uma só coisa, assim como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti, — que assim também êles sejam em nós uma só coisa... Dei-lhes a glória que tu me deste, para que sejam um, assim como nós somos um; eu nêles e tu em mim: que sejam perfeitos na unidade, a fim de conhecer o mundo que tu me enviaste, e que os amaste como me amaste a mim» (Jo 17, 20-23), isto é, comunicando a êles o mesmo amor que dedica ao Filho, embora não o faça por natureza como ao Filho, mas sòmente por unidade e transformação de amor. Não se há de entender também que o Filho queira dizer ao Pai que os santos sejam essencial e naturalmente uma só unidade, como o são o Filho; mas pede que o sejam, por união de amor, assim como o Pai e o Filho são um em unidade de amor.

6. Daí vem a essas almas o possuírem por participação os mesmos bens que o Filho possui por natureza; portanto, podemos dizer, são verdadeiramente deuses por participação, em igualdade e companhia do mesmo Filho de Deus. Por esta razão disse S. Pedro: «A graça e a paz se vos aumentem cada vez mais pelo conhecimento de Deus e de Jesus Cristo Nosso Senhor. Tudo quanto serve para uma vida piedosa, o seu divino poder no-lo deu pelo conhecimento daquele que nos chamou para sua glória e louvor: e com isto se nos comunicam as preciosas e grandíssimas graças prometidas, de

modo que por elas vos tornastes participantes da natureza divina» (2 Ped 1, 2-5). Estas são as palavras de S. Pedro, nas quais é dado claramente a entender que a alma participará do próprio Deus, isto é, fará, juntamente com Êle, a própria obra da Santíssima Trindade, em conseqüência da união substancial entre a alma e Deus, do modo que já explicamos. Esta realidade só será perfeita na vida eterna, todavia, quando a alma chega aqui na terra ao estado de perfeição, como há chegado esta de que tratamos, já lhe é dado prelibar em grande parte um vestígio e antegôzo dessa união conforme vamos aqui dizendo, embora não se possa descrever como seja.

7. O' almas criadas para estas grandezas, e a elas chamadas! que fazeis? Em que vos entretendes? Baixezas são vossas pretensões e tudo quanto possuís não passa de misérias. O' miserável cegueira dos olhos de vosso espírito! Pois para tanta luz estais cegas; para tão altas vozes, sois surdas; não vêdes que, enquanto buscais grandezas e glórias, permaneceis miseráveis e vis, sendo ignorantes e indignas de tão grandes bens! Continua a alma a manifestar, por uma segunda expressão, o que seja «aquilo»:

Do doce rouxinol a voz amena.

8. Daquela aspiração da brisa ressoa na alma a doce voz de seu Amado que a ela se comunica; e neste suavíssimo canto se une a Êle a mesma alma, em deliciosa jubilação. Esta mútua união é aqui denominada «canto do rouxinol». A voz do rouxinol se ouve na primavera, quando já passou o inverno, com seus vários rigores, frios e chuvas. Causa, então, deleite ao espírito a melodia que repercute no ouvido. O mesmo se realiza nesta atual comunicação e transformação de amor que a Espôsa já possui nesta vida. Amparada e livre agora de tôdas as perturbações e contingências do tempo, desprendida e purificada de tôdas as imperfeições, penas e obscuridades, tanto do sentido como do espírito, sente-se numa nova primavera, com liberdade, dilatação e alegria de espírito; aí ouve a doce voz do Espôso, que é o seu doce rouxinol. Esta voz lhe renova e refrigera a substância íntima de si mesma; e o mesmo Espôso achando-a já bem disposta para caminhar à vida eterna, convida-a com doçura e deleite, fazendo ressoar aos ouvidos da alma esta sua deliciosa voz dizendo: «Levanta-te, apressa-te, amiga minha, pomba minha, formosa minha, e vem; porque já passou o inverno, já se foram e cessaram de todo as chuvas; as flôres apareceram na nossa terra; chegou o tempo da poda, e ouviu-se na nossa terra a voz da rôla» (Cânt 2, 10-13).

9. A essa voz do Espôso que lhe fala no íntimo, a Espôsa experimenta haver chegado o fim de todos os males, e o princípio de todos os bens; nesse refrigério e amparo, com profundo sentimento de gôzo, também ela, como doce rouxinol, eleva sua própria voz, num novo canto de júbilo a Deus, cantando juntamente com Aquêle que a move a isso. E' para êste fim que o Espôso lhe comunica sua voz: para que a espôsa una a própria voz à d'Êle, no louvor de Deus. Na verdade, o intento e desejo do Espôso é que a alma entoe a sua voz espiritual num canto de jubilação a Deus, e assim o pede Êle próprio a ela nos *Cantares* dizendo: «Levanta-te, amiga minha, formosa minha, e vem, pomba minha, nas aberturas da pedra, na concavidade do rochedo; mostra-me a tua face, ressoe a tua voz aos meus ouvidos» (Cânt 2, 13-14). Os ouvidos de Deus significam aqui os Seus desejos de que a alma Lhe faça ouvir esta voz de jubilação perfeita; e para que, de fato, seja perfeito êste canto, o Espôso pede que ressoe nas cavernas da pedra, isto é, na transformação dos mistérios de Cristo, como já explicamos. Nesta união, a alma verdadeiramente jubila e louva a Deus com o mesmo Deus e assim é louvor perfeitíssimo, e muito agradável a Deus, tal como dizíamos a respeito do amor; porque tendo a alma chegado à perfeição, tôdas as obras que faz são muito perfeitas. Por isto, essa voz de júbilo é doce para Deus, e doce também para a alma. Eis a razão de dizer o Espôso: «tua voz é doce» (Cânt 2, 14), e não o é só para ti, mas também para mim, pois estando tu comigo em unidade, emites tua voz para mim em unidade comigo, como doce rouxinol.

10. * Tal é o canto que ressoa dentro da alma, na transformação em que se acha nesta vida, e cujo sabor é acima de todo encarecimento. Não chega ainda, porém, a ser tão perfeito como o cântico novo da vida gloriosa; e, assim, deliciada a alma com o gôsto que dêle sente nesta terra, e vislumbrando através da sublimidade dêste canto do exílio, a excelência do que ouvirá na glória, incomparàvelmente mais sublime, lembra-o agora dizendo que aquilo que lhe dará o Espôso será o canto do doce rouxinol. E acrescenta: **

O souto e seu encanto.

11. Eis a terceira expressão de que se serve a alma ao descrever o que lhe há de dar o Espôso. Pelo souto, que é o bosque onde crescem muitas plantas e animais, compreende a alma o próprio Deus como Criador e Conservador de tôdas as criaturas, as quais n'Êle têm sua vida e origem. Sob êsse aspecto revela-se Deus à alma, dando-se a conhecer a ela como Criador. O encanto dêste souto, que a alma pede também aqui ao Espôso para mostrar-lhe, representa a graça, sabedoria, e beleza que cada uma das criaturas, tanto da terra como do céu, recebe de Deus, e também a harmonia que reina entre elas tôdas, pela correspondência e subordinação recíproca de umas às outras, — sábia, ordenada, graciosa e amiga — seja das criaturas superiores entre si e das inferiores também entre si, ou ainda, entre as superiores e as inferiores. Tal conhecimento proporciona à alma admirável encanto e deleite. A quarta expressão é a seguinte:

Pela noite serena.

12. Esta noite é a contemplação pela qual a alma deseja ver tudo quanto ficou dito. O motivo de chamar a contemplação «noite», é por ser obscura, e assim também lhe dão o nome de teologia mística, que significa sabedoria de Deus secreta ou escondida. Nesta contemplação, sem ruído de palavras, nem cooperação alguma de sentido corporal ou espiritual, em silêncio e quietação, às escuras de tudo o que é sensível ou humano, o mesmo Deus ensina à alma, de modo ocultíssimo e secretíssimo, e sem que ela saiba como. A isto, alguns espirituais chamam «entender não entendendo». De fato, não se produz esta operação no entendimento que os filósofos classificam de ativo, e cuja atividade se processa nas noções, imagens e apreensões das potências corporais; realiza-se no entendimento enquanto possível e passivo, o qual, sem intermédio de figuras, apenas recebe passivamente o conhecimento substancial despojado de tôda imagem, e comunicado sem cooperação ou trabalho ativo do mesmo entendimento.

13. Eis por que esta contemplação é denominada noite [1], por meio da qual, ainda nesta vida, a alma já transformada no amor conhece de modo elevadíssimo aquêle divino souto e seu encanto. Por mais sublime, entretanto, que seja esta notícia de Deus, é como noite escura, em comparação da luz beatífica aqui solicitada pela alma. Assim, pedindo aqui a

[1] A 1ª redação do *Cântico* assim diz: "Eis por que não sòmente é denominada 'noite', mas 'noite serena'."

clara contemplação na luz da glória, pede ao Espôso que estas delícias do souto e seu encanto, bem como as demais coisas já referidas lhe sejam dadas «pela noite serena», isto é, na contemplação já gloriosa e beatífica. E, deixando de ser a noite de contemplação obscura da terra, transforme-se em contemplação luminosa e serena de Deus no Céu. Dizendo, pois, «noite serena», quer a alma significar a contemplação clara e serena da visão beatífica de Deus. David, ao falar desta noite de contemplação, exclama: «A noite converter-se-á em claridade nos meus deleites» (Sl 138, 11). Como se dissera: quando estiver em meus deleites gozando da visão essencial de Deus, a noite de contemplação terá amanhecido no dia e na luz para meu entendimento. Segue-se a quinta expressão:

Com chama que consuma sem dar pena.

14. Pela chama compreende aqui a alma o amor do Espírito Santo. [2] O consumar significa acabar e aperfeiçoar. Em dizer, portanto, a alma que tudo quanto foi expresso nesta canção lhe há de ser concedido pelo Amado, e ela possuirá êsses dons com amor consumado e perfeito, e tudo será absorvido juntamente com ela nesse mesmo amor perfeito, sem que coisa alguma lhe cause pena, quer manifestar a perfeição total dêsse amor. E para que na verdade seja assim, necessàriamente há de ter o amor duas propriedades: a primeira é que consome e transforme a alma em Deus; a segunda, que a inflamação e transformação operada pela chama do amor não cause mais sofrimento * e isto só pode acontecer no estado de bem-aventurança, sendo então essa chama de amor suavíssimo. De fato, na transformação da alma em chama, na eterna bem-aventurança, há conformidade e satisfação beatífica de ambas as partes; portanto não há sofrimento devido à variação de intensidade, para grau maior ou menor, como acontecia antes que a alma chegasse a ser capaz dêsse perfeito amor. Uma vez chegada à perfeição total do amor, permanece unida a Deus com tanta conformidade e suavidade que, sendo Deus fogo consumidor — segundo afirma Moisés (Dt 4, 24) para ela se torna consumador e sustentador. Já não acontece como na transformação de amor, alcançada pela alma nesta vida; pois, embora muito perfeita

[2] A 1ª redação do *Cântico* diz: "Esta chama significa aqui o amor de Deus, quando já está perfeito na alma". Não se refere ao estado beatífico, e sim à transformação de amor aqui na terra.

e consumadora em amor, todavia lhe era ainda algo consumidora e destrutiva; o amor então agia nela como o fogo na lenha que já se acha inflamada e transformada em brasa; e embora não fumegasse mais êsse fogo de amor, como sucedia antes de transformar nêle a alma, todavia ao consumá-la em fogo, ao mesmo tempo a consumia e reduzia a cinzas. Isto sucede quando a transformação de amor nesta vida chega a ser perfeita: mesmo havendo conformidade, sempre há também algum detrimento e pena. A razão é que, de uma parte, essa transformação é própria do estado beatífico, e não pode ainda o espírito recebê-la como no céu; de outra parte, o sentido, fraco e corruptível, sofre detrimento com a fôrça e sublimidade de tão grande amor, pois é certo que qualquer coisa transcendente causa pena e detrimento à fraqueza natural. Bem o diz a Escritura: «O corpo que se corrompe torna pesada a alma» (Sab 9, 15). Quando esta, porém, chegar à vida beatífica, nenhum detrimento e pena sentirá, mesmo sendo profundíssima a sua compreensão de Deus, e sem medida o seu amor; porque Deus dará capacidade ao entendimento, e fortaleza ao amor, consumando o mesmo entendimento com Sua sabedoria, e a vontade com o Seu amor. **

15. A Espôsa pediu, nas canções precedentes, e nesta que vamos explicando, imensas comunicações e notícias de Deus, para as quais há necessidade de ser o amor muito forte e elevado, a fim de poder amar segundo a grandeza e sublimidade delas; por isto, pede agora lhe sejam tais comunicações concedidas neste amor consumado perfectivo e forte.

Canção XL

Ali ninguém olhava;
Aminadab tampouco aparecia;
O cêrco sossegava;
Mesmo a cavalaria,
Só à vista das águas, já descia.

EXPLICAÇÃO * E ANOTAÇÃO

1. Conhece agora a Espôsa que a inclinação de sua vontade já está em total desapêgo de tôdas as coisas, e se apóia ùnicamente em Deus, com estreitíssimo amor; que a parte sensitiva, com tôdas as suas fôrças, potências e apetites, já se acha conformada ao espírito, estando definitivamente acabadas e subjugadas tôdas as suas revoltas; que o demônio, após largo e variado exercício e combate espiritual, já foi vencido e afastado para muito longe; enfim, que a própria alma está unida e transformada em Deus, com abundantíssimas riquezas e dons celestiais. Vê como, por tudo isto, já se acha bem disposta, preparada e fortalecida, para subir, apoiada ao seu Espôso, através do deserto da morte, cheia de deleites, até os tronos e assentos gloriosos de seu Espôso. ** Desejosa, pois, de que o mesmo Espôso remate finalmente sua obra, e para movê-l'O a isso com maior eficácia, representa-lhe tôdas essas disposições agora referidas, especificando-as em número de cinco [1], nesta última canção. A primeira é que já está desapegada de tudo, e alheia a tôdas as coisas. A segunda, que já está vencido e afugentado o demônio. A terceira, que já se acham subjugadas as paixões, e mortificados os apetites naturais. A quarta e a quinta mostram como já está reformada e purificada a parte sensitiva e inferior, e em perfeita conformidade com a parte espiritual; e assim, longe de estorvar a alma na recepção daqueles bens espirituais, ao contrário, adaptar-se-á a êles,

[1] A 1ª redação do *Cântico* especifica sòmente quatro, reunindo numa só as duas últimas daqui.

porque na disposição em que se acha participa desde já, segundo a sua própria capacidade, das graças que a alma agora recebe. Diz, então:

Ali ninguém olhava.

2. E' como se dissesse: minha alma já está despojada, desprendida, sòzinha e apartada de tôdas as coisas criadas, seja superiores ou inferiores, e tão profundamente adentrada no recolhimento interior contigo, que nenhuma delas chega a perceber o íntimo deleite que em ti possuo; isto é, nenhuma pode mover-me a gozar com sua suavidade, ou a sentir desprazer e aborrecimento com sua miséria e baixeza; porque minha alma se acha tão longe delas, e é tão profundo o deleite que tenho contigo, que criatura alguma o pode alcançar com sua vista. Não só isto, mas também

Aminadab tampouco aparecia.

3. Êste Aminadab, de que fala a Sagrada Escritura, significa, no sentido espiritual, o demônio, adversário da alma. Êle andava sempre a perturbá-la e fazer-lhe guerra com a inumerável munição de sua artilharia, a fim de que a alma não entrasse nesta fortaleza e esconderijo do recolhimento interior junto ao Espôso. Agora que ela já se acha aí dentro, tão favorecida, tão forte, e tão vitoriosa, possuindo as virtudes, sob o amparo do abraço de Deus, o demônio nem ousa aproximar-se; antes, com grande pavor foge para bem longe, e não se atreve a aparecer. E também, pelo exercício das virtudes, e em razão do estado perfeito a que chegou, a alma de tal maneira mantém afastado e vencido o demônio, que êle não mais aparece diante dela. Assim, Aminadab tampouco aparecia com qualquer direito para impedir-me êste bem que pretendo.

O cêrco sossegava.

4. Pelo cêrco, a alma compreende aqui suas paixões e apetites, os quais, enquanto não estão vencidos e mortificados, a cercam em derredor, combatendo-a de uma parte e de outra; por isto são denominados cêrco. Diz que êste cêrco está agora sossegado, isto é, as paixões ordenadas pela razão e os apetites mortificados. Por êste motivo, pede ao Espôso que não deixe de comunicar-lhe as mercês solicitadas, uma vez que o referido cêrco já não é causa de impedimento. A razão de dizer isto é que enquanto as quatro paixões da alma não estão ordenadas em relação a Deus,

e os apetites mortificados e purificados, não tem ela capacidade para vê-l'O. Segue-se:

Mesmo a cavalaria,
Só à vista das águas, já descia.

5. Pelas águas são aqui significados os bens e deleites espirituais de que a alma goza em seu interior, neste estado de união com Deus. Pela cavalaria são compreendidos os sentidos corporais da parte sensitiva, tanto interiores como exteriores, os quais trazem em si as figuras e representações dos objetos que êles apreendem. Êstes sentidos, diz aqui a Espôsa, descem à vista das águas espirituais; efetivamente, no estado do matrimônio espiritual, esta parte sensitiva e inferior se acha a tal ponto purificada, e até de certa maneira espiritualizada, que também ela se recolhe, com tôdas as potências sensitivas e tôdas as fôrças naturais, a participar e gozar, a seu modo, das grandezas espirituais comunicadas por Deus à alma, no íntimo do espírito. Assim o deu a entender David quando disse: «O meu coração e a minha carne regozijam-se no Deus vivo» (Sl 83, 3).

6. Notemos bem como a Espôsa não diz que a cavalaria descia para gozar das águas, mas que descia só à vista delas. Na verdade, a parte sensitiva com suas potências não tem capacidade para saborear, de modo particular e essencial, os bens espirituais, e isto não só nesta vida, mas nem na eternidade. Apenas por certa redundância do espírito é que recebe sensìvelmente recreação e deleite daqueles bens; por meio dêste deleite, os sentidos e potências corporais são atraídos ao recolhimento interior onde está a alma bebendo as águas dos bens espirituais. Mais pròpriamente se pode dizer, portanto, que descem à vista das águas, do que bebem e gozam delas. A alma emprega aqui a palavra descia, e não outra, para dar a entender que nesta comunicação da parte sensitiva à espiritual, quanto ao gôzo dessa bebida das águas espirituais, os sentidos e potências cessam em suas operações naturais, passando daí ao recolhimento espiritual.[1]

[1] A 1ª redação do *Cântico* conclui mais brevemente o parágrafo seguinte, dêste modo: "... passando daí ao recolhimento interior, ao qual seja servido levar o Senhor Jesus, Espôso dulcíssimo, todos aquêles que invocam Seu Santíssimo Nome; a Êle seja dada honra e glória juntamente com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Amém".

7. * Tôdas estas perfeições e disposições propõe a Espôsa a seu Amado, o Filho de Deus, com o desejo de ser por Êle transladada, do matrimônio espiritual a que Deus quis elevá-la na Igreja militante, ao matrimônio glorioso da Igreja triunfante. ** A êste se digne levar todos os que invocam Seu nome, o dulcíssimo Jesus, Espôso das almas fiéis, ao qual seja dada honra e glória juntamente com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Amém.

Quadro comparativo das duas redações do Cântico Espiritual

2ª redação		**1ª redação**	
	Canções:		Canções:
A alma busca o seu Amado	I	A alma busca o seu Amado	I
	II		II
	III		III
	IV		IV
	V		V
	VI		VI
	VII		VII
	VIII		VIII
	IX		IX
	X		X
(A canção XI é exclusiva a esta redação)	XI	(Não existe a canção XI nesta redação)	—
	XII		XII
	Canções:		Canções:
Desposório espiritual	XIII	Desposório espiritual	XIII
	XIV		XIV
	XV		XV
	XVI		XXIV
	XVII		XXV
	XVIII		XXVI
	XIX		XXVII
	XX		XXVIII
	XXI		XXIX
			XXX
			XXXI
			XXXII
			XXXIII
			XVI
			XVII
	Canções:		Canções:
Matrimônio espiritual	XXII	Matrimônio espiritual	XXII
	XXIII		XXIII
	XXIV		XX
	XXV		XXI
	XXVI		XVIII
	XXVII		XIX
	XXVIII		XXXIV
	XXIX		XXXV
	XXX		XXXVI
	XXXI		XXXVII
	XXXII		XXXVIII
	XXXIII		XXXIX
	XXXIV		XL
	XXXV		
	XXXVI		
	XXXVII		
	XXXVIII		
	XXXIX		
	XL		

APÊNDICE

Explicação da Canção XXXVIII na 1ª redação do Cântico.

1. O fim visado pela alma, quando desejava entrar naquelas cavernas já referidas, era alcançar a consumação — tanto quanto possível nesta vida — do que sempre havia pretendido, ou seja, o perfeito e total amor de Deus, que se manifesta naquela comunicação, pois o amor é o fim de tudo. Tinha igualmente em vista conseguir, de modo espiritual e completo, a retidão e pureza do estado de justiça original. Assim, nesta Canção, a alma declara dois pontos. O primeiro é que ali, naquela transformação de conhecimentos divinos, lhe mostraria o Espôso o que sua alma pretendia em todos os seus átos e intenções, isto é, que ela já O ama com a perfeição com que Êle mesmo se ama; e, ao mesmo tempo, haveria de mostrar-lhe tôdas as coisas que vão ser explicadas na canção seguinte. O segundo é que, ali, lhe daria também o Espôso a pureza e limpeza que lhe havia dado no estado de justiça original, isto é, no dia do batismo, no qual Êle a purificou totalmente de tôdas as imperfeições e trevas que nela então se achavam.

Ali me mostrarias
Aquilo que minha alma pretendia.

2. Esta pretensão é a igualdade de amor que, natural e sobrenaturalmente, a alma sempre deseja, pois o amante não pode estar satisfeito se não sente que ama tanto quanto é amado. Vendo como o amor que Deus lhe tem é na verdade imenso, a alma de sua parte não O quer amar com menor perfeição e sublimidade; para isto conseguir, aspira à atual transformação. Com efeito, não lhe é possível chegar a essa igualdade e inteireza de amor a não ser pela transformação total de sua própria vontade na de Deus; então, de tal maneira se unem as vontades, que das duas se faz uma, e assim há igualdade de amor. A vontade da alma, convertida em vontade de Deus, torna-se inteiramente vontade de Deus; a alma não perde a sua vontade, mas transforma-a tôda em vontade de Deus. Dêste modo, a alma ama a Deus com

a vontade d'Êle, que também é a sua; logo, chega a amá-l'O tanto quanto é d'Êle amada, pois O ama com a vontade do próprio Deus, no mesmo amor com que Êle a ama, o qual é o Espírito Santo dado à alma, segundo as palavras do Apóstolo: «A graça de Deus está infundida em nossos corações pelo Espírito Santo que nos é dado» (Rom 5, 5). E' certo, então, que a alma ama a Deus no Espírito Santo, e juntamente com o mesmo Espírito Santo, não como se Êle fôra meio para amar, e sim unida a Êle, em razão da transformação de amor, conforme vamos explicar. Êsse divino Espírito supre o que lhe falta, por ter transformado a alma em Seu amor.

3. Notemos bem como a alma não diz: ali tu me darias, mas ali me mostrarias; pois, embora seja verdade que o Amado lhe dá Seu Amor, é com muito acêrto que ela emprega o têrmo mostrar. Como a dizer: mostrar-lhe-á o Espôso que ela já O ama como Êle próprio se ama. Deus, que nos ama primeiro, mostra-nos que O amamos pura e integralmente como Êle nos ama. De fato, nesta transformação, Deus revela à alma um amor total, generoso e puro no qual Êle próprio se comunica todo a ela de modo amorosíssimo, transformando-a em Si mesmo, e a ela dando Seu próprio amor para que O ame; isto é o que significa mostrar-lhe a amar, pondo-lhe, por assim dizer, o instrumento nas mãos, ensinando-lhe como há de fazer e agindo Êle mesmo com ela; ama então a alma a Deus, tanto quanto é d'Êle amada. Não quero dizer que chegue a amar a Deus quanto Êle se ama, pois é impossível; mas que O ama tanto quanto é d'Êle amada; porque assim como há de conhecer a Deus como d'Êle é conhecida, como diz... [1] um mesmo amor é o de ambos. Donde não só fica a alma instruída no amor, mas ainda feita mestra no amor, unida com o mesmo mestre, e, por conseguinte, satisfeita em seu desejo de amar; e enquanto não chega a êste ponto não se satisfaz, isto é, enquanto não chega a amar a Deus perfeitamente com o próprio amor com que Êle se ama. E' verdade que a alma não pode alcançar isto com tôda a plenitude nesta vida; contudo, no estado de perfeição, — o do matrimônio espiritual, de que vamos falando, — de certa maneira o consegue.

4. Êste amor assim tão perfeito tem por conseqüência imediata, na alma, uma substancial e íntima jubilação a Deus;

[1] Aqui falta uma linha no manuscrito da 1ª redação do *Cântico.*

com efeito, parece-lhe que tôda a sua substância engrandece a Deus tôda imersa em glória, e realmente assim é. A mesma alma sente, à maneira de fruição, uma suavidade interior que leva todo o seu ser a louvar, reverenciar, estimar e engrandecer a Deus com sumo gôzo, tudo envolto em amor. Tal não acontece sem que Deus haja concedido à alma, nesse estado de transformação, grande pureza, como aquela que havia no estado de inocência, ou como aquela do batismo, a que se refere também a alma aqui, manifestando como o Espôso lha daria agora nessa transformação de amor.

E logo me darias
Ali, tu, vida minha,
Aquilo que me deste no outro dia.

5. Dá o nome de outro dia ao estado de justiça original, em que Deus dotou Adão de graça e inocência; ou ao dia do batismo, em que a alma recebeu pureza e brancura total; diz, nestes versos, como o Amado lhe faria êsse dom, na união perfeita de amor. Isto mesmo significam as palavras ditas por ela no último verso, a saber: Aquilo que me deste no outro dia; porque, já o afirmamos, a essa perfeita pureza e brancura chega a alma, no estado de perfeição.

CHAMA VIVA DE AMOR

Nihil obstat
Rio de Janeiro, 21-VII-1957
Frei Damião Berge, O. F. M.

Pode imprimir-se
Rio de Janeiro, 23 de julho de 1957
Mons. Caruso
Vigário Geral

INTRODUÇÃO

S. João da Cruz declara ter escrito a Subida *para seus irmãos de hábito; o* Cântico *devemo-lo ao pedido da insigne carmelita Ana de Jesus; a* Chama, *ao contrário, destinou-a o Santo a uma pessoa do século, Dª Ana de Peñalosa, viúva muito devota, nobre e rica. Conhecera-a João da Cruz em 1582. A 20 de janeiro daquele ano, chegava a Granada um pequeno grupo de religiosas carmelitas chefiadas por Ana de Jesus e acompanhadas por Frei João. Vinham fundar um mosteiro da Reforma teresiana. Como falhasse, no último instante, a promessa que lhes haviam feito de uma casa para servir de convento, Ana de Peñalosa ofereceu-lhes guarida em sua morada. Confiou logo a João da Cruz a direção de sua alma e ficou célebre, nos anais do Carmelo, a cena à qual assistiu uma das monjas: Ana, debulhada em lágrimas, prostrada aos pés do Santo, e êle, com os olhos levantados ao céu, exclamando: «Nada, nada, nada, até deixar a própria pele e o resto por Cristo!» Ana soube corresponder a tão exigente guia; foi uma das filhas espirituais às quais João da Cruz dedicou maiores cuidados. Em 1586 sua generosidade custeou a fundação, em Segóvia, de um convento de frades carmelitas. Como João fôsse nomeado prior, Ana passou a residir naquela cidade, desejosa de melhor aproveitar os conselhos do pai espiritual. Para ela João compôs um curto poema místico em quatro sextilhas: «LLama de amor viva». Pediu-lhe que o comentasse, como em 1584 comentara o* Cântico, *e João acedeu ao pedido.*

Parece-nos digno de nota ter o Doutor místico escrito para uma pessoa do mundo esta obra que trata da mais subida união com Deus, ou seja, do mais alto estado de perfeição que uma alma possa alcançar nesta vida transitória. Sinal evidente de que, a seus olhos, as graças místicas não são apanágio dos conventos de contemplativos, mas que até o cristão vivendo no século pode chegar à consumação do amor. Nem é de espantar, pondera o santo Doutor, se atentamos em que Deus é Deus: não faz acepção de pessoas, age

com infinita ternura e tudo penetra — como a luz do sol — desde que encontra caminho desimpedido. Não prometeu o Filho que viria com o Pai e faria morada naqueles que o amassem? Fazer morada significa: a sabedoria do Filho iluminaria divinamente a inteligência, o Espírito Santo deleitaria a vontade e o Pai absorveria a alma, por sua fôrça e poder, no abraço de sua doçura.

O Cântico *acabava-se com a descrição da «união transformante»; a* Chama *perfaz a descrição; relata «os jogos e festas de alegria» que o Espírito Santo celebra na alma transformada em Deus pelo amor. Com efeito, na união transformante a alma não se queda inerte, ela progride indefinidamente no amor.*

A Chama, *como o* Cântico, *se abre pela expressão do desejo de Deus; mas ali era um desejo doloroso e impaciente, aqui um desejo manso e deleitável. Atravessadas as noites, perfeitamente purificada, a alma não mais sofre ao contacto do Amor, como no início da vida mística. A chama que doravante arde nela — o Deus de amor — só lhe traz luz, glória, delícias. Já antegoza a visão de Deus, experimenta que apenas um tênue véu a separa da vida beatífica. Suplica o Amado que sem demora rasgue êsse véu, consumando o amor. João da Cruz de antemão descreve a morte de amor que será a sua em 1591 e, três séculos mais tarde, a de sua grande filha, Teresa do Menino Jesus.*

O comentário da segunda estrofe trata, sobretudo, do Autor da transformação mística: o Deus uno e trino. Descreve as três Pessoas sob os símbolos de «cautério» (o Espírito Santo), «mão» (o Pai), «toque» (o Verbo). Descreve também os efeitos da ação divina: a «chaga deleitável», a transverberação. A alma acha-se bem paga de todos os trabalhos e provas que marcaram o seu progresso no itinerário místico. Aproveitando ocasião tão propícia, o Doutor volta a um dos seus temas preferidos: mais uma vez afirma que, se tão poucas almas chegam à vida mística, não é porque Deus as chame em pequeno número, — «antes quereria que todos fôssem perfeitos», — é por falta de correspondência à graça e, em particular, por covardia diante das provações e purificações que constituem a indispensável preparação à mística. De novo formula sua doutrina constante sôbre o valor positivo do sofrimento na vida espiritual: é morte que dá vida, vida divina: transformada pelo amor, a alma doravante é movida por Deus, sua inteligência é inteligência de Deus, sua memória é memória de Deus, sua vontade, vontade de Deus.

A terceira sextilha desdobra a nossos olhos sublime espetáculo: o místico, abismado em Deus, experimenta os Atributos divinos. Como estamos longe da contemplação descarnada do filósofo e mesmo do teólogo! Mas eis que João da Cruz interrompe bruscamente a descrição de tamanho favor e se empenha — por várias dezenas de páginas — em censurar os diretores de almas, cuja ignorância ou inépcia contrariam a ação divina, sufocam a vida mística nas almas. A extensão e a vivacidade da polêmica mostram a que ponto o Santo prezava as graças de oração e que perda irreparável para a santa Igreja representa um místico a menos.

Ao têrmo de longa digressão, volta o nosso Doutor à união transformante e esclarece que ela permite à alma de fazer a Deus o mais precioso dos dons, o único que seja digno d'Êle: dar Deus a Deus. De fato, como a alma se entregou totalmente a Deus, assim Êle se deu à alma; Êle torna-se, em verdade, propriedade da alma; pode ela então dar ao Amado o que êste já lhe deu: Êle mesmo. «Ela dá Deus a Êle mesmo, em Deus».

Breve é o comentário da última estrofe. Após haver tentado descrever uma grande graça — o «despertar» de Deus na alma — João da Cruz chega a uma outra: a «aspiração» pela qual o Espírito Santo enche a alma de luz e glória, arrebatando-a no seu amor, até as profundezas abissais de Deus. Verifica então que a experiência é de todo inefável. Termina abruptamente a obra. Só cabe silêncio...

PE. M. T. L. PENIDO.

CHAMA VIVA DE AMOR.

Explicação das Canções que tratam da mais íntima e subida união e transformação da alma em Deus, pelo Pe. Frei João da Cruz, Carmelita Descalço, a pedido de Da. Ana de Peñalosa. Foram compostas na oração, pelo mesmo Padre, no ano de 1584.

PRÓLOGO

1. Alguma relutância tive, mui nobre e devota senhora, em explicar estas quatro Canções, como vossa Mercê pediu; porque sendo de coisas tão interiores e espirituais, ordinàriamente a linguagem falta. Com efeito, o que é espiritual excede o sensível, e com dificuldade se pode dizer algo da substância do espírito a não ser com profunda penetração dêste. Pelo pouco que há em mim, fui diferindo até agora, quando parece ter o Senhor dado alguma luz ao entendimento e infundido algum calor. Assim deve ter sucedido pelo grande desejo de Vossa Mercê, pois como as Canções foram feitas para Vossa Mercê, talvez queira Sua Majestade que para Vossa Mercê se expliquem. Animei-me, então, ciente de que por mim mesmo nada direi que valha em coisa alguma, quanto mais em se tratando de matérias tão subidas e substanciais. Por isto, o que houver aqui de mau e errado será sòmente meu; e assim tudo submeto ao melhor parecer e juízo de Nossa Santa Madre Igreja Católica Romana, cuja Regra ninguém erra em seguir. Com êste pressuposto, apoiando-me à Sagrada Escritura, e deixando bem entendido como tudo que aqui se disser fica muito inferior ao que nela há, tanto quanto uma pintura em comparação do modêlo vivo, atrever-me-ei a dizer o que souber.

2. Não é para admirar faça Deus tão altas e peregrinas mercês às almas que Lhe apraz regalar. Na verdade, se considerarmos que é Deus, e que as concede como Deus, com infinito amor e bondade, não nos há de parecer fora de razão. Suas próprias palavras nos afirmam que se alguém O

amar, o Pai, o Filho e o Espírito Santo virão fazer nêle sua morada (Jo 16, 23). E isto se realiza quando Deus leva quem O ama a viver e morar no Pai e no Filho e no Espírito Santo, com vida divina, conforme dá a entender a alma nestas Canções.

3. Naquelas Canções [1] explicadas anteriormente, tratamos em verdade, do mais alto grau de perfeição a que a alma pode chegar nesta vida, ou seja, a transformação em Deus; mas nestas de agora, falamos do amor mais qualificado e perfeito nesse mesmo estado de transformação. Sem dúvida, tudo quanto se diz numas e noutras é próprio de um só estado de união transformante, o qual em si não pode ser ultrapassado aqui na terra; todavia pode, com o tempo e o exercício, aprimorar-se, como digo, e consubstanciar-se muito mais no amor. Acontece-lhe como à lenha quando dela se apodera o fogo, transformando-a em si pela penetração de suas chamas: embora já esteja feita uma só coisa com o fogo, em se tornando êste mais vivo, fica a lenha muito mais incandescente e inflamada, a ponto de lançar de si centelhas e chamas.

4. Dêste abrasado grau se há de entender que fala aqui a alma, estando já de tal modo transformada e aprimorada interiormente no fogo do amor, que não apenas está unida a êle, mas êle lança dentro dela uma viva chama. Assim o sente e assim o exprime nestas Canções, com delicada e íntima doçura de amor, ardendo nessa chama. Vai, ao mesmo tempo, exaltando nestes versos alguns efeitos que essa chama de amor produz em seu íntimo, os quais serão explicados na mesma ordem das canções precedentes: primeiro porei as canções em conjunto, e depois tomarei cada uma em particular para explicá-la brevemente; por fim tratarei de cada verso de per si.

[1] As do *Cântico Espiritual.*

CANÇÕES FEITAS PELA ALMA NA ÍNTIMA UNIÃO COM DEUS

1ª

Oh! chama de amor viva
Que ternamente feres
De minha alma no mais profundo centro!
Pois não és mais esquiva,
Acaba já, se queres,
Ah! rompe a tela dêste doce encontro.

2ª

Oh! cautério suave!
Oh! regalada chaga!
Oh! branda mão! Oh! toque delicado
Que a vida eterna sabe,
E paga tôda dívida!
Matando, a morte em vida me hás trocado.

3ª

Oh! lâmpadas de fogo
Em cujos resplendores
As profundas cavernas do sentido,
— Que estava escuro e cego, —
Com estranhos primores
Calor e luz dão junto a seu Querido!

4ª

Oh! quão manso e amoroso
Despertas em meu seio
Onde tu só secretamente moras:
Nesse aspirar gostoso,
De bens e glória cheio,
Quão delicadamente me enamoras!

Canção I

Oh! chama de amor viva,
Que ternamente feres
De minha alma no mais profundo centro!
Pois não és mais esquiva,
Acaba já, se queres,
Ah! rompe a tela dêste doce encontro.

EXPLICAÇÃO

1. Sente-se a alma já tôda inflamada na divina união, com o paladar todo saturado de glória e amor; nada menos do que rios de glória parecem transbordar até o íntimo de sua substância, afogando-a em deleites; sente brotarem de seu seio aquêles rios de água viva que o Filho de Deus declarou haviam de jorrar das almas chegadas a esta união (Jo 7, 38). Parece-lhe, pois, estar tão fortemente transformada em Deus, e tão altamente d'Êle possuída, bem como tão cumulada de riquezas preciosas, de dons e virtudes, e tão próxima à bem-aventurança, que dela apenas a separa uma tela finíssima. Vê que a chama delicadíssima de amor em que arde, a cada investida sôbre ela, vai glorificando-a com suave e forte glória. De tal maneira que cada vez que essa chama acomete e absorve a alma, quase parece dar-lhe já a vida eterna, e chegar a romper a tela desta vida mortal, faltando muito pouco para isso. Ao sentir que por êste pouco não acaba de ser glorificada essencialmente, dirige-se a alma com grande desejo à mesma chama, que é o Espírito Santo, pedindo-Lhe que rompa, enfim, esta vida mortal por aquêle doce encontro, em que verdadeiramente acabe de comunicar-lhe aquilo que parece ir concedendo de cada vez que a acomete; pede-lhe, em suma, que a glorifique de modo total e perfeito. E assim diz:

Oh! chama de amor viva.

2. Para encarecer o sentimento e aprêço com que fala nestas quatro canções, a alma emprega, em tôdas, êstes têrmos: «Oh!» e «quão», os quais significam afetuoso encare-

cimento, e de cada vez que são ditos revelam do interior mais do que tudo quanto se exprime pela linguagem. A exclamação «Oh!» presta-se para manifestar muito desejo e muita súplica, com fôrça persuasiva; a alma a emprega nesta canção com êste duplo objetivo, pois encarece e notifica seu grande desejo, persuadindo ao amor que a desate do corpo.

3. Esta chama de amor é o espírito de seu Espôso, que é o Espírito Santo. Sente-o a alma agora em si, não apenas como fogo que a mantém consumida e transformada em suave amor, mas como fogo que, além disso, arde no seu íntimo, produzindo chama, conforme disse. E essa chama, cada vez que flameja, mergulha a alma em glória, refrigerando-a ao mesmo tempo numa atmosfera de vida divina. Eis a operação do Espírito Santo na alma transformada em amor: os atos interiores que produz são como labaredas inflamadas de amor, nas quais a alma, tendo a vontade unida a Êle, ama de modo elevadíssimo, tôda feita um só amor com aquela chama. Daí vêm a ser preciosíssimos os atos de amor feitos então pela alma, e num só dêles merece mais e tem maior valor, do que tudo quanto havia feito de melhor em tôda a sua vida, antes de chegar a esta transformação. A mesma diferença existente entre o hábito e o ato acha-se, aqui, entre a transformação de amor e a chama de amor, diferença igual, também, à da madeira inflamada e a chama que produz, pois a chama é o efeito do fogo ali presente.

4. Daí podemos concluir que a alma no estado de transformação de amor tem ordinàriamente o hábito do mesmo amor, assim como a lenha sempre incandescente pela ação do fogo; seus atos são a chama que se levanta do fogo do amor, e irrompe tanto mais veemente quanto mais intenso é o fogo da união, em cuja chama se unem e levantam os atos da vontade. E' esta arrebatada e absorta na própria chama do Espírito Santo, à semelhança daquele anjo que subiu a Deus na chama do sacrifício de Manué (Juiz 13, 20). Assim, neste estado, a alma não pode fazer atos; é o Espírito Santo que os produz todos, movendo-a a agir; por isto, todos os atos dela são divinos, pois a alma é divinizada e tôda movida por Deus. Donde, a cada crepitar dessa chama que a faz amar com sabor e quilate divino, parece-lhe estar recebendo vida eterna, pois é elevada à operação de Deus em Deus.

5. Tal é a linguagem e palavra com que Deus fala nas almas purificadas e limpas, em têrmos incendidos, conforme

disse David: «A tua palavra é chama ardente» (Sl 118, 14). E o Profeta: «Não são as minhas palavras como um fogo?» (Jer 23, 29). Essas palavras, segundo afirma o mesmo Senhor no Evangelho de S. João, são espírito e vida (Jo 6, 64). Percebem-nas as almas que têm ouvidos para ouvi-las; e estas, como digo, são as almas puras e enamoradas. As que não têm o paladar são, e gostam de outras coisas, não podem saborear o espírito e vida que em tais palavras se encerra, antes, pelo contrário, só acham nelas insipidez. Por esta razão, quanto mais sublimes eram as palavras ditas pelo Filho de Deus, tanto maior era o aborrecimento de alguns que estavam imperfeitos; assim sucedeu na pregação daquela doutrina tão saborosa e amável sôbre a Sagrada Eucaristia, quando, então, muitos volveram atrás.

6. Pelo fato de tais almas não gostarem dessa linguagem de Deus, falada por Êle no íntimo, não hão de pensar que outras deixam de saboreá-la, conforme vamos explicando aqui, e como experimentou S. Pedro em sua alma quando disse a Cristo: «Senhor, a quem havemos de ir? Tu tens palavras de vida eterna» (Jo 6, 69). A Samaritana esqueceu a água e o cântaro pela doçura das palavras de Deus (Jo 4, 28). Estando, pois, esta alma aqui tão perto de Deus, a ponto de achar-se transformada em chama de amor, em que recebe a comunicação do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, por que seria coisa incrível dizer que ela goza um vislumbre de vida eterna, embora não ainda de modo perfeito, porque não o sofre a condição desta vida? Todavia é tão subido o deleite produzido nela por aquêle chamejar do Espírito Santo, que a faz provar o sabor da vida eterna; por isto a alma dá a essa chama o nome de chama viva; não é que não seja sempre viva, mas pelo efeito de vida que produz, fazendo a alma viver espiritualmente em Deus e experimentar vida de Deus, conforme diz David: «Meu coração e minha carne gozaram no Deus vivo» (Sl 83, 3). Não seria necessário, aliás, dizer Deus vivo, pois sempre Deus o é; mas assim se exprime o Profeta para dar a entender que o espírito e o sentido gozavam vivamente de Deus, transformados n'Êle; eis o que seja «gozar em Deus vivo»; e isto é vida de Deus e vida eterna. Não dissera David, nesse verso, Deus vivo, se não quisesse manifestar que gozava d'Êle vivamente, embora não perfeitamente, mas só como um vislumbre de vida eterna. Assim a alma, nesta chama, sente tão

vivamente a Deus e d'Êle goza com tanto sabor e suavidade, que diz: Oh! chama de amor viva.

Que ternamente feres.

7. Isto é, com teu ardor, ternamente me tocas. Sendo uma chama de vida divina, fere a alma com ternura de vida de Deus; e tão intensa e entranhàvelmente a fere e a enternece, que chega a derretê-la em amor; para que se realize nessa alma o mesmo que sucedeu à Espôsa nos *Cantares* quando se enterneceu tanto, a ponto de derreter-se, conforme diz ali: «A minha alma se derreteu assim que o Amado falou» (Cânt 5, 6). Tal é o efeito produzido na alma pelo falar de Deus.

8. Como é possível, no entanto, dizer que a fere, se na alma não há mais o que ferir, estando ela já tôda cauterizada pelo fogo do amor? E' coisa maravilhosa ver como o amor nunca está ocioso, mas em contínuo movimento, e como fogo em chamas, está sempre levantando labaredas aqui e ali; e sendo o ofício do amor ferir para enamorar e deleitar, como nessa alma êle se acha em viva chama, está sempre causando-lhe suas feridas, quais labaredas terníssimas de delicado amor. Exercita na alma as artes e jogos do amor, mui jucunda e festivalmente, como no palácio de suas núpcias, à maneira de Assuero com sua espôsa Ester, mostrando então suas graças, descobrindo-lhe suas riquezas e a glória de sua grandeza. Assim faz, para que se cumpra nessa alma a palavra d'Êle expressa nos Provérbios: «Cada dia me deleitava, brincando todo o tempo diante dêle, brincando na redondeza da terra: e achando as minhas delícias em estar com os filhos dos homens» (Prov 8, 30-31), isto é, em dar-me a êles. Estas feridas, pois, que constituem seus jogos, são labaredas de ternos toques dados na alma, por instantes, provenientes do fogo do amor que nunca está ocioso; êsses toques, diz, acontecem e ferem

De minha alma no mais profundo centro.

9. De fato, na substância da alma, onde nem o centro do sentido nem o demônio podem chegar, é que se passa esta festa do Espírito Santo. Conseqüentemente, é tanto mais segura, substancial e deleitosa, quanto mais interior; pois quanto mais interior, tanto mais pura; e quanto maior é a pureza, tanto mais abundante, freqüente e geral é a comunicação de Deus. Assim, torna-se mais intenso o deleite e gôzo da alma e do espírito, porque é Deus quem tudo opera, sem que a

alma de sua parte nada faça. Porquanto a alma não pode fazer coisa alguma por si mesma se não fôr mediante o sentido corporal e por êle ajudada; e como no estado em que se acha, está muito longe e muito livre dêle, ocupa-se então ùnicamente em receber de Deus. Só Êle é que pode, no fundo da alma, sem ajuda dos sentidos, fazer Sua obra e movê-la a agir. Assim, todos os movimentos dessa alma são divinos; e embora sejam d'Êle, são também dela, porque é Deus quem os produz na alma com ela, dando esta a sua vontade e consentimento. Em dizer que fere no mais profundo centro de sua alma, dá a entender que tem ela outros centros não tão profundos; e isto convém aqui advertir como seja.

10. Primeiramente, devemos saber que a alma como substância espiritual não tem alto nem baixo, nem maior ou menor profundidade em seu próprio ser, como têm os corpos quantitativos. Como nela não há partes distintas, não existe diferença entre interior e exterior, pois é um todo simples e não tem centro quantitativamente mais ou menos profundo quanto à extensão; não pode estar mais iluminada em uma parte do que em outra, como os corpos físicos, mas a luz que recebe, seja mais ou menos intensa, penetra-a totalmente, do mesmo modo que o ar recebe ou não a luz, mais ou menos forte, nêle todo.

11. Damos o nome de centro mais profundo de alguma coisa, ao que constitui o ponto extremo de sua substância e virtude, e onde se encerra a fôrça de suas operações e movimentos, e que não pode ser ultrapassado. Por exemplo, o fogo, ou a pedra, têm capacidade e movimento natural, e também fôrça, para chegar ao centro de sua esfera, que não podem ultrapassar, mas ao qual não deixam de chegar e de nêle permanecer, a menos que sejam impedidos por algum obstáculo contrário e violento. Conseqüentemente, podemos dizer que a pedra, quando está algum tanto dentro da terra, embora não seja no ponto mais profundo, contudo está de certo modo em seu centro, pelo fato de achar-se dentro da esfera de seu centro, para o qual tende a sua atividade e movimento. Não diremos, porém, que está no mais profundo centro, que é o ponto central da terra; ainda lhe resta capacidade, fôrça e inclinação para descer, chegando até o mais extremo e profundo centro, se lhe tirarem o impedimento que a detém de cair; só quando chegasse ao ponto central,

e não tivesse mais fôrça e tendência para descer, então diríamos que está no seu mais profundo centro.

12. O centro da alma é Deus. Quando ela houver chegado a êle, segundo tôda a capacidade de seu ser, e a fôrça de sua operação e inclinação, terá atingido seu último e mais profundo centro em Deus; isto se realizará quando a alma com tôdas as suas fôrças compreender amar e gozar plenamente a Deus. Não havendo chegado a tanto, como sucede nesta vida mortal em que a alma não pode ainda unir-se a Deus com a totalidade de suas fôrças, está sem dúvida no seu centro que é o mesmo Deus, mediante a graça e comunicação que d'Êle recebe; contudo tem ainda fôrça e movimento para ir mais avante, e não está satisfeita, porque, embora se ache no seu centro, não chegou ainda à maior profundidade, e pode penetrar mais adentro na profundeza de Deus.

13. Observemos como o amor é a inclinação da alma, e a sua fôrça e potência para ir a Deus; pois é mediante o amor que a alma se une com Deus; e, assim, quanto mais graus de amor tiver, tanto mais profundamente penetra em Deus e n'Êle se concentra. Donde chegamos à seguinte conclusão: na mesma proporção dos graus de amor divino possuídos pela alma, são os centros que ela pode ter em Deus, cada um dêles mais profundo que outro; porque o amor, quanto mais forte, mais unitivo. Dêste modo podemos interpretar aquelas muitas moradas que, no dizer do Filho de Deus, há na casa do Pai Celeste (Jo 14, 12). Logo, para a alma estar em seu centro que é Deus, basta-lhe ter um só grau de amor, pois com êste único grau une-se com Deus pela graça. Se tivesse dois graus, ter-se-ia unido mais a Deus, concentrando-se n'Êle mais adentro; se chegar a possuir três graus, aprofundar-se-á em três centros; finalmente, atingido o último grau, o amor de Deus conseguirá ferir até nesse último e mais profundo centro da alma, transformando-a, então, e iluminando-a totalmente, na sua íntima substância, potência e virtude, segundo a capacidade dela. Chegará o amor a ponto de colocá-la num estado em que ela parece Deus. E' isto à semelhança da luz quando investe um cristal puro e limpo: quanto mais numerosos forem os raios de luz sôbre êle dardejados, tanto mais luminosidade vai sendo ali concentrada, e o cristal vai brilhando mais ainda. Pode até chegar a receber tal profusão de luz que venha a parecer transformado

na própria luz, e não haja mais diferença entre o cristal e a luz, porque está iluminado por ela tanto quanto lhe é possível recebê-la e assim parece ser a própria luz.

14. Quando, pois, a alma diz aqui que essa chama de amor a fere em seu mais profundo centro, quer manifestar como o Espírito Santo a fere e investe no âmago de sua substância, energia, e fôrça. Não quer, com suas palavras, dar a entender que esta investida do amor seja tão substancial e plena como será na visão beatífica de Deus na outra vida; porque mesmo em chegando a alma, nesta vida mortal, a estado tão sublime de perfeição, qual aqui se descreve, jamais alcança, nem lhe é possível alcançar, o estado perfeito da glória, embora possa talvez suceder que Deus lhe faça de passagem alguma mercê semelhante. A alma usa desta expressão para significar a profusão e abundância de deleite e glória que experimenta no Espírito Santo, por esta espécie de comunicação; deleite tanto mais intenso e mais terno, quanto mais forte e mais substancialmente está transformada e concentrada em Deus. E, por ser êste estado o grau máximo que nesta vida se pode gozar (embora, conforme dissemos, não seja tão perfeito como na eternidade), por esta razão, a alma lhe dá o nome de mais profundo centro. Pode acontecer, talvez, que o hábito da caridade, na alma, seja tão perfeito nesta vida como na outra; mas não será assim quanto à sua operação ou seu fruto, embora esta operação e fruto do amor cresçam tanto neste estado, que se tornam muito semelhantes aos da outra vida. De tal maneira, parece aos olhos da alma ser assim, que se atreve a dizer aqui o que sòmente se ousa dizer da vida eterna, usando desta expressão: de minha alma no mais profundo centro.

15. Como as coisas raras e pouco experimentadas são mais maravilhosas e menos críveis, e entre elas se acha esta que referimos da alma neste estado, não duvido que algumas pessoas, pelo motivo de não o entenderem por ciência nem o saberem por experiência, não o hão de crer, ou o terão por demasia, ou, ainda, pensarão que não é tanto como na realidade acontece. A todos respondo: o Pai das luzes, cuja mão não é abreviada, e com abundância derrama suas graças sem fazer acepção de pessoas e, por tôda parte onde acha lugar, difunde-se como o raio de sol, e a todos se mostra com alegria nos caminhos e encruzilhadas, não hesita nem se dedigna de ter seus deleites com os filhos dos homens

comumente pela redondeza da terra. Não havemos de considerar inacreditável que a uma alma já examinada, provada e purificada no fogo das tribulações e trabalhos, e por grande variedade de tentações, e achada fiel no amor, seja recusado nesta vida o cumprimento da promessa feita pelo Filho de Deus quando disse: se alguém O amasse, a êste viria a Santíssima Trindade para estabelecer nêle a Sua morada (Jo 14, 23). E isto significa para a alma ter o entendimento divinamente ilustrado na sabedoria do Filho, a vontade inebriada de deleite no Espírito Santo, absorvendo-a o Pai, forte e poderosamente, no abraço e abismo de sua doçura.

16. Se Deus age assim com algumas almas, como é verdade que costuma agir, esta de que tratamos, bem podemos crer não ficará atrás nestas mercês divinas. Com efeito, o que dizemos aqui, relativamente à operação do Espírito Santo na alma, é muito mais do que costuma suceder na comunicação e transformação de amor; porque, no primeiro caso, é como brasa incandescente, e, no segundo, não só como brasa inflamada no fogo, mas lançando labaredas de chama viva. Assim, estas duas espécies de união, isto é, a simples união de amor, e a união com inflamação de amor, podem ser de certo modo comparadas ao fogo de Deus, referido por Isaías, que está em Sião, e à fornalha de Deus que está em Jerusalém» (Is 31, 9). O primeiro simboliza a Igreja militante, na qual o fogo da caridade não atingiu ainda o grau extremo; e o segundo significa a Igreja triunfante, que é visão de paz, onde o fogo já está como fornalha abrasada em perfeição de amor. Esta alma de que falamos, sem dúvida, não há chegado a tanta perfeição; todavia, em comparação à simples união de amor, está como fornalha acesa, e goza de visão tanto mais pacífica, terna e gloriosa, quanto mais clara e resplandecente é a chama, assim como o fogo ateado no carvão.

17. Ao sentir, portanto, a alma que esta chama viva de amor lhe está vivamente comunicando todos os bens, pois êste divino amor tudo traz consigo, diz: Oh! chama de amor viva, que ternamente feres. E' como se dissesse: Oh! abrasado amor, que com teus amorosos movimentos, deliciosamente me glorificas, conforme tôda a capacidade e fôrça de minha alma! A saber: dando-me inteligência divina, segundo tôda a aptidão e capacidade de meu entendimento, comunicando-me amor em proporção de tôda a fôrça de minha vontade; e ao mesmo tempo deleitando-me na íntima substância de mim mesma, com a torrente de tuas delícias, por teu divino contacto e união substancial, segundo a maior pureza de minha substância, bem como tôda a capacidade e extensão de minha memória. Na realidade, é isto que se passa e ainda muito mais que tudo quanto se pode e consegue dizer, ao levantar-se na alma essa chama de amor. Por estar já bem purificada em sua substância e potências, — memória, entendimento e vontade, — então a substância divina que tôdas as coisas alcança por sua pureza, como diz o Sábio (Sab 7, 24), com sua divina chama mui profunda, sutil e elevadamente absorve a alma em Si; e nesta absorção da alma pela Sabedoria, o Espírito Santo exercita as vibrações gloriosas de sua chama, cuja suavidade faz a alma dizer logo:

Pois não és mais esquiva.

18. Querendo dizer: pois agora não me afliges mais, nem apertas, nem fatigas como outrora fazias. De fato, convém saber que esta chama de Deus, quando a alma se achava em estado de purificação espiritual, isto é, quando começava a entrar na contemplação, não lhe era tão amiga e suave como agora neste estado de união. Para explicar como isto seja, havemos de nos deter um pouco.

19. Precisamos saber, a tal respeito, que antes de introduzir-se êste divino fogo na alma, e unir-se à sua substância em completa purificação e perfeita pureza, esta chama, que é o Espírito Santo, está ferindo sempre a alma, a fim de gastar e consumir as imperfeições dos maus hábitos que nela há. Esta é a operação própria do Espírito Santo, com a qual Êle dispõe a alma para a divina união e transformação de amor em Deus. Notemos bem como êste fogo de amor, que na união glorificará a alma, é o mesmo que investe primeiramente sôbre ela purificando-a. Age de modo análogo ao fogo material sôbre a madeira: em primeiro lugar, a investe e fere com sua chama, secando e consumindo os elementos que lhe são contrários, e assim vai dispondo a madeira, com o seu calor, a fim de penetrar mais profundamente nela e transformá-la em fogo. A isto, os espirituais dão o nome de via purgativa. Em tal exercício a alma padece muito detrimento, e sente graves penas no espírito, as quais ordinàriamente vêm a repercutir no sentido, pois esta chama de amor lhe é ainda muito esquiva. De fato, quando a alma se acha no estado de purificação a chama não brilha, antes causa

obscuridade; ou se alguma luz proporciona, é sòmente para a alma ver e sentir suas misérias e defeitos. Também não lhe é suave, mas, ao contrário, é penosa; porque se algumas vêzes ateia na alma calor de amor, é com tormento e angústia. Assim, não lhe traz deleite, antes lhe causa secura; embora, às vêzes, por sua benignidade lhe conceda gôsto, para esforçá-la e animá-la, todavia, antes e depois que isto acontece, costuma contrabalançar e pagar com outro tanto de trabalho. Não é tampouco reconfortante e pacífica, ao contrário, é chama destrutiva e exigente fazendo a alma desfalecer e penar no conhecimento próprio. E assim, não lhe traz glória, mas antes põe a alma miserável e amargurada nessa luz espiritual de conhecimento próprio que lhe é infundido; Deus põe fogo em seus ossos, conforme diz Jeremias (Lam 1, 13), a fim de ensiná-la, examinando-a no fogo, segundo afirma também David» (Sl 16, 3).

20. Eis por que durante todo êste tempo a alma padece no entendimento profundas trevas; na vontade experimenta grandes securas e angústias; na memória sofre amarga lembrança de suas misérias; assim lhe acontece por ter então o olhar espiritual muito esclarecido nessa luz do conhecimento próprio. Na substância interior (no íntimo de si mesma) sofre desamparo e suma pobreza, sentindo-se ora fria e sêca, ora fervorosa, sem, contudo, achar alívio em coisa alguma. Nenhum pensamento lhe dá consôlo; nem mesmo pode levantar o coração a Deus. Mostra-se tão esquiva essa chama de amor que a alma pode repetir a palavra de Job quando era exercitado por Deus em semelhante provação: «Tu te trocaste em cruel para comigo» (Job 30, 21). Com efeito, ao sofrer tôdas estas coisas juntas, tem a alma a impressão de que Deus verdadeiramente se tornou cruel e irritado contra ela.

21. Não se pode encarecer o sofrimento da alma neste tempo; é, por assim dizer, pouco menos do que um purgatório. Por mim, não saberia agora dar a entender qual seja a intensidade desta esquivança, nem até onde chega a pena e sentimento que produz na alma a não ser com as palavras de Jeremias a êste propósito: «Homem sou eu que vejo a minha pobreza debaixo da vara da sua indignação. Conduziu-me e levou-me às trevas, e não à luz. Não fêz senão virar e revirar contra mim a sua mão todo o dia. Fêz envelhecer a minha pele, e a minha carne, quebrantou os meus ossos. Edificou ao redor de mim, e me cercou de fel e de trabalho.

Pôs-me em lugares tenebrosos, como os que estão mortos para sempre. Edificou em tôrno de mim, para que eu não saia; agravou os meus grilhões. E ainda quando eu clamar e rogar, êle exclui minha oração. Fechou os meus caminhos com pedras de silharia, subverteu as minhas veredas» (Lam 3, 1-9). Tudo isto diz Jeremias, e continua dizendo ainda muito mais. Como por êste meio Deus está medicando a alma e curando-a de suas muitas enfermidades para dar-lhe saúde, forçosamente há de causar-lhe dor na medida da doença, nessa purificação e cura; é aqui que Tobias põe o coração sôbre as brasas, a fim de que dêle seja extirpada e expelida tôda casta de demônios (Tob 6, 8). Dêste modo, vão agora saindo à luz tôdas as enfermidades da alma, postas assim com grande sentimento diante de seus olhos, para que sejam curadas.

22. As fraquezas e misérias que a alma tinha antes em si, inveteradas e ocultas, — as quais até então não percebia nem sentia — agora, com a luz e calor do fogo divino, as vê e sente. Assim como não se conhece a umidade da madeira enquanto o fogo não a faz dissorar, crepitar e fumegar; do mesmo modo sucede à alma imperfeita em relação a esta chama. De fato, — oh! maravilha! — levantam-se dentro da alma, a êste tempo, contrários contra contrários; os da alma contra os de Deus que investem sôbre ela; e, como dizem os filósofos, querem prevalecer uns sôbre os outros, entrando em guerra dentro da alma, êstes querendo expelir aquêles a fim de reinarem sôbre ela. Em uma palavra, as virtudes e propriedades de Deus, que são extremamente perfeitas, combatem contra os hábitos e propriedades extremamente imperfeitas da alma, e ela padece em si dois contrários. Como esta chama é de excessiva luz, ao investir sôbre a alma brilha nas trevas igualmente excessivas que aí se acham; e a alma sente suas obscuridades naturais e viciosas em oposição a essa luz sobrenatural que ela não percebe pelo fato de não a possuir em si como possui as suas próprias trevas; e as trevas não compreendem a luz. E, assim, a alma sente suas próprias trevas na medida em que a luz divina investe sôbre elas; porque não as pode ver sem essa luz de Deus. Dêste modo as verá, até que sejam dissipadas por essa mesma luz, e a alma seja iluminada por ela, vendo então em si a luz na qual será transformada, depois de ter sido purificado e fortalecido o seu ôlho espiritual pela luz divina. Com efeito, a irradiação de uma intensa luz na vista fraca e doente deixará esta in-

teiramente em trevas, ficando a potência visual vencida pelo intenso excitante sensível. Eis por que esta chama era esquiva ao ôlho do entendimento.

23. Sendo esta chama em si extremamente amorosa, fere a vontade com ternura e amor; mas como a vontade em si é extremamente sêca e dura, e o que é duro se sente por contraste com o que é suave, e a secura por contraste ao amor, quando tal chama investe assim com ternura e amor sôbre a vontade, esta sente sua própria e natural dureza e secura para com Deus. Não sente, portanto, o amor e a ternura da chama, — por estar prevenida com sua natural dureza e secura, que não comportam os dois contrários, ternura e amor. Só o sentirá quando forem aquêles vencidos por êstes, reinando por fim, na vontade, ùnicamente ternura e amor de Deus. Por esta razão é que a chama era esquiva para a vontade, dando-lhe a sentir e padecer a própria dureza e secura. E, nem mais nem menos, sendo essa chama muito ampla e imensa, enquanto a vontade é estreita e apertada esta sentirá sua estreiteza e apêrto nas investidas da chama, até que seja, por fim, dilatada e alargada em sua capacidade para recebê-la. A chama de amor é também saborosa e doce; ora, a vontade tinha o paladar espiritual desregrado pelos humores das afeições desordenadas; e, assim, achava desgôsto e amargura nessa chama, não podendo saborear o manjar dulcíssimo do amor de Deus. Desta maneira a vontade sofre angústia e fastio com esta amplíssima e saborosíssima chama, sem lhe sentir o gôsto, porque não a experimenta em si mesma: na verdade só sente o que tem em si, e é a sua miséria. Finalmente, esta chama contém imensas riquezas, bondade e deleites; e a alma sendo, de si mesma, paupérrima, não possuindo bem algum, nem coisa de que se possa satisfazer, conhece claramente sua pobreza, miséria, e malícia, em contraste com essas riquezas, bondade e delícias da chama que não lhe são conhecidas; pois a malícia não compreende a bondade, nem a pobreza as riquezas. Só as conhecerá quando esta chama acabar de purificar a alma, e mediante a sua transformação a enriqueça, glorifique e delicie. Eis a razão por que a chama antes lhe era esquiva, mais do que tudo quanto se possa dizer nessa peleja íntima de contrários contra contrários, isto é, de Deus, que encerra tôdas as perfeições, contra todos os hábitos imperfeitos da alma; até que a mesma chama, transformando-a

em si, chegasse a abrandá-la, pacificá-la e esclarecê-la, à maneira do fogo na madeira quando nela penetra.

24. Esta purificação em poucas almas é assim tão forte; só mesmo naquelas que o Senhor quer elevar ao mais alto grau de união. A cada uma, com efeito, Êle purifica mais ou menos intensamente segundo o grau a que tenciona elevá-la, e também conforme a impureza e imperfeição da alma. Esta pena, portanto, é semelhante à do purgatório; como ali se purificam os espíritos para serem capazes de contemplar a Deus na clara visão da outra vida, assim aqui, a seu modo, vão sendo purificadas as almas, a fim de poderem ser transformadas n'Êle por amor, na vida presente.

25. Não direi como seja a intensidade desta purificação, nem os seus graus para mais ou para menos; nem quando se realiza no entendimento, na vontade, ou na memória, e quando se opera na substância da alma ou nela tôda; também não falarei quando é feita na parte sensitiva, ou como se há de conhecer quando se trata de uma ou de outra espécie, nem a que tempo, ou ponto, ou época tem seu início no caminho espiritual. Tudo isto explicamos na Noite escura da *Subida do Monte Carmelo;* e não é necessário, para nosso assunto, repetir aqui. Basta saber agora que o mesmo Deus, que quer penetrar na alma por união e transformação de amor, é quem antes estava investindo sôbre ela, a fim de purificá-la com a luz e calor de sua divina chama, tal como o fogo que se ateia na madeira, é o mesmo que primeiro a dispõe, conforme dissemos. Assim, a mesma chama que agora é cheia de suavidade para a alma, já estando dentro dela e possuindo-a, era-lhe antes esquiva estando fora e investindo sôbre ela.

26. E' isto o que quer dar a entender a alma quando diz no presente verso: Pois não és mais esquiva. Em suma, é como se dissesse: pois já não sòmente não me és obscura como outrora, mas, ao contrário, és a divina luz de meu entendimento com a qual te posso olhar. E em vez de causares desfalecimento à minha fraqueza natural, agora és a fortaleza de minha vontade, com que te posso amar e em ti achar meu gôzo, já estando eu tôda transformada em teu divino amor. Já não és pêso e angústia para a substância de minha alma, mas sim glória, deleite e dilatação dela, porque agora pode ser dito de mim o que se canta nos divinos *Cantares* com estas palavras: «Quem é esta, que sobe do deserto,

inebriada de delícias, apoiada sôbre o seu Amado» (Cânt 8, 5), derramando amor aqui e ali? Visto que assim é,

Acaba já, se queres.

27. Isto é, acaba de consumar perfeitamente comigo o matrimônio espiritual por meio da tua visão beatífica, — pois é esta a que a alma pede. E embora seja verdade que, neste sublime estado, ela está tanto mais conformada e satisfeita quanto maior é a sua transformação no amor, e nada saiba ou acerte a pedir para si, mas quer que tudo seja sòmente para o Amado, porque a caridade, conforme afirma São Paulo (1 Cor 13, 5), não busca seus interêsses e sim os de Deus, contudo a alma, por viver ainda na esperança, não pode deixar de sentir algum vazio. Por tal motivo, geme — embora com suavidade e deleite — tanto quanto lhe falta ainda para a perfeita posse da adoção dos filhos de Deus, a qual, uma vez alcançada, realizará a consumação de sua glória, e só então se aquietará seu desejo. Êste não se pode fartar ou satisfazer nesta vida, mesmo na maior união da alma com Deus, senão quando aparecer a glória divina (Sl 16, 15). Assim é, sobretudo se já lhe foi dado prelibar o sabor dessa glória, como sucede neste estado, e tão intensamente, que se Deus não sustentasse também o corpo, amparando-o com sua destra (como fêz com Moisés na pedra para que pudesse contemplar a sua glória sem morrer (Êx 33, 22), sucumbiria a natureza a cada uma dessas labaredas da chama de amor, e morreria, não havendo na parte inferior capacidade para suportar tão abrasado e sublime fogo de glória.

28. Neste desejo, portanto, e no pedido expresso por êle, não há pena alguma, pois a alma não a pode ter neste estado; é um desejo suave e deleitoso, em que pede a conformidade do espírito com o sentido, e assim canta o verso: acaba já, se queres. Com efeito, acha-se a vontade, em seu desejo, de tal modo unificada com Deus, que põe tôda a sua glória no cumprimento da vontade divina. São tais, porém, os assomos de glória e amor que transparecem nestes toques, ficando detidos à porta da alma, sem que possam nela penetrar por causa da estreiteza da casa terrestre, que na verdade seria prova de pouco amor não pedir acesso àquela perfeição e cumprimento do amor. Além disso, a alma ali percebe, como, naquela fôrça deliciosa em que o Espôso se comunica, o Espírito Santo a está provocando e convidando com aquela imensa glória que lhe põe diante dos olhos; e

como por meios admiráveis, com afetos suavíssimos, está Êle dizendo ao seu espírito as palavras que diz à Espôsa dos *Cantares*, e que esta refere assim; «Vêde o que o meu Amado me está dizendo: Levanta-te, apressa-te, amiga minha, pomba minha, formosa minha, e vem. Porque já passou o inverno, já se foram e cessaram de todo as chuvas. Apareceram as flôres na nossa terra, chegou o tempo da poda; ouviu-se na nossa terra a voz da rôla; a figueira começou a dar os seus frutos; as vinhas em flor espalharam seu perfume. Levanta-te, amiga minha, formosa minha, e vem, pomba minha, nas aberturas da pedra, na concavidade do muro, mostra-me a tua face, ressoe a tua voz aos meus ouvidos, porque a tua voz é doce, e a tua face graciosa» (Cânt 2, 10, 14). Tôdas estas coisas sente a alma, entendendo-as clarìssimamente em seu sentido sublime de glória, tal como o Espírito Santo lhe está mostrando naquele terno e suave chamejar, desejoso de introduzi-la nessa mesma glória. Eis por que, provocada, responde a alma aqui exclamando: «acaba já, se queres; e nisto, faz ao Espôso as duas petições que Êle nos ensinou no Evangelho: «Venha a nós o vosso reino»; «seja feita a vossa vontade» (Mt 6, 10). E', pois, como se dissesse: acaba, por assim dizer, de dar-me êste reino se queres, isto é, se fôr de tua vontade. E para que na realidade o seja,

Ah! rompe a tela dêste doce encontro.

29. Esta tela é o obstáculo a tão importante obra; porque é coisa fácil unir-se a Deus, quando são tirados os obstáculos, e rasgadas as telas que impedem a junção entre a alma e Deus. As telas que podem impedir essa junção, e que se hão de romper para efetuá-la e a alma possuir perfeitamente a Deus, podemos dizer que são três: a primeira é temporal, e nela estão compreendidas tôdas as criaturas; a segunda é natural, compreendendo tôdas as operações e inclinações puramente naturais; a terceira é sensitiva, e consiste ùnicamente na união da alma com o corpo, isto é, na vida sensitiva e animal a que se refere S. Paulo quando diz: «Sabemos que, se esta nossa casa terrestre fôr destruída, temos uma habitação de Deus nos céus» (2 Cor 5, 1). As duas primeiras telas necessàriamente hão de estar rompidas para a alma chegar a esta posse de Deus na união, na qual tôdas as coisas do mundo já estão negadas e renunciadas, e todos os apetites e afetos naturais se acham mortificados, estando já as operações da alma transformadas de naturais em

divinas. Tudo isto se foi rompendo na alma, pela ação dos encontros esquivos da chama de amor, quando esquivamente a feria. De fato, com a purificação espiritual já explicada acima, a alma acaba de romper essas duas telas, e passa então a unir-se com Deus, como agora se acha; não lhe resta mais senão romper a terceira, que é a tela da vida sensitiva. Por isto, aqui só fala em tela, e não em telas; porque não há senão uma para romper, e esta já está tão sutil, fina e espiritualizada na união com Deus, que a chama de amor não a ataca de modo rigoroso como fazia nas outras duas. Ao contrário, investe saborosa e docemente; por tal razão, a alma, ao invocá-la, denomina-a «doce encontro»: tanto mais doce e saboroso, quanto mais lhe parece que vai romper a tela da vida.

30. Convém saber, a tal respeito, que a morte natural das que chegam a êsse estado, embora seja semelhante às outras quanto à própria condição da morte, é, todavia, muito diferente quanto à causa e modo; porque se os outros morrem em conseqüência de enfermidade ou velhice, êsses de que tratamos aqui, morrendo efetivamente de doença ou em idade avançada, não é isso, todavia, que lhes tira a vida, e sim algum ímpeto e encontro de amor muito mais subido que os antecedentes, e bem mais poderoso e eficaz, pois consegue romper a tela, e arrebatar a jóia da alma. Assim, a morte de semelhantes almas é suavíssima e dulcíssima, muito mais do que lhes foi a vida espiritual inteira; morrem com os mais subidos ímpetos e deliciosos encontros de amor, assemelhando-se ao cisne que canta mais suavemente quando vai morrer. Daí vem a palavra de David: «Preciosa é diante do Senhor a morte de seus santos» (Sl 115, 15). Com efeito, é então que se vêm concentrar tôdas as riquezas da alma, e os rios de amor que estão nela vão perder-se no oceano, já tão largos e caudalosos que já parecem mares. Aqui se juntam os seus tesouros do primeiro ao último, para acompanharem o justo que parte e vai para seu reino; ouvem-se desde as extremidades da terra, conforme diz Isaías, os louvores que são as glórias do justo (Is 24, 16).

31. No tempo dêsses gloriosos encontros, sente-se, pois, a alma já no ponto de sair para tomar posse perfeita e completa de seu reino, a julgar pela abundância de bens de que se vê enriquecida. Reconhece aqui, efetivamente, que está pura, rica e cheia de virtudes, e já disposta para alcançar

aquêle reino; porque neste estado Deus permite à alma ver sua própria formosura, confiando-lhe as virtudes e dons que lhe concedeu, pois tudo se lhe converte em amor e louvores, sem sombra de presunção ou vaidade, já não havendo fermento de imperfeição que possa corromper a massa. Como a alma percebe não lhe faltar mais que rasgar esta frágil tela da vida natural em que se vê enredada, com a sua liberdade prêsa e impedida, arde em desejo de ser desatada e ver-se com Cristo (Filip 1, 23), tendo lástima de que uma vida tão baixa e fraca seja obstáculo a outra tão alta e forte. Por isto, pede que se rompa, dizendo: Ah! rompe a tela dêste doce encontro.

32. Dá-lhe o nome de tela por três razões: primeira, pela ligação que há entre o espírito e a carne; segunda, por estabelecer separação entre Deus e a alma; terceira, porque assim como não sendo a tela muito grossa e opaca, deixa transparecer a luz, do mesmo modo acontece neste estado. Afigura-se êste entrelaçamento da vida uma tela tão transparente, por estar já muito espiritualizada, esclarecida, e delgada, que não é possível deixar de transluzir por ela algum reflexo da Divindade. E como a alma experimenta a fortaleza da outra vida, evidentemente vê a fraqueza desta em que se acha agora, e assim lhe parece ser uma tela finíssima, ou mesmo uma teia de aranha, conforme a chama David dizendo: «Os nossos anos serão considerados como uma teia de aranha» (Sl 89, 9). E ainda parece muito menos, aos olhos da alma assim engrandecida; porque, achando-se unida aos mesmos sentimentos de Deus, compreende as coisas como o próprio Deus, diante de quem mil anos, diz também David, são como o dia de ontem que passou (Sl 89, 4), e na sua presença todos os povos, segundo a palavra de Isaías (Is 40, 17), são como se não fôssem. Êste mesmo valor lhes dá a alma: para ela tôdas as coisas são nada, e ela própria é nada a seus olhos. Só o seu Deus, para ela, é tudo.

33. Notemos, porém, aqui o seguinte: qual a razão de pedir que rompa a tela, e não que a corte ou acabe, quando todos êstes têrmos parecem significar a mesma coisa? Podemos responder que há quatro razões para isso. A primeira é para falar com maior exatidão, pois é mais próprio do encontro romper do que cortar ou acabar. A segunda é porque o amor gosta de mostrar sua fôrça, e de dar assaltos violentos e impetuosos, e assim exercita-se mais em romper,

que em cortar ou acabar. A terceira é por desejar o amor que a sua ação seja muito rápida, a fim de que ela se realize depressa, e tanto mais forte e vigorosa será quanto mais rápida e espiritual, pois a fôrça concentrada é mais poderosa do que quando se dispersa; a ação do amor na alma é como a forma na matéria que se introduz num instante, e até então não havia ato, mas sim disposições para êle. Assim, os atos espirituais se realizam na alma num só instante, quando são infundidos por Deus; quanto àqueles, porém, que a alma produz por si mesma, mais se podem chamar disposições formadas por desejos e afetos sucessivos, e nunca chegam a ser atos perfeitos de amor ou contemplação, a não ser algumas vêzes quando, conforme digo, Deus mesmo as forma e aperfeiçoa no espírito com grande rapidez. Por isto disse o Sábio que o fim da oração é melhor que o princípio (Ecle 7, 9) e, como se costuma dizer, a oração breve penetra os Céus. Daí se infere que a alma já preparada, pode fazer atos mais numerosos e intensos em menos tempo, do que outra, não disposta, faria em muito; e, ainda mais, quando a disposição é perfeita, costuma permanecer por muito tempo no ato de amor ou contemplação. Para a alma que não está preparada tudo se emprega em dispor o espírito, e mesmo depois disto, o fogo ainda custa a atear-se na madeira, seja por causa da muita umidade dela, seja pelo calor insuficiente, ou por ambos os motivos. Naquele, porém, que já está disposta, a ação do amor penetra em momentos, pois a cada contacto dêle a centelha se inflama na madeira já sêca. Eis por que a alma enamorada deseja mais a brevidade do romper, do que o tempo de cortar e acabar. A quarta é para que se acabe mais depressa a tela da vida. Com efeito, para cortar e acabar, alguma coisa, age-se com mais detença, esperando que esteja sazonada ou acabada, ou qualquer outra condição; mas para romper, parece que não se espera o tempo adequado nem outra circunstância alguma.

34. Na verdade isto quer a alma enamorada, que não sofre dilações na espera de que se lhe acabe naturalmente a vida, nem de que lhe seja cortada em determinado tempo; porque a fôrça do amor, e a disposição que vê em si, levam-na a querer e pedir que se rompa logo a vida por algum encontro ou ímpeto sobrenatural de amor. Sabe muito bem como Deus costuma levar antes de tempo aquêles a quem muito ama, aperfeiçoando nêles em breve tempo, mediante o Seu

amor, o que em todo o decorrer da vida iriam adquirindo com seu passo ordinário. Assim o exprime a palavra do Sábio: «Tendo-se tornado agradável a Deus, foi por Êle amado, e foi transferido do meio dos pecadores entre os quais vivia. Foi arrebatado para que a malícia não lhe mudasse o modo de pensar, ou para que as aparências enganadoras não seduzissem a sua alma... Tendo vivido pouco, encheu a carreira duma larga vida; porque a sua alma era agradável a Deus; por isso Êle se apressou em tirá-lo do meio das iniqüidades» (Sab 4, 10. 11. 13. 14). Estas as palavras do Sábio. Nelas se verá com quanta razão e propriedade emprega a alma o têrmo «romper»; pois o Espírito Santo ali emprega dois têrmos, «arrebatar» e «apressar», que são alheios de tôda dilação. Em dizer «Deus se apressou» dá a entender a presteza com que Êle quis aperfeiçoar em breve o amor do justo; e o têrmo «arrebatar» significa levar antes do tempo natural. E', pois, coisa de muita importância para a alma exercitar-se em atos de amor durante esta vida, a fim de que, consumando-se em breve, não demore muito aqui ou lá para ver a Deus.

35. Vejamos, porém, agora, por que se dá também a esta investida interior do Espírito Santo o nome de «encontro», de preferência a qualquer outro. A razão é a seguinte: como a alma sente em Deus imensa vontade de que se lhe acabe a vida, conforme ficou dito, e como isso não se realiza, por não haver ainda chegado o tempo de sua perfeição, claramente vê que o amor a acomete com essas investidas divinas e gloriosas, à maneira de encontros. Como têm por fim consumá-la, tirando-a da carne, verdadeiramente são encontros mediante os quais o amor penetra sempre mais na alma, endeusando-a em sua íntima substância, e tornando-a divina; e nisto é a alma absorvida, sôbre todo ser criado pelo Ser de Deus. Assim acontece porque Deus encontrou a alma e a traspassou vivamente pelo Espírito Santo, cujas comunicações são impetuosas quando se tornam abrasadas, como neste encontro. E a alma, por experimentar vivo gôzo de Deus, o chama aqui doce encontro. Não quer com isto dizer que muitos outros toques e encontros recebidos neste estado deixem de ser doces; mas êsse, por sua eminência, ultrapassa todos, pois, como dissemos, Deus nêle age com o fim de desatar a alma do corpo e glorificá-la depressa; e

daí lhe nascem asas para dizer: «Rompe a tela dêste doce encontro».

36. Resumindo agora, pois, tôda a canção, é como se dissesse: Oh! chama do Espírito Santo que tão íntima e ternamente traspassas a substância de minha alma, cauterizando-a com teu glorioso ardor, pois já estás tão amiga que mostras vontade de te dares a mim na vida eterna! Se até aqui minhas petições não chegavam aos teus ouvidos, quando eu andava outrora com ânsias e fadigas de amor, a penar no sentido e no espírito por causa de minha grande fraqueza e impureza, e da pouca fortaleza de amor que tinha então, e rogava-te que me desatasses do corpo e me levasses contigo, — porque o amor impaciente não me deixava ter muita conformidade com esta condição de vida mortal em que me querias ainda. E se os ímpetos anteriores de amor não eram suficientes, por não serem de tanta qualidade para alcançar o que desejava, agora já estou bem fortalecida no amor. Não só não desfalecem mais o sentido e o espírito em ti, mas antes se acham fortalecidos por ti, e meu coração e minha carne gozam em Deus vivo (Sl 83, 2), com grande conformidade entre ambos; portanto, o que tu queres que eu peça, peço; o que tu não queres, não quero, nem mesmo o posso, nem sequer me passa pelo pensamento querer. E, pois, diante de teus olhos minhas petições são mais válidas e estimadas, porque saem de ti, movendo-me tu mesmo a fazê-las; agora, que «de teu rosto sai o meu juízo» (Sl 16, 2), sendo esta a condição requerida para apreciares e ouvires os meus rogos, suplico-te, cheia de gôzo e sabor no Espírito Santo: rompe a tela finíssima desta vida, e não a deixes chegar até ser cortada de modo natural pela idade e tempo, a fim de que te possa eu amar desde logo com a plenitude e fartura que deseja minha alma, sem têrmo nem fim.

Canção II

Oh! cautério suave!
Oh! regalada chaga!
Oh! mão tão branda! Oh! toque delicado
Que a vida eterna sabe
E paga tôda dívida!
Matando, a morte em vida me hás trocado.

EXPLICAÇÃO

1. Nesta canção, a alma dá a entender como são as três Pessoas da Santíssima Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo, que nela fazem essa divina obra de união. Assim, a mão, o cautério, e o toque são substancialmente uma só e mesma coisa; a alma lhes dá tais nomes em relação ao efeito que cada um produz. O cautério é o Espírito Santo; a mão é o Pai; o toque é o Filho. Dêste modo, a alma aqui glorifica o Pai, o Filho e o Espírito Santo, encarecendo três grandes mercês e benefícios que a ela fazem, pois trocaram-lhe a morte em vida, transformando-a no próprio Deus. A primeira graça é a regalada chaga, que atribui ao Espírito Santo, chamando-a, por esta razão, cautério suave. A segunda é o sabor de vida eterna, que atribui ao Filho, e por isto lhe dá o nome de toque delicado. A terceira é a transformação em Deus, dádiva com que a alma fica bem paga, atribuindo-a ao Pai, e denominando-a, por tal motivo, mão branda. Embora mencione agora as Três, por causa dos efeitos particulares que produzem, na realidade fala sòmente com uma Pessoa, dizendo: a morte em vida me hás trocado; porque as Três operam em unidade, e assim a alma atribui tudo a uma só, e, ao mesmo tempo, a tôdas. Segue-se o verso:

Oh! cautério suave!

2. Êste cautério, conforme dissemos, aqui significa o Espírito Santo, pois, como declara Moisés no Deuteronômio, «Nosso Senhor Deus é fogo consumidor» (Dt 4, 24), isto é, fogo de amor, o qual, sendo infinitamente forte, pode, de modo inefável, consumir e transformar em Si a alma quando a

toca. A cada uma, todavia, abrasa e absorve segundo a disposição que nela encontra; a esta, mais, e àquela, menos; e age quanto quer, como quer, e quando quer. Por ser Êle fogo de amor infinito, quando Lhe apraz tocar a alma com alguma veemência, abrasa-a em tão subido grau de amor que a alma se sente estar ardendo sôbre todos os ardores do mundo. Eis o motivo de dar ao Espírito Santo, nesta união, o nome de cautério. Com efeito, assim como no cautério está o fogo mais intenso e veemente, produzindo maior efeito do que todos os demais corpos inflamados, assim o ato desta união, sendo de mais inflamado fogo de amor do que todos os outros, é chamado aqui cautério, em comparação a êles. E como êste divino fogo transforma então a alma em Si mesmo, ela não apenas sente o cautério, mas tôda se torna um cautério de fogo veemente.

3. O' maravilha digna de relatar-se! Sendo êste fogo de Deus tão ardente e consumidor, pois consumiria mil mundos com maior facilidade do que um fogo da terra faria a um fiapo de linho, contudo não consome nem destrói a alma em que está assim ardendo! Menos ainda é capaz de causar nela pêso algum; antes, na medida da fôrça do amor, vai endeusando-a e deleitando-a enquanto a abrasa e nela arde suavemente. Assim é, pela pureza e perfeição do espírito que arde no Espírito Santo, conforme relatam os *Atos dos Apóstolos* haver sucedido quando desceu êste divino fogo com grande veemência, abrasando a todos os discípulos (At 2, 3), os quais, comenta São Gregório [1], arderam interiormente em amor com grande suavidade. Isto dá a entender a Santa Igreja quando a êste propósito assim se exprime: «Veio fogo do Céu, não queimando, mas resplandecendo; não consumindo, mas iluminando». [2] De fato, nestas comunicações, tendo Deus por fim engrandecer a alma, não a cansa nem aflige, mas dilata-a e deleita-a; não a obscurece ou reduz à cinza, como faz o fogo no carvão, mas a ilumina e enriquece; e nisso tem a alma razão de o chamar cautério suave.

4. E, assim, a ditosa alma que tem a grande ventura de chegar a ser tocada por êste cautério, tudo saboreia, tudo experimenta, e faz tudo quanto quer, com grande prosperidade, sem que alguém possa prevalecer diante dela, nem coisa alguma venha atingi-la; porque a essa alma se aplicam as

[1] Hom. 30 no Evang.
[2] Resp. 2º de Mat. 2ª feira de Pent.

palavras do Apóstolo: «O espiritual julga tôdas as coisas, e por ninguém é julgado» (1 Cor 2, 15). E também: «O espírito tudo penetra, mesmo os arcanos divinos» (1 Cor 2, 10). Efetivamente, é próprio do amor esquadrinhar todos os bens do Amado.

5. Grande glória é a vossa, ó almas que mereceis chegar a êste sumo fogo! Pois havendo nêle infinita fôrça para vos consumir e aniquilar, se assim não o faz, sem dúvida vos consuma em glória imensa! Não nos cause admiração o fato de serem elevadas por Deus tão altamente algumas almas até êste ponto; pois Êle age como o sol que se singulariza em produzir efeitos maravilhosos, e, conforme a palavra do Espírito Santo, de três modos abrasa os montes, isto é, os Santos (Ecli 43, 4). Sendo, portanto, êste cautério tão suave como aqui foi dado a entender, quão regalada poderemos supor esteja a alma por êle tocada? Quando ela o quer manifestar, não o sabe; fica-lhe sòmente a estima no coração, e o encarecimento na bôca, usando do têrmo «Oh!» quando diz: Oh! cautério suave!

Oh! regalada chaga!

6. Depois de ter a alma falado com o cautério, fala agora com a chaga que êle produziu; e se era suave o cautério, como ficou dito, por certo há de ser a chaga conforme a êle. Assim, será chaga regalada, proveniente do cautério suave; e sendo êsse cautério de amor cheio de suavidade, também será a chaga de amor suave, e regalará suavemente a alma.

7. Para explicar qual seja esta chaga a que a alma se dirige agora, é preciso saber que o cautério de fogo material produz sempre uma chaga no lugar onde toca; e se acontecesse tocar em uma ferida que não fôsse produzida pelo fogo, logo a transformaria em queimadura. O mesmo acontece com êste cautério de amor. Quando toca na alma, esteja ela já ferida de outras chagas de misérias e pecados, ou esteja sã, logo por êle fica chagada de amor. As chagas que provinham de outra causa, transformam-se em chagas de amor. Há, porém, uma diferença entre êsse amoroso cautério e o do fogo material: a chaga produzida por êste último só será curada se lhe aplicarem remédios diferentes; ao contrário, a chaga do cautério de amor não pode ser curada com medicina alguma, a não ser ùnicamente com o próprio cautério que a produziu. E êsse mesmo fogo de amor, curando a chaga, torna a produzi-la; porque de cada vez que

o cautério de amor toca na chaga de amor, a aumenta; e assim, quanto mais vai curando, mais vai chagando. Com efeito, quem ama, quanto mais está chagado de amor, tanto mais está são; e a cura feita pelo amor é chaga e ferida sôbre o que êle já feriu e chagou, até chegar a ponto de tornar tão grande a chaga, que tôda a alma venha a transformar-se em chaga de amor. Dêste modo, tôda cauterizada e tôda feita uma chaga de amor, está a alma tôda sã no mesmo amor, porque está transformada em amor. Assim deve ser entendida essa chaga de que fala aqui a alma, estando tôda chagada e tôda sã. E embora esteja ela tôda feita uma chaga e ao mesmo tempo tôda sã, o cautério de amor nem por isto deixa de fazer seu ofício, isto é, de continuar a tocar e ferir de amor; e, encontrando agora a alma tôda regalada e em perfeita saúde, o efeito que nela produz é regalar a chaga, como costuma fazer um bom médico. E', portanto, com muita razão que a alma diz aqui: Oh! chaga regalada! Oh! chaga tanto mais regalada, quanto mais elevado e sublime é o fogo de amor que a produz! E havendo sido feita pelo Espírito Santo com o fim expresso de regalar a alma, e com imenso desejo e vontade de a regalar, conseqüentemente será bem grande esta chaga, porque grandemente será regalada!

8. Oh! ditosa chaga, feita por quem não sabe senão curar! Oh! venturosa e felicíssima chaga, que fôste feita ùnicamente para causar deleite, e cujo sofrimento tem a qualidade de ser regalo e delícia da alma chagada! Imensa és, oh! deleitosa chaga, porque imenso é Aquêle que te fêz; grande é teu deleite, pois é o fogo infinito do amor que te regala segundo tua capacidade e grandeza! Oh! chaga regalada, e tanto mais subidamente, quanto no mais íntimo centro da substância da alma tocou o cautério que te fêz, abrasando tudo quanto pôde abrasar, para regalar tanto quanto era possível regalar! Êste cautério e esta chaga, podemos compreender como sendo o mais alto grau de amor que pode ser atingido no estado de união transformante. Outros modos há de cauterizar Deus a alma, porém não chegam a êste ponto, nem são semelhantes ao que agora descrevemos; porque aqui se trata de um puro toque da divindade na alma, sem forma nem figura alguma intelectual ou imaginária.

9. Costuma ainda haver outra maneira muito elevada de cauterizar a alma, sob forma intelectual, que descreveremos agora. Acha-se a alma muito inflamada no amor de Deus,

embora não seja de modo tão elevado como a antecedente; contudo, é necessário que o seja bastante, para suceder o que quero explicar aqui. Acontece-lhe, então, sentir que um serafim investe sôbre ela, com uma flecha ou dardo todo incandescente em fogo de amor, transverberando esta alma que já está inflamada como brasa, ou, por melhor dizer, como chama viva, e a cauteriza de modo sublime. No momento em que é cauterizada assim, e transpassada a alma por aquela seta, a chama interior impetuosamente irrompe e se eleva para o alto com veemência, tal como sucede num forno abrasado ou numa fogueira quando o fogo é revolvido e atiçado, e se inflama em labareda. A alma, então, ao ser ferida por êsse dardo incendido, sente a chaga com sumo deleite. Além de ser tôda revolvida com grande suavidade, naquele incêndio e impetuosa moção que lhe causa o serafim, provocando nela grande fervor e amoroso desfalecimento, ao mesmo tempo sente a ferida penetrante e a fôrça do veneno com que vivamente estava ervada aquela seta, qual uma ponta afiada a enterrar-se na substância do espírito, a traspassar-lhe o mais íntimo da alma.

10. Sôbre êste íntimo ponto da ferida, que parece atingir a profundidade da medula do espírito, onde o deleite é mais intenso, quem poderá falar convenientemente? Na verdade, a alma experimenta ali como um grão de mostarda de tamanho mínimo, vivíssimo e extremamente incendido, o qual projeta em derredor um vivo e abrasado fogo de amor. Êste fogo, proveniente da substância e fôrça daquele ponto ardente onde por sua vez se acha a substância e virtude do veneno, a alma o sente difundir-se por tôdas as suas veias substanciais e espirituais, segundo a sua capacidade e fortaleza. Com isto, de tal maneira nela cresce e tão forte se torna o abrasamento do fogo, e êsse mesmo abrasamento intensifica tanto o amor, que dá a impressão de mares de fogo amoroso cujas águas inundam tôdas as alturas e profundidades da alma, enchendo tudo de amor. Parece-lhe, então, que todo o universo é um oceano de amor, no qual está ela engolfada, não alcançando avistar têrmo nem fim onde se acabe êsse amor, pois, como dissemos, sente a alma dentro de si mesma o vivo ponto e centro do amor.

11. O gôzo da alma chegada a esta altura não se pode descrever senão dizendo que aí experimenta quão real é a comparação evangélica do reino dos céus ao grão de mostarda,

o qual, sendo tão vivo, embora pequeníssimo, cresce como o maior dos arbustos (Mt 13, 31). Com efeito, a alma se vê transformada num imenso fogo de amor que nasce daquele ponto abrasado no centro do espírito.

12. Poucas almas chegam a tanto. Algumas, contudo, hão chegado, mormente aquelas cuja virtude e espírito se haveria de difundir na sucessão dos filhos espirituais; porque Deus costuma conceder aos que hão de ser cabeças de novas famílias espirituais, as primícias do espírito, segundo o maior ou menor número dos discípulos que hão de herdar sua doutrina e espírito.

13. Volvamos, pois, à obra daquele serafim, a qual verdadeiramente consiste em chagar e ferir interiormente no espírito. Se Deus, por vêzes, permite que se produza algum efeito exterior, nos sentidos, semelhante ao que se passou no espírito, aparece a chaga e ferida no corpo. Assim aconteceu quando o serafim feriu a São Francisco: chagando-o de amor na alma com as cinco chagas, também se manifestou o efeito delas no corpo, ficando as chagas impressas na carne, tal como foram feitas na alma ao ser chagada de amor. Em geral, não costuma Deus conceder alguma mercê ao corpo, sem que primeiro e principalmente a conceda no interior, à alma. E então, quanto mais intenso é o deleite, e maior a fôrça do amor que produz a chaga dentro da alma, tanto maior é também o efeito produzido na chaga corporal, e crescendo um, cresce o outro. Sucede dêste modo, porque, nestas almas já purificadas e estabelecidas em Deus, aquilo que lhes causa dor e tormento à carne, corruptível, é doce e saboroso para o espírito forte e são. Daí vem o maravilhoso contraste que é sentir crescer a dor no gôzo. Tal maravilha foi bem experimentada por Job em suas chagas quando disse a Deus: «Voltando-te para mim, maravilhosamente me atormentas».[1] Na verdade é grande maravilha e digna daquela abundância de suavidade e doçura que Deus reserva para os que temem (Sl 30, 20): fazer com que gozem tanto maior sabor e deleite quanto mais sentem dor e tormento! Quando, porém, a chaga é feita sòmente na alma, sem comunicar-se ao exterior, pode o deleite chegar a ser ainda mais intenso e mais subido. Com efeito, como a carne traz sob seu freio o espírito, quando participa dos bens espirituais a êle comunicados, puxa

[1] Job 10, 16. A *Vulgata* diz: "Voltando-te para mim, tu me atormentas de modo terrível" (N. do T.).

às rédeas para o seu lado, e enfreia a bôca dêsse ligeiro cavalo do espírito, apagando-lhe o brio, pois se êle pudesse livremente usar de sua fôrça, de certo arrebentaria as rédeas. Até que assim venha a acontecer, o corpo mantém sempre o espírito oprimido em sua liberdade, conforme a palavra do Sábio: «O corpo que se corrompe torna pesada a alma, e esta morada terrestre abate o espírito que pensa muitas coisas» (Sab 9, 15).

14. Digo tudo isto para que se entenda como quem quiser buscar a Deus, arrimando-se na habilidade e raciocínio humano, jamais será muito espiritual. Há muitas pessoas, de fato, que imaginam poder com a pura fôrça e operação do sentido, em si mesmo baixo e não além da natureza — alcançar as fôrças e elevação do espírito sobrenatural, a que não se chega senão quando o sentido corporal com suas operações já está mortificado e apartado. E' outra coisa quando o efeito espiritual se deriva do espírito para o sentido: neste caso, pode acontecer que haja grande abundância de efeitos sobrenaturais no sentido, conforme dissemos a respeito das chagas, produzidas no exterior em conseqüência da fôrça da operação interior. Sirva de exemplo São Paulo, que pelo grande sentimento das dores de Cristo na sua alma, redundavam elas no corpo, segundo êle próprio o dá a entender aos Gálatas, dizendo: «Trago no meu corpo os estigmas do Senhor Jesus» (Gál 6, 17).

15. Basta o que dissemos do cautério e da chaga; sendo tais como foram descritos, qual não será, pois, a mão com que é impresso êste cautério, e qual o seu toque? No verso seguinte a alma bem o exprime, e mais o encarece do que o explica, dizendo:

Oh! mão tão branda! Oh! toque delicado!

16. Esta mão, como vimos, simboliza o Pai onipotente e misericordioso. Dela devemos saber que, sendo tão generosa e liberal quanto é poderosa e rica, concederá preciosas e magníficas dádivas quando se abrir para fazer mercês à alma. Eis por que esta lhe dá o nome de mão tão branda. Como se dissesse: Oh! mão tanto mais branda para mim, por me tocares brandamente; pois se tocasses um pouco mais pesadamente, seria bastante para aniquilares todo o universo! Porque só com o teu olhar a terra estremece (Sl 103, 32), os povos desfalecem e os montes se desfazem. Oh! mão tão branda, direi ainda, se fôste dura e vigorosa para Job, to-

cando-o de modo um tanto rude, agora és para mim tanto mais amigável e graciosa, tocando-me com brandura, afeto e graça, quanto mais pesada fôste para êle. Na verdade, tu fazes morrer e fazes viver, e não há quem possa fugir de ti! Tu, porém, oh! divina vida! nunca matas a não ser para dar vida, assim como nunca chagas a não ser para sarar. Quando castigas, basta que toques de leve, para logo ser consumido o mundo; mas quando regalas, muito determinadamente te pousas sôbre a alma, e não se podem contar as delícias de tua suavidade. Chagaste-me para curar-me, oh! divina mão! e mataste em mim aquilo que me mantinha morta sem a vida de Deus na qual me vejo agora viver. Isto fizeste com a liberalidade de tua generosa graça de que usaste para comigo, quando me tocaste com êsse toque do resplendor de tua glória e figura de tua substância (Heb 1, 3), que é teu Unigênito Filho; n'Êle, que é a tua Sabedoria, tocas fortemente atingindo de um fim até outro fim (Sab 8, 1). E êste teu Unigênito Filho, oh! mão misericordiosa do Pai, é o toque delicado com que me tocaste e me chagaste na fôrça de teu cautério.

17. Oh! pois, toque delicado, tu, ó Verbo Filho de Deus, que, pela delicadeza de teu ser divino, penetras sutilmente a substância de minha alma, e tocando-a tôda, delicadamente, em ti a absorves tôda com tão divinos gêneros de deleites e suavidades, «como jamais se ouviu na terra de Canaã, nem se viu em Teman»! (Bar 3, 22). Oh! pois, muito e muitíssimo delicado toque do Verbo, tanto mais delicado para mim, quanto te fizeste sentir suave e fortemente ao Profeta no sôpro da branda viração depois de derrubados os montes e despedaçadas as pedras no monte Horeb, com a sombra de teu poder e fôrça que caminhava à tua frente! (3 Rs 11 e 12). Oh! aragem branda, que sopras tão tênue e delicada, dize: como tocas sutil e delicadamente, ó Verbo Filho de Deus, se és tão terrível e poderoso? Oh! ditosa e mil vêzes ditosa a alma em que tocas sutil e delicadamente, tu que és tão terrível e possante! Dize isto ao mundo! Ou antes, não o queiras dizer ao mundo, porque êle não entende de aragem branda, e não te sentirá, pois não te pode receber nem te pode ver (Jo 14, 17). Só poderão ver-te e sentir teu toque delicado, Deus meu e vida minha, aquêles que, alheando-se do mundo, se sutilizarem espiritualmente convindo sutil com sutil, e assim se tornem aptos para te sentir e gozar. A êsses, tanto

mais delicadamente tocas, quanto, estando já sutil, polida e purificada a substância da alma, estranha a tôda criatura e a todo, vestígio e toque de coisa criada, estás tu escondido no seu íntimo, morando e permanecendo nela. E nisto os escondes no esconderijo de tua Face — que é o Verbo, — a salvo da conturbação dos homens (Sl 30, 21).

18. Oh! pois, outra vez e muitas vêzes delicado toque, tanto mais forte e poderoso, quanto mais delicado! Porque com a fôrça de tua delicadeza, desfazes e apartas a alma de todos os demais toques de coisas criadas, e te apossas dela sòmente para ti, unindo-a contigo. Tão delicado efeito e impressão nela deixas, que qualquer outro toque de tôdas as coisas altas ou baixas lhe parece grosseiro e indigno, tendo por ofensa até mesmo o olhar para elas e sentindo grande pena e tormento em as tratar e tocar!

19. Convém saber que um objeto tem tanto mais extensão e capacidade, quanto mais imaterial; e tanto mais será difuso e comunicativo, quanto maior fôr sua sutileza e delicadeza. O Verbo que é o toque dado na alma é imensamente sutil e delicado; esta, por sua vez, é o recipiente já amplo e disposto pela delicadeza e purificação extrema em que se acha neste estado. Oh! pois, toque delicado! Tanto mais copiosa e abundantemente te infundes em minha alma, quanto mais tens tu de sutileza, e mais tem ela de pureza!

20. Devemos também saber que o toque, quanto mais sutil e delicado é, tanto maior deleite e regalo comunica àquilo que toca; e quanto menos o fôr, menos extensão e volume terá. Êste toque divino nenhuma extensão e volume tem, porque o Verbo que o produz é alheio a todo modo e gênero de extensão, forma, figura e acidentes, que são os limites e medidas que põem têrmo à substância. Assim, êste toque referido aqui sendo um toque substancial, a saber, da divina substância, é inefável. Oh! pois, toque inefàvelmente delicado do Verbo, dado na alma nada menos dó que com teu simplicíssimo e puríssimo Ser, o qual, sendo infinito, é infinitamente delicado, e conseqüentemente toca de modo tão sutil, amoroso, eminente e delicado!

Que a vida eterna sabe.

21. Efetivamente é certo sabor de vida eterna, embora não ainda em grau perfeito, que a alma goza neste toque de Deus, como já dissemos. E não é incrível que seja assim, quando se crê, como na verdade se deve crer, que se trata

aqui de um toque substanciàl, isto é, da substância de Deus à substância da alma, a que nesta vida hão chegado muitos santos. Daí a delicadeza inexprimível do deleite sentido neste toque; nem queria eu falar nisso, para não se pensar que é apenas como eu digo, e não mais. Na verdade, não há têrmos capazes de declarar coisas tão subidas de Deus, como as que se passam nestas almas; por isto, a linguagem própria é sòmente entender dentro de si, e sentir no íntimo, calando e gozando quem o recebe. Claramente vê a alma aqui como, de certo modo, são essas graças como aquela pedra branca que, diz S. João, é dada ao vencedor, e na pedra está escrito um nome novo, o qual ninguém conhece senão aquêle que o recebe (Apoc 2, 17). E assim, verdadeiramente, só se pode dizer que «a vida eterna sabe». Embora nesta vida não se goze perfeitamente dêste toque como na glória, contudo, por ser toque de Deus, a vida eterna sabe. Goza então a alma nêle de tôdas as coisas de Deus que lhe comunica, e sua fortaleza, sabedoria e amor, formosura, graça, bondade, etc. Como Deus encerra em Si tôdas essas perfeições, a alma as saboreia tôdas num único toque de Deus, gozando delas em suas potências e substância.

22. Dêste bem da alma redunda por vêzes no corpo a unção do Espírito Santo, que produz gôzo em tôda a substância sensitiva, nos membros, ossos e medula; não de modo remisso, como acontece geralmente, e sim, com sentimento de grande deleite e glória, experimentado até nas últimas articulações dos pés e mãos. Tem tanta parte, então, o corpo na glória da alma, que, a seu modo, glorifica a Deus, sentindo-O nos seus próprios ossos, conforme a palavra de David: «Todos os meus ossos dizem: quem haverá semelhante a Ti?» (Sl 34, 10). E como tudo quanto se disser a tal respeito é sempre menos do que a realidade, baste, portanto, dizer, para o corporal e para o espiritual, que sabe a vida eterna.

E paga tôda dívida.

23. Assim o diz a alma, porque, neste sabor de vida eterna que experimenta agora, sente a retribuição dos trabalhos que passou para chegar a êste estado, no qual não sòmente se sente paga e satisfeita com tôda a justiça, mas com grande excesso recompensada. Por experiência entende bem a verdade da promessa do Espôso no Evangelho, de dar o cêntuplo por um (Mt 19, 23). De fato, não houve tribulação ou tentação, penitência ou outro qualquer trabalho sofrido neste

caminho, a que não tenha correspondido o cêntuplo de consôlo e deleite ainda nesta vida, de modo a poder muito bem dizer a alma: E paga tôda dívida.

24. Para saber como e quais sejam estas dívidas de que a alma se sente paga, devemos notar que ninguém, por via ordinária, pode chegar a êste alto estado e reino do desposório espiritual sem passar primeiro por muitas tribulações e trabalhos; porque, segundo dizem os *Atos dos Apóstolos*, «é preciso entrar no reino de Deus por meio de muitas tribulações» (At 14, 21). Estas já passaram, no estado em que se acha agora a alma, no qual, estando purificada, daqui por diante não padece mais.

25. Os trabalhos pelos quais são provados os que hão de chegar a êste estado, são de três espécies; trabalhos e desconsolos, temores e tentações que lhe vêm do século, por vários modos; tentações, securas e aflições, que procedem do sentido; tribulações, trevas, angústias, desamparos, tentações, e outros sofrimentos provenientes do espírito. Todos êles servem de meio para a purificação da alma segundo as duas partes, a espiritual e a sensitiva, conforme dissemos ao explicar o quarto verso da primeira canção. E necessários são tais trabalhos porque assim como um licor muito fino exige um recipiente forte, preparado e purificado, assim também esta altíssima união só pode ser dada a uma alma já fortalecida com trabalhos e tentações, e purificada por meio de tribulações, trevas e angústias; dêstes trabalhos, uns purificam e fortalecem o sentido, e outros afinam, purificam e dispõem o espírito. Para se unirem a Deus na glória, passam na outra vida pelas penas do fogo os espíritos que estão ainda impuros; de modo semelhante, para alcançarem aqui na terra a união perfeita hão de passar pelo fogo destas penas que descrevemos, o qual obra mais fortemente em alguns, e menos em outros; naqueles, por largo tempo, nestes mais brevemente, segundo o grau de união a que Deus os quer elevar e conforme o que há nêles a ser purificado.

26. Por meio dêstes trabalhos com que Deus prova o espírito e o sentido, vai a alma cobrando virtudes, fôrça e perfeição, com amargura; pois a virtude se aperfeiçoa na fraqueza (2 Cor 12, 9), e no exercício de sofrimentos vai sendo lavrada. Com efeito, na inteligência do artífice não pode o ferro servir e tomar alguma forma, a não ser por meio do fogo e do martelo, conforme diz o profeta Jeremias

a respeito daquele fogo cujo meio Deus lhe deu inteligência: «Enviou do alto fogo nos meus ossos e ensinou-me» (Lam 1, 13). E do martelo, também fala o mesmo Jeremias: «Castigaste-me, Senhor, e fui ensinado» (Jer 31, 18). Por isto declara o Eclesiástico: «Que sabe aquêle que não foi tentado? E o que não tem de experiência poucas coisas conhece» (Ecli 34, 9. 10).

27. Aqui nos convém notar a causa pela qual há tão poucos que cheguem a tão alto estado de perfeição na sua união com Deus. Não é porque Êle queira seja diminuto o número dêstes espíritos elevados, antes quereria fôssem todos perfeitos; mas acha poucos vasos capazes de tão alta e sublime obra. Provando-os em coisas pequenas, mostram-se tão fracos que logo fogem do trabalho, e não querem sujeitar-se ao menor desconsôlo e mortificação; em conseqüência, não os achando fortes e fiéis naquele pouquinho com que lhes fazia mercê de começar a desbastá-los e lavrá-los, vê claramente como o serão ainda menos em coisa maior. Não vai, pois, adiante em os purificar e levantar do pó da terra pelo trabalho da mortificação para a qual seria mister maior constância e fortaleza do que mostram. E assim há muitos que desejam passar adiante e mui contìnuamente pedem a Deus os traga e conduza a êsse estado de perfeição; mas quando Deus quer começar a levá-los pelos primeiros trabalhos e mortificações conforme para isso é necessário, não aceitam sofrê-los, e furtam o corpo, fugindo do caminho estreito da vida, para buscarem a via larga de seu próprio consôlo, que os leva à perdição. Procedendo dêste modo, não dão ensejo a Deus para conceder-lhes o que pedem, mal o começa a dar. Quedam-se como vasos inúteis; pois, querendo alcançar o estado dos perfeitos, não sòmente não quiseram ser levados pelo caminho dos trabalhos que conduz a essa perfeição, mas nem sequer consentiram em começar a entrar pelo sofrimento de trabalhos menores, a saber, as pequenas provações que ordinàriamente todos padecem. A êstes tais se pode responder com as palavras de Jeremias: «Se te fatigaste em seguir, correndo, os que iam a pé, como poderás competir com os que vão a cavalo? E se não estiveste em sossêgo numa terra de paz, que farás no meio da soberba do Jordão?» (Jer 12, 5). E' o mesmo que dizer: Se com os trabalhos que na via comum sucedem, ordinária e humanamente, a todos os que andam nesta terra, custavas tanto a

agüentar, por causa de teu passo diminuto, que imaginavas correr, como poderás igualar o passo do cavalo, isto é, sofrer trabalhos acima dos ordinários e comuns, para os quais se requer mais fôrça e ligeireza do que a do homem? Se não quiseste abandonar a paz e o gôsto de tua terra, que é a tua sensualidade, e te recusaste a fazer-lhe guerra ou contradizê-la em alguma coisa, não entendo como quererás entrar pelas águas impetuosas das tribulações e trabalhos do espírito, que são mais profundas.

28. O' almas desejosas de andar seguras e consoladas nas coisas do espírito! Se soubésseis quanto vos convém padecer sofrendo, para alcançar esta segurança e consôlo! E como, sem isto, é impossível chegar ao que a alma deseja, antes, ao contrário, é voltar atrás, jamais buscaríeis consôlo de modo algum, nem em Deus, nem nas criaturas. Carregaríeis, de preferência, a cruz, e, nela pregadas, desejaríeis beber fel e vinagre puro e o teríeis por grande ventura, vendo como pela vossa morte ao mundo e a vós mesmas, viveríeis para Deus, em deleites espirituais. E assim, sofrendo com paciência e fidelidade êste pouquinho de trabalho exterior, mereceríeis que pusesse Deus Seus olhos em vós, para vos purificar e limpar mais ìntimamente, por meio de alguns trabalhos espirituais mais interiores, com o fim de conceder-vos graças mais profundas. Na verdade, hão de ter feito muitos serviços a Deus, com grande paciência e constância em Seu amor, tornando-se muito agradáveis diante d'Êle pela vida e pelas obras, aquêles aos quais o Senhor faz tão assinalada mercê, como seja a de tentá-los mais interiormente para avantajá-los em dons e merecimentos. Foi o que Êle fêz ao santo Tobias a quem disse São Rafael: «Porque tu eras aceito a Deus, por isso foi necessário que a tentação te provasse» (Tob 12, 13), a fim de sêres mais engrandecido. De fato, o tempo que lhe restou de vida, após aquela tentação, foi cheio de gôzo, como atesta a Sagrada Escritura (Tob 14, 4). O mesmo sucedeu ao santo Job: quando Deus aceitou suas obras diante dos espíritos bons e maus, logo lhe fêz mercê de enviar aquêles grandes trabalhos, com o fim de glorificá-lo muito mais depois, como realmente fêz, multiplicando-lhe os bens espirituais e temporais.

29. Do mesmo modo procede Deus com os que quer avantajar segundo a vantagem principal: a êstes faz e deixa tentar, com o fim de elevá-los à maior de tôdas as alturas,

que consiste na união com a Sabedoria divina, a qual, como diz David, é prata examinada com fogo, provada na terra (Sl 11, 7), isto é, em nossa carne, purificada sete vêzes, ou por assim dizer, o mais possível. Não há razão para nos determos aqui a explicar quais sejam estas sete purificações, e qual deve ser cada uma, para a alma chegar a esta sabedoria, nem como a elas correspondem sete graus de amor, nesta mesma Sabedoria. Aqui na terra, por maior que seja a união, é ela sempre para a alma como a prata de que fala David, mas na outra vida será como ouro.

30. Convém muito, pois, à alma ter grande paciência e constância em tôdas as tribulações e trabalhos, interiores e exteriores, espirituais e corporais, maiores ou menores, em que Deus a queira pôr, recebendo tudo como das mãos d'Êle para seu bem e remédio. E não fuja dos sofrimentos, porque nêles está a sua saúde; antes tome a êste respeito o conselho do Sábio que diz: «Se o espírito daquele que tem o poder baixar sôbre ti, não abandones o teu pôsto» (isto é, o lugar e pôsto de tua provação, situado naquele trabalho que Deus te envia), «porque êste remédio te curará dos maiores pecados» (Ecle 10, 4). Por assim dizer: cortará em ti as raízes de teus pecados e imperfeições, que são os maus hábitos; porque o combate dos trabalhos, angústias e tentações, extingue êsses hábitos maus e imperfeitos da alma, purificando-a e fortalecendo-a. Deve ela, pois, ter em grande estima os trabalhos interiores e exteriores que Deus lhe envia, compreendendo como são muito poucos os que merecem ser consumados por sofrimentos, e os padecem a fim de chegar a tão alto estado.

31. Voltemos agora à nossa explicação. Conhece aqui a alma como tudo foi para seu bem, e que «como foram as suas trevas é agora a sua luz»; e assim como foi participante das tribulações, agora o é das consolações e do reino de Deus. Vê que aos trabalhos interiores e exteriores, corresponderam os bens divinos, tanto para o espírito como para o corpo, e como não houve sofrimento sem ser premiado com grande galardão. E assim o confessa já bem satisfeita dizendo: «E para tôda dívida». Agradece a Deus neste verso, do mesmo modo que o fêz David no seu, quando cantou no Salmo em ação de graças por ter sido libertado dos trabalhos: «Quantas tribulações numerosas e amargas me fizeste provar! Mas, voltando-te para mim, deste-me novamente a vida, e dos abismos da terra outra vez me tiraste. Multiplicaste a tua magnificência, e voltando-te para mim, me consolaste» (Sl 70, 20-21). Antes que chegasse a êste estado, achava-se a alma como Mardoqueu quando estava sentado do lado de fora das portas do palácio, chorando nas praças de Susa, à vista do perigo que corria sua vida, e, coberto de cilício, recusava aceitar as vestes que lhe enviava a rainha Ester (Est 4, 1; 6, 3, 11). Não havia recebido galardão algum pelos serviços prestados ao Rei, nem pela fidelidade que havia tido em defender-lhe a honra e a vida. Eis que num dia, — como foi feito ao mesmo Mardoqueu, — pagam-lhe todos os trabalhos e serviços, e não só a fazem apresentar-se diante do Rei, adornada com as vestes reais, mas também lhe dão coroa e cetro, além do trono, com a posse do anel real, para que faça tudo o que quiser, e o que não quiser, não faça, no reino de seu Espôso; porque os que chegam a êste estado alcançam tudo quanto querem. Com isto, fica a alma bem paga, e mais ainda, são aniquilados os judeus seus inimigos, isto é, os apetites imperfeitos que procuravam tirar-lhe a vida espiritual em que agora ela vive plenamente, segundo as suas potências e apetites. E, assim, logo acrescenta: «Matando, a morte em vida me hás trocado».

32. Na verdade, a morte não é mais que a privação da vida; em chegando esta, já não há mais vestígio daquela. Sob o ponto de vista espiritual, há duas maneiras de vida. Uma é a vida beatífica, a qual consiste em ver a Deus, e esta se há de alcançar pela morte corporal e natural, conforme diz S. Paulo: «Sabemos que se esta nossa casa de barro fôr destruída, temos nos céus morada de Deus (2 Cor 5, 1). A outra é a vida espiritual perfeita, ou seja, a posse de Deus por união de amor; e esta se alcança pela mortificação total dos vícios e inclinações, e da própria natureza. Enquanto isto não se efetua, impossível é chegar à perfeição dessa vida espiritual de união com Deus, segundo afirma também o Apóstolo dizendo assim: «Se viverdes segundo a carne, morrereis. Mas se pelo espírito mortificardes as obras da carne, vivereis» (Rom 8, 13).

33. Devemos, pois, saber que a alma designa aqui pelo nome de morte a todo o homem velho, isto é, ao exercício das potências, memória, entendimento e vontade, ocupado e empregado nas coisas do século, bem como os apetites e gostos de criaturas. Tudo isto é exercício de vida velha, a qual é

morte da vida nova, que é a espiritual. Nesta última, não poderá viver a alma perfeitamente, se não morrer também perfeitamente o homem velho, conforme admoesta o Apóstolo dizendo: «Despojem-se do homem velho e se revistam do novo, criado segundo Deus onipotente, em justiça e santidade» (Ef 4, 22). Nessa vida nova, ou seja, quando é alcançada a perfeição da união com Deus, como vamos dizendo aqui, todos os apetites e potências da alma em suas inclinações e operações — que por si mesmas eram obras de morte e privação da vida espiritual, — trocam-se agora em divinas.

34. Cada ser vivo, dizem os filósofos, vive por sua operação; logo a alma, tendo em Deus suas operações em virtude da sua união com Êle, vive a própria vida de Deus, e assim a sua morte foi trocada em vida, isto é, a sua vida animal se trocou em vida espiritual. O entendimento, antes dessa união, compreendida naturalmente, com a fôrça e vigor de sua luz natural, por meio dos sentidos corporais; agora, porém, é movido e penetrado por outro princípio mais alto que é a luz sobrenatural de Deus, deixando de parte os sentidos. Trocou-se, pois, em divino, porque, pela união do mesmo entendimento ao de Deus, tudo é uno. A vontade anteriormente amava de modo baixo e morto, só com seu afeto natural; agora foi trocada em vida de amor divino, porque ama elevadamente com afeto divino, movida pela fôrça e virtude do Espírito Santo, no qual vive sua vida de amor; de fato, por meio desta união da vontade humana à divina, há sòmente uma vontade na alma. A memória, que de sua parte só percebia as figuras e imagens das criaturas, é trocada nesta divina união de modo a ter na mente os anos eternos, como fala David (Sl 76, 6). O apetite natural que antes se inclinava, com tôda a sua habilidade e fôrça, sòmente ao gôzo da criatura que produz morte, agora está trocado em divino gôsto e sabor, movido e satisfeito então por outro princípio que o torna mais vivo, e que é o deleite de Deus com quem está unido; e em conseqüência, já é apetite só de Deus. Finalmente, todos os movimentos, operações e inclinações que a alma tinha anteriormente, e que provinham do princípio e fôrça de sua vida natural, já nesta união são transformados em movimentos divinos; ficam mortos à sua própria operação e inclinação, e tornam-se vivos em Deus. Com efeito, a alma já é movida em tudo pelo espírito de Deus, como verdadeira filha de Deus, conforme ensina S. Paulo: «Todos os

que são movidos pelo Espírito de Deus, êstes são os filhos de Deus (Rom 8, 14). Dêste modo, repetimos ainda aqui, o entendimento da alma é entendimento de Deus; sua vontade é vontade de Deus; sua memória é memória de Deus; e seu deleite é deleite de Deus. A substância da alma, embora não se possa tornar substância de Deus, porque impossível lhe é transformar-se substancialmente em Deus, contudo, nessa união em que está vinculada e absorvida em Deus, torna-se Deus por participação de Deus. Tal é o que acontece no estado perfeito da vida espiritual, todavia não tão acabadamente como na eternidade. Está, portanto, morta a alma a tudo quanto era em si mesma, isto é, ao que era morte para ela; e se acha viva para o que é Deus em si mesma. Eis a razão por que, ao falar de seu estado, diz com muito acêrto o verso: Matando, a morte em vida me hás trocado. Daí lhe vem poder apropriar-se bem das palavras de S. Paulo: «Vivo, já não eu, mas é Cristo que vive em mim» (Gál 2, 20). Trocou-se, afinal, a morte desta alma em vida de Deus. Quadra-lhe também a expressão do Apóstolo: «A morte foi absorvida pela vitória» (1 Cor 15, 54). E ainda o que diz o Profeta Oséias falando pela pessoa de Deus: «O' morte! eu hei de ser a tua morte» (Os 13, 14). Como se dissera: Eu que sou a Vida, sendo a morte da morte, ficará a morte absorta na vida.

35. Desta maneira acha-se a alma absorta em divina vida, alheia a tudo quanto seja temporal dêste mundo, bem como a todo apetite natural. E' introduzida nos aposentos do Rei, onde se goza e alegra no Amado, «lembrada de que os Seus peitos são melhores do que o vinho», e assim diz: «Eu sou trigueira, mas formosa, filhas de Jerusalém» (Cânt 1, 3-4) porque minha negrura natural trocou-se na formosura do rei celestial.

36. Em tão perfeito estado de vida, sempre anda a alma como em festa, no interior e no exterior; com grande freqüência saboreia no seu espírito um grande júbilo de Deus, qual um cântico novo, sempre novo, envolto em alegria e amor, e em conhecimento de seu feliz estado. Por vêzes fica cheia de gôzo e fruição, repetindo em seu espírito aquelas palavras de Job: «A minha glória sempre se renovará; e multiplicarei meus dias como a palmeira» (Job 29, 20. 18). Como a dizer: Deus, que permanece em Si mesmo imutável, e tôdas as coisas renova, como diz o Sábio (Sab

7, 27), estando unido agora à minha glória, sempre a renovará, isto é, não a deixará volver atrás como era antes; e multiplicarei meus dias como a palmeira, isto é, meus merecimentos crescerão até o céu, assim como para o céu ergue a palmeira seus ramos. De fato os merecimentos da alma, neste estado, são geralmente grandes em número e qualidade. Também se ocupa de ordinário em cantar a Deus em seu espírito tudo o que diz David no Salmo cujo início é assim: «Eu te glorificarei, Senhor, porque me recebeste» (Sl 29, 1. 12. 13). E particularmente os dois últimos versículos que dizem: «Tu converteste o meu pranto em gôzo; tu rasgaste o meu saco e me cercaste de alegria. Para que eu te cante na minha glória, e não tenha mais penas; Senhor Deus meu, eu te louvarei eternamente» (Sl 29, 1. 12. 13). Não é de maravilhar que a alma ande com tanta freqüência nestes gozos, júbilos, e louvores, na fruição de Deus; porque, além do conhecimento que tem das graças recebidas, sente o seu Amado tão solícito em mimoseá-la com tão preciosas, delicadas, e encarecidas palavras, engrandecendo-a com estas e outras mercês, que lhe parece não ter Êle outra pessoa no mundo a quem regalar, nem outra coisa em que se ocupar, mas que Êle todo é só para ela. E, experimentando-o assim, confessa como a Espôsa dos *Cantares*: «O meu Amado é para mim, e eu para Êle» (Cânt 2, 16).

Canção III

Oh! lâmpadas de fogo,
Em cujos resplendores
As profundas cavernas do sentido
— Que estava escuro e cego, —
Com estranhos primores
Calor e luz dão junto a seu querido!

EXPLICAÇÃO

1. Seja Deus servido de dar aqui Seu favor, pois, decerto, é muito necessário para explicar a profundidade desta canção. E quem ler êste comentário, é mister fazê-lo com advertência, porque, se não tiver experiência, talvez lhe pareça algo obscuro e prolixo; mas se a tiver, porventura o achará claro e saboroso. Encarece a alma, nesta canção, e agradece a seu Espôso, as grandes mercês recebidas da união que tem com Êle; diz como, por meio desta união, concede-lhe o Amado numerosos e magníficos conhecimentos de Si mesmo, cheios de amor, com os quais são iluminadas e enamoradas as potências e os sentidos da alma, que antes estavam obscuros e cegos. Agora, portanto, esclarecidos e abrasados no amor como se acham, podem dar luz e amor Àquele que os esclareceu e enamorou. De fato, quem verdadeiramente ama, só está satisfeito quando emprega no Amado todo o seu ser, e tudo quanto vale, tem e recebe; e quanto mais possui, tanto maior é o seu gôsto em dar. Disto se alegra aqui a alma: de poder, com os resplendores e o amor recebidos, resplandecer por sua vez diante do Amado e dar-Lhe amor. Segue-se o verso:

Oh! lâmpadas de fogo!

2. Quanto ao primeiro têrmo, precisamos saber que as lâmpadas têm duas propriedades: brilhar e aquecer. Para entendermos quais sejam estas lâmpadas mencionadas pela alma, e como brilham e ardem dentro dela, produzindo calor, convém advertir o seguinte. Deus, em seu Ser único e simples, encerra tôdas as virtudes e grandezas de Seus atri-

butos. E' onipotente, sábio, bom, misericordioso; é justo, forte, amoroso, e o mesmo podemos dizer de outros infinitos atributos e virtudes que nos são desconhecidos. Ora, sendo Deus tôdas estas coisas na simplicidade de seu Ser divino, quando há por bem abrir o entendimento da alma que Lhe está unida, vê ela então distintamente n'Êle tôdas essas virtudes e grandezas, isto é, onipotência, sabedoria, bondade, misericórdia, e tudo o mais. Cada um dêsses atributos é o mesmo Ser de Deus numa pessoa, seja no Pai, ou no Filho, ou no Espírito Santo, sendo cada atributo o próprio Deus. E por ser Deus luz infinita, e fogo divino infinito, como já dissemos, conseqüentemente cada um dêsses inumeráveis atributos resplandece e produz calor como o mesmo Deus; assim cada um dêles é uma lâmpada que brilha na alma, dando-lhe calor de amor.

3. Num só ato desta união, a alma recebe conhecimentos sôbre todos os atributos divinos; dêste modo, podemos afirmar que Deus é para ela como muitas lâmpadas juntas que distintamente brilham em luz de sabedoria e produzem calor de amor. De cada uma dessas lâmpadas recebe um conhecimento particular, e ao mesmo tempo é inflamada em amor. A alma, pois, ama a Deus em cada uma dessas lâmpadas de modo especial e em tôdas elas conjuntamente, no fogo de amor com que elas a inflamam, sendo todos êsses atributos, conforme tornamos a dizer, o mesmo e único Ser de Deus. Logo, tôdas as lâmpadas são uma só lâmpada, a qual, segundo as virtudes e atributos divinos, brilha e arde como muitas lâmpadas. Por esta razão, a alma num só ato provocado pelo conhecimento dessas lâmpadas, ama a Deus por meio de cada uma delas, e simultâneamente por tôdas juntas, levando nesse ato qualidade de amor por cada uma e de cada uma, de tôdas juntas e por elas tôdas; porque o resplendor que se irradia desta lâmpada do Ser divino em Seu atributo de onipotência, traz à alma luz e calor de amor de Deus enquanto é onipotente; neste caso, Deus é para ela como lâmpada de onipotência, que a ilumina e lhe dá o conhecimento dêsse atributo. Se o resplendor que irradia esta lâmpada do Ser de Deus é o da Sua sabedoria, produz na alma notícia e inflamação de amor de Deus enquanto é sábio; neste caso, Deus para ela é lâmpada de sabedoria. Quando resplandece esta lâmpada de Deus irradiando Sua bondade, recebe a alma luz e calor de amor de Deus enquanto é Êle bom, e assim, para ela, é lâmpada de bondade. De maneira semelhante, ser-lhe-á Deus lâmpada de justiça, de fortaleza, de misericórdia, e de todos os demais atributos que ali se representam à alma, todos juntos, em Deus. A luz que recebe dêles comunica-lhe o calor do amor de Deus com que ela O ama, porque tôdas estas perfeições divinas são o mesmo Deus; portanto, nesta comunicação de Si mesmo em que Deus se mostra à alma, e que, para mim, é a maior de quantas lhe possa fazer nesta vida, manifesta-se Êle como inumeráveis lâmpadas que lhe trazem conhecimento e amor de Deus.

4. Estas lâmpadas, viu Moisés no monte Sinai, quando, à passagem de Deus, prostrou-se em terra e começou a clamar mencionando algumas, com estas expressões: «Dominador, Senhor, Deus misericordioso e clemente, paciente e de muita misericórdia, e verdadeiro, que conservas a misericórdia em milhares de gerações, que tiras a iniqüidade e as maldades e os pecados, e nenhum diante de ti é inocente por si mesmo» (Êx 34, 6-7). Donde se vê que Moisés conheceu ali sobretudo os atributos de onipotência, domínio, divindade, misericórdia, justiça, verdade e retidão de Deus, em altíssimo conhecimento do Senhor; e como na mesma medida do conhecimento recebeu também o amor, conseqüentemente o deleite e fruição de que ali gozou foi elevadíssimo.

5. Daqui se pode observar que o deleite recebido pela alma em arroubamento de amor, e comunicado pelo fogo que se irradia dessas lâmpadas, é admirável e imenso; porque é tão abundante como de muitas lâmpadas juntas, em que cada uma abrasa a alma em amor; e se vão unindo o calor de uma ao da outra, bem como a chama de uma à da outra, e a luz de uma à da outra, pois qualquer um dos atributos divinos revela os outros. Assim, tôdas as lâmpadas juntas, tornam-se uma só luz e um só fogo, e cada uma delas é, por sua vez, luz e fogo, sendo então a alma imensamente absorvida em delicadas chamas, e sutilmente chagada de amor em cada uma delas, e ainda mais chagada em tôdas juntas, tôda viva em amor de vida de Deus; vê muito claramente que aquêle amor é de vida eterna, na qual está o conjunto de todos os bens. E pela experiência que, de certo modo, aqui lhe é dada, conhece bem a alma a verdade daquela expressão do Espôso nos *Cantares* quando disse que as lâmpadas do amor eram lâmpadas de fogo e chamas (Cânt 8, 6). «Oh! quão formosa és em teus passos e calçados, filha do príncipe! (Cânt 7, 1).

Quem poderá descrever a magnificência e estranheza de teu deleite e majestade, no admirável resplendor e amor de tuas lâmpadas?

6. A Sagrada Escritura refere como uma destas lâmpadas passou outrora diante de Abraão, causando nêle grandíssimo horror tenebroso, porque era a lâmpada da justiça rigorosa que Deus iria exercer contra os Cananeus (Gn 15, 12-17). Se, pois, tôdas estas lâmpadas de conhecimento de Deus brilham diante de ti com tanto amor e benevolência, ó alma enriquecida, quanto maior luz e deleite de amor te hão de trazer, do que trouxe de horror e treva aquela que brilhou diante de Abraão? Qual não será, portanto, a grandeza, a riqueza, e a multiplicidade de teu gôzo, se de tôdas e em tôdas essas lâmpadas recebes fruição e amor, e por elas comunica-se Deus às tuas potências, segundo Seus divinos atributos e perfeições? De fato, quando uma pessoa ama e faz bem a outra, age segundo a sua própria condição e natureza; dêste modo, teu Espôso, estando em ti como quem é, assim te faz Suas mercês. Sendo onipotente, ama-te e faz bem a ti com onipotência; sendo sábio, sentes que te faz bem e ama com sabedoria; por ser infinitamente bom, sentes que te ama com bondade; sendo santo, sentes que te ama e te agracia com santidade; sendo justo, sentes que te ama e faz mercês com justiça. Por ser misericordioso, piedoso e clemente, sentes Sua misericórdia, piedade e clemência; sendo Êle forte, sublime, e delicado em seu divino Ser, sentes que te ama com fôrça, elevação e delicadeza. Como é simples e puro, sentes que com pureza e simplicidade te ama; como é verdadeiro, sentes que te ama com verdade. Sendo liberal, conheces que te ama e beneficia com liberalidade, sem interêsse algum, só para fazer-te bem; como é a virtude da suma humildade, com suma humildade e com suma estimação te ama, chegando a igualar-te com Êle, e a revelar-se a ti nestas vias do conhecimento de seu divino Ser; e o faz alegremente, com a Sua face cheia de graças, dizendo-te nesta união de seu amor, não sem grande júbilo teu: eu sou teu e para ti, e gosto de ser tal qual sou para ser teu e dar-me a ti.

7. Quem dirá, pois, o que experimentas, ó ditosa alma, quando te vês assim amada e com tal estima engrandecida? Teu ventre, isto é, tua vontade, é como o da espôsa, semelhante ao monte de trigo, todo coberto e cercado de lírios (Cânt 7, 2); e enquanto saboreias êstes grãos de pão de vida, os lírios das virtudes que te cercam, te estão deleitando. Estas virtudes são as filhas do rei, as quais, no dizer de David (Sl 44, 10), te encheram de gôzo com a mirra e o âmbar e as demais espécies aromáticas; porque os conhecimentos comunicados a ti pelo Amado sôbre Suas graças e virtudes são Suas filhas, e nelas estás de tal modo engolfada e submergida que podes também ser comparada àquele poço de águas vivas a correrem impetuosamente do monte Líbano, que é Deus (Cânt 4, 15). Nêle te é dada, então, uma alegria maravilhosa, que penetra tôda a harmonia de tua alma, e até mesmo de teu corpo; e és tôda transformada em um paraíso regado por águas divinas, realizando-se em ti esta palavra do Salmo: «O ímpeto do rio alegra a cidade de Deus» (Sl 45, 5).

8. Oh! realidade admirável! Neste tempo está a alma transbordando águas divinas, tôda feita uma fonte caudalosa que de todos os lados derrama essas divinas águas! Pois, embora seja verdade que esta comunicação de que vamos tratando é luz e fogo das lâmpadas de Deus, contudo êsse fogo aqui é tão suave, — como já dissemos, — que com ser fogo imenso, torna-se como águas vivas que fartam a sêde do espírito, segundo a violência do seu desejo. Dêste modo estas lâmpadas de fogo são águas vivas do Espírito, como as que vieram sôbre os Apóstolos (At 2, 3), as quais, sendo lâmpadas de fogo, ao mesmo tempo eram águas puras e limpas; assim as chamou Ezequiel em sua profecia sôbre a vinda do Espírito Santo com estas palavras: «Derramarei sôbre vós, — diz o Senhor — uma água pura, e porei meu espírito no meio de vós» (Ez 36, 25). Embora, pois, seja fogo, é também água. E' figurado pelo fogo do sacrifício que Jeremias escondeu na cisterna, o qual se transformou em água enquanto estêve escondido, e depois, quando era tirado dali para com êle se oferecer o sacrifício, volvia a ser fogo (2 Mac 1, 20-22). De maneira semelhante, êste espírito de Deus, quando se acha escondido no seio da alma, está como água suave e deleitosa, fartando a sêde do espírito; e quando se exercita em sacrifício de amor a Deus, está como chamas vivas de fogo, que são as lâmpadas do ato de dileção, isto é, daquelas chamas de que fala o Espôso nos *Cantares*, já referidas acima. Por esta razão a alma aqui as denomina chamas; pois não

sòmente as experimenta em si como águas, mas também as exercita em amor de Deus, como chamas. E porquanto na comunicação espiritual destas lâmpadas, é a mesma alma inflamada, e posta em exercício de amor, em ato de amor, antes lhes dá o nome de lâmpadas do que de águas, dizendo: Oh! lâmpadas de fogo. Tudo quando se pode dizer nesta canção, fica aquém da realidade porque a transformação da alma em Deus é indizível. Tudo se resume nesta palavra: a alma é feita Deus de Deus por participação d'Êle e de Seus atributos por ela chamados aqui lâmpadas de fogo.

Em cujos resplendores

9. Para entendermos quais sejam êstes resplendores das lâmpadas de que a alma fala aqui, e como a mesma alma nêles resplandece, precisamos saber que êstes resplendores são os conhecimentos amorosos a ela comunicados pelas lâmpadas dos atributos de Deus. Unida, segundo suas potências, a êles, a alma também resplandece como êles, transformada, então em resplendores amorosos. Esta ilustração de resplendores que fazem a alma por sua vez resplandecer, em fogo de amor, não é semelhante à das lâmpadas materiais que, com seus clarões, iluminam os objetos que as rodeiam; mas sim como de lâmpadas que se acham dentro das chamas, porque a própria alma está dentro dêsses resplendores. Por esta razão diz: em cujos resplendores, isto é, dentro dêles; e não sòmente isto, mas até transformada e convertida em resplendores. E assim podemos dizer que é como o ar que se acha dentro da chama, abrasado e transformado na própria chama. Esta, aliás, não se compõe de outra coisa a não ser do ar inflamado; e os movimentos e os resplendores daquela chama, não são produzidos sòmente pelo ar, nem sòmente pelo fogo, mas pelos dois elementos juntos; são resplendores que o fogo produz no ar inflamado em seu calor.

10. Nesta mesma disposição, podemos compreender, acha-se a alma com as suas potências, tôda resplandecente, dentro dos resplendores de Deus. Os movimentos desta chama divina, isto é, as vibrações e labaredas de que falamos acima, não provêm sòmente da alma transformada nas chamas do Espírito Santo; nem são produzidas só por Êle; mas, sim, pelo Espírito Santo e pela alma, conjuntamente, movendo Êle a alma, como faz o fogo com o ar que inflama. Daí, êstes movimentos de Deus e da alma juntos vêm a ser não só

resplendores, mas também glorificações de Deus na alma; porque tais movimentos e labaredas são como jogos e festas joviais que o Espírito Santo realiza na alma, conforme dissemos no segundo verso da primeira canção; e nêles, parece que sempre está o Espírito Santo querendo acabar de dar à alma a vida eterna, e chegar enfim a transportá-la à Sua perfeita glória, introduzindo-a verdadeiramente dentro de Si mesmo. De fato, em todos os benefícios que Deus faz à alma, os primeiros como os últimos, os maiores como os menores, sempre os concede com o fim de conduzi-la à vida eterna. E' como a chama cujos movimentos e labaredas, produzidos no ar inflamado, têm por fim levá-lo consigo ao centro de sua esfera, e todos aquêles movimentos são como uma porfia para conquistá-lo mais e mais para si. Como, porém, o ar se encontra em sua própria esfera, não o pode levar o fogo para a sua; assim, êstes movimentos do Espírito Santo, — aliás eficacíssimos para absorver a alma em glória imensa, — todavia não acabam de absorvê-la inteiramente até chegar o tempo em que haja ela de sair da esfera dêsse ar terreno que é a vida mortal, e enfim possa entrar no centro do espírito que é a vida perfeita em Cristo.

11. Convém notar que êsses movimentos mais são da alma do que de Deus, pois Deus não se move. Êstes vislumbres de glória, dados aqui à alma, são, portanto, estáveis, perfeitos e contínuos, com firme serenidade em Deus. Tais serão êles na alma na vida eterna, sem alteração para mais ou para menos, e sem interpolação de movimentos; então verá claramente a alma que Deus, embora parecesse mover-se dentro dela, na realidade é imutável em seu Ser, assim como o fogo também não se move em sua esfera; conhecerá como aquêles movimentos e labaredas que lhe davam sentimento de glória, ela os sentia porque não estava ainda perfeitamente glorificada.

12. Por tudo quanto dissemos, e ainda vamos dizer agora, entender-se-á com maior clareza qual seja a sublimidade dos resplendores dessas lâmpadas de que tratamos; a êles pode ser dado também o nome de obumbrações. Para inteligência disso, é preciso saber que obumbração significa a «ação da sombra»; ora, fazer sombra é o mesmo que amparar, favorecer, conceder graças. Efetivamente, quando a sombra de uma pessoa vem cobrir alguma outra, é sinal de que está perto para favorecer e amparar a esta última. Eis

a razão pela qual o Arcanjo Gabriel usou dêste têrmo para comunicar à Virgem Maria a grande mercê da conceição do Filho de Deus, dizendo: «O Espírito Santo virá sôbre ti, e a virtude do Altíssimo te fará sombra» (Lc 1, 35).

13. Para entender bem como seja esta projeção da sombra de Deus, ou obumbração, ou resplendores, — pois tudo isto é o mesmo, — convém notar que cada coisa tem sua sombra e a produz conforme o seu tamanho e propriedades. Por exemplo, se o objeto é opaco e escuro, projeta sombra escura; se é claro e leve, faz sombra clara e leve. A sombra, pois, de uma treva será também treva, em proporção da primeira; e a sombra de uma luz será outra luz semelhante àquela.

14. Estas virtudes e atributos de Deus são lâmpadas acesas e resplandecentes; logo, achando-se tão perto da alma, como dissemos, não poderão deixar de projetar sôbre ela suas próprias sombras, as quais são também acesas e resplandecentes na mesma proporção das lâmpadas que as projetam; e assim, tais sombras serão resplendores. Conseqüentemente, a sombra, produzida na alma pela lâmpada da formosura de Deus, será outra formosura proporcionada ao talhe e propriedade daquela mesma formosura divina; a sombra que faz a fortaleza será também fortaleza na medida daquela de Deus; a sombra da sabedoria divina será igualmente sabedoria semelhante à de Deus; assim do mesmo modo, em tôdas as outras lâmpadas, ou, por melhor dizer, a sombra será a mesma sabedoria, ou a mesma formosura, ou a mesma fortaleza de Deus, transformada em sombra, porque na terra jamais a alma o poderá compreender perfeitamente. Sendo esta sombra tão conforme à medida e propriedade de Deus, que é o próprio Deus, por ela bem conhece a alma a sublimidade de Deus.

15. À luz dêste raciocínio, quais serão, pois, as sombras que fará o Espírito Santo nesta alma revelando-lhe as grandezas das virtudes e atributos Seus, se está Êle tão perto dela que não sòmente chega a tocá-la com estas sombras, mas a ela se une em sombras e resplendores? Como não entenderá e gozará a alma, em cada uma delas, a Deus, segundo a propriedade e medida do próprio Deus nelas? Na verdade, entende e saboreia o poder divino, em sombra de onipotência; entende e goza a sabedoria divina, em sombra de sabedoria divina; entende e goza a bondade infinita, em sombra que a cerca de bondade infinita, e assim por diante. Finalmente, experimenta a glória de Deus, em sombra de glória, saboreando a propriedade e medida da glória de Deus. E tudo isto se passa no meio de claras e incendidas sombras, produzidas por aquelas claras e incendidas lâmpadas, tôdas unidas numa só lâmpada, isto é, no único e simples Ser de Deus que resplandece atualmente sob tôdas estas formas.

16. Oh! pois, que sentirá agora a alma ao experimentar aqui o conhecimento e comunicação daquela figura vista por Ezequiel (Ez 1, 5-25; 2, 1), daquele animal de quatro faces, e daquele carro de quatro rodas! Vê como o aspecto dessa figura é semelhante ao de carvões ardentes e de lâmpadas acesas; percebe como aquela roda, que é a sabedoria de Deus, está cheia de olhos por dentro e por fora, — símbolo dos conhecimentos divinos e dos resplendores das virtudes de Deus; sente em seu espírito aquêle ruído produzido pela passagem dêsse carro, ruído semelhante ao de multidões e exércitos, significando as magnificências divinas, que a alma aqui conhece distintamente, num único som de um só passo de Deus nela. Finalmente, goza daquele sôpro de um bater de asas, comparado pelo Profeta ao ruído do Deus altíssimo; o que significa o ímpeto das águas divinas já referido acima, as quais invadem a alma quando se ala o Espírito Santo na chama de amor, alegrando a alma, fazendo-a gozar da glória de Deus em Sua semelhança e sombra, conforme declara também o Profeta dizendo que a visão daquele animal e daquela roda era a visão da semelhança da glória do Senhor. Qual seja a elevação em que se sente agora esta ditosa alma, quão imensa a grandeza que contempla em si mesma, quanta admiração experimenta ao ver-se naquela formosura santa, — quem o poderá dizer? Achando-se investida, assim, com tanta profusão pelas águas dêstes divinos resplendores, percebe claramente que o Pai Eterno lha há concedido com mão larga esta divina rega, tanto para a parte superior como para a inferior do seu ser, como sucedeu a Axa a quem seu pai concedeu a terra de regadio quando ela suspirava (Jos 15, 18-19); porque estas águas, quando correm, penetram alma e corpo, que são a parte superior e inferior.

17. Oh! admirável excelência de Deus! Embora estas lâmpadas dos atributos divinos sejam um simples ser e só

nêles se gozem, todavia cada uma delas se vê distintamente, tão abrasada uma como a outra, e na realidade cada uma é substancialmente a outra. Oh! abismo de deleites! Tua abundância é tanto maior quanto mais recolhidas se acham as tuas riquezas na unidade e simplicidade infinita de teu único ser, onde de tal maneira se conhece e goza de um atributo que não é isto impedimento para conhecer e gozar perfeitamente de outro; ao contrário, cada graça e virtude que há em ti é luz a revelar qualquer outra grandeza tua; porque pela tua pureza, ó Sabedoria divina, muitas coisas se vêem em ti quando se contempla uma só delas. Na realidade, és tu o depósito dos tesouros do Pai, o resplendor da luz eterna, espelho sem mancha, e imagem de sua bondade (Sab 7, 26). Em cujos resplendores

As profundas cavernas do sentido.

18. Estas cavernas são as potências da alma, — memória, entendimento e vontade. São tanto mais profundas quanto mais capazes de receber grandes bens; pois, para enchê-las, é preciso nada menos do que o infinito. Pelo que padecem quando estão vazias, podemos avaliar, de certo modo, quanto gozam e se deleitam quando estão cheias de Deus; pois um contrário esclarece o outro. Em primeiro lugar, notemos que estas cavernas das potências, quando ainda não se acham vazias, purificadas e limpas de tôda afeição pela criatura, não sentem o grande vazio de sua profunda capacidade. Com efeito, nesta vida, qualquer ninharia que a elas se apegue, basta para as manter tão embaraçadas e enfeitiçadas, que não sentem quanto lhes prejudica; não percebem os imensos bens que possuem nem conhecem a sua capacidade para êles. E' coisa espantosa que sendo as potências capazes de bens infinitos, no entanto baste o menor dêles para as impedir de receber os infinitos, até que de todo fiquem vazias, conforme vamos explicar. Quando, porém, estão vazias e purificadas, é intolerável a sêde, fome, e ânsia da parte espiritual; porque sendo profundos os estômagos destas cavernas, penam profundamente, uma vez que é também profundo o manjar que lhes falta, a saber, o próprio Deus. Êste tão grande sentimento padece a alma de ordinário, perto do fim da sua iluminação e purificação, antes que chegue à união, onde já suas ânsias são satisfeitas. De fato, como o apetite espiritual se acha vazio e purificado de tôda criatura e afeição dela, tendo perdido sua inclinação

natural, inclina-se agora para o divino, e, por achar-se vazio, está disposto para êle; como, porém, não lhe é ainda comunicado êste divino na união com Deus, a pena dêste vazio e sêde chega a ser pior do que a morte. Isto acontece, sobretudo, quando, por alguns visos ou resquícios, transluz algum raio divino sem, todavia, lhe ser comunicado. Tais são as almas que padecem com amor impaciente, e não podem ficar muito tempo sem receber, ou morrer.

19. Quanto à primeira caverna, — o entendimento — de que falamos aqui, o seu vazio é sêde de Deus; tão imensa é esta sêde, quando o entendimento está disposto, que não achando David outra melhor comparação, iguala-a à do cervo, que dizem ser veementíssima, e dêste modo se exprime: «Assim como o cervo suspira pelas fontes das águas, assim minha alma deseja a ti, Deus» (Sl 41, 1). E esta sêde é das águas da sabedoria de Deus, objeto do entendimento.

20. A segunda caverna é a vontade e o seu vazio é fome de Deus tão grande que faz a alma desfalecer, segundo as palavras também de David: «Cobiça e desfalece minha alma nos tabernáculos do Senhor» (Sl 83, 3). E esta fome é da perfeição de amor que a alma pretende. A terceira caverna é a memória; o seu vazio leva a alma a desfazer-se e derreter-se pela posse de Deus, como nota Jeremias dizendo: «Lembrar-me-ei sem cessar com a memória, e derreter-se-á minha alma dentro de mim» (Lam 3, 20). Revolvendo estas coisas em meu coração, viverei na esperança de Deus.

22. Profunda é, pois, a capacidade destas cavernas, porquanto nelas só pode caber o que é profundo e infinito, ou seja, o mesmo Deus. Assim, de certo modo a sua capacidade será infinita; sua sêde, também infinita; sua fome, igualmente profunda e infinita; seu desfalecimento e pena é morte infinita; e embora não seja sofrimento tão intenso como na outra vida, contudo é uma viva imagem daquela privação infinita, por achar-se a alma de certo modo já disposta para receber o que pode enchê-la plenamente. Êste penar, no entanto, é de outra qualidade, porque está situado nas profundezas do amor da vontade; e não traz êste amor alívio à pena, pois quanto maior é êle, tanto mais impaciente se torna pela posse de seu Deus, pelo qual suspira com intenso desejo a cada momento.

23. Oh! valha-me Deus! Se é certo que a alma, quando deseja a Deus com tôda a sinceridade, já possui o seu Amado, conforme diz S. Gregório no comentário a São João, como, pois, padece por aquilo que já possui? No desejo que, segundo diz São Pedro (1 Ped 1, 12) têm os anjos de ver o Filho de Deus, não há pena ou ânsia alguma, porque já o possuem; logo, parece também que a alma, possuindo a Deus na mesma medida em que o deseja goza d'Êle com deleite e fartura. Assim, de fato, se dá com os anjos: estão satisfazendo seu desejo, e na posse acham deleite, pois sempre estão fartando sua alma com o desejo, sem que haja fastio na fartura; de modo que, não havendo nêles fastio, sempre estão desejando; e como alcancem a posse do seu desejo, não podem sofrer. A alma, portanto, deveria sentir agora não só dor e pena mas tanto maior fartura e deleite, quanto mais intenso é o seu desejo, pois na medida em que deseja, possui a Deus.

24. Nesta questão muito convém observar a diferença existente entre possuir a Deus em si sòmente pela graça, e possuí-l'O também pela união. No primeiro caso, há amor mútuo, e, no segundo, além do amor, há comunicação de um ao outro. E' tanta essa diferença, como a do noivado para o matrimônio. No noivado, há o sim de parte a parte, e os dois se unem na mesma vontade; a noiva está ornada com as jóias que lhe dá graciosamente o noivo. No matrimônio, porém, além disso, há comunicação das pessoas que se unem, e isto não existe ainda nos esponsais, embora haja por vêzes visitas do noivo à noiva, com oferta de presentes; não se realiza, contudo, a união das pessoas, na qual está o fim dos esponsais. Nem mais nem menos acontece à alma, quando chega a tal pureza em si mesma e em suas potências, que a vontade já se acha muito purificada de quaisquer gostos e apetites estranhos, tanto na parte inferior como na superior; e tendo dado inteiramente o «sim» a Deus a respeito de tudo isso, com a sua vontade plenamente unida à de Deus, por seu próprio e livre consentimento, há chegado a ter em Deus, pela graça de sua vontade, tudo quanto pode possuir por esta via da vontade e da graça. Em correspondência a êste «sim» da alma, Deus lhe dá de Sua parte o «sim» verdadeiro e total de sua graça.

25. E' um estado muito sublime êste do noivado espiritual da alma com o Verbo; nêle, o Espôso lhe concede grandes mercês, e muitas vêzes visita-a amorosìssimamente, cumulando-a, nessas visitas, de imensos benefícios e deleites. Não se comparam, todavia, aos do matrimônio; antes são disposições para a união do matrimônio. Sem dúvida, tudo se passa em alma já purificadíssima, de tôda afeição de criatura, pois não se realiza o desposório espiritual enquanto não se chega a êste ponto. São necessárias, contudo, outras disposições positivas de Deus na alma, operadas mediante visitas e dons divinos, em que Êle vai purificando-a mais, e também aformoseando-a e afinando-a, a fim de ser convenientemente preparada para tão alta união. Isto requer tempo, mais longo para umas e menos para outras, porque Deus vai agindo conforme à feição da alma. Esta preparação é figurada pela das donzelas que foram escolhidas para o Rei Assuero (Est 2, 12); embora já houvessem sido tiradas de sua terra e da casa de seus pais, permaneciam um ano inteiro encerradas no palácio antes de serem levadas ao leito do rei; empregavam metade dêsse ano em dispor-se com certos ungüentos de mirra e diversas espécies aromáticas, e a outra metade, com outros ungüentos mais finos; só depois disto é que iam ao leito do rei.

26. No tempo, pois, dêste desposório e espera do matrimônio, que se passa nas unções do Espírito Santo, quando mais sublimes são os ungüentos de disposições para a união com Deus, as ânsias das cavernas da alma costumam ser extremas e delicadas. Como tais ungüentos são agora mais pròximamente dispositivos para a união de Deus, por serem mais chegados a Êle, dando-lhe conseqüentemente o gôsto de Deus e estimulando delicadamente o seu apetite de possuí-l'O, tornam o seu desejo mais delicado e profundo, porque êsse mesmo desejo de Deus é disposição para unir-se com Êle.

27. Oh! que boa ocasião seria esta, para avisar as almas levadas por Deus a tão delicadas unções, que olhem bem o que fazem, e em que mãos se põem, para não retrocederem! Parecerá talvez sair fora do assunto de que vamos tratando. Causa-me, porém, tão grande impressão e lástima ao coração ver as almas voltarem atrás, e considerar que não sòmente elas não se deixam ungir de modo a passarem adiante, mas chegam até a perder os efeitos já produzidos pela unção divina! E, assim, não posso deixar de dar-lhes aqui alguns avisos a êste respeito, dizendo-lhes o que devem

fazer para evitar tanto prejuízo; e, embora tenha de demorar-me um pouco em voltar ao assunto, logo tornarei a êle; aliás, tudo servirá para melhor explicar as características destas cavernas, como será muito necessário não só para estas almas que vão tão prósperas, mas para tôdas as outras que andam a buscar seu Amado, por isto quero dizê-lo.

28. Primeiramente, estejamos certos de que se a alma busca a Deus, muito mais a procura o seu Amado; se ela dirige a Êle seus amorosos desejos, — tão perfumados aos olhos de Deus como a nuvenzinha de fumaça que se eleva das espécies aromáticas da mirra e do incenso (Cânt 3, 6), — o Espôso, por sua vez, envia-lhe o perfume de seus ungüentos com que a atrai e faz correr para Êle, os quais são Suas divinas inspirações e toques. Pelo fato de serem de Deus, vêm moderados e regulados pela perfeição da lei de Deus e da fé, e nesta perfeição é que a alma há de ir chegando sempre mais à união com Deus. Isto deve ela compreender: o desejo de Deus em tôdas as mercês que lhe concede, nas unções e olores de seus ungüentos, é dispor a alma para outros mais subidos e delicados ungüentos, os quais serão mais conformes ao feitio de Deus, até fazê-la chegar a tão delicada e pura disposição que mereça, enfim, a união divina, e a transformação substancial em tôdas as suas potências.

29. Considere, pois, a alma, como nesta obra é principalmente Deus quem age; é êle aqui como o guia do cego que há de levá-la pela mão aonde ela jamais saberia ir, isto é, às coisas sobrenaturais, incompreensíveis ao seu entendimento, vontade e memória; todo o seu cuidado, portanto, há de consistir, sobretudo, em não pôr obstáculo àquele que a guia pelo caminho ordenado por Deus, na perfeição da lei divina e da fé, conforme dissemos. Tal impedimento pode advir à alma, quando ela se deixa levar e guiar por outro cego. Ora, os cegos que a poderiam apartar do caminho são três: o diretor espiritual, o demônio, e ela mesma. Para que entenda, pois, como isto possa acontecer, trataremos um pouco de cada um dêles.

30. Vejamos o primeiro cego. E' sobremaneira conveniente à alma, que quer adiantar-se no recolhimento e perfeição, olhar em que mãos se põe; porque qual o mestre, tal o discípulo e qual fôr o pai, tal será o filho. Note-se bem que para êste caminho, ao menos para o que nêle há de

mais elevado, e ainda mesmo para o mediano, dificilmente se achará um guia cabal que tenha todos os requisitos necessários. Com efeito, além de ser sábio e prudente é mister que tenha experiência; porque para guiar o espírito, embora o fundamento seja o saber e a prudência, se não houver experiência do que é puro e verdadeiro espírito, não será possível atinar a dirigir a alma nêle, quando Deus lho dá, e nem mesmo haverá compreensão do que seja.

31. Dêste modo, muitos diretores espirituais prejudicam grandemente muitas almas; como não entendem as vias e peculiaridade do espírito, ordinàriamente, induzem as almas à perda destas unções de delicados perfumes com que o Espírito Santo as vai ungindo e dispondo para Si. Ocupam-se em dirigi-las por outros caminhos mais comuns que êles conhecem por experiência, ou por leituras, e que servem apenas para principiantes. Não sabem guiar senão a êstes, e praza a Deus sejam aptos para isso! E assim não querem deixar que as almas se adiantem — mesmo quando Deus as quer levar — além daqueles princípios de oração discursiva e imaginária, para que não excedam e ultrapassem a capacidade natural cujo lucro para a alma é diminuto.

32. A fim de entendermos qual seja esta condição de principiantes devemos saber que o estado e exercício dêles é de meditação, fazendo atos e exercícios discursivos com a imaginação. E', portanto, necessário à alma, neste estado, que lhe seja fornecida matéria de meditação em que possa discorrer; convém fazer de sua parte atos interiores, aproveitando-se do sabor e suco, sensitivo nas coisas espirituais; porque nutrindo o apetite com o sabor do que é espiritual, se vai desarraigando dos gostos sensíveis e morrendo às coisas do século. Quando, porém, o apetite já se acha um tanto alimentado pelas coisas do espírito e de certo modo habituado a elas, com alguma fortaleza e constância, logo começa Deus a desmamar a alma, por assim dizer, pondo-a em estado de contemplação. Isto, em algumas pessoas costuma suceder muito depressa, mormente quando professam o estado religioso, pois, renunciando mais prontamente às coisas do século, conformam a Deus o sentido e apetite, e assim passam aos exercícios do espírito, sob a ação de Deus. Então cessam os atos discursivos e a meditação em que se exercitava a própria alma, bem como aquêles primeiros gostos e fervores sensíveis; já não pode a alma

discorrer como antes, nem acha mais apoio algum para o sentido, ficando êste na secura, porquanto todo o seu caudal passou para o espírito que não cai sob o sentido. Como naturalmente a alma só pode ter suas operações por meio do sentido, decorre daí que, neste estado, é Deus quem age, e a alma está passiva sob a ação divina; porque permanece como alguém que recebe e em quem se age, enquanto Deus é quem dá e faz sua obra na alma, concedendo-lhe os bens espirituais na contemplação, que consiste conjuntamente em conhecimento e amor divino, isto é, conhecimento amoroso, sem que a alma de sua parte se exercite em atos ou discursos naturais, pois não lhe é mais possível usar dêles como antes.

33. Em conseqüência disso, a alma, neste tempo, há de ser levada de modo totalmente contrário ao que seguia até então. Se lhe davam matéria para meditar, e tinha meditação, agora lhe seja tirada e não medite; porque, torno a dizer, não poderá, por mais que o queira, e, em vez de recolher-se, distrair-se-á. Se antes buscava e achava gôsto, amor e fervor, já não o queira nem procure, porque não sòmente lhe será impossível achá-lo com sua diligência, mas, ao contrário, só encontrará secura; porque, pela obra que quer fazer por meio do sentido, afasta-se do bem pacífico e tranqüilo que lhe está sendo infundido secretamente, no espírito, e assim, perde êste sem lucrar aquêle, pois já não consegue receber os bens divinos por meio do sentido como outrora. Por tal razão, quando a alma se acha neste estado, de modo algum se lhe há de impor que medite e se exercite em atos determinados, nem que procure sabor ou fervor. Seria, com efeito, pôr obstáculo a quem nela age de modo principal, isto é, a Deus, como digo, pois é Êle que em segrêdo e quietação anda a infundir na alma sabedoria e conhecimento amoroso, sem especificação de atos, embora por vêzes mova a alma a fazê-los distintamente, durante algum tempo. De sua parte, a alma também se há de conduzir sòmente com essa atenção amorosa a Deus, sem atos particulares, mantendo-se, conforme dissemos, passivamente, sem fazer diligências por si mesma, e só com determinação e atenção amorosa, simples e singela, como quem abre os olhos, com atenção de amor.

34. Se então Deus, no modo de comunicar-se, usa com a alma dêste saber simples e amoroso, também a alma, de sua

parte, trate com Êle do mesmo modo, recebendo a comunicação divina mediante êste mesmo saber, e atenção simples e amorosa, para que assim possam juntar-se saber com saber e amor com amor; porque é conveniente ao que recebe adaptar-se ao modo daquilo que recebe e não a outro, a fim de poder receber e conservar como lhe dão, segundo o axioma dos filósofos: aquilo que se recebe é recebido conforme o recipiente que o recebe. Logo, está claro que, se a alma não abandonasse então seu modo natural ativo, não receberia aquêle bem senão de modo natural, e, portanto, não o receberia, mas ficaria apenas com um ato natural; pois o sobrenatural não cabe no modo natural, e nada tem a ver com êle. Assim, em querendo a alma agir por si mesma, fazendo mais do que permanecer naquela atenção amorosa de que falamos, com muita passividade e quietação sem produzir ato natural, a não ser quando Deus a inspirasse a isto, é certo que, de modo total, põe obstáculo aos bens que Deus lhe está comunicando sobrenaturalmente mediante o conhecimento amoroso. Esta comunicação, ao princípio, é feita no exercício da purificação interior padecida pela alma, como referimos atrás; só depois lhe é concedida com suavidade de amor. O conhecimento amoroso, conforme tenho dito e assim é na verdade, recebe-o a alma passivamente mediante a comunicação sobrenatural de Deus, e não segundo sua maneira natural; logo, para recebê-lo, a alma há de estar muito aniquilada em suas operações naturais, livre e desocupada, quieta, pacífica e serena, conforme ao modo de Deus. E' assim como o ar, o qual na medida em que estiver mais limpo de vapôres, e mais puro e sereno, mais será iluminado e aquecido pelo sol. Daí, a necessidade para a alma de não estar apegada a coisa alguma, seja a exercício de meditação ou raciocínio, seja a qualquer sabor, sensitivo ou espiritual; nem a outros quaisquer conhecimento; porque se requer o espírito tão livre e aniquilado acêrca de tudo, que o mínimo vestígio de pensamento ou discurso, ou gôsto, a que então a alma quiser apoiar-se, servirá de impedimento; e trará inquietação e ruído ao profundo silêncio que deve haver tanto na parte sensitiva como na parte espiritual para tão profunda e delicada audição, qual seja a da voz de Deus ao coração, na soledade, conforme a palavra do profeta Oséias (Os 2, 14). Isto se realiza em suma tranqüilidade e paz, escutando e ouvindo a alma o que fala nela o Senhor Deus, segundo diz

David; (Sl 84, 9); pois, na verdade, a voz de Deus fala esta paz nesta solidão.

35. Quando acontecer, portanto, que a alma dêste modo se sinta pôr em silêncio e escuta, há de olvidar até mesmo o exercício de advertência amorosa de que falei, a fim de permanecer livre para o que dela então quer o Senhor. Com efeito, só deve usar daquela atenção amorosa quando não se sente pôr em solidão ou ócio, interior, ou em olvido e escuta espiritual. E para que o entenda, é mister saber que isto sempre se manifesta com certa quietação cheia de paz e recolhimento interior.

36. Conseqüentemente, qualquer que seja a ocasião e tempo em que a alma começar a entrar neste simples e ocioso estado de contemplação, no qual já não pode meditar, nem acerta a fazê-lo, não há de querer procurar meditações nem apoiar-se aos gostos e sabores espirituais; ao contrário, é preciso estar sem arrimo, e de pé, com o espírito desapegado de tudo e acima de tôdas essas coisas, conforme declara Habacuc que havia de fazer para ouvir a palavra do Senhor: «Estarei, diz, em pé sôbre minha guarda, e firmarei meu passo sôbre minha munição, e contemplarei o que me fôr dito» (Hab 2, 1). Como se dissera: levantarei minha mente sôbre tôdas as operações e conhecimentos que possam cair sob meus sentidos, e o que êstes possam guardar e reter em si, deixando tudo abaixo; e firmarei o passo sôbre a munição de minhas potências, não as deixando andar em atividades próprias, a fim de poder receber na contemplação o que me fôr comunicado da parte de Deus; pois, como dissemos, a contemplação pura consiste em receber.

37. Esta altíssima sabedoria e linguagem de Deus, qual é a contemplação, não pode ser recebida senão quando o espírito está pôsto em silêncio, e já desarrimado de todos os gostos e conhecimentos discursivos. De fato, assim o declara Isaías por estas palavras: «A quem ensinará ciência, e a quem fará Deus ouvir sua palavra?» E responde: «Aos desmamados do leite», — isto é, dos gostos e sabores — «e aos apartados dos peitos» (Is 28, 9), a saber, dos conhecimentos e apreensões particulares.

38. O' alma espiritual! Tira os grãos de pó, os pêlos e as névoas, e purifica teus olhos; brilhará então o sol claro, e verás claro. E tu, ó mestre espiritual, põe a alma em paz,

tirando-a e libertando-a do jugo e servidão dêste cativeiro do Egito que é a fraca operação de sua própria capacidade, onde tudo consiste pouco mais do que em juntar palhas para cozinhar barro; conduze-a à terra de promissão que mana leite e mel. Olha bem, que para essa liberdade e santo ócio dos filhos de Deus é a alma chamada por Êle ao deserto, para aí andar vestida de festa, ataviada com jóias de ouro e prata. Já abandonou o Egito, — a parte sensitiva, — deixando-o vazio de suas riquezas. E não só isto. Já estão agora afogados os egípcios no mar da contemplação; com efeito, o egípcio, que é o sentido, não podendo mais tomar pé, ou achar apoio, afoga-se. Deixa êle então livre o filho de Deus, que é o espírito desembaraçado dos limites e servidão das operações naturais dos sentidos, ou seja, do seu mesquinho entender, do seu baixo modo de sentir, da sua pobre maneira de amar e gozar; e assim se torna apto o mesmo espírito para receber de Deus o suave maná cujo sabor — encerrando embora todos os gostos e sabores aos quais tu queres trazer a alma com seu próprio trabalho, é tão delicado que se desmancha na bôca, e não poderá ser saboreado com mistura de qualquer outro gôsto ou alimento. Quando, pois, a alma fôr chegando a êste estado, procura de tua parte tirar-lhe o apoio de todos os desejos de gostos, experiências, sabores e meditações espirituais; não a inquietes com cuidados e solicitudes de espécie alguma, seja mesmo do Céu, e menos ainda da terra; procura, ao contrário, pôr a alma no maior alheamento e solidão que fôr possível. Na verdade, quanto melhor alcançar isto, e quanto mais depressa chegar a esta ociosa tranqüilidade, tanto mais abundantemente lhe irá sendo infundido o espírito da divina sabedoria, que é amoroso, tranqüilo, solitário, pacífico, suave e inebriante para o espírito humano, o qual se sente terna e brandamente chagado e roubado, sem saber por quem, nem donde, nem como. A causa disso é que a comunicação foi feita sem o concurso da própria alma.

39. Um pouquinho que Deus opere na alma, neste santo ócio e soledade, é um bem inapreciável, por vêzes muito maior do que a própria alma ou quem a dirige possam imaginar. E embora não se veja tanto na ocasião, a seu tempo manifestar-se-á. O mínimo que a alma então pode alcançar é sentir um alheamento e estranheza em relação a tudo, algumas vêzes com maior intensidade do que em outras; ao

mesmo tempo sente inclinação para a soledade, e tédio de tôdas as criaturas dêste mundo, enquanto respira suavemente amor e vida no espírito. E, assim, tudo quanto não é êste alheamento e estranheza causa-lhe dissabor; pois, como se costuma dizer, quando goza o espírito, a carne fìca sem prazer.

40. São, porém, inestimáveis os bens que esta comunicação e contemplação silenciosa deixa impressos na alma, sem ela então o sentir, conforme dissemos. De fato, são unções secretíssimas, e, portanto, delicadíssimas, do Espírito Santo, que ocultamente enchem a alma de riquezas, dons e graças espirituais; porque sendo operações do próprio Deus, êle as faz necessàriamente como Deus.

41. Estas unções, pois, e matizes, têm a delicadeza e sublimidade do Espírito Santo, e, por causa de sua finura e sutil pureza, não podem ser entendidas pela alma nem por quem a dirige, mas ùnicamente por Aquêle que opera tais primores para comprazer-se mais na alma. E muito fàcilmente acontece que o mínimo ato que a alma queira fazer de sua parte, seja com a memória, o entendimento, ou a vontade, seja aplicando ali o sentido, ou desejo, ou conhecimentos ou ainda procurando gôzo e sabor, basta para perturbar ou impedir essas unções no seu íntimo, — o que constitui grave prejuízo e dor, e motivo de pena e grande lástima.

42. Oh! E' caso importante e digno de admiração: não aparecendo o prejuízo, nem quase nada o que se interpôs naquelas santas unções, é mais doloroso e irremediável do que se fôssem prejudicadas e perdidas muitas outras almas comuns, ordinárias, que não se acham neste estado, onde rerecebem tão subido esmalte e matiz. E' como se num rosto de primorosa e delicada pintura, trabalhasse uma tôsca mão, com ordinárias e grosseiras côres; seria então o prejuízo, maior e mais notável, mais para lastimar, do que se manchassem muitos rostos de pintura comum. Na verdade, se o lavor daquela mão delicadíssima do Espírito Santo veio a ser estragado por outra mão grosseira, quem acertará a refazê-lo?

43. E sendo êste prejuízo maior e mais grave do que se possa encarecer, todavia é tão comum e freqüente, que mal se achará um diretor espiritual capaz de não o causar nas almas que Deus começa a recolher nesta maneira

de contemplação. Com efeito, muitas vêzes Deus está ungindo a alma contemplativa com alguma dessas unções delicadíssimas de conhecimento amoroso, sereno, pacífico, solitário, mui remoto para o sentido, e além de quanto se pode imaginar, sem que seja possível meditar ou pensar em objeto algum, nem gozar de coisa do céu ou da terra, pois a alma está ocupada por Deus naquela unção solitária, e inclinada à solidão e ócio. Vem o diretor espiritual, que não sabe senão martelar e bater com as potências qual ferreiro, e pelo fato de não ensinar mais do que aquilo, nem saber mais do que meditar, dirá: vamos, deixai-vos dêstes repousos, pois isto é ociosidade e perda de tempo; ocupai-vos em meditar e fazer atos interiores, porque é necessário agir de vossa parte quanto vos fôr possível; essas coisas são iluminismos e enganos de néscios.

44. E, assim, por não entenderem tais diretores os graus de oração e vias de espírito, não percebem como aquêles atos nos quais obrigam a alma a exercitar-se e também o querer levá-la pelo caminho do raciocínio é trabalho já feito, pois essa alma já chegou à negação e silêncio do sentido e do raciocínio; há alcançado a via do espírito, que é a contemplação, na qual cessa a atividade do sentido e do raciocínio, próprio da alma, e agora é só Deus que age, falando secretamente à alma solitária, e ela se cala. Havendo esta alma atingindo a via do espírito, conforme descrevemos, se então quiserem que ela caminhe segundo o sentido, de certo há de retroceder e distrair-se. Quem já chegou ao fim, e se põe a caminhar para alcançar êsse fim, além de ser coisa ridícula, forçosamente se afastará do têrmo do caminho. À alma, pois, que chegou, pela operação das suas potências, ao recolhimento e quietação que todo espiritual pretende, e em que cessam tôdas as operações das mesmas potências, não sòmente lhe seria vão ocupar-se de novo em atuar com as potências para alcançar tal recolhimento, mas até ocasionaria prejuízo, porquanto serviria de distração, levando-a a deixar aquêle recolhimento já alcançado.

45. Não entendem êstes mestres espirituais, como digo, o que seja recolhimento e solidão espiritual da alma, nem as propriedades que encerra; não sabem que em tal solidão Deus opera na alma estas subidas unções; por isto, sobrepõem ou interpõem, outros ungüentos de mais baixo exercício espiritual, levando, como dissemos, a alma a agir. A

diferença entre o que êles querem e o que a alma tem é tão grande como a de obra humana a obra divina, e do natural ao sobrenatural; porque de um modo é Deus que age sobrenaturalmente, na alma, e de outro, é só a alma que age naturalmente. Ainda acontece pior: em exercitar-se com a sua operação natural, perde a alma a solidão e recolhimento interior, e, conseqüentemente, perde a sublime obra que Deus executava nela; e assim, tudo se resume em martelar o ferro, prejudicando uma obra, sem aproveitar a outra.

46. Advirtam tais guias espirituais de almas, e considerem que o principal artífice, guia e inspirador das almas em semelhante obra é o Espírito Santo, e não êles. Êste Espírito divino jamais perde o cuidado delas; os diretores são apenas instrumentos para dirigir as almas na perfeição, mediante a fé e a lei de Deus, e segundo o espírito que Êle vai dando a cada uma. Tôda a solicitude que êles devem ter, portanto, seja em não as sujeitar ao próprio modo e condição dêles, mas sim em olhar bem se sabem o caminho por onde Deus as conduz; porque se o não sabem, deixem-nas, e não as perturbem. Conformando-se ao caminho e espírito em que Deus as leva, procurem dirigir sempre estas almas à maior solidão, tranqüilidade e liberdade de espírito; concedam-lhes latitude para que não fique prêso o sentido corporal e espiritual a coisa alguma particular, interior ou exterior, quando Deus as quer levar por esta soledade; e não se aflijam êles, nem se preocupem, julgando que nada se faz; pois, embora a alma fique inativa, é Deus então quem nela age. Procurem os guias espirituais desembaraçar a alma, pondo-a em ociosidade de modo que não esteja atada a qualquer conhecimento particular, seja do céu ou da terra; e que não se incline para algum sabor ou gôsto, ou a alguma outra apreensão, permanecendo vazia em pura negação de tôda criatura, e estabelecida em pobreza espiritual. Isto convém fazer a alma, de sua parte, como aconselha o Filho de Deus dizendo: «Quem não renuncia a tudo quanto possui não pode ser meu discípulo» (Lc 14, 33). E esta renúncia se entende não só quanto às coisas temporais segundo a vontade, mas também quanto à desapropriação das coisas espirituais, que inclui a pobreza espiritual a que o mesmo Filho de Deus chama bem-aventurança (Mt 5, 3). Se a alma procurar desocupar-se assim de tôdas as coisas, chegando a ficar vazia e desapropriada de tôdas elas, — que é tudo quanto pode então fazer, como dissemos, — tendo ela feito o que era de sua parte, é impossível que Deus deixe de fazer a d'Êle em comunicar-se à alma, pelo menos em segrêdo e silêncio. Isto é mais impossível do que deixar de brilhar o raio de sol em lugar sereno e descoberto. Na verdade, assim como o sol está madrugando para penetrar em tua casa, se lhe abrires a janela, assim Deus, que não dorme em guardar a Israel (Sl 120, 4), também está vigilante para entrar na alma vazia e enchê-la de bens divinos.

47. Deus está como o sol sôbre as almas, para comunicar-se a elas; os que as guiam contentem-se em as dispor para isto, segundo a perfeição evangélica, que consiste na desnudez e vazio do sentido e espírito. Não queiram passar adiante, para edificar, pois êste ofício pertence ùnicamente ao Pai das luzes donde desce tôda boa dádiva e todo dom perfeito (1 Tgo 1, 17). Efetivamente, como diz David, se o Senhor não edifica a casa, em vão trabalham os que a edificam (Sl 126, 11). E sendo Deus o artífice sobrenatural, construirá sobrenaturalmente em cada alma o edifício que Lhe aprouver, se tu, ó mestre espiritual, a preparares, procurando aniquilar a atividade dela em suas operações e afeições naturais, pois estas não lhe dão fôrça nem habilidade para o edifício sobrenatural, e, ao contrário, servirão antes de estôrvo do que de auxílio. E' de teu ofício realizar esta preparação da alma; e compete a Deus, como diz o Sábio (Prov 16, 1-9) dirigir o seu caminho, isto é, levá-la aos bens sobrenaturais, usando de meios e modos que nem tu, nem a alma, podem entender. Não digas, portanto: Oh! Esta alma não progride, porque nada faz! Pois se é verdade que nada faz, por esta mesma razão de não agir, provar-te-ei aqui como faz muito. Quando o entendimento se vai despojando de conhecimentos particulares, sejam naturais ou espirituais, vai progredindo; e quanto mais ficar vazio de qualquer conhecimento determinado, e de todos os atos que lhe são próprios, tanto mais se adianta o mesmo entendimento no seu caminho para o sumo bem sobrenatural.

48. Oh! Dirás que a inteligência nada entende distintamente, e assim não poderá ir adiante. Ao contrário, eu te digo, se entendesse distintamente, não iria adiante. A razão é esta: Deus, a quem se encaminha o entendimento, ultrapassa o mesmo entendimento; e, portanto, é incompreensível e inacessível ao entendimento; se, pois, o entendi-

mento vai entendendo, não se vai aproximando de Deus, mas vai antes se apartando d'Êle. Logo, é necessário que o entendimento se aparte de si mesmo e de sua compreensão para aproximar-se de Deus, caminhando na fé, e que vá crendo, e não entendendo. Dêste modo chegará o entendimento à perfeição, pois só pela fé e não por outro meio é que se junta com Deus; e mais se aproxima a alma de Deus não entendendo do que entendendo. Não há motivo para te afligires com isto; se o entendimento não volver atrás (o que aconteceria se êle quisesse ocupar-se em conhecimentos distintos, e em outros raciocínios e compreensões, quando é necessário que queira permanecer ocioso) é certo que irá adiante; porque irá ficando vazio de tudo quanto poderia encerrar em si, e que não era Deus, pois, como dissemos, Deus não pode caber dentro dêle. Nesta questão de perfeição, o não volver atrás é progredir; e o progredir, para o entendimento, é caminhar cada vez mais na fé, e, portanto, caminhar mais na obscuridade, porque a fé é treva para o entendimento. Daí a necessidade de caminhar para Deus, a Êle rendido sem entender, pois o entendimento não pode ter a compreensão de Deus. Assim, para obter resultado, convém ao entendimento seguir o que tu condenas, isto é, não ocupar-se em conhecimentos distintos, visto que mediante êles não lhe é possível chegar a Deus, mas, ao contrário, só podem embaraçá-lo para aproximar-se d'Êle.

49. Oh! Dirás que o entendimento não entendendo distintamente, a vontade ficará ociosa, e não se exercitará no amor e a isto sempre é necessário fugir na vida espiritual pois a vontade não pode amar senão aquilo que conhece o entendimento. E' verdade, sobretudo quanto às operações e atos naturais da alma, que a vontade só ama o que distintamente percebe o entendimento; mas na contemplação de que tratamos, por meio da qual Deus infunde algo de Si mesmo na alma, não há necessidade de conhecimento distinto, nem de atos da inteligência feitos pela alma; porque, num só ato, Deus está comunicando luz e amor ao mesmo tempo; tal é o conhecimento sobrenatural e amoroso a que podemos chamar luz abrasadora, pois esta luz enamora a alma aquecendo-a; e êsse conhecimento é confuso e obscuro para o entendimento, por ser conhecimento de contemplação, o qual, no dizer de S. Dionísio, é raio de treva para o mesmo entendimento. Por êste motivo, do mesmo modo que a

inteligência é dada ao entendimento, o amor é também comunicado à vontade. Como êste conhecimento infundido por Deus no entendimento é geral e obscuro, sem inteligência distinta, assim também a vontade ama de modo geral, sem distinção alguma de coisa particular que haja entendido. Deus é divina luz e amor: na comunicação feita de Si mesmo à alma, infunde inteligência e amor igualmente às duas potências, que são entendimento e vontade. Ora, não sendo Êle inteligível nesta vida, o conhecimento só pode ser obscuro, como digo, e do mesmo modo o amor na vontade. Sem dúvida, nesta comunicação delicada, por vêzes Deus se comunica mais a uma potência do que a outra, ferindo-a mais intensamente; acontece à alma ter então mais inteligência do que amor, ou, ao invés, mais amor do que inteligência; em outras ocasiões, tudo será conhecimento, sem amor; e, às vêzes, tudo será amor sem nenhuma inteligência. Digo, portanto, que em se tratando de atos naturais da alma por via de razão, é certo que não pode ela amar sem entender; mas nos atos que Deus opera e infunde na alma, como faz nesta de que vamos tratando, é diferente, e pode muito bem comunicar-se Êle a uma potência e não a outra. Pode inflamar a vontade ao contato da chama de Seu amor, sem que o perceba o entendimento, tal como uma pessoa pode ser aquecida pelo fogo sem o ver.

50. Destarte, muitas vêzes sentir-se-á a vontade inflamada, ou enternecida, e enamorada, sem saber nem entender coisa mais distinta do que anteriormente, ordenando Deus nela o amor, como diz a Espôsa nos *Cantares*: «Introduziu-me o Rei na adega de seus vinhos, e ordenou em mim a caridade» (Cânt 2, 4). Logo, não há razão para temer a ociosidade da vontade neste caso; se deixa de fazer atos de amor sôbre conhecimentos particulares, é porque agora é Deus quem nela os faz, embriagando-a secretamente em amor infuso, seja por meio do conhecimento de contemplação ou sem isto, conforme dissemos. E tais atos são tanto mais saborosos e meritórios do que se a própria alma os fizera, quanto mais perfeito é Aquêle que causa e infunde êste amor, a saber, o próprio Deus.

51. Êste amor, Deus o infunde na vontade quando está vazia e desapegada de outros gostos e afeições particulares, celestes e terrestres. Por esta razão, convém ter cuidado em manter a vontade assim vazia e despojada de suas afeições;

porque se não volver atrás em busca de algum sabor ou gôsto, embora no momento não o sinta em Deus, irá para diante, ultrapassando tôdas as coisas para chegar a Deus, pois em nenhuma delas acha gôsto. E ainda que não goze de Deus de modo muito particular e distinto, e não O ame com ato bem determinado, contudo O goza secretamente naquele conhecimento geral e obscuro, mais do que em tôdas as coisas distintas. De fato, a alma percebe claramente que nada lhe dá tanto gôsto como aquela quietude solitária. Ama então a Deus acima de tôdas as coisas amáveis, pois já se desprendeu de todos os gostos e sabores de tôdas elas, e os acha insípidos. Não há motivo, portanto, para lastimar-se, desde que a vontade vai adiante quando não pode deter-se em exercícios e gostos de atos particulares. Aqui, o não volver atrás, abraçando algo de sensível, é ir adiante ao inacessível, que é Deus, e assim não é de admirar que a alma não o sinta. Com efeito, para a vontade encaminhar-se a Deus, mais há de ir desprendida de tudo quanto é deleitoso e saboroso do que apegando-se a isto; assim cumpre bem o preceito do amor, que é amar a Deus sôbre tôdas as coisas; o que não é possível sem desapêgo e vazio de tôdas elas.

52. Tão pouco há que temer, quando a memória se esvazia de suas imagens e figuras. Deus não tem forma ou figura; logo, há segurança para ela em ir vazia dessas formas e figuras, e mais se aproxima então de Deus; porque quanto mais se apoiar à imaginação, mais se afastará de Deus, e correrá maior perigo, pois sendo Deus incompreensível, não pode ser captado pela imaginação.

53. Os diretores espirituais a que nos referimos, não entendem estas almas que seguem por esta via de contemplação quieta e solitária, em razão de não terem êles chegado a isso, ou ignorarem o que seja sair dos raciocínios na meditação, como já dissemos. Pensam que estão elas ociosas, e por isto as estorvam, impedindo aquela paz da contemplação sossegada e quieta que Deus lhes dava; querem que elas continuem no caminho da meditação e discurso imaginário e exercício da imaginação, e que façam atos interiores; em todos êstes exercícios as almas acham então grande repugnância, secura e distração, pois desejariam permanecer em seu santo ócio, e naquele recolhimento quieto e pacífico. Como vêem os tais diretores que nesse recolhimento o sentido não acha em que gozar, nem em que se prender, nem mesmo em que se ocupar, persuadem as almas a procurar gostos e fervores, quando, na verdade, deveriam aconselhar o contrário. E como essas almas não o podem fazer nem acham gôzo como antes, por ter já passado o tempo disto, e não ser mais êste o caminho que seguem, perdem a paz duplamente, pensando que estão perdidas; e êles as ajudam a crer que assim é, pondo-lhes o espírito na secura e tirando-lhes aquelas preciosas unções com que Deus as favorecia na solidão e tranqüilidade. Êste modo de dirigir, torno a dizer, é de grande prejuízo para as almas, enchendo-as de aflição e fazendo-as errar, pois de uma parte perdem, e de outra sofrem sem proveito.

54. Tais diretores não sabem o que seja espírito. Fazem a Deus grande injúria e desacato, querendo meter sua mão grosseira na obra divina; na verdade, muito caro custou a Deus levar estas almas até aqui, e muito se preza de as haver conduzido a esta solidão e vazio das potências e atividades, a fim de poder falar-lhes ao coração, e êste é o desejo permanente de Deus. Toma Êle agora a alma pela mão, e já tem dentro dela o seu reino, com abundância de paz e sossêgo; faz com que desfaleçam os atos naturais das potências que trabalhavam tôda a noite sem nada conseguir; é já o espírito que apascenta essas potências, sem concurso nem trabalho do sentido, porque êste com sua obra não tem capacidade para o espírito.

55. Bem mostra Deus quanto preza esta tranqüilidade e adormecimento ou alheamento do sentido, ao fazer, no livro dos *Cantares*, aquela conjuração tão notável e eficaz: «Conjuro-vos, filhas de Jerusalém, pelas cabras e cervos campestres, que não desperteis ou acordeis minha amada até que ela queira» (Cânt 5, 3). Nestas palavras, dá a entender quanto ama aquêle adormecimento e olvido solitário, pois menciona animais tão solitários e esquivos. Êsses guias espirituais, porém, não querem deixar a alma repousar ou aquietar-se, mas exigem que trabalhe sempre, e esteja contìnuamente agindo, de modo a não permitir que Deus aja; e assim o que Êle vai obrando vai sendo desfeito e inutilizado pela operação da alma; parecem aquelas raposinhas que destroem a vinha florida da alma, razão pela qual se queixa o Senhor por Isaías dizendo: «Vós destruístes minha vinha» (Is 3, 14).

56. No entanto, êstes ainda erram com boa intenção, porque a mais não chega sua ciência. Não lhes serve isto de escusa, todavia, nos conselhos que temeràriamente dão, sem primeiro se informarem do caminho e espírito em que Deus conduz a alma, intrometendo sua mão grosseira naquilo que não entendem, e não deixando que a alma seja entendida por outrem. Não é coisa de pouco pêso e de pequena culpa fazer uma alma perder bens inestimáveis, e até deixá-la, por vêzes, muito prejudicada por temerário conselho. E, assim, quem temeràriamente erra, quando estava obrigado a acertar, — como cada um o deve estar em seu próprio ofício, — não ficará sem castigo, em proporção ao prejuízo que ocasionou. Nestas coisas de Deus, havemos de tratar com muita ponderação, e com os olhos bem abertos, mormente em caso tão importante e em negócio tão sublime como é o destas almas, onde se aventura um ganho quase infinito em acertar, e uma perda quase infinita em errar.

57. Se, porém, quiseres dizer que tens alguma escusa, embora eu não a veja, ao menos não poderás achar que é digno de desculpa o diretor de uma alma que, guiando-a, jamais a deixa sair de sua direção, seja mesmo pelos vãos motivos e razões que acha justos, mas que não hão de ficar sem castigo. Essa alma, para ir adiante, e progredir no caminho espiritual, contando sempre com a ajuda de Deus, decerto há de mudar em seu modo e estilo de oração, e terá necessidade de outra mais elevada doutrina e espírito, do que êste diretor lhe ensinou até então; porque nem todos têm ciência para todos os casos e dificuldades que há no caminho espiritual; não é concedido a todos espírito tão cabal que lhes dê a conhecer como deve ser levada e dirigida a alma em qualquer estado da vida espiritual. Pelo menos, não pense o diretor que possui dom para tudo, nem julgue que Deus quer deixar de levar mais adiante aquela alma. Não basta que alguém saiba desbastar a madeira, para saber também entalhar a imagem; nem aquêle que sabe entalhar, saberá esculpir e polir; o que sabe polir não saberá pintar; e qualquer um que saiba pintar não saberá dar à imagem a última demão e perfeição. De fato, cada um dêstes artistas não poderá trabalhar na imagem além daquilo que sabe, e se quiser passar adiante será para estragá-la.

58. Vejamos agora, ó guia espiritual: se és apenas desbastador, isto é, capaz de pôr a alma no desprêzo do mundo e mortificação de seus apetites, ou se és, quando muito entalhador, com o ofício de iniciá-la em santas meditações, e não sabes mais do que isto, como poderás levar esta alma até à última perfeição da mais delicada pintura, cujo trabalho não consiste mais em desbastar ou entalhar, nem mesmo em dar-lhe certo perfil, mas é agora obra que só Deus pode realizar na alma? E assim, se a tua doutrina, sendo sempre a mesma, mantém essa alma sempre atada, claro está que há de fazer com que ela volte atrás, ou, ao menos, não vá para diante. Rogo que me digas, com efeito, em que estado há de ficar a imagem, quando contìnuamente a queres martelar e desbastar, isto é, deixá-la sempre no exercício das potências? Quando se concluirá a imagem? Como, ou quando se há de deixar que Deus mesmo a pinte? Será possível que tenhas capacidade para todos êsses ofícios, e que te julgues tão consumado, para a alma não ter necessidade senão de ti?

59. Mesmo no caso de teres essa capacidade para alguma alma, porque talvez não lhe seja dado talento para ir mais adiante, é quase impossível que o tenhas para tôdas aquelas que não deixas sair de tuas mãos. A cada uma leva Deus por caminho diferente; apenas se achará um espírito que seja semelhante a outro, sequer na metade do seu modo de caminhar. E quem haverá como S. Paulo, que tenha a graça de fazer-se todo a todos para ganhar a todos? E tu, de tal maneira tiranizas as almas, e de tal sorte lhes tiras a liberdade, adjudicando para ti a amplidão da doutrina evangélica, que não sòmente empenhas para que elas não te deixem, mas ainda fazes pior: porque se acaso chegas a saber que alguma dessas almas foi tratar alguma coisa com outro diretor, que porventura não lhe seria conveniente tratar contigo, ou a levaria Deus a fazer assim para aprender daquele outro o que não lhe ensinaste, procedes então com ela — e com que vergonha o digo! — como costumam fazer as pessoas casadas, em suas contendas de ciúmes. E não penses que são zelos da honra de Deus ou do proveito daquela alma, pois não convém presumires que deixando a ti para consultar outro, faltou a Deus; mas êstes ciúmes provêm de tua soberba e presunção, ou de outro motivo imperfeito de tua parte.

60. Muito indignado se mostra Deus contra tais guias de espírito, e lhes promete castigo por Ezequiel dizendo: «Bebíeis

o leite de meu rebanho, e vos cobríeis com sua lã, e não apascentáveis meu rebanho; tomarei contas, diz Êle, do meu rebanho que está em vossa mão» (Ez 34, 3).

61. Os mestres espirituais devem, pois, dar liberdade às almas. Estão obrigados a fazer-lhes boa cara quando elas quiserem buscar seu progresso; não sabem, com efeito, os meios que Deus empregará para adiantar aquela alma; mormente quando ela já não se sente bem com a sua direção, sinal certo de que não está mais aproveitando, seja porque Deus a quer levar adiante, seja porque deva agora seguir outro caminho diverso daquele por onde a conduz o diretor, ou ainda por ter êste mudado sua maneira de dirigir. Os próprios diretores hão de aconselhar isto; tudo o mais nasce de louca soberba e presunção, ou de alguma outra pretensão.

62. Deixemos, porém, agora êste modo de proceder, e tratemos de outro mais pernicioso, adotado por êsses diretores, e ainda de outros piores de que usam. Por vêzes está Deus ungindo algumas almas com ungüentos de santos desejos e motivos de abandonar o mundo e pensam em mudar sua maneira e estado de vida, para servir a Deus, no desprêzo do século; e muito se preza Êle de haver conseguido levar as almas até êste ponto, pois as máximas do século não estão de acôrdo com a Sua vontade. Eis que os tais diretores, por motivos e respeitos humanos muito contrários à doutrina de Cristo, e a Sua humildade e desprêzo de tôdas as coisas, buscam seu próprio interêsse, ou gôsto, ou ainda se enchem de temores onde não há que temer. E, assim, dificultam ou retardam às almas a realização dêsses bons desejos, e, o que é pior, procuram tirar-lhos do coração. Têm êles o espírito pouco devoto, e todo imbuído das máximas do mundo, e, conseqüentemente, pouco conformado a Cristo; e como não entram pela porta estreita que conduz à vida, assim também não deixam entrar os outros. A êstes ameaça Nosso Salvador por S. Lucas dizendo: «Ai de vós! que tomastes a chave da ciência, e não entrais nem deixais entrar os outros!» (Lc 11, 52). Na verdade, tais guias estão postos como barreira e pedra de tropêço na entrada da porta do céu, impedindo o acesso àqueles mesmos que lhes pedem conselho; e, contudo, estão bem cientes de que Deus lhes manda não só que deixem entrar as almas e as ajudem nisso, mas que cheguem até a compeli-las, segundo as palavras do Evangelho de S. Lucas: «Obriga-os e compele-os a entrar, para que a minha casa se encha de convidados» (Lc 14, 23). Êles, ao contrário, estão compelindo as almas a que não entrem. Com êste modo de agir, o diretor é um cego que pode perturbar a vida da alma, a qual consiste no Espírito Santo. Acontece isto com os guias espirituais, de muitos outros modos além dos referidos aqui, às vêzes sabendo êles o que fazem, e outras por ignorância. Tanto uns como outros, porém, não ficarão sem castigo; pois, sendo êste o seu ofício, estão obrigados a saber e olhar o que fazem.

63. O segundo cego que poderia empatar a alma, neste gênero de recolhimento, é, como dissemos, o demônio, o qual, por ser cego, quer que também o seja a alma. Nestas altíssimas solidões em que se infundem as unções delicadas do Espírito Santo, tem êle grande pesar e inveja, vendo que a alma não sòmente é enriquecida, mas lhe foge em alto vôo, deixando-o sem poder mais apanhá-la. E estando a alma solitária, despida e apartada de tôda criatura ou rastro de criatura, procura o demônio introduzir neste alheamento alguns véus de conhecimentos e névoas de gostos sensíveis, por vêzes até bons, para nutrir mais a alma e fazê-la assim voltar aos conhecimentos distintos e à obra do sentido. Leva-a então a reparar naqueles gostos e conhecimentos bons que lhe apresenta, e a induz a acolhê-los, a fim de chegar-se a Deus apoiada nêles. Com isto, muito fàcilmente distrai a alma, tirando-a daquela solidão e recolhimento em que, conforme temos dito, o Espírito Santo está realizando Seus portentos secretos. E como a alma por si mesma é inclinada a sentir e provar, mormente quando anda atrás de gostos, e não compreende o caminho que segue, com grande facilidade também se apega àqueles conhecimentos e sabores apresentados pelo demônio, e se retira da solidão em que Deus a havia pôsto. Efetivamente, naquela solidão e quietude das potências, a alma nada fazia, e como vê agora que pode fazer alguma coisa, julga ser isto melhor. Motivo é aqui de grande lástima o não entender-se a alma! Pois para comer um bocadinho de conhecimento particular, ou alimentar-se com algum gostinho, perde a ocasião de que Deus a coma tôda, pois não é outra coisa o que Êle faz naquela solidão em que a põe, e onde a absorve em Si mesmo, mediante solitárias unções espirituais.

64. Dêste modo, por um pouco mais do que nada, causa o demônio gravíssimos prejuízos, fazendo a alma perder

grandes riquezas, tirando-a com um pedacinho de isca, como ao peixe, do pélago das águas límpidas do espírito onde se achava ela engolfada e submergida em Deus sem achar pé nem arrimo. Puxa-a para a margem, oferecendo-lhe apoio e arrimo para que tome pé e ande com seus passos na terra com trabalho, e já não possa nadar nas águas de Siloé que correm em silêncio, banhada nas unções de Deus. O demônio faz tanto caso disso, que é motivo de admiração: sendo para êle de maior vantagem prejudicar um pouco a uma alma neste estado, do que prejudicar muito a uma multidão de outras almas, como dissemos. Difìcilmente se achará uma só que vá por êste caminho sem que êle lhe ocasione grandes prejuízos, fazendo-a sofrer grandes perdas; porque êste maligno se coloca com muita astúcia na passagem que vai do sentido ao espírito, e procura enganar e cevar as almas mediante o mesmo sentido; interpõe coisas sensíveis à alma, sem que ela julgue haver ali prejuízo; por esta razão deixa ela de entrar no interior onde está o Espôso, e queda-se à porta para ver o que se passa do lado de fora, na parte sensível. O demônio vê tudo quanto é elevado, assim afirma Job (Job 41, 25), isto é, conhece a altitude espiritual das almas, para combatê-la. Daí, quando porventura acontece a uma alma entrar em elevado recolhimento, não podendo o inimigo distraí-la, pelos meios já referidos, ao menos procura fazê-lo com terrores, mêdos e dores corporais; serve-se de ruídos exteriores e sensíveis, forcejando por trazê-la a ocupar-se com o sentido, a fim de arrancar e divertir a alma para fora daquele recolhimento interior, até que, não conseguindo, finalmente a deixa. E' com grande facilidade, todavia, que consegue o demônio estorvar e estragar as riquezas dessas preciosas almas; e assim, embora considere bem mais importante isso do que derribar muitas outras, não acha muito tudo quanto faz, pois o sucesso lhe é fácil e custa pouco. A êste propósito podemos compreender o que do inimigo disse Job a Deus: «Absorverá um rio e não se admirará, e tem confiança de que o Jordão cairá em sua bôca» (Job 40, 18), o que se aplica, em nosso caso, ao mais alto grau de perfeição. — «Em seus próprios olhos o caçará como com um anzol, e lhe perfurará as narinas com sovelas» (Job 40, 19). Significa isto que, ferindo a alma com a ponta dos conhecimentos, distrair-lhe-á o espírito, porque o ar que sai comprimido pelas narinas espalha-se por muitas partes se elas

estão perfuradas. E adiante acrescenta: «Debaixo dêle estarão os raios do sol, e derramará o ouro debaixo de si como lôdo» (Job 41, 21). Por estas palavras se dá a entender que o demônio faz perder admiráveis raios de divinos conhecimentos às almas esclarecidas, tirando e derramando por terra o ouro precioso dos esmaltes divinos de que estavam enriquecidas.

65. Eia pois, almas! Quando Deus vos fizer tão soberanas mercês, e vos levar por êsse estado de solidão e recolhimento, apartando-vos do vosso trabalhoso sentir, não volteis ao sentido. Largai vossas atividades naturais; se anteriormente, quando éreis principiantes, elas vos ajudavam na renúncia ao mundo e a vós mesmas, agora, quando Deus vos faz mercê de ser Êle mesmo o artífice, tornar-se-ão grave obstáculo e embaraço. Tende apenas o cuidado de não ocupar vossas potências em coisa alguma, desapegando-as e desimpedindo-as de tudo; é só isto que vos compete neste estado, juntamente com a atenção amorosa, simples, de que falei acima; e até nesta atenção, deveis empregar-vos do modo que ficou dito, isto é, quando vos sentirdes atraídas a tê-la; porque não convém forçar de modo algum a alma, a não ser para desprendê-la e libertá-la de tudo, a fim de não a perturbar, nem alterar a paz interior; então, ao ver-vos assim desimpedidas, Deus vos alimentará com uma refeição celestial.

66. O terceiro cego é a própria alma. Não se entendendo a si mesma, como dissemos, perturba-se e prejudica-se. Como não sabe agir senão mediante o sentido e com o discurso do entendimento, quando Deus a quer pôr naquele vazio e soledade onde não pode usar das potências ou fazer atos distintos, vendo ela que nada faz, procura agir. Conseqüentemente, vem a distrair-se, ficando árida e descontente. No entanto, estava gozando, naquela ociosidade, da paz e silêncio espiritual em que Deus secretamente a estava pondo. Acontece até estar Deus porfiando para manter a alma naquela silenciosa quietação, e a alma de sua parte também porfiando para querer agir por si mesma com a imaginação e com o entendimento. Nisto procede como um menino que a mãe quisesse carregar nos braços, e fôsse gritando e esperneando para andar com seus pés, e assim, nem anda êle, nem deixa andar a mãe; ou como a imagem em que um pin-

tor trabalhasse, e alguém se pusesse a movimentá-la; não poderia ser pintada, ou, então, ficaria borrada.

67. E' preciso que a alma advirta que, nesta quietude, embora não se sinta caminhar ou fazer qualquer coisa, adianta-se muito mais do que se andasse com seus pés, pois Deus a leva em Seus braços; e, assim, está caminhando ao passo de Deus, mesmo sem o sentir. E conquanto não trabalhe com as potências, trabalha muito mais do que com elas, porque é Deus quem age. Não é maravilha que o deixe de perceber a alma, pois o que Deus nela faz então, o sentido não pode alcançar, porque êle age em silêncio; e, como diz o Sábio, as palavras da Sabedoria se ouvem em silêncio (Ecle 9, 17). Abandone-se a alma nas mãos de Deus, e não queira ficar em suas próprias mãos nem nas dêsses dois cegos; fazendo assim, e não ocupando em algo as potências, irá segura.

68. Voltemos agora ao nosso assunto, tratando das profundas cavernas das potências da alma. Dizíamos que o sofrimento da alma costuma ser grande, no tempo em que Deus a anda ungindo e dispondo com os mais subidos ungüentos do Espírito Santo, para uni-la consigo. Tais ungüentos são já tão sutis e de tão delicada unção, que penetram na profundidade da íntima substância da alma, dispondo-a e deliciando-a; e assim é sem limites o que ela padece, desfalecendo em desejo e com o vazio imenso dessas cavernas. Daí podemos concluir: se os ungüentos que dispõem as cavernas da alma para a união do matrimônio espiritual com Deus são tão elevados como os descrevemos, qual não será a posse, de conhecimento, amor e glória, concedida ao entendimento, memória e vontade, quando a alma chega à referida união com Deus? Por certo conforme a sêde e fome dessas cavernas, será também a satisfação, fartura e deleite de que hão de gozar; e em proporção à delicadeza das disposições será o primor da posse da alma bem como a fruição do seu sentido.

69. Pelo sentido da alma compreende-se aqui a virtude e fôrça que possui a substância íntima da mesma alma para saborear e sentir os objetos das potências espirituais, com as quais goza da sabedoria, do amor, e da comunicação de Deus. Por isto, estas três potências — memória, entendimento e vontade — são denominadas pela alma, neste verso, profundas cavernas dos sentidos; porque mediante elas e nelas, sente e goza profundamente as grandezas da sabedoria e excelência de Deus. Pelo que, mui pròpriamente lhes dá o nome de cavernas profundas; com efeito, percebe que podem conter os profundos conhecimentos e resplendores das lâmpadas de fogo, e conseqüentemente, conhece que têm tanta capacidade e tantas cavidades, quantas são as coisas distintas que lhes são dadas, seja inteligências ou sabores, gozos ou deleites, de Deus. Tôdas estas graças são recebidas e firmadas neste sentido da alma, o qual, como digo, é a virtude e capacidade que ela tem para poder sentir, possuir e saborear tudo quanto lhe é proporcionado pelas cavernas das potências. Assim como os sentidos corporais concentram no sentido comum da imaginação tôdas as imagens de seus objetos, tornando-se êste o receptáculo e arquivo de tôdas as imagens, assim o sentido comum da alma por sua vez se torna receptáculo e arquivo das grandezas de Deus; tanto mais rico e iluminado fica, quanto maiores e mais sublimes são os bens que possui.

Que estava obscuro e cego

70. Assim estava, convém notar, antes que Deus o esclarecesse e iluminasse, como dissemos. Para compreender isto, é necessário saber que por dois motivos o sentido da vista pode deixar de ver: ou por achar-se às escuras, ou por estar cego. Deus é a luz e objeto da alma; se esta luz não a ilumina fica a alma às escuras mesmo que tenha a melhor vista. Quando está em pecado, ou quando ocupa o apetite em outras coisas fora de Deus, então está cega; e neste caso, por mais que dardeje sôbre ela a luz divina, por estar cega, não a vê a obscuridade da alma, isto é, sua ignorância, pois até que Deus a ilumine no estado de transformação, permanece obscura e ignorante quanto aos imensos benefícios de Deus. Assim estava o Sábio antes que a Sabedoria o iluminasse, conforme diz: «Iluminou minhas ignorâncias» (Ecli 51, 26).

71. Espiritualmente falando, uma coisa é estar no escuro e outra estar em trevas; porque estar em trevas é o mesmo que estar cego, em pecado, como dissemos. Estar às escuras, porém, é possível sem estar em pecado, e pode ser de duas maneiras: acêrca das coisas naturais, não tendo luz sôbre algumas delas, ou acêrca das coisas sobrenaturais, faltando a luz sôbre certas verdades sobrenaturais. A alma diz agora que o seu sentido estava às escuras quan-

to aos dois modos referidos, antes de chegar a esta preciosa união. Até dizer o Senhor: *fiat lux,* estavam as trevas sôbre a face do abismo dessa caverna do sentido da alma; êste abismo do sentido, quanto mais profundo é, e quanto mais profundas e insondáveis são as suas cavernas, tanto mais profundas são também as trevas em que se acha a respeito do sobrenatural, quando Deus, que é sua luz, não o ilumina. Assim lhe é impossível alçar os olhos à divina luz, ou admiti-la em seu pensamento, porque, não havendo visto essa luz, não sabe como ela é. Logo não poderá desejá-la; ao contrário, todo o seu desejo é pelas trevas, pois sabe por experiência o que elas são, e poderá ir de uma treva à outra, sendo guiado pela mesma treva; com efeito, uma treva não pode conduzir senão à outra. E' codo diz David: «O dia conduz ao dia, e a noite ensina a ciência à noite» (Sl 18, 3). Destarte, um abismo atrai outro abismo, isto é, um abismo de luz chama outro abismo de luz, e um abismo de trevas outro abismo de trevas, atraindo cada semelhante ao seu, e comunicando-se entre si os semelhantes. Assim, a luz da graça, dada anteriormente por Deus a esta alma, e que já iluminara os olhos do abismo que é o espírito, abrindo-o à divina luz, e tornando desde então a alma agradável a Êle, chamou outro abismo de graça que é esta transformação divina da alma em Deus. Por efeito de tal transformação, fica tão ilustrado e agradável a Deus, o olhar do sentido, que, podemos dizer, a luz de Deus e a da alma se identificam numa só, pois a luz natural da alma se une com a luz sobrenatural de Deus, brilhando já ùnicamente esta última; assim a luz criada anteriormente por Deus se uniu à luz do sol, e agora brilha apenas esta sem faltar a outra.

72. O sentido da alma estava cego também, quando se ocupava em outras coisas; porque a cegueira da parte superior e racional é o apetite, que como catarata e névoa se interpõe e coloca no olhar da razão, a fim de não lhe permitir a visão dos objetos que se acham diante dela. E propondo ao sentido qualquer gôsto, tornava-o cego para a vista das grandes riquezas e formosura divina, ocultas sob a catarata. De fato, basta pôr alguma venda sôbre os olhos, mesmo que seja mínima, para impedir-lhe a vista de outros objetos presentes, por maiores que êstes sejam; do mesmo modo, é suficiente um leve apetite ou uma ação inútil da alma,

para impedir-lhe tôdas as grandezas divinas que se acham além dos gostos e inclinações preferidos então por ela.

73. Oh! Quem pudera dizer aqui o quanto é impossível a uma alma, que conserva seus apetites, julgar as coisas de Deus como elas são! Na verdade, para julgar as coisas de Deus, é necessário lançar fora todo gôsto e apetite, e não as julgar por êles, sob pena de vir infalìvelmente a considerar essas coisas divinas como não sendo de Deus, e as que não são de Deus, como se o fôssem. Enquanto permanece sôbre o ôlho do juízo aquela catarata e nuvem do apetite, não vê êle senão a catarata, ora de uma côr, ora de outra, conforme as aparências que se manifestam; e a alma pensa que aquilo é Deus, pois, como digo, não vê mais do que aquela catarata que se interpõe no sentido; Deus, porém, não pode caber no sentido. Dêste modo, o apetite e gostos sensíveis impedem o conhecimento das verdades mais elevadas. Bem o dá a entender o Sábio nestas palavras: «O engano da vaidade obscurece os bens, e a inconstância da concupiscência transtorna o sentido sem malícia» (Sab 4, 12), isto é, o reto juízo.

74. Eis a razão pela qual as pessoas que ainda não chegaram a ser muito espirituais, por não estarem purificadas em seus apetites e gostos, e ainda se inclinarem a êles, levadas por algo do homem animal, acreditam que as coisas mais vis e baixas para o espírito, que são as mais próximas do sentido, — pelo qual elas ainda vivem — merecerão maior aprêço; e, ao contrário, as de maior valor e elevação para o espírito, que são as mais remotas do sentido, terão em pouca conta, e não as estimarão, reputando-as até por loucura, segundo afirma S. Paulo quando diz: «O homem animal não percebe as coisas de Deus; são para êle loucura, e não as pode entender» (1 Cor 2, 14). Por homem animal é aqui designado quem ainda vive entregue aos seus apetites e gostos naturais; pois mesmo no caso de os gostos derivarem do espírito para o sentido, se o homem quiser apegar-se a êles com seu apetite natural, tornam-se não mais do que naturais. Pouco importa que o objeto ou motivo seja sobrenatural. Se o apetite por êle fôr natural e tiver aí sua origem e fôrça, não passará então de apetite natural; pois tem a mesma substância e natureza que teria se fôsse acêrca de motivo ou objeto natural.

75. Dir-me-ás: daí se segue que ao apetecer a alma a Deus, não o deseja sobrenaturalmente, e assim aquêle desejo não é meritório diante de Deus. Respondo: na verdade, o desejo que a alma tem de Deus nem sempre é sobrenatural; só o é quando infundido pelo próprio Deus, que produz então a fôrça de tal apetite, e êste é muito diferente do desejo natural; e enquanto Deus não o infunde, muito pouca coisa ou nada, merece a alma. Quando, de tua parte, queres ter apetite de Deus, é apenas um desejo natural; não chegará a ser mais até que Deus queira inspirá-lo sobrenaturalmente. Quando, pois, por teu próprio movimento, queres apegar o apetite às coisas espirituais, e procuras prender-te ao sabor que elas têm, exercitas só o teu natural apetite; então, estás pondo cataratas nos olhos e és homem animal. Conseqüentemente não poderás entender, e muito menos julgar, o que é espiritual, situado além de todo sentido e apetite natural. Se ainda tens outras dúvidas, não sei o que te diga, senão que tornes a ler o que está escrito aqui, e porventura entenderás; pois já está explicada a substância da verdade, e não é possível alongar-me em mais explicações.

76. O sentido da alma, pois, o qual estava antes obscuro sem esta divina luz de Deus, e cego, por causa de seus apetites e afeições, agora se acha não só iluminado e resplandecente com suas cavernas profundas mediante esta divina união com Deus, mas, além disso, transformado, com as cavernas de suas potências, numa luz resplandecente.

Com estranhos primores
Calor e luz dão junto a seu Querido.

77. Estão estas cavernas das potências, como dissemos, já tão deslumbrantes e tão maravilhosamente penetradas pelos admiráveis resplendores daquelas lâmpadas que nelas ardem, que além da entrega feita de si mesmas, enviam a Deus em Deus êsses mesmos resplendores recebidos com amor e glória. Inclinam-se para Deus em Deus, quais lâmpadas acesas e inflamadas nos resplendores das lâmpadas divinas; dando ao Amado aquela mesma luz e calor de amor que recebem. Com efeito, neste estado, na proporção em que recebem, dão a quem lhes dá, e com os mesmos primores com que o próprio Deus lhes envia seus dons. Tornam-se como o vidro que fica todo resplandecente quando nêle reverbera o sol; todavia, isto se realiza na alma de modo bem mais sublime, pela intervenção do exercício da vontade.

78. Com estranhos primores, isto é, estranhos e alheios a tudo quanto se pode ordinàriamente pensar, bem como a todo encarecimento, e a todos os modos e maneiras. De fato, na medida do primor com que o entendimento recebe a sabedoria divina, tornando-se um com Deus, assim também é o primor com que retribui o dom de Deus; pois não pode retribuir senão do mesmo modo com que recebe. Conforme o primor da vontade unida à bondade divina, retribui a alma a Deus em Deus, essa mesma bondade, porque não recebe senão para dar. Semelhantemente segundo o primor com que conhece a grandeza de Deus, à qual se une, resplandece e irradia calor de amor; e assim por diante, nos demais atributos divinos que Deus comunica à alma neste estado, como sejam fortaleza, formosura, justiça, etc., os mesmos primores dêles recebidos são os que o sentido, em seu gôzo, está dando a seu Querido em seu Querido, isto é, essa mesma luz e calor que está recebendo de seu Amado. Está a alma, neste tempo, feita uma só coisa com Êle, e, portanto, de certo modo, torna-se Deus por participação; e embora não ainda tão perfeitamente como na outra vida, é, segundo dissemos, como uma sombra de Deus. Desta maneira, sendo ela como sombra de Deus, por meio desta substancial transformação, age em Deus por Deus do mesmo modo que Êle age nela por Si próprio, e de modo idêntico ao Seu, porque a vontade dos dois é uma só, e assim a operação de Deus e a dela é sòmente uma. Logo, na medida em que Deus a ela se dá, com livre e graciosa vontade, tendo a mesma alma também a vontade tanto mais livre e generosa quanto mais unida a Êle, faz o dom de Deus ao mesmo Deus em Deus, e esta dádiva da alma a Deus é total e verdadeira. Conhece então que Deus verdadeiramente é todo seu, e que ela o possui como herança, com direito de propriedade, como filha adotiva de Deus pela graça concedida por Êle, ao dar-se a Si mesmo a ela; vê que como coisa própria sua, O pode dar e comunicar a quem quiser, por sua livre vontade. E, assim, a alma O dá a seu Querido, que é o mesmo Deus que a ela se deu; e, nisto, paga a Deus tudo quanto lhe deve, pois voluntàriamente Lhe dá tanto quanto d'Êle recebe.

79. Por ser esta dádiva da alma a Deus o próprio Espírito Santo, que ela Lhe dá como coisa sua, numa entrega

voluntária, — para que Êle se ame no mesmo Espírito Santo como merece, — a alma sente inestimável deleite e fruição, pois vê que pode ofertar a Deus, como coisa própria, um dom proporcionado ao Seu infinito Ser. A alma, é certo, não pode dar Deus outra vez a Deus, porque Êle em Si é sempre o mesmo; contudo, de sua parte, assim o faz, com tôda a perfeição e realidade, quando dá a Deus tudo o que Êle lhe havia dado, em paga de amor, e isto consiste em dar tanto quanto recebe. Deus fica pago com aquela dádiva da alma e, a não ser com isto, não se daria por pago. Recebe Êle agradecido êsse dom que lhe faz a alma daquilo que a ela pertence; e nessa mesma dávida, a alma ama a Deus com um novo amor de retribuição. Forma-se, dêste modo, entre Deus e a alma um amor recíproco, como na união e entrega do matrimônio em que os bens são comuns a ambos. Êsses bens consistem na divina essência, e cada um os possui livremente em razão da entrega voluntária de um ao outro, possuindo-os ao mesmo tempo conjuntamente, e assim podem dizer um ao outro o que o Filho de Deus disse ao Pai no Evangelho de S. João: «Todos os meus bens são teus, e os teus bens são meus, e eu sou glorificado nêles» (Jo 17, 10). Realiza-se isto na outra vida em fruição perfeita, sem intermissão; todavia acontece por vêzes aqui na terra, neste estado de união, quando Deus opera na alma o ato de transformá-la n'Êle, embora não se efetue com a mesma perfeição da eternidade. Que a alma possa fazer tal dom, embora o valor intrínseco ultrapasse seu próprio ser e capacidade, é evidente; tanto como um soberano que possui muitos reinos e povos sob o seu domínio, embora sejam de muito maior importância do que ela, tem poder para os doar a quem quiser.

80. Aqui está a grande satisfação e alegria da alma: ver que dá a Deus mais do que ela própria é e vale em si mesma, e que o faz com aquela luz divina e calor divino que recebe de Deus. Esta igualdade de amor se realiza na vida eterna mediante a luz da glória; e aqui na terra, pela fé já muito esclarecida. Assim, as profundas cavernas do sentido, com estranhos primores, calor e luz dão junto a seu Querido. Junto, diz a alma, porque conjuntamente se comunicam a ela o Pai e o Filho e o Espírito Santo, que nela são luz e fogo de amor.

81. A respeito dos primores com que a alma faz esta entrega, notemos aqui brevemente como seja. Para isto, havemos de advertir que, gozando aqui a alma certa imagem de fruição celeste, — a qual provém da união do entendimento e do afeto com Deus, — inundada de deleite, e cheia de reconhecimento por tão grande mercê, realiza essa entrega de si a Deus e de Deus a Êle mesmo, de maravilhosas maneiras. No exercício do amor, procede a alma para com Deus com estranhos primores, agindo de maneira idêntica no rastro de fruição que experimenta, e no louvor que a Êle dá, e também quanto ao agradecimento.

82. Quanto ao amor, tem êle três primores principais: o primeiro é amar a Deus não por si mesma, mas por Êle só. Aí se encerra uma perfeição admirável, porque ama pelo Espírito Santo, como o Pai e o Filho se amam, conforme diz o próprio Filho por S. João: «O amor com que me amaste esteja nêles e eu nêles» (Jo 17, 26). O segundo primor é amar a Deus em Deus. De fato, nesta veemente união, a alma se absorve no amor de Deus, e Êle, por sua vez, com grande veemência se entrega à alma. O terceiro e principal primor de amor é amar a alma a Deus, nesta transformação, por ser Êle quem é; não O ama, com efeito, pela generosidade, bondade, e glória com que Deus se comunica a ela, mas O ama de modo muito mais forte, porque Deus em Si mesmo contém essencialmente todos êsses atributos.

83. Quanto à maravilhosa imagem da fruição celeste, tem outros três primores maravilhosos e importantes. Primeiro, a alma goza de Deus por Êle mesmo; pois, unindo o seu entendimento à onipotência, sabedoria, bondade e mais atributos divinos, deleita-se extraordinàriamente em todos êles por um conhecimento distinto de cada um, conforme já explicamos, embora não goze ainda de modo tão claro como será na outra vida. O segundo e principal primor desta deleitação é que a alma toma suas delícias em Deus só, em perfeita ordem, sem mescla de criatura alguma. O terceiro primor consiste em gozar a alma de Deus ùnicamente por ser Êle quem é, sem mistura de satisfação pessoal.

84. Quanto ao louvor que a alma dá a Deus nesta união, há também outros três primores particulares. O primeiro é louvá-lo para cumprir seu dever, pois bem conhece a alma que Deus a criou para que O louvasse, como declara Isaías ao dizer: «Êste povo formei para mim; cantará meus louvores»

(Is 43, 21). O segundo primor do louvor da alma a Deus é que o faz pelos bens recebidos e pela alegria de louvá-l'O. O terceiro primor consiste em louvar a Deus pelo que Êle é em Si; e ainda que a alma não sentisse alegria alguma, louvaria sempre a Deus por ser Êle quem é.

85. Quanto ao agradecimento, há outros três primores. O primeiro consiste em agradecer os dotes naturais e espirituais, e todos os benefícios recebidos. O segundo é o imenso deleite com que a alma dá graças a Deus, pois com grande veemência se absorve nesse louvor. O terceiro primor está em O louvar ùnicamente pelo que Êle é; e êste louvor se torna assim muito mais forte e deleitável.

Canção IV

Quão manso e amoroso
Despertas em meu seio
Onde tu só secretamente moras;
Nesse aspirar gostoso,
De bens e glória cheio,
Quão delicadamente me enamoras!

EXPLICAÇÃO

1. Volta-se aqui a alma para seu Espôso com muito amor, manifestando-Lhe seu aprêço e agradecimento por duas mercês admiráveis que Êle algumas vêzes nela produz mediante esta união. Refere também a maneira com que o Espôso age num e noutro caso, e a conseqüência que então nela resulta.

2. O primeiro efeito é um despertar de Deus na alma, e o modo pelo qual se realiza é todo de mansidão e amor. O segundo efeito é uma aspiração de Deus na alma, e o modo como se manifesta consiste em comunicar-lhe bens e glória nessa mesma aspiração. E a conseqüência disso é enamorá-la com ternura e delicadeza.

3. Vem a ser como se a alma dissesse: O' Verbo Espôso meu! Quando despertas no centro e fundo de minha alma, isto é, na sua mais pura e íntima substância onde moras sòzinho, escondido e silencioso, como único Senhor, — e não só como em tua casa, ou em teu mesmo leito, mas como em meu próprio seio, na mais estreita e íntima união, — oh! quão manso e amoroso te manifestas! Sim, com grande mansidão e amor! e na deliciosa aspiração que me comunicas nesse teu despertar, tão saborosa para mim, pela plenitude de bem e glória que encerra, com que imensa delicadeza me enamoras e afeiçoas a Ti! Nisto se assemelha a alma a alguém que, ao despertar de um sono, respira. Na verdade, assim o experimenta ela aqui. Segue-se o verso:

Quão manso e amoroso
Despertas em meu seio.

4. São muitas as maneiras dêste despertar de Deus na alma; tantas, que se nos puséssemos a enumerá-las, jamais acabaríamos. Êste de agora, porém, que a alma quer exprimir como sendo feito pelo Filho de Deus, é, a meu parecer, dos mais sublimes e de maior proveito para ela; porque consiste num movimento do próprio Verbo na substância da alma, com tanta grandeza, majestade e glória, e de tão íntima suavidade, que ela sente como se todos os bálsamos e espécies aromáticas e tôdas as flôres do universo fôssem revolvidos e agitados, combinando-se para exalar seus mais suaves perfumes. Parece-lhe também que se movimentam todos os reinos e senhorios do mundo, juntamente com as potestades e virtudes do céu. Não sòmente isto, mas ainda tôdas as virtudes e substâncias, perfeições e graças, encerradas nas coisas criadas, reluzem e se põem, por sua vez, em movimento uníssono e simultâneo. Porquanto tôdas as coisas, como nos diz S. João, são vivas no Verbo de Deus (Jo 1, 3-4), e o Apóstolo S. Paulo afirma, de sua parte, que em Deus elas têm vida, movimento e ser (At 17, 28). Daí, ao mover-se no íntimo da alma êste altíssimo Imperador, o qual, segundo a palavra de Isaías (Is 9, 6), traz sôbre o ombro o seu Principado, isto é, as três máquinas, celeste, terrestre e infernal, com tudo o que nelas há, sustentando-as tôdas com o verbo de sua virtude, como diz S. Paulo (Heb 1, 3), conseqüentemente tôdas as coisas criadas parecem mover-se ao mesmo tempo que Êle. Acontece de modo semelhante ao que se dá com a terra cujo movimento arrasta consigo tôdas as coisas materiais a se moverem também, como se nada fôssem. Assim é quando se move êste Príncipe, trazendo consigo a Sua côrte, e não esta a Êle.

5. Bastante imprópria é ainda esta comparação; porque não sòmente todos os sêres criados parecem movimentar-se, mas também desvendam à alma as belezas próprias de cada um dêles, bem como suas virtudes, encantos e graças, e a raiz de sua duração e vida. De fato, a alma ali verifica como tôdas as criaturas superiores e inferiores têm em Deus sua vida, fôrça e duração; vê claramente o que o Senhor diz no livro dos Provérbios: «Por mim reinam os reis, por mim imperam os príncipes, e os poderosos exercitam a justiça e a compreendem» (Prov 8, 15-16). E embora seja certo perceber a alma que tôdas essas coisas são distintas de Deus, enquanto têm n'Êle seu ser de criaturas, e também veja que em Deus elas têm sua fôrça, raiz e vigor, todavia é tão grande o conhecimento de que Deus contém eminentemente em Seu Ser infinito tôdas essas coisas, que ela as conhece melhor no Ser de Deus do que nelas mesmas. Eis aí o grande deleite dêste despertar: conhecer as criaturas por Deus, e não a Deus pelas criaturas; isto é, conhecer os efeitos pela causa, e não a causa pelos efeitos, o que seria conhecimento secundário, enquanto o primeiro é essencial.

6. Maravilhoso é êste movimento na alma, sendo Deus imutável; por que embora Deus realmente não se mova, parece à alma que na verdade se move. Sendo ela renovada e movida por Deus, para que perceba esta vista sobrenatural, e sendo-lhe manifestada de modo tão novo aquela vida divina, na qual se encerra o ser e a harmonia de tôdas as criaturas, com seus movimentos em Deus, por isto lhe parece ser Deus quem se move, tomando então a causa o nome do efeito que produz. Segundo tal efeito, podemos dizer que Deus se move, como afirmam as palavras do Sábio: «A sabedoria é mais móvel do que tôdas as coisas móveis» (Sab 7, 24). E assim é, não porque ela se mova, mas por ser o princípio e raiz de todo movimento; e, permanecendo em si mesma imóvel, como adiante dissemos, renova tôdas as coisas. Significam, portanto, essas palavras que a sabedoria é mais ativa do que tôdas as coisas ativas. Por esta razão dizemos aqui que a alma, neste movimento, é movida e despertada do sono de sua natural percepção à vista sobrenatural. Por isso, com muito acêrto dá a êste efeito o nome de despertar.

7. Na verdade, sempre está Deus assim, conforme a alma o vê agora, movendo, regendo, dando ser e virtude, graças e dons, a tôdas as criaturas. Êle as tem em Si de modo virtual, atual e substancial. E o que Deus é em Si mesmo, e o que é nas suas criaturas, a alma o conhece numa só percepção, como se lhe fôsse aberto um palácio, e nêle visse a eminência da pessoa que aí se acha, e ao mesmo tempo o que está fazendo. Assim, o que entendo quanto ao modo de produzir-se êste despertar e esta vista da alma é o seguinte. Estando ela em Deus substancialmente, como está tôda criatura, tira-lhe Êle alguns dos muitos véus e cortinas que a alma tem diante de si a fim de que O possa ver como Êle é. Transparece, então, e dá-se a perceber algum tanto, em-

bora obscuramente — porque não são tirados todos os véus, — aquela Sua face cheia de graças, a qual, como está movendo tôdas as coisas com a Sua virtude, toma a semelhança daquilo que está fazendo, e parece mover-se Deus nas criaturas, e as criaturas em Deus, com movimento contínuo. Eis o motivo de se afigurar à alma que Êle se moveu e despertou, quando de fato ela é que foi movida e despertada.

8. Tal é a baixeza de nossa condição nesta vida: do mesmo modo que somos, pensamos que também são os outros; e assim como estamos, julgamos aos demais; o nosso juízo provém de nós mesmos, e não de fora. Como, por exemplo, se dá com o ladrão: pensa êle que os outros também furtam. O luxurioso imagina que os demais também o são; o malicioso julga que os outros são igualmente maliciosos, porque forma o seu juízo por sua própria malícia. O bom, ao contrário, pensa bem dos demais, pois o seu juízo vem da bondade que tem no seu íntimo. Ao que é descuidado e vive dormindo, parece-lhe ver o mesmo nos outros. Daí sucede, quando estamos descuidados e sonolentos diante de Deus, o parecer a nós que é Êle quem está adormecido, e descuidado de nós, como se observa no Salmo 43 onde David diz a Deus: «Levanta-te, Senhor, por que dormes? Levanta-te!» (Sl 43, 23). A Deus é atribuído então o que havia nos homens, pois estando êles adormecidos e prostrados, pedem ao Senhor que se levante e desperte, quando na verdade jamais dorme Aquêle que guarda Israel (Sl 120, 4).

9. E' certo, todavia, quando todo o bem do homem procede de Deus, e êle nenhuma coisa boa pode fazer de si mesmo, — podermos verdadeiramente dizer que nosso despertar é despertar de Deus, e nosso levantar é levantar de Deus. Seria, pois, como se dissesse David: Levanta-nos duas vêzes, e desperta-nos, porque estamos adormecidos e estendidos por terra de duas maneiras. E estando a alma adormecida em um sono do qual jamais pudera por si mesma despertar, sendo Deus o único que lhe pôde abrir os olhos e fazer esta ação de despertá-la, com muito acêrto dá o nome de «despertar de Deus» ao que nela se realizou, dizendo: Despertas em meu seio. Desperta-nos, Senhor, e ilumina as nossas almas, a fim de reconhecermos e amarmos os bens que nos pões diante dos olhos, e então conheceremos que te moveste a fazer-nos tuas graças, e te lembraste de nós.

10. E' de todo indizível o que a alma conhece e sente da grandeza de Deus neste despertar. Trata-se, com efeito, de uma comunicação da excelência de Deus à substância da alma, isto é, «no seu seio», como aqui ela refere; e assim, ressoa na alma com uma imensa fôrça, como a voz de uma multidão de grandezas, e milhares de milhares de virtudes incontáveis de Deus. E a alma, ali, imóvel, no meio delas, acha-se firme e terrível como um exército em ordem de batalha; e ao mesmo tempo se queda suavizada e agraciada com tôdas as suavidades e graças das criaturas.

11. Surge, porém, a dúvida: como pode suportar a alma tão forte comunicação na fraqueza da carne, se com efeito não tem capacidade e fôrça para agüentar tanto sem desfalecer? A Rainha Ester, ao apresentar-se diante do Rei Assuero em seu trono com as vestes reais, resplandecentes de ouro e pedras preciosas, teve tão grande temor só ao vê-lo tão terrível em seu aspecto, que chegou a desfalecer; ela mesma o confessa dizendo que temeu à vista de tão grande glória, parecendo-lhe o rei como um Anjo, com a face cheia de graças, e por isto desmaiou (Est 15, 16); tanto é verdade que a glória esmaga o que a percebe quando não o glorifica. Quanto maior razão teria, pois, a alma de desfalecer agora, se não é apenas um anjo que vê, mas o próprio Deus, com Sua face cheia de tôdas as graças que há nas criaturas, e com tremenda glória e majestade, na voz de uma multidão de grandezas? E, segundo a expressão de Job, se temos ouvido com tanta dificuldade uma gôta do que de Deus se pode dizer, quem poderá suportar a grandeza de seu trovão? (Job 26, 14). O mesmo Job diz em outra parte: «Não quero que com muita fortaleza êle se aproxime de mim e trate comigo, nem que me oprima com o pêso de sua grandeza» (Job 23, 6).

12. A causa, porém, de a alma não desfalecer nem temer neste despertar tão cheio de poder e glória tem dois fundamentos. Primeiro: porque achando-se em estado de perfeição como aqui se acha, e, em conseqüência disso, tendo já a parte inferior muito purificada e conformada à espiritual, não padece o detrimento e pena que nas comunicações espirituais costumam sentir o espírito e o sentido ainda não purificados e dispostos para recebê-las. Não é, todavia, suficiente esta razão para a alma não sentir detrimento diante de tanta grandeza e glória; pois mesmo estando muito puri-

ficado o natural, como a comunicação recebida o excede, sofreria por isto alguma perda, assim como um estímulo sensível demasiado prejudica a sensibilidade; é a êste propósito que se aplicam as palavras de Job citadas acima. O segundo fundamento, que mais vem ao caso, está nas palavras do primeiro verso no qual diz a alma que Deus se lhe manifesta com mansidão. Efetivamente, assim como Deus mostra Sua grandeza e glória à alma, com o fim de regalá-la e engrandecê-la, assim também favorece-a, amparando-lhe o natural, para que não padeça detrimento. Revela ao espírito Sua grandeza com brandura e amor, para poupar-lhe o natural; não sabe então a alma se aquilo se passa no corpo ou fora dêle. E' coisa bem possível Àquele que com sua destra amparou Moisés para que pudesse ver Sua glória. Dêste modo, tanto de mansidão e amor sente a alma em Deus, quanto de poder, majestade e grandeza, pois n'Êle tudo é uma só coisa. Conseqüentemente, forte é o deleite, e também forte é o amparo, em mansidão e amor, para suportar a fôrça daquele gôzo. A alma, então, mais poderosa e forte se acha, do que desfalecida. Se Ester desmaiou, foi porque o Rei, a princípio, não se mostrou favorável e, pelo contrário, manifestou, em seus olhos chamejantes, o furor de seu peito. Logo, porém, que a favoreceu, estendendo-lhe o cetro para tocá-la, e abraçando-a depois, a Rainha voltou a si, tendo ouvido que o Rei lhe dizia: sou teu irmão, não temas. (Est 15, 16).

13. Aqui, desde logo procede o Rei do céu amorosamente com a alma; trata-a como de igual para igual, como se fôra seu irmão; e assim desde logo não sente ela mais temor; porque manifestando Deus à alma com muita mansidão, e não com furor, a fortaleza de seu poder e o amor de sua bondade, comunica-lhe fortaleza e amor de seu coração. Levantando-se de seu trono que é o íntimo da alma onde se achava escondido, vem, qual espôso que sai de seu tálamo; inclina-se para ela, e, tocando-a com o cetro de sua majestade, abraça-a como irmão. Ali, as vestes reais com seu perfume, — que são as virtudes admiráveis de Deus, o resplendor do ouro que é a caridade, o brilho das pedras preciosas, isto é, o conhecimento das substâncias superiores e inferiores, a Face do Verbo cheia de graças, investem e revestem, a alma rainha. Dêste modo, transformada nestas virtudes do Rei do céu, vê-se feita rainha, a ponto de poder ser dita a seu respeito aquela palavra de David referindo-se a

ela no Salmo: «A rainha estêve à tua direita, com veste de ouro, cercada de variedade» (Sl 44, 10). Como tudo isto se passa na íntima substância da alma, ela acrescenta logo:

Onde tu só secretamente moras.

14. Diz que em seu íntimo o Espôso secretamente habita, por ser no ponto mais profundo da substância da alma, como já explicamos, que se realiza êste doce abraço. Convém saber que Deus habita escondido e silencioso dentro da substância de tôdas as almas; se assim não fôra, não poderiam elas permanecer com vida. Há, porém, diferença, e muito grande no modo desta morada. Em algumas mora sòzinho, e em outras não; em umas, habita contente; em outras, descontente; naquelas mora como em sua casa, governando e regendo tudo; nestas, mora como estranho em casa alheia onde não o deixam mandar nem fazer coisa alguma. A alma em que moram menos apetites e gostos próprios, esta é onde o Espôso mora mais só e mais satisfeito, e mais como em sua própria casa, regendo-a e governando-a. E tanto mais secretamente mora, quanto mais está só. Assim, nesta alma que já não abriga dentro de si apetite algum, nem figuras e formas, ou afetos de quaisquer criaturas, aí reside o Amado mui secretamente, e o Seu abraço é tanto mais íntimo, interior e apertado, quanto mais pura e solitária se acha ela de tudo que não é Deus, como dissemos. Assim, está Êle na verdade escondido, porque a êste ponto e a êste abraço, não pode o demônio chegar, nem o entendimento humano tem capacidade para saber como é. À própria alma, porém, que alcançou a perfeição, não é secreta tal presença do Amado, pois sente dentro de si mesma êste íntimo abraço, contudo nem sempre o experimenta como nas ocasiões dêsse despertar de Deus nela; porque nesses momentos em que Deus lhe faz tal mercê, parece à alma que, de fato, Êle desperta em seu seio, onde antes se achava adormecido; e embora ela o sentisse e gozasse, era como se Êle estivesse adormecido em seu seio. Ora, quando um dos dois está adormecido, não pode haver entre êles comunicação de pensamentos e de amôres, até que ambos estejam acordados.

15. Oh! quão ditosa é a alma que sente de contínuo estar Deus descansando e repousando em seu seio! Oh! quanto lhe convém apartar-se de tôdas as coisas, fugir de negócios, e viver com imensa tranqüilidade, para que nem mesmo com o

menor ruído ou o mínimo átomo, venha a inquietar e revolver o seio do Amado! Está Êle aí ordinàriamente como adormecido neste abraço com a espôsa, na substância de sua alma, e ela muito bem o sente e de ordinário o goza; porque se estivesse Êle sempre acordado, comunicando-lhe conhecimentos e amôres, para a alma seria estar já na glória. Com efeito, se por alguma vez sòmente que o Espôso desperta um pouquinho abrindo os olhos, põe a alma em tal estado, como temos descrito, que seria se de contínuo permanecesse no seu íntimo, para ela bem desperto?

16. Outras almas há, não chegadas a esta união, nas quais Deus habita; embora não esteja aí descontente, porque, enfim, se acham em estado de graça, todavia, como não estão ainda dispostas, mora em segrêdo para elas; não o sentem ordinàriamente, salvo quando Êle lhes faz algumas vêzes essa mercê do despertar cheio de gôzo, sem que, no entanto, êste seja do mesmo gênero e quilate daquele a que nos referimos aqui, e nada tenha a ver com êle. Nem é êste favor de Deus tão secreto como aquêle, para o entendimento e o demônio, pois é possível perceber algo pelos movimentos do sentido, o qual, até chegar ao estado de união, não está bem subjugado, e manifesta ainda algumas operações e movimentos em relação à parte espiritual, por não se achar espiritualizado de modo total e completo. No despertar, porém, que o Espôso opera nesta alma perfeita, tudo o que se passa e realiza é já perfeito, porque tudo é obra d'Êle. À semelhança de uma pessoa quando acorda e respira, a alma sente um peregrino deleite na aspiração do Espírito Santo em Deus, no qual soberanamente ela se glorifica e enamora. Por esta razão diz os versos seguintes:

Nesse aspirar gostoso,
De bens e glória cheio,
Quão delicadamente me enamoras!

17. Em tal aspiração, cheia de bens e glória, e de delicado amor de Deus para a alma, não quisera eu falar, nem mesmo o desejo porque vejo claro que não tenho têrmos com que o saiba exprimir, e pareceria que os tenho, se o dissesse. Na verdade, trata-se de uma aspiração feita por Deus na alma, em que por meio daquele despertar — que é conhecimento sublime da Divindade, — o Espírito Santo a aspira na mesma medida da inteligência e notícia de Deus

que lhe concede, absorvendo-a o mesmo Espírito Santo de modo profundíssimo, e enamorando-a com primor e delicadeza divina correspondentes ao que a alma viu em Deus. Sendo essa aspiração cheia de bens e glória, por ela o Espírito Santo encheu a alma de bens e glória, e nisto a enamorou de Si mesmo, além de tôda expressão e sentimento, nas profundezas de Deus a quem seja dada honra e glória. Amém.

ÍNDICE

Aprovação de Dom Jaime Cardeal Câmara 5
Aprovação de Prepósito Geral 6

CÂNTICO ESPIRITUAL

Introdução 9
Prólogo 13
Canções 23
Argumento 23
Explicação das Canções 24
Canção I 25
Canção II 35
Canção III 39
Canção IV 44
Canção V 46
Canção VI 48
Canção VII 51
Canção VIII 55
Canção IX 57
Canção X 61
Canção XI 65
Canção XII 72
Canção XIII 78
Canções XIV e XV 83
Canção XVI 98
Canção XVII 104
Canção XVIII 109
Canção XIX 113
Canções XX e XXI 118
Canção XXII 127
Canção XXIII 132
Canção XXIV 135
Canção XXV 141
Canção XXVI 147
Canção XXVII 155
Canção XXVIII 159
Canção XIX 163
Canção XXX 168
Canção XXXI 174
Canção XXXII 178
Canção XXXIII 182
Canção XXXIV 187
Canção XXXV 190
Canção XXXVI 194
Canção XXXVII 200
Canção XXXVIII 205
Canção XXXIX 211
Canção XL 219
Quadro comparativo 223
Apêndice 224

CHAMA VIVA DE AMOR

Introdução 229
Prólogo 233
Canções 235
Canção I 237
Canção II 257
Canção III 275
Canção IV 317

LIVROS PARA INTELECTUAIS

Acompanhando o interêsse atual pelas ciências eclesiásticas, e mesmo procurando desenvolvê-la, a Editôra Vozes Ltda. trouxe ao meio intelectual brasileiro inúmeros lançamentos, em tradução alguns outros originais, de assuntos científicos com base na Religião.

Obras brotadas da proficiência do eminente teólogo brasileiro Mons. M. Teixeira Leite Penido, ex-professor da Universidade de Friburgo (Suíça) e da Universidade do Brasil, vieram honrar nosso empreendimento e incentivar o aparecimento de outros autores e a necessidade de lançar obras similares traduzidas de outras línguas.

Temos que muito favorecemos nossos intelectuais: pelos assuntos tratados, pela língua empregada e, *last but not least*, pela modicidade do preço.

O Cardeal Newman
O Itinerário Místico de S. João da Cruz
O Corpo Místico
Mistério da Igreja
Mistério dos Sacramentos
Psiquiatria Pastoral
O Pensamento Franciscano
O Franciscanismo (do Pe. Gemelli)
O Positivismo no Brasil
A Maçonaria no Brasil
Dicionário Litúrgico
Problemas do Catolicismo Contemporâneo
Ciência e Religião (2 vols.)
Obras de Santa Teresa (6 vols.)
A Essência do Catolicismo (de Karl Adam)
Jesus Cristo (K. Adam)
Jesus de Nazaré (Mons. Hilarino Felder)
Pio XII por um Mundo Melhor
Biblioteca de Cultura Católica (31 vols.)

EDITÔRA VOZES LTDA. - PETRÓPOLIS RJ

PALAVRA TELEGRÁFICA